

ADILSON ROGÉRIO DE ALMEIDA

**DO VIRTUAL AO REAL: COMUNICAÇÃO, SEXO E
INTERNET**

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2010**

ADILSON ROGÉRIO DE ALMEIDA

**DO VIRTUAL AO REAL: COMUNICAÇÃO, SEXO E
INTERNET**

Tese apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Curso de Doutorado da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP para obtenção do grau de Doutor.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Círcia Maria Krohling Peruzzo

**UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS - GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
SÃO BERNARDO DO CAMPO, 2010**

FOLHA DE APROVAÇÃO

A tese de doutorado sob o título “DO VIRTUAL AO REAL: COMUNICAÇÃO, SEXO E INTERNET”, elaborada por Adilson Rogério de Almeida foi defendida e aprovada em 14 de abril de 2010, perante banca examinadora composta por Prof^a. Dr^a Círcia Maria Krohling Peruzzo (Presidente/UMESP), Prof. Dr. José Sebastião Squirra (Titular/UMESP), Prof^a Dr^a Maria das Graças Conde Caldas (Titular/UMESP), Prof. Dr. Arquimedes Pessoni (Titular/ FIAM/FAAM), Prof^a Dr^a Conceição Aparecida Sanches (Titular/UNICAPITAL)

Prof^a. Dr^a Círcia Maria Krohling Peruzzo
Orientadora e Presidente da Banca Orientadora

Prof. Dr. José Sebastião Squirra
Coordenador do Programa de Pós Graduação

Programa: Pós-Graduação em Comunicação Social - Doutorado

Área de concentração: Processos Comunicacionais

Linha de Pesquisa: Processos da Comunicação Científica e Tecnológica

Nós também sabemos o quanto a verdade é muitas vezes cruel
e nos perguntamos se a ilusão não é mais consoladora.

(HENRY POINCARÉ)

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pelo apoio financeiro na forma de bolsa de estudos.

Ao Professor, orientador e amigo Isaac Epstein, pela confiança, compreensão, cumplicidade e, acima de tudo, por simplesmente acreditar em mim e por nunca ter deixado que eu desanimasse, mostrando-me e mantendo-me no caminho certo, mesmo nos momentos em que eu achava estar totalmente perdido.

À Professora Cicilia Maria Krohling Peruzzo, pela paciência, dedicação e bom humor com que me guiou nos últimos passos de tão longa caminhada.

Ao Programa de Pós Graduação em Comunicação da UMESP e à seus professores, pela oportunidade e pelos conhecimentos transmitidos durante o curso.

Às funcionárias da Pós-Graduação da Universidade Metodista, Katia Aparecida Bizan Franca e Neide Caixeta, pela atenção, paciência e profissionalismo com que me trataram durante período tão conturbado.

Aos amigos Fabio Ferreira Pereira, Fernando Tavella, Marli Yukie Sanches e Dalmo de Oliveira Sousa e Silva por existirem em minha vida.

À minha mãe, Marília Pina e à minha avó, Rosa Fernandes Pina, exemplos de vida, coragem e perseverança, a quem sempre procurei honrar e ser motivo de orgulho.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIDS - é a sigla original da expressão em inglês *Acquired Immune Deficiency Syndrome*. Designa um processo viral que ataca o sistema imunológico do ser humano e destrói as células que defendem o organismo das infecções. A pessoa infectada fica vulnerável a uma grande gama de doenças, algumas graves, como pneumonia, tuberculose, meningite e a alguns tipos de câncer, como o sarcoma de Kaposi. Tais infecções são chamadas de oportunistas, pois atacam o organismo debilitado e podem levar o doente à morte.

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa. Na UMESp – Universidade Metodista de São Paulo, implantou-se o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP-UMESP) no dia 16 de maio de 2002, quando se efetuou o registro na CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.

CID - Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, frequentemente designada pela sigla CID (em inglês: International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems - ICD) fornece códigos relativos à classificação de doenças e de uma grande variedade de sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos ou doenças. A cada estado de saúde é atribuída uma categoria única à qual corresponde um código, que contém até 6 caracteres. Tais categorias podem incluir um conjunto de doenças semelhantes.

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Criado em 1951, é uma Fundação, vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), para o apoio à pesquisa brasileira. Contribuindo diretamente para a formação de pesquisadores (mestres, doutores e especialistas em várias áreas de conhecimento), o CNPq é, desde sua criação, uma das maiores e mais sólidas estruturas públicas de apoio à Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) dos países em desenvolvimento.

CNS – Conselho Nacional de Saúde, órgão do Ministério da Saúde, formado por Conselheiros titulares com seus respectivos suplentes, representantes de entidades e instituições dos segmentos governo, prestadores de serviços privados de saúde, profissionais de saúde e usuários. Tem como objetivo atuar na formulação e controle da execução da política nacional de saúde, inclusive nos aspectos econômicos e financeiros, nas estratégias e na promoção do processo de controle social em toda a sua amplitude, no âmbito dos setores público e privado.

ONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, uma comissão do Conselho Nacional de Saúde - CNS, criada através da Resolução 196/96, com a função de implementar as normas e diretrizes regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, aprovadas pelo Conselho. Tem função consultiva, deliberativa, normativa e educativa, atuando conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa - CEP- organizados nas instituições onde as pesquisas se realizam.

DSM - O DSM IV (ou DSM-IV), abreviatura de Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders - Fourth Edition (Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais - Quarta Edição), publicado pela Associação Psiquiátrica Americana (APA) em Washington em (1994), corresponde à quarta versão do DSM e é a principal referência de diagnóstico para os profissionais de saúde mental dos Estados Unidos da América e de Portugal na prática clínica. É comumente também utilizado no Brasil por estes profissionais.

DST – Doenças Sexualmente Transmissíveis, ou seja, as doenças infecciosas causadas por microorganismos transmitidos por contato sexual. As DST são popularmente conhecidas por doenças venéreas.

HIV é a sigla original da expressão em inglês *Human Immuno Deficiency Vírus*, o vírus que causa a AIDS. O HIV já foi isolado em diversos tipos de líquidos orgânicos: no sangue, no esperma, nas secreções vaginais, na saliva, na urina e no leite materno.

Comprovadamente, a infecção pelo HIV pode ocorrer por transfusões de sangue, pelo uso compartilhado de seringas e/ou agulhas e nas relações sexuais. A mãe portadora do vírus ou doente de AIDS pode transmitir o HIV ao bebê durante a gravidez, no parto ou na amamentação.

IBOPE – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística que fornece o maior conjunto de informações sobre o mercado brasileiro e latino-americano e provê sistemas de informação e gestão do conhecimento, fundamentados principalmente em pesquisa de mercado, mídia e opinião.

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), cuja missão é promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro com o objetivo de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas para a área educacional a partir de parâmetros de qualidade e equidade, bem como produzir informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral.

IPPM - Instituto Paulista de Pesquisa de Mercado. Realiza pesquisas de consumo e empresariais, discussões em grupo, recall de anúncios, pesquisas de imagem de empresas, de produtos e de marcas.

MEC Órgão federal responsável pela política nacional de Educação. Criado em 14/11/1930, com o nome de Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública. Em 1953, teve a denominação alterada para Ministério da Educação e Cultura. Em 1967, a competência do Ministério foi estabelecida em: Educação, ensino e magistério; cultura, letras e artes; patrimônio histórico e arqueológico; patrimônio científico, cultural e artístico; e desportos. Em 1990, o Ministério ficou responsável pela política nacional de Educação, ensino civil, pesquisa e extensão universitárias, magistério e Educação Especial. A partir de 1999, cuida exclusivamente das políticas e ações

educacionais, o que levou a sua denominação atual. Através do MEC, o governo federal brasileiro é responsável pela administração de uma rede de universidades e instituições de ensino superior, além de uma rede de escolas técnicas de 2º. grau. Também é responsável pelo crédito educativo (FIES), pela administração do sistema federal público e pela supervisão do setor privado do ensino superior em todo o país.

NIC.BR - O Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR - NIC.br foi criado para implementar as decisões e os projetos do Comitê Gestor da Internet no Brasil - **CGI.br**, que é o responsável por coordenar e integrar as iniciativas de serviços da Internet no País.

OMS – Organização Mundial da Saúde, órgão do Sistema das Nações Unidas que se dedica a promover a saúde no mundo. Também é identificado pelo nome, em inglês, World Health Organization (WHO). Possui representações regionais em todos os continentes.

ONU – Organização das Nações Unidas. É uma instituição internacional formada por 191 Estados soberanos, foi fundada após a II Guerra Mundial para manter a paz e a segurança no mundo, fomentar relações cordiais entre as nações, promover progresso social, melhores padrões de vida e direitos humanos.

PN-DST-AIDS – Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis e AIDS tem como objetivos reduzir a incidência das DSTs e do HIV e melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem com HIV/AIDS No Brasil, através do fortalecimento da eficácia e da eficiência da resposta nacional e da garantia de sua sustentabilidade a médio e longo prazos.

SAFERNET: associação civil de direito privado, com atuação nacional, sem fins lucrativos, sem vinculação política, religiosa ou racial. Fundada em 20/12/2005 por um grupo de cientistas da computação, professores, pesquisadores e advogados, tem a

missão de materializar ações e desenvolver pesquisas e projetos sociais voltados para o combate à pornografia infantil na Internet brasileira. Consolidou-se como referência nacional no enfrentamento aos crimes e violações aos Direitos Humanos na Internet e vem se fortalecendo também no âmbito internacional pela capacidade de mobilização e articulação, produção de conteúdos e tecnologias de enfrentamento aos crimes cibernéticos e pelos acordos de cooperação firmados com instituições governamentais, a exemplo do Ministério Público Federal.

SEMESP – Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior de São Paulo, entidade sindical de representação legal da categoria econômica das mantenedoras de ensino superior particular localizadas no Estado de São Paulo, cuja missão consiste no estudo, na coordenação, na proteção e na representação legal da categoria.

SIEDSUSP - Sistema de Informações Educacionais do Ensino Superior é a base de dados corporativa do Inep. É um de seus subsistemas e contém as informações da Educação Superior no País. Abrange as informações do Censo da Educação Superior, do Exame Nacional de Cursos (Provão), do Catálogo das IES e dos levantamentos especiais deste nível de Educação.

SIDA é a sigla usada na França, em Portugal e nos países de língua espanhola, para designar a AIDS.

SISNEP – Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos. É um sistema de informações via internet sobre pesquisas envolvendo seres humanos. Os usuários desta ferramenta são pesquisadores, Comitês de Ética em Pesquisas (CEPs), a CONEP e a população em geral.

SUS – Sistema Único de Saúde. De acordo com o artigo 4º da Lei Federal 8.080, o SUS é o conjunto de ações e serviços de saúde prestados por órgãos e instituições

Públicas Federais, Estaduais e Municipais, da Administração Direta e da Administração Indireta e das Fundações mantidas pelo Poder Público e, complementarmente pela iniciativa privada.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um documento fundamental para ser apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa para obter parecer favorável em estudos que envolvem seres humanos. A Resolução CNS 196/96 afirma que o TCLE assegura os direitos dos sujeitos ao participante da pesquisa.

UDI é a sigla que designa os Usuários de Drogas Injetáveis: homens e mulheres que fazem uso injetável de substâncias psicoativas. Compartilhar agulhas, seringas e equipamentos contribui muito para o aumento nos índices de infecção pelo HIV.

UIT – é a sigla da União Internacional de Telecomunicações (UIT) (em francês: Union internationale des télécommunications; em inglês: International Telecommunication Union) é uma organização internacional destinada a padronizar e regular as ondas de rádio e telecomunicações internacionais. Foi fundada como International Telegraph Union (União Internacional de Telégrafos), em Paris, no dia 17 de maio de 1865 e é hoje a organização internacional mais antiga do mundo. Suas principais ações incluem estabelecer a alocação de espectros de ondas de rádio e organizar os arranjos de interconexões entre todos os países permitindo, assim, ligações de telefone internacionais. É uma das agências especializadas da Organização das Nações Unidas (ONU), tendo sua sede em Genebra, na Suíça, próximo ao principal campus da ONU.

UNAIDS é a sigla de um programa conjunto da ONU, responsável pela coordenação do apoio prestado pelo Sistema das Nações Unidas aos programas de prevenção e assistência à AIDS no mundo. Com sede em Genebra, na Suíça, a UNAIDS é integrada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), FNUAP, Banco Mundial, Agência das Nações Unidas Para a Ciência, Cultura e Educação (UNESCO), PNUD e

OMS. Sua principal função é reforçar a capacidade dos diferentes países para dar uma resposta ampliada e consistente à questão da AIDS.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, criada em 16 de novembro de 1945, logo após a 2^a. Guerra Mundial. A premissa de sua Constituição é: "Se a guerra nasce na mente dos homens, é na mente dos homens que devem ser construídas as defesas da paz". Atualmente, a UNESCO conta com mais de 190 Estados Membros e promove estudos, reflexões e reuniões com os governos, dirigentes e especialistas dos países que a integram com o objetivo de aprofundar o exame de temas vitais para o futuro das sociedades, buscando consensos e definindo estratégias de ação.

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância, cuja missão é a de promover o bem-estar da criança e do adolescente, com base em sua necessidade, sem discriminação de raça, credo, nacionalidade, condição social ou opinião política. Foi criado em 1946, por decisão unânime, durante a primeira sessão da Assembléia Geral das Nações Unidas.

USAID – The US Agency for International Development (Agência Americana de Desenvolvimento Internacional), cuja missão, no Brasil, prioriza duas grandes áreas programáticas: meio ambiente, com enfoque à preservação da biodiversidade, mudança climática global e energias renováveis, e saúde, com prioridade à prevenção ao HIV/AIDS e a atenção a crianças e adolescentes.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa Etária.....	110
Gráfico 2 - Sexo	111
Gráfico 3 - Estado Civil	112
Gráfico 4 – Personalidade – Comunicação Interpessoal	112
Gráfico 5 – Personalidade - Iniciativa	112
Gráfico 6 - Personalidade - Amizade	113
Gráfico 7 – Acesso semanal a Internet (em número de dias)	113
Gráfico 8 – Quantidade de acessos diários a Internet	114
Gráfico 9 - Duração de cada acesso (em horas).....	115
Gráfico 10 - Período do dia preferido para acesso.....	115
Gráfico 11 - Utilização da Internet com outros objetivos sexuais que não relacionados a busca de parceiros sexuais reais ou virtuais	116
Gráfico 12 - Principais ferramentas de buscas de parceiros sexuais na Internet.....	117
Gráfico 13 – Principal local de acesso a internet na busca de parceiros sexuais	118
Gráfico 14 – Foco da utilização da Internet com objetivos sexuais.....	119
Gráfico 15 – Objetivo principal ao conhecer pessoas na internet.....	120
Gráfico 16 – Contato na Internet com menores de idade em busca de parceiros sexuais	121
Gráfico 17 – Encontro real com pessoas que conheceram na Internet.....	121
Gráfico 18 – Sexo real com pessoas que conheceram na Internet	122
Gráfico 19 – Sexo virtual com pessoas que conheceram na Internet.....	122
Gráfico 20 – Opção Sexual	123
Gráfico 21 – Parceiro sexual fixo.....	124
Gráfico 22 – Satisfação com parceiro sexual fixo	124
Gráfico 23 – Encontro com pessoas que conheceu na Internet com objetivo de fazer sexo real (últimos seis meses)	125
Gráfico 24 - Encontro com pessoas que conheceu na Internet para amizade (últimos seis meses).....	125

Gráfico 25 - Encontro com pessoas que conheceu na Internet para “ficar” (últimos seis meses).....	126
Gráfico 26 – Parceiros sexuais reais conseguidos pela Internet	127
Gráfico 27 – Encontro em que ocorreu a relação sexual.....	128
Gráfico 28 - Local do encontro sexual	128
Gráfico 29 – Parceiros sexuais não conseguidos pela Internet (últimos seis meses)..	129
Gráfico 30 – Média mensal de relações sexuais (últimos seis meses).....	130
Gráfico 31 - Número de vezes que fez sexo sem camisinha (últimos seis meses)	131
Gráfico 32 – Sexo sem camisinha com pessoas que conheceram na Internet.....	131
Gráfico 33 – Preocupação com acidente durante a relação sexual com pessoas que conheceu na Internet	132
Gráfico 34 – Sentimento de medo/risco durante encontro com pessoas que conheceram na Internet.....	133
Gráfico 35 – Pessoa que compareceu ao encontro não era a mesma da Internet	133
Gráfico 36 – Se continuou o contato mesmo não sendo a mesma pessoa.....	134
Gráfico 37 - Motivo de ter continuado o contato, mesmo não sendo a mesma pessoa	134
Gráfico 38 – Satisfação após fazer sexo real com pessoa que conheceu na Internet..	135
Gráfico 39 – Sentimento após fazer sexo real com pessoa que conheceu na Internet	135
Gráfico 40 – Utilização de drogas injetáveis	136
Gráfico 41 – Compartilhamento de agulhas na utilização de drogas injetáveis	137
Gráfico 42 - Doenças sexualmente transmissíveis nos últimos seis meses	137
Gráfico 43 - Relação sexual sob o uso de álcool ou drogas (últimos seis meses).....	137
Gráfico 44 - Relação sexual sob o uso de álcool ou drogas com pessoas que conheceram na Internet (últimos seis meses).....	138
Gráfico 45 - Pessoas que conheceu na Internet com objetivo de fazer sexo virtual..	138
Gráfico 46 – Número de parceiros sexuais “virtuais” nos últimos seis meses	139
Gráfico 47 - Utilização de webcam para conseguir parceiros sexuais na Internet	140
Gráfico 48 – Exposição sexual via webcam com objetivos de conseguir parceiros sexuais na Internet	140

Gráfico 49 – Envio de fotos para pessoas que conheceram na Internet com objetivo de fazer sexo.....	141
Gráfico 50 - Satisfação após fazer sexo virtual com pessoa que conheceu na Internet	142
Gráfico 51 - Sentimento após fazer sexo real com pessoa que conheceu na Internet.	142
Gráfico 52 – Frequência de pensamentos sobre assuntos sexuais da internet quando desconectado.....	143
Gráfico 53 – Informa seus familiares sobre o acesso a Internet com objetivos sexuais	144
Gráfico 54 - Informa seus familiares sobre seus encontros sexuais com pessoas que conheceu na Internet	144
Gráfico 55 - Informa seus amigos sobre o acesso a Internet com objetivos sexuais ..	144
Gráfico 56 - Informa seus amigos sobre seus encontros sexuais com pessoas que conheceu na Internet	145
Gráfico 57 – Frequência que deixou participar de atividades pessoais e/ou profissionais para buscar assuntos sexuais na Internet.....	146
Gráfico 58 - Frequência que deixou participar de atividades do dia a dia para buscar assuntos sexuais na Internet	146
Gráfico 59 – Quando acessa a Internet para outras atividades, sente vontade de acessar sites relacionados a assuntos sexuais?	147
Gráfico 60 – Controle sobre vontade de acessar sites de conteúdo sexual	147
Gráfico 61 –Permanece mais tempo do que planejado na busca de parceiros sexuais	147
Gráfico 62 - Se impossibilitado de acessar a Internet com objetivos sexuais se sente mal humorado, irritado ou deprimido?	148
Gráfico 63 – Frequência de utilização da Internet com objetivos sexuais como forma de fugir de seus problemas pessoais	148
Gráfico 64 – Capacidade de controle da Internet com objetivos sexuais.....	148
Gráfico 65 – Consideração sobre influência do hábito de busca de parceiros sexuais na Internet em sua vida pessoal.....	150
Gráfico 66 – Consideração sobre a atitude de buscar assuntos e/ou parceiros sexuais na Internet.....	150

Gráfico 67 – Opinião sobre o sexo após iniciar a busca de parceiros sexuais na Internet	151
Gráfico 68 – Portador do vírus HIV	152
Gráfico 69 – Faixa Etária.....	153
Gráfico 70 - Sexo.....	154
Gráfico 71 – Estado Civil	154
Gráfico 72 - Personalidade – Comunicação Interpessoal.....	155
Gráfico 73 - Personalidade - Iniciativa.....	156
Gráfico 74 - Personalidade - Amizade	156
Gráfico 75 - Acesso semanal a Internet (em número de dias).....	157
Gráfico 76 - Quantidade de acessos diários a Internet.....	158
Gráfico 77 - Duração de cada acesso (em horas).....	158
Gráfico 78 - Período do dia preferido para acesso.....	159
Gráfico 79 - Utilização da Internet com outros objetivos sexuais que não relacionados a busca de parceiros sexuais reais ou virtuais	159
Gráfico 80 – Motivos para não buscar parceiros sexuais na Internet	160
Gráfico 81 - Opinião sobre quem busca parceiros sexuais na Internet.....	161
Gráfico 82 – Opção Sexual	162
Gráfico 83 - Parceiro sexual fixo	163
Gráfico 84 - Satisfação com parceiro sexual fixo	163
Gráfico 85 - Parceiros sexuais não conseguidos pela Internet (últimos seis meses) ..	164
Gráfico 86 - Encontro em que ocorreu a relação sexual	164
Gráfico 87 - Local do encontro sexual	165
Gráfico 88 - Média mensal de relações sexuais (últimos seis meses).....	166
Gráfico 89 - Número de vezes que fez sexo sem camisinha (últimos seis meses)	166
Gráfico 90 - – Preocupação com acidente durante a relação sexual.....	167
Gráfico 91 - Utilização de drogas injetáveis.....	168
Gráfico 92 - Compartilhamento de agulhas na utilização de drogas injetáveis.....	168
Gráfico 93 - Doenças sexualmente transmissíveis nos últimos seis meses	169
Gráfico 94 - Relação sexual sob o uso de álcool ou drogas (últimos seis meses).....	169
Gráfico 95 - Portador do vírus HIV.....	169

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Evolução do acesso a Internet (em milhões de usuários).....	30
Tabela 2 - Descrição das fases do trabalho.....	34
Tabela 3 - Amplitude da amostra com margem de erro	47
Tabela 4 - Total de alunos.....	47
Tabela 5 – Descrição do Trabalho de Campo.....	48
Tabela 6 - Distribuição dos Questionários x Questionários Respondidos – pesquisa 1980.....	90
Tabela 7 - Entrevistados “radicalmente contra” - pesquisa 1980	91
Tabela 8 - Entrevistados que “aditem em certas circunstâncias - pesquisa 1980	92
Tabela 9 - Entrevistados que são favoráveis - pesquisa 1980.....	92
Tabela 10 - Doenças Venéreas - pesquisa 1980.....	94
Tabela 11 - Condição das Entrevistas Segundo a Situação da Amostra - pesquisa 1998	96
Tabela 12 - Distribuição do estado conjugal no total por sexo, região e faixa etária. Brasil. Pesquisa 1998.....	98
Tabela 13 - Distribuição percentual de jovens, por faixa etária segundo ocorrência de relações sexuais e ano calendário.	99
Tabela 14 - Distribuição dos indivíduos que utilizaram substâncias psicoativas nos últimos 12 meses, segundo faixa etária, sexo, cor, estado conjugal e religião. Brasil, Pesquisa 1998.....	100
Tabela 15 - Afirmações sobre situações de risco	101
Tabela 16 - Percentual (%) de indivíduos sexualmente ativos com idade entre 15 e 64 anos que tiveram algum antecedente relacionado a DST e que procuraram tratamento na última vez que tiveram algum problema, por sexo, segundo características sócio-demográficas. Brasil – Pesquisa 2008	103
Tabela 17 – Quando você utiliza a internet com objetivos sexuais, o seu objetivo principal é? (Outros)	119
Tabela 18 - Quando você busca conhecer uma pessoa por meio da internet o seu objetivo principal é: (Outros)	120

Tabela 19 – Comparação entre perfis dos respondentes - Instrumento de pesquisa 1 e Instrumento de pesquisa 2 (Núcleo A - Idade, sexo, escolarização e personalidade).....	171
Tabela 20 - Comparação entre perfis dos respondentes - Instrumento de pesquisa 1 e Instrumento de pesquisa 2 (Núcleo B - Utilização da Internet).....	173
Tabela 21 - Comparação entre perfis dos respondentes - Instrumento de pesquisa 1 e Instrumento de pesquisa 2 (Núcleo C – Utilização da Internet com objetivos sexuais).....	176
Tabela 22 - Comparação entre perfis dos respondentes - Instrumento de pesquisa 1 e Instrumento de pesquisa 2 (Núcleo D - Comportamento sexual e de risco).....	177
Tabela 23 - Perfil Respondentes Instrumento 1 - Quanto à Busca de assuntos/parceiros sexuais na Internet	180
Tabela 24 - Perfil respondente Instrumento 1 Quanto a encontro com possíveis e parceiros sexuais reais conhecidos na internet.....	184
Tabela 25 - Perfil dos respondentes. Instrumento 1 – quanto ao hábito sexual	186
Tabela 26 - Perfil dos respondentes. Instrumento 1 – Quanto ao comportamento sexual de risco	187
Tabela 27 - Perfil dos respondentes. Instrumento 1 – Quanto a sentimentos após fazer sexo com pessoas conhecidas na Internet (real x virtual).....	188
Tabela 28 - Sexo real x sexo virtual	188
Tabela 29 - Perfil dos respondentes. Instrumento 1 – Desenvolvimento de Comportamento Compulsivo.....	188
Tabela 30 - Opinião sobre a influência do uso da internet com objetivos sexuais na vida pessoal (Instrumento 1)	191
Tabela 31 - Comparação entre opiniões do Instrumento 1 e do Instrumento 2 sobre a influência da busca de parceiros sexuais na internet na vida pessoal	192
Tabela 32 - Motivos por não buscar parceiros sexuais na Internet.....	193

SUMÁRIO

RESUMO	22
RESUMEN.....	23
ABSTRACT	24
INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO I – METODOLOGIA: DESVENDANDO O CAMINHO.....	33
1. A PESQUISA EXPLORATÓRIA E DESCRITIVA.....	35
2. A REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	37
3. A PESQUISA QUALITATIVA	37
4. A ANÁLISE QUANTITATIVA COM VIÉS QUALITATIVO.....	38
5. DETERMINAÇÃO DA POPULAÇÃO	39
5.1 DETERMINAÇÃO DA AMOSTRA	40
5.2 O CÁLCULO DO TAMANHO DA AMOSTRA	46
6. O TRABALHO DE CAMPO.....	47
7. OS PROCEDIMENTOS NECESSÁRIOS À COLETA DE DADOS	49
7.1 DESCRIÇÃO APROPRIADA DOS DESCONFORTOS E RISCOS POSSÍVEIS CAUSADOS AOS SUJEITOS	50
8. A ELABORAÇÃO DO INSTRUMENTO DE CAMPO.....	51
8.1 PRÉ-TESTE DO INSTRUMENTO.....	53
CAPÍTULO II - TECNOLOGIA E HISTÓRIA: HOMEM, MÁQUINA E CULTURA.....	55
1. AS RAÍZES DA RELAÇÃO HOMEM-MÁQUINA	58
2. HOMEM/MÁQUINA/CULTURA	62

CAPÍTULO III - MEDIAÇÕES ENTRE INTERNET E COTIDIANO: A GÊNESE DE NOVOS COSTUMES	68
CAPÍTULO IV - FRONTEIRAS DISSOLUTAS: CORPO E SEXO NA WEB ..	78
CAPÍTULO V - BRASIL: HÁBITOS E ASPECTOS SEXUAIS: CORPO, SEXO E COMPORTAMENTO.....	87
1. 1980: ANTECEDENTES	89
2. 1998: DADOS DE UMA NOVA REALIDADE	94
3. 2008: A CENA CONTEMPORÂNEA.....	102
CAPÍTULO VI - RESULTADOS: INTERPRETANDO OS DADOS.....	109
1. RESULTADOS DO INSTRUMENTO DE PESQUISA 1 – PARTICIPANTES QUE INFORMARAM BUSCAR PARCEIROS SEXUAIS NO AMBIENTE COMUNICACIONAL INTERNET	109
1.1 NÚCLEO A - IDADE, SEXO, ESCOLARIZAÇÃO E PERSONALIDADE.....	109
1.2 NÚCLEO B – UTILIZAÇÃO DA INTERNET	113
1.3 NÚCLEO C – UTILIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NA INTERNET COM OBJETIVOS SEXUAIS	116
1.4 NÚCLEO D - COMPORTAMENTO SEXUAL E DE RISCO DOS ESTUDANTES QUE BUSCAM PARCEIROS SEXUAIS REAIS POR MEIO DA COMUNICAÇÃO NA INTERNET	123
1.5 NÚCLEO E – COMPORTAMENTO COMPULSIVO.....	143
2. RESULTADOS DO INSTRUMENTO DE PESQUISA 2 – PARTICIPANTES QUE INFORMARAM NÃO BUSCAR PARCEIROS SEXUAIS NO AMBIENTE COMUNICACIONAL INTERNET	152
2.1 NÚCLEO A - IDADE, SEXO, ESCOLARIZAÇÃO E PERSONALIDADE.....	152
2.2 NÚCLEO B – UTILIZAÇÃO DA INTERNET.....	157
2.3 NÚCLEO C – UTILIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NA INTERNET COM OBJETIVOS SEXUAIS	159
2.4 NÚCLEO D - COMPORTAMENTO SEXUAL E DE RISCO DOS ESTUDANTES QUE NÃO BUSCAM PARCEIROS SEXUAIS REAIS SE COMUNICANDO NA INTERNET.....	162

CAPÍTULO VII - ANÁLISE DOS DADOS: COMPARARANDO	
RESULTADOS	171
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	194
REFERÊNCIAS.....	200
ANEXOS.....	209
ANEXO I - TCLE UTILIZADOS NA PESQUISA	209
ANEXO I I- QUESTIONÁRIOS UTILIZADOS NA PESQUISA.....	212
ANEXO III - CRONOGRAMA	225
ANEXO IV – CD COM AS BASES DE DADOS DA PESQUISA (PARA CONSULTA E CRUZAMENTOS).....	227

RESUMO

Este trabalho é um estudo exploratório sobre o Ambiente Comunicacional Internet que investiga tanto a possibilidade da influência de suas ferramentas de interação/comunicação sobre o comportamento sexual e de risco quanto o desenvolvimento de comportamento compulsivo no uso destas ferramentas na busca de parceiros sexuais. A metodologia adotada é, além da pesquisa bibliográfica, a da pesquisa exploratória, um levantamento e análise de dados quantitativos e pode ser considerada como pertencente ao paradigma tradicional empírico, pois a coleta de dados foi baseada em respostas a questionários semi-estruturados, aplicados a um grupo de informação composto por 428 estudantes universitários dos cursos ligados à área de Computação e Informática de uma instituição particular de Ensino Superior do município de São Paulo – SP, Brasil. Para isso, obedece à Resolução do Conselho Nacional de Saúde CNS 196/96 e conta com o TCLE. Os resultados indicam que as práticas sexuais, a exposição a DST e vírus HIV e, particularmente, a tendência ao desenvolvimento do Transtorno de Adicção à Internet se distinguem de modo irrefutável. Os participantes que alegaram buscar parceiros sexuais reais na Internet são diretos nos seus objetivos, pois quando encontram esse parceiro concretizam o ato sexual, em ambientes impessoais, como por exemplo, o motel, e muitas vezes de modo arriscado no que toca à prevenção e à segurança no contato com outro. Destaca-se, ainda, que a compulsão não é reconhecida pelo grupo e que a procura de parceiros por intermédio das mídias digitais, para esse grupo, não está relacionada a itens negativos quanto a sua qualidade de vida – o que suscita o estudo e a discussão mais aprofundada sobre a interação “comunicação, sexo e Internet”.

Palavras chave: Comunicação, Internet, comportamento sexual, saúde, compulsão, estudantes universitários.

RESUMEN

Este trabajo es un estudio exploratorio sobre el Ambiente de Comunicación de Internet que investiga tanto la posibilidad de influencia de sus herramientas de interacción/comunicación sobre el comportamiento sexual y de riesgo como el desarrollo de comportamiento compulsivo en el uso de estas herramientas en la búsqueda de parejas sexuales. La metodología adoptada es, además de la investigación bibliográfica, la de investigación exploratoria, un alzamiento y análisis de datos cuantitativos y puede ser considerada como de pertenencia al paradigma tradicional empírico, pues la colecta de datos fue basada en respuestas a cuestionarios semi estructurados, aplicados a un grupo de información compuesto por 428 estudiantes universitarios de los cursos conectados al área de Informática de la institución privada de Enseñanza Superior del municipio de “São Paulo” – SP, Brasil. Para eso, obedece a la Resolución del Consejo Nacional de Salud CNS 196/96 y cuenta con el TCLE. Los resultados indican que las prácticas sexuales, la exposición a ETS y a virus del SIDA y, particularmente, la tendencia al desarrollo al Trastorno de Adicción a la Internet diferencian de modo irrefutable. Los participantes que alegaron buscar parejas sexuales reales en la Internet son directos en sus objetivos, pues cuando encuentran esa pareja concietan el acto sexual, en ambientes impersonales, como por ejemplo, motel, y muchas veces de modo arriesgado a lo que se refiere a la prevención y seguridad en contacto con otra persona. Resalta, aun, que la compulsión no es aceptada por el grupo y que la búsqueda de parejas por intermedio de las midias digitales, para ese grupo de personas, no está relacionada a ítemes negativos en relación a su calidad de vida – lo que promueve el estudio y la discusión ahínco interacción “comunicación, sexo e internet”.

Palabras clave: Comunicación, Internet, comportamiento sexual, salud, compulsión, estudiantes universitarios.

ABSTRACT

The present work is an Internet Communication Environment exploratory study that investigates the possibility of its communicative and interactive tools over the risk and sexual behavior as well as the compulsive behavior development while using these tools in order to find sexual partners. Besides the bibliographical and exploratory research methods, a survey and a quantitative analysis of the collected data were also done. This research can be considered as belonging to the traditional empirical paradigm, because the data collection was based on semi-structured questionnaires applied to a group of 428 Informatics and Computing college students from a private Faculty in São Paulo, Brazil. In order to achieve this aim, the research obeys the Health National Counselor Resolution number 196/96 and has Free Informed Consent Term. Results indicate the sexual practices, HIV virus and STD vulnerability, and, particularly the tendency of development of Internet Disorder Addiction are irrefutably different. The participants say their sexual partners found on the Internet are objectives, because when they met these partners, they have sexual intercourse in impersonal places such as motels in dangerously ways sometimes, because they do not always practice safe sex. It is also important to notice the research shows the compulsive sexual behavior is not always assumed by the group nor it is believed the search for partners through digital media is connected to negative items for the quality of life, which lead us to understand this study puts a light on the discussion about the “communication, sex and Internet”.

Key words: Communication, Internet, sexual behavior, health, compulsion, college students.

INTRODUÇÃO

Naturalmente, a crítica do valor também é uma crítica da vida cotidiana determinada por ele.
(ROBERT KURZ)

Este trabalho é fruto das pesquisas realizadas no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da área de concentração em Processos Comunicacionais, dentro da linha de pesquisa “Processos da Comunicação Científica e Tecnológica”.

O maior impulso para abraçarmos esta tarefa reside na constatação de que a crescente demanda do uso da Internet¹ como ambiente comunicacional é um assunto importante e polêmico, pois ao mesmo tempo em que se pode considerar proveitosa a grande capacidade de realização de atividades pela rede, também se percebe que, muitas vezes, as facilidades e ferramentas de comunicação/interação oferecidas podem, se mal utilizadas, se tornar prejudiciais ao cotidiano das pessoas.

Nesse contexto, a Internet, fonte promissora de mudanças e de melhorias no fornecimento de ferramentas de comunicação/interação, também pode se tornar eminente fonte de problemas para muitos usuários que, ao se verem presos à necessidade premente de utilizar seus serviços e facilidades, alteram e prejudicam suas relações sociais e seu ritmo de vida.

Sendo assim, nosso **Objeto de estudo** se corporifica nas possibilidades que o ambiente comunicacional existente na Internet pode criar. Dentre elas está a possibilidade do aumento do número de parceiros sexuais que, de início “virtuais” podem vir a se tornar reais gerando, propiciando tanto o desenvolvimento de comportamentos compulsivos (tanto pelo uso das ferramentas de comunicação existentes na Internet na busca de parceiros sexuais e na satisfação de seus desejos, quanto pela consumação do ato sexual) quanto à possibilidade de alteração do

¹ Na essência a Internet surgiu no seio da ciência, com o apoio e participação de muitos cientistas e universidades dos EUA e também de outras partes do mundo. Com o novo sistema, cientistas norte-americanos passaram a poder realizar a prática de enviar no fim do dia a seus colegas em algum país asiático os resultados preliminares de alguma experiência sendo realizada e receber a colaboração deles na manhã seguinte. SQUIRRA (2007, p 10)

comportamento sexual e do aumento de contaminação por doenças sexualmente transmissíveis.

A **hipótese** que sustenta este trabalho é se o uso das ferramentas de comunicação existentes no ambiente comunicacional da Internet na busca de parceiros sexuais leva a alterações do comportamento sexual e de risco e/ou ao desenvolvimento de comportamento compulsivo quanto à busca deste tipo de parceiros.

Por tratar-se de uma empreitada de cunho exploratório, consideramos que as **questões de pesquisa** se articulam adequadamente com nossos objetivos, haja vista a escassa bibliografia a respeito do tema. Sendo assim, nossas inquietações se resumem às seguintes questões:

- a- Quais são as ferramentas de comunicação existentes na Internet mais utilizadas na busca de parceiros sexuais?
- b- O uso destas ferramentas é fator potencializador no aumento de número de parceiros sexuais?
- c- O uso destas ferramentas pode gerar comportamento compulsivo quanto à busca de parceiros sexuais?
- d- O uso do ambiente comunicacional da Internet na busca de parceiros sexuais pode alterar o comportamento sexual e/ou de risco?
- e- O comportamento sexual e de risco dos estudantes universitários usuários de ferramentas de comunicação existentes na Internet na busca de parceiros sexuais converge e/ou diverge dos comportamentos dos estudantes universitários que não a utilizam com este fim ou mesmo do comportamento sexual dos demais brasileiros?
- f- Os estudantes universitários que utilizam as ferramentas de comunicação existentes na Internet na busca de parceiros/atos sexuais têm noção da influência que ela pode exercer sobre o seu comportamento e sua saúde?

Seguindo esta linha de raciocínio, a partir dos questionamentos apontados foram delineados os objetivos norteadores para a realização deste trabalho, sendo eles:

Objetivo Geral

- Identificar o uso do ambiente comunicacional da Internet por estudantes universitários no que se refere às ferramentas de comunicação utilizáveis na busca de parceiros sexuais e se o uso destas ferramentas pode causar alterações do comportamento sexual e de risco e/ou influenciar no desenvolvimento de comportamentos compulsivos.

Objetivos Específicos

Para alcançar o objetivo geral acima descrito, foi necessário:

- a) Verificar as convergências e divergências existentes entre os comportamentos sexuais e de risco dos estudantes universitários dos cursos de tecnologia usuários das ferramentas de comunicação existentes no ambiente comunicacional da Internet na busca de parceiros sexuais e daqueles que não a utilizam com este fim;
- b) Analisar as convergências e divergências existentes entre os comportamentos sexuais e de risco dos estudantes universitários usuários do ambiente comunicacional da Internet na busca de parceiros sexuais com o comportamento sexual dos demais brasileiros;
- c) Identificar se quem busca parceiros sexuais por meio de ferramentas de comunicação existentes na Internet apresenta traços de comportamento compulsivo, principalmente no tocante ao uso da Internet com estes objetivos.

Este trabalho encontra justificativa na constatação de que, atualmente, a Internet é um ambiente de comunicação e interação de grande penetração que desempenha um papel relevante nas representações sócio-individuais, construídas no cotidiano, já que altera o dia-a-dia e o modo de viver daqueles que com ela entram em contato. Sandoval e Orozco Gómez (1999, p. 21) quando tratam da pesquisa em comunicação e saúde, consideram que:

Faz-se necessária a produção de estratégias e práticas de comunicação em saúde que levem em consideração, mesmo que de forma

aproximativa, a complexidade presente e determinante dos fenômenos saúde-doença, a fim de que tais estratégias e práticas, se constituam em verdadeiras estratégias de intervenção social.

Nesse sentido, um estudo acerca de como as ferramentas de comunicação existentes na Internet são utilizadas para busca de parceiros sexuais pode constituir-se, conforme nos sugerem Sandoval e Orozco Gómez (1999, p. 124), “em estratégia fundamental para injetar o vírus de que a saúde-doença é o produto das condições e modos de vida sócio-individuais com as quais convivemos”. Nesse sentido, Sandoval (apud SALES, 1998, p. 102) defende a adoção de uma:

(...) prática comunicativa, social e significante. Por conta disso, urge pensar em uma comunicação que leve em consideração os marcos conceituais (...), isto é, os contextos sócio-político, econômico-cultural; **técnico-científico** (grifo nosso) que estão presentes e determinam, de uma forma ou de outra, o ato comunicativo e toda práxis humana.

Considerando o impacto da adoção das novas tecnologias sobre o cenário social, é indispensável que se leve em conta a transformação que esse novo paradigma de comunicação impõe à sociedade. Nesse sentido, Santos e Almeida Prado (2001, p. 77), afirmam que “faz-se necessário, frente às mudanças, a conscientização que o mundo como o vemos hoje passa por uma profunda metamorfose e que no bojo de tal transformação encontram-se as novas tecnologias”.

Um dos pontos cruciais a ser considerado nesta pesquisa é que a Internet é um ambiente comunicacional muito diferente dos meios tradicionais: rádio televisão, cinema, jornal e revista. Isto decorre de alguns fatores técnicos, do barateamento dos custos de produção e veiculação, da interatividade, da pessoalidade e facilidade de acesso. Sendo assim, os métodos e caminhos a serem seguidos no alcance de seus objetivos também devem ser pensados a fim de contemplar e utilizar, de forma positiva, estas diferenças.

Ao longo da história, as novas tecnologias de comunicação sempre impõem significativas mudanças no cenário social que acarretam na população a adoção de hábitos e comportamentos diversos. Para Gilder (apud DIZARD, 2000, p. 43) estas mudanças trazem uma libertação já que, com elas, “Uma nova era de individualismo

está surgindo e trará consigo uma erupção de cultura sem precedentes na história da humanidade”. Isso ocorreu com os adventos do telégrafo, do telefone, do rádio e da televisão, que transformaram as relações comerciais, as atividades profissionais e as feições do dia-a-dia. December (apud PRIMO, 1997, p. 05) corrobora tal argumento quando afirma que

a emergência da comunicação midiada por computador (CMC) deu finalmente existência a visão de McLuhan de uma aldeia global. Segundo ele, a televisão, o rádio e as redes telefônicas se estenderam globalmente no decorrer do século XX. Porém, eles sofrem de limitações de tempo, espaço e características do meio. A TV e o rádio trabalham com comunicação unilateral, o que funciona bem para transmissões massivas mas não para contatos interpessoais. O telefone e o rádio-amador permitem o diálogo entre indivíduos, mas apenas se eles estiverem conectados ao mesmo tempo. Sistemas de gravação de voz (fitas e discos, por exemplo) possibilitam uma comunicação assíncrona, sem limitações temporais, mas devem ser transportados fisicamente pelo espaço. Mesmo a comunicação interpessoal face-a-face exige a simultaneidade espacial e temporal dos participantes. Isto é, trazem limitações à realização do conceito de aldeia global. Já a CMC permite a realização do conceito de McLuhan pois transcende limitações de tempo e espaço.

Esther Hamburger, em 2004, já afirmava que no “o uso domiciliar da web cresceu 24,1%. O mercado está longe de se esgotar. Pouco se sabe sobre conteúdos que atenderiam aos milhões que podem vir a se conectar”. Já o NIC.BR (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR) aponta em dados obtidos da “Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil – 2008” aponta que:

Em 2008, o percentual de domicílios com acesso à Internet atingiu o patamar de 20% em áreas urbanas, representando três pontos percentuais acima do índice de 2007. Considerando a variável renda, verifica-se que, nos domicílios que ganham até um salário mínimo, a Internet é praticamente inexistente (somente 1%); nos domicílios com renda acima de dez salários mínimos, a penetração da Internet chega a 83%. (...) A análise da série histórica desse indicador revela que o crescimento de domicílios com acesso à Internet também se mostra consistente desde 2005, apresentando uma média de dois pontos percentuais ao ano.

Os membros da AIAPI (Associação Ibero-americana de Acadêmicos, Investigadores e Profissionais de Jornalismo na Internet) consideram ainda que a sociedade da informação não é apenas um novo modelo que vem se impondo no

cenário social, mas a estruturação de novas plataformas de comunicação e de convivência. Para eles, este panorama é uma fonte inesgotável de inquietações que obriga acadêmicos, pesquisadores, jornalistas, comunicadores e demais segmentos da sociedade a refletir sobre o futuro da Internet. O grupo já promoveu quatro congressos: Costa Rica, México, Chile e Peru e publicou um livro com as conferências do II Congresso, intitulado Explorando el ciberperiodismo iberoamericano.

Para Rios (2002, p. 109-46) a cultura sexual brasileira, como a de muitas outras sociedades complexas, passa pela designação que a “sexualidade” tem para cada uma dessas culturas. A isso se somam ainda as representações e práticas sociais mais enraizadas em nossa sociedade.

Na tabela 1 pode-se observar que houve uma grande evolução na utilização da Internet e este número de usuários tende a aumentar consideravelmente já que, a cada dia, mais pessoas se inserem no mundo da “web” e utilizam os “serviços” e “comodidades” que ela proporciona. Esta afirmação pode ser facilmente comprovada quando se observa a importância que a Internet ocupa no cotidiano, do jornal que lemos pela manhã ao pote de margarina, encontramos a divulgação de sites e e-mails que substituem endereços físicos e telefones, as escolas, empresas, bancos e órgãos públicos prestam seus serviços via Internet, modificando as feições da sociedade, as cartas e os telefonemas são gradativamente substituídos pela inovação da correspondência eletrônica, via e-mails, os diários foram substituídos por blogs e fotoblogs, as compras, que antes exigiam a locomoção até os shoppings, lojas, livrarias e supermercados, hoje são realizadas por meio de mega-portais virtuais, o pagamento de contas, as transferências de valores e as aplicações financeiras atualmente acontecem nas “unidades virtuais” dos grandes bancos, não importando se o “cliente” é uma empresa multinacional de grande porte ou um consumidor de baixo poder aquisitivo.

Tabela 1 – Evolução do acesso a Internet (em milhões de usuários)

Milhões	2005	2006	2007	2008
Usuários de Internet	32,1	35,3	44,9	53,9

Fonte: Pesquisa sobre o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil – 2008. NIC.BR

Segundo Sergio Rezende (ministro da Ciência e Tecnologia em 2008), em entrevista ao site IDG Now (on-line), o número de brasileiros com acesso regular à Internet deve quase triplicar até 2010 e acrescenta que acredita que, se confirmada a previsão, o número de internautas no país deverá chegar a 150 milhões, com 80% da população brasileira acessando regularmente a Internet de uma forma ou de outra.

No mesmo sentido, com relação à educação, as pesquisas e os trabalhos escolares deixam de ser realizadas exclusivamente nas bibliotecas para serem feitas na imensidão de informações da Internet e as amizades, as paqueras, os encontros e mesmo o sexo casual, que antes dependiam de um local propício e de um ritual específico, agora acontecem de forma muito mais rápida através do uso de ferramentas de interação (bate papos, sites de encontros, grupos de discussão etc..) nos quais, ao se fornecer dados tais como “sobre mim”, “procuro por”, “eu sou”, “procuro alguém” e alguns “cliques”, uma troca de fotos e algumas perguntas básicas, que geralmente se resumem a “De onde tecla?”; “Qual sua idade?”; “Como você é?”; “A fim de real?”... é possível arrumar um (ou mais de um) parceiro sexual que, comumente, é uma pessoa desconhecida.

Para facilitar e agilizar tais “buscas” surgem, cada vez mais, novas ferramentas de comunicação que aumentam estas possibilidades de interação virtual (ou real) já que as empresas da Internet tendem a criar mais programas de conversas que facilitam a troca de informações pessoais tanto via web, quanto por telefone ou web-cam.

Neste novo ambiente comunicacional que se destaca, surge um interessante e instigante campo de discussão quando observamos o uso das ferramentas de comunicação existentes na Internet com objetivos sexuais. Neste sentido, uma investigação sobre quais são os meios que o ambiente comunicacional da Internet oferece para a busca de parceiros sexuais, bem como um estudo que possibilite traçar um perfil de quem são e como se comportam as pessoas que usam estes meios, é oportuna e atual, pois contextualiza a Internet no cenário da atualidade.

A fim de fornecer um panorama preliminar a respeito da relação entre o comportamento do homem e o avanço tecnológico, o Capítulo I – Metodologia

descreve todas as etapas, os materiais e a metodologia adotada para a execução do trabalho.

O Capítulo II – Tecnologia e história: Interface homem-máquina-cultura lança um breve olhar sobre as raízes da relação do homem com a máquina, desde a sociedade agrícola até nossos dias, pontuando a influência que esse relacionamento tão antigo exerce sobre a cultura.

A evolução da Internet, seu uso e sua influência sobre o comportamento humano, são tratados no Capítulo III – Mediações entre Internet e cotidiano: a gênese de novos costumes, principalmente no tocante ao desenvolvimento de comportamento compulsivo e ao uso deste ambiente comunicacional na busca de parceiros sexuais.

O Capítulo IV – Fronteiras dissolutas: Corpo e sexo na web faz um breve levantamento sobre o panorama da utilização da Internet, como ferramenta de busca de parceiros sexuais e de suas influências sobre a vida de quem a utiliza com este fim, incluindo a questão da possibilidade de desenvolvimento de comportamento compulsivo.

Um breve panorama histórico sobre aspectos do comportamento sexual e de risco do povo brasileiro é o assunto do Capítulo V - Brasil: Hábitos e Aspectos Sexuais: Corpo, Sexo e Comportamento.

Para apresentar os resultados obtidos com a aplicação do questionário, comentados e ilustrados com tabelas e gráficos, construímos o Capítulo VI – Resultados: interpretando os dados.

No capítulo VII – Análise dos dados: comparando os resultados, buscamos por meio de tabelas, realizar uma análise entre os resultados obtidos com a pesquisa, comparando as informações levantadas com a aplicação dos questionários e as informações oficiais sobre comportamento sexual e de risco e de utilização da internet no Brasil.

Nas Considerações Finais tecemos algumas observações sobre os resultados obtidos com a pesquisa, pontuando as informações importantes e apresentando propostas para a continuidade dos estudos na área.

A Lista de abreviaturas e siglas é uma tentativa de facilitar o trabalho do leitor.

CAPÍTULO I – METODOLOGIA: DESVENDANDO O CAMINHO

As ciências trazem sempre consigo o projeto longínquo de uma exaustiva colocação em ordem (FOUCAULT).

O método é o fio que conduz o pesquisador na articulação entre uma teoria e a realidade que deseja investigar. Por isso, toda trajetória para o conhecimento exige um método que se constitui no "caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento" (Gil, 1994, p. 27). Esse método é, na verdade, o provedor do instrumental indispensável ao desenvolvimento do trabalho em suas diferentes etapas. É o método que assegura que o detalhamento dos procedimentos que vão estruturar o trabalho.

Por isso, qualquer trabalho de pesquisa exige um planejamento que vai prover a realização do projeto e que privilegie os diferentes passos necessários à sua realização. Tal planejamento, contudo, deve ser suficientemente flexível para que se possa proceder a alguns ajustes que vão se mostrando indispensáveis na medida em que o trabalho vai tomando corpo. Acreditamos que essa possibilidade de adequação durante o desenvolvimento do trabalho, principalmente no âmbito das Ciências Sociais, permite que o pesquisador possa incorporar ao trabalho detalhes que, eventualmente, só se mostram no decorrer da pesquisa e que a tornam mais detalhada.

Na realização de nossa pesquisa, essa necessidade de adequação foi necessária em momentos pontuais que descrevemos à frente, como na coleta de dados e na incorporação das observações da banca de qualificação.

Este é um trabalho que se sustenta nos procedimentos da pesquisa exploratória e descritiva. De acordo com Gil (1994, p. 44) a pesquisa exploratória tem como principal finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, com vistas na formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Para o mesmo autor (p. 45), a pesquisa descritiva é aquela que pretende “descrever as características de determinada população ou fenômeno ou estabelecimento de relações entre variáveis”.

A pesquisa bibliográfica nos acompanhou durante todo o trabalho, fornecendo a orientação necessária desde a fase inicial e consiste na atividade de localizar e consultar as fontes de informação disponíveis que forneçam dados gerais ou específicos a respeito do tema.

No desenvolvimento deste trabalho, contudo, percebemos que, embora exista muita informação a respeito de Internet e a respeito de comportamento sexual, muito pouco se encontra sobre a relação entre ambos. Por isso, foi necessário conhecer o contexto no qual essa relação entre os temas acontece para podermos obter um panorama de como o fenômeno em estudo se dá no meio em que ocorre.

Durante a fase de seleção da amostra, coleta e tratamento de dados, que exigiu o socorro de autores das áreas de pesquisa de marketing e de informática, a pesquisa bibliográfica também nos apoiou e nos orientou no plano de trabalho representado abaixo e explicado a seguir.

Tabela 2 - Descrição das fases do trabalho

1. A escolha da metodologia adequada; <ul style="list-style-type: none">• Levantamento e revisão bibliográfica;• Pesquisa exploratória e descritiva;• Análise quantitativa com viés qualitativo.
2. Determinação da população e da amostragem;
3. Elaboração do instrumento de coleta de dados (Questionário);
4. Levantamento dos procedimentos necessários à coleta de dados;
5. Pré-teste do instrumento de coleta de dados; <ul style="list-style-type: none">- Tabulação dos dados;- Análise da aplicação e dos dados;- Alterações do questionário.
6. Acertos do instrumento de coleta de dados; <ul style="list-style-type: none">- Construção de um sistema a ser utilizado para tabulação dos dados obtidos;- Testes da tecnologia (geração da planilha de dados).
7. Aplicação do questionário;

8. Lançamento dos questionários no sistema criado;

9. Geração de planilha de dados;

10. Tabulação e análise dos dados;

11. Discussão dos resultados.

1. A pesquisa exploratória e descritiva

Consultando autores consagrados,, percebemos que a pesquisa exploratória é indicada quando o assunto estudado ainda não apresenta um sistema de teorias e conhecimentos desenvolvidos (MATTAR, 1996; AEKER, 2001; LAKATOS & MARCONI, 1985). Nesse sentido, Cervo e Bervian (2002, p. 49), consideram que:

O estudo exploratório (...) é normalmente o passo inicial no processo de pesquisa pela experiência e auxílio que traz na formulação de hipóteses significativas para posteriores pesquisas. Os estudos exploratórios não elaboram hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar maiores informações sobre determinado assunto de estudo.

Como este trabalho se constitui num contato inicial com o fenômeno e com os sujeitos, concordamos com Sampieri que considera os estudos exploratórios como forma de aumentar o grau de familiaridade com fenômenos relativamente desconhecidos, obter informações sobre a viabilidade de uma investigação mais profunda a respeito de um contexto específico da realidade, além de estabelecer prioridades para futuras investigações. O autor se posiciona em relação aos estudos exploratórios, afirmando que:

Eles se caracterizam por serem mais flexíveis em sua metodologia em comparação com os estudos descritivos ou explicativos, e são mais amplos e dispersos que estes dois últimos tipos (por exemplo, buscam observar tantas manifestações do fenômeno estudado quanto for possível) (SAMPIERI et al., 1991, p. 60).

A afirmação de Gil nos indica que a descrição é o rumo metodológico mais adequado para a pesquisa exploratória que empreendemos. Para ele, há pesquisas

"descritivas (...) que acabam servindo mais para proporcionar uma nova visão do problema, o que as aproxima das pesquisas exploratórias" (2002, p. 46). O autor considera ainda que é comum que a pesquisa descritiva vá além do mero estabelecimento de relações entre variáveis, uma vez que, em alguns casos, pode até determinar a natureza dessa relação. Nesse mesmo sentido, as considerações de Malhotra (2004, p. 106) nos indicam que este é o caminho adequado:

O principal objetivo da pesquisa exploratória é prover a compreensão do problema enfrentado pelo pesquisador. A pesquisa exploratória é usada em casos nos quais é necessário definir o problema com maior precisão, identificar cursos relevantes de ação ou obter dados adicionais antes que se possa desenvolver uma abordagem.

Para Vergara (1998, p. 47) a pesquisa descritiva expõe as características de um fenômeno específico ou de uma determinada população ao passo que também é capaz de estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza. Para ele a pesquisa descritiva "Não têm o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação".

Consideração interessante é a de Mattar (1999, p. 45) para quem esse tipo de pesquisa "responderá a questões como: quem, o quê, quando e onde", ressaltando a inter-relação entre diferentes aspectos do trabalho de pesquisa. Para ele, a pesquisa descritiva é adequada quando o propósito do estudo for descrever características de grupos, estimar a proporção de elementos com determinadas características ou comportamentos em uma determinada população e investigar a existência de relação entre variáveis.

Para Oliveira (2002, p. 114-115) a realização de um estudo descritivo "possibilita o desenvolvimento de um nível de análise em que se permite identificar as diferentes formas dos fenômenos, sua ordenação e classificação". Para o autor, este tipo de estudo dá margem também a explicação das relações de causa e efeito dos fenômenos permitindo a obtenção, pelo pesquisador, de uma compreensão mais abrangente sobre o comportamento de diversos fatores e elementos que influenciam determinado fenômeno em que os processos ou os procedimentos para a obtenção dos

dados podem ser praticamente os mesmos da pesquisa quantitativa. No caso específico desta pesquisa, um questionário semi - estruturado.

2. A revisão bibliográfica

É indispensável para quem pretende empreender um trabalho de pesquisa de qualquer natureza, o conhecimento dos documentos existentes sobre o assunto de sua investigação. Por isso, embora seja até certo ponto redundante vale ressaltar que a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já divulgado, a fim de descrever o conhecimento atual a respeito do assunto, pontuando e comparando posicionamentos de diferentes autores, apontando as obras de referência e as instituições que se dedicam ao assunto.

Gil (2008, on-line) observa que esse tipo de pesquisa tem a vantagem de possibilitar que o estudioso tenha informações sobre o tema de pesquisa de uma forma mais abrangente do que teria de outro modo. Para ele:

Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda *per capita*; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não tem maiores obstáculos para contar com as informações requeridas.

Contudo, deve-se observar que as fontes da pesquisa bibliográfica, muitas vezes, apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada, o que pode comprometer o trabalho que reproduz esses erros. Para Gil (2008, on-line):

Para reduzir essa possibilidade, convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-as cuidadosamente.

3. A pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa pode fornecer elementos para a compreensão das percepções e dos valores que as pessoas alimentam. As pesquisas qualitativas são exploratórias e permitem que os informantes se expressem de forma que o pesquisador

possa identificar alguns aspectos subjetivos. Esse tipo de pesquisa é utilizado quando se busca a percepção e o entendimento sobre a natureza geral de uma questão, abrindo espaço para o entendimento de questões que não estão explícitas.

Em diversas áreas do conhecimento, a pesquisa qualitativa, apesar de ter sido utilizada com regularidade por antropólogos e sociólogos, só começou a ganhar espaço a partir da década de 1970 (Godoy, 1995). A autora destaca que sob a denominação de pesquisa qualitativa se aglutinam diferentes tipos de investigação, apoiados em diferentes pressupostos teóricos e metodológicos. Para Minayo, é uma abordagem que:

(...) incorpora a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento, quanto na sua transformação como construções humanas significativas (MINAYO, 2004, p. 10).

Enquanto os métodos quantitativos se apóiam sobre o pensamento positivista, os métodos qualitativos têm orientação contrária, pois seguem uma orientação interpretativa. Dessa forma, a objetividade dá lugar à subjetividade para propiciar a ampliação das possibilidades de estudo. Além disso, é necessário considerar ainda que os estudos qualitativos são capazes de indicar as diferentes relações existentes entre as diversas variáveis. Neves (1996, p. 01) considera que a pesquisa qualitativa é “um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social”.

4. A análise quantitativa com viés qualitativo

Os trabalhos que utilizam a pesquisa quantitativa como caminho metodológico se referem a processos que não se prendem à mensuração da realidade observada. Esta mensuração, todavia, prende-se ao desejo humano de compreender e explicar o mundo que o cerca, tanto com relação aos fenômenos naturais como aos sociais.

Os trabalhos de natureza quantitativa, quando sustentados por um método, permitem uma visão ordenada do mundo que, embora não se constitua em sua essência última, a refletem. Senra (1989, p. 10) nos fornece uma contextualização que explica adequadamente essa problemática quando afirma que embora possa haver algum

conhecimento acumulado a respeito do assunto, a mensuração apresenta outras possibilidades de análise. Para o autor:

A pesquisa tem início quando alguém (...) sente a necessidade de que se produza uma medida para algum fenômeno. Nesse primeiro instante, concretamente haverá uma motivação, a justificativa da necessidade sentida. Mas poderá haver, eventualmente, um certo conhecimento do contorno teórico da medida desejada.

A pesquisa quantitativa busca a mensuração das informações para que os resultados sejam medidas confiáveis da realidade. É uma metodologia que permite a adoção de procedimentos matemáticos/estatísticos. A pesquisa quantitativa utiliza instrumentos específicos, capazes de estabelecer relações e causas que consideram as quantidades. Com a adoção de tais procedimentos, os resultados obtidos podem ser generalizados, isto é, projetados para o todo. Ela é especialmente indicada para gerar medidas aproximadas da realidade.

Vale lembrar que a pesquisa quantitativa não exclui a adoção de procedimentos qualitativos. As noções de qualitativo e quantitativo, quando excludentes, limitam a compreensão dos fatos nos processos de avaliação, ressaltando o efeito de redução da realidade.

Consideramos que qualquer representação da realidade social já é redutora, sendo assim, as representações que se limitam a uma só forma de enxergar seu objeto, dificultam a análise. Neste sentido os dados levantados quantitativamente serão analisados também de forma qualitativa. Turato (2003, p. 411) define a utilidade deste tipo de análise como sendo do tipo “do conteúdo qualitativo para teorização” onde esta técnica de análise de dados tem como objetivo “procurar produzir indutivamente uma teorização sobre um fenômeno cultural, social ou psicológico, conceituando e colocando em relação progressiva e válida os dados empíricos qualitativos”.

5. Determinação da população

Triola (1998, p. 3) esclarece que “população é uma coleção completa de todos os elementos a serem estudados”, “é um conjunto de elementos com uma ou mais características em comum”. Sendo assim, o grupo de informação desta pesquisa é

composto pela população dos estudantes universitários dos cursos relacionados à área de computação e informática de uma instituição particular do município de São Paulo. A escolha de tal população se deu devido ao fato de que a presente pesquisa tem como foco o uso da Internet e o comportamento sexual e, portanto, os informantes da pesquisa devem ter afinidade com a tecnologia que envolve o uso da Internet, ter acesso a Internet e também ser maiores de 18 anos, características condizentes com os estudantes universitários de tais cursos. Esta população foi escolhida também porque, além de ser familiarizada com o uso da Internet, oferece a possibilidade de a análise dos dados auxiliar a organização dos resultados por atributos referentes a sexo, idade, opção sexual, etc.

5.1 Determinação da amostra

A amostra é um subgrupo da população selecionado para participar do estudo. As técnicas de seleção da amostra são classificadas em probabilística e não probabilística.

Na amostragem probabilística, cada elemento da população tem a mesma chance de ser incluído, pois são escolhidos ao acaso. Mattar (1996, p. 132) aponta que a amostragem probabilística é aquela em que cada elemento da população tem a mesma chance de ser selecionado, pois são incluídos na amostra por meio de um sorteio. Mattar (1996, p. 133-138) aponta que a amostragem probabilística pode ser classificada pelas seguintes técnicas:

- a) **Amostragem aleatória simples:** processo realizado numerando-se os elementos da população e sorteando-se, de forma aleatória uma determinada quantidade de números dessa seqüência, que são os elementos que farão parte da amostra.
- b) **Amostragem estratificada:** utilizada quando a população possui características que permitem a criação de subconjuntos. Para o sorteio, tais características são levadas em conta a fim de que a amostra seja representativa desses subconjuntos.

- c) **Amostragem sistemática:** utilizada em populações que têm os elementos ordenados em que não há necessidade de se construir, previamente, um sistema de referência. Sendo assim, a seleção dos elementos da amostra pode ser feita por um sistema criado pelo próprio pesquisador.
- d) **Amostragem por conglomerados:** utilizada quando o pesquisador tem que lidar com uma extrema dificuldade de identificação dos elementos da população mas, porém, pode ser relativamente fácil dividir a população em subgrupos (conglomerados) heterogêneos que sejam representativos da população global.

Já a amostragem não probabilística é composta por técnicas em que há uma escolha deliberada dos elementos da população, mas esta escolha não permite generalizar os resultados das pesquisas para a população, pois as amostras selecionadas não garantem a sua representatividade junto a população total. Malhotra (2001, p. 305), ao tratar do tema, afirma que “a amostragem não probabilística pode oferecer boas estimativas das características da população” embora não permita uma avaliação da precisão amostral, já que “as estimativas obtidas não são estatisticamente projetáveis sobre a população”. Malhotra (2001, p. 306-308) classifica as técnicas não probabilísticas como:

- a) **Amostragem acidental:** utilizada em pesquisas de opinião em que a construção da amostragem se dá com a seleção dos elementos que vão aparecendo, ou seja, os participantes são acidentalmente escolhidos. O autor (2001, p. 306) exemplifica a utilização desta técnica em pesquisas com: “(1) estudantes, grupos de igrejas e membros de organizações sociais, (2) entrevistas em centros comerciais, (3) lojas de departamentos, (4) questionários destacáveis incluídos em revistas, (5) entrevistas com pessoas de rua”.
- b) **Amostragem intencional ou por julgamento:** de acordo com determinado critério, é escolhido intencionalmente um grupo de elementos que comporão a amostra. O pesquisador se dirige intencionalmente a grupos de elementos dos quais deseja saber a opinião. Para Malhotra (2001, p. 307)

“a amostragem por julgamento é uma forma de amostragem por conveniência em que os elementos da população são selecionados com base no julgamento do pesquisador”.

- c) **Amostragem por quotas ou proporcional:** técnica considerada como uma amostragem intencional em dois estágios. Para Malhotra (2001, p.307) no primeiro destes estágios se estabelecem categorias ou quotas de controle dos elementos da população, relacionando suas características relevantes tais como sexo, idade, escolaridade, etc. Isto tem como objetivo que as quotas sejam atribuídas de modo que a proporção de elementos da amostra que possuem as características de controle venha a ser a mesma que a proporção de elementos da população com as mesmas características. Para a realização do segundo estágio, os elementos da amostra serão selecionados tendo como base as técnicas de conveniência, de julgamento ou mesmo levando-se em conta a experiência do pesquisador, já que, depois de atribuídas as quotas, o pesquisador tem a liberdade de escolher os elementos que dela farão parte sendo que, para isso, a única exigência é que os elementos escolhidos sejam adequados às características de controle.

Sendo assim, para a determinação de nossa amostragem, procedemos as seguintes fases:

- a) Estudantes de nível superior de uma determinada Instituição de Nível Superior da cidade de São Paulo: neste momento utilizamos a técnica de amostragem denominada de “amostra de oportunidade”.
- b) Escolha das instituições de ensino: para esta fase da seleção da amostragem utilizamos o critério de seleção não probabilístico da amostra intencional ou por julgamento em que, para garantir a possibilidade de que alunos dos cursos superiores ligados às áreas de computação e informática residentes em toda grande São Paulo participassem da pesquisa julgamos

que as instituições aptas à participar da pesquisa deveriam obedecer aos seguintes critérios:

- i. Fosse uma instituição particular já que, segundo dados do Ministério da Educação e Cultura, 85% por cento dos alunos Cursos de Ensino Superior estavam matriculados, em 2002, neste tipo de Instituição (SEMESP, 2005, p. 7). Outro fator determinante para a inclusão deste critério foi que, na cidade de São Paulo temos, segundo informações do Cadastro das Instituições de Educação Superior do MEC, 170 instituições de Ensino Superior das quais 164 são instituições particulares.
- ii. Tivesse unidades em regiões distintas na cidade de São Paulo, de preferência uma unidade em cada região (norte, sul, leste e oeste);
- iii. Se localizasse em um perímetro de até 15 km a partir do centro da cidade de São Paulo (para se obter uma amostra urbana);
- iv. Mantivesse em todas suas unidades os mesmos cursos ligados às áreas de Computação e Informática;
- v. Tivesse um quadro de alunos representativo em cada um destas unidades, para que não houvesse grandes distorções quanto ao número de participantes de uma região específica da Cidade de São Paulo;

Para seleção, pela amostragem acidental ou por conveniência, das Instituições de ensino que se encaixassem em nossos parâmetros foram realizadas consultas aos seguintes sites:

- a) **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira** – Inep (<http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/>)
- b)): autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação, cuja missão é promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o sistema educacional brasileiro, subsidiando a formulação e implementação de políticas públicas para a área educacional, a partir de parâmetros de qualidade e

equidade, bem como produzir informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral;

- c) Censo da Educação Superior** (<http://www.inep.gov.br/superior/censosuperior/>); site que apresenta os resultados anuais da coleta de dados realizada pelo Inep sobre a educação superior do Brasil. Tais resultados têm o objetivo de oferecer informações detalhadas a respeito da situação atual e das grandes tendências do setor, tanto em relação à comunidade acadêmica quanto à sociedade em geral;
- d) Sistema Integrado de Informações da Educação Superior – SIEDSup** (<http://www.ensinosuperior.inep.gov.br/>): site que oferece uma base de informações que permite conhecer o sistema brasileiro de Educação Superior, acompanhá-lo e avaliá-lo. O site também disponibiliza informações sobre as Instituições de Ensino superior e seus cursos, os resultados que obtiveram nos processos oficiais de avaliação e seus principais indicadores educacionais;
- e) Cadastro das Instituições de Educação Superior do MEC** ([http://www.semesp.org.br/portal/index.php?p=ies_associadas®iao=SãO%20PAULO](http://www.semesp.org.br/portal/index.php?p=ies_associadas®iao=S%C3%A3o%20PAULO))
- f) Sindicato das Entidades Mantenedoras de Ensino Superior no Estado de São Paulo – SEMESP** (www.semesp.org.br/): a entidade disponibiliza um dos mais completos conteúdos da área educacional, destacando as informações geradas por suas assessorias. O portal SEMESP mantém link com todas as mantenedoras do Estado de São Paulo, com o Ministério da Educação (MEC) e seus principais órgãos normativos, agilizando a busca por informações precisas.

Após estes levantamentos iniciais, selecionamos as instituições que se encaixassem em nossos parâmetros e, após contatos iniciais, marcamos reuniões com cada uma delas para explicar nossa pesquisa. Neste momento foi grande nossa

decepção pois, mesmo sem conhecer a pesquisa, uma grande maioria nos informou que não permitia pesquisas de outras instituições realizadas nas suas dependências.

As instituições que concordaram em nos receber marcaram as reuniões em que foi explicado os objetivos da pesquisa, qual seria a metodologia aplicada e também puderam conhecer o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o instrumento de levantamento de dados (questionário) que seriam aplicados caso concordassem com a realização da pesquisa.

Após uma longa espera e diversos contatos, infelizmente nenhuma das instituições que nos receberam autorizaram a realização da pesquisa no interior de suas unidades já que, segundo os responsáveis por estas instituições:

- a) o assunto da pesquisa (sexo e Internet), poderia causar constrangimento aos alunos ou até mesmo gerar discussões e reclamações dos próprios alunos, de seus pais e responsáveis;
- b) O instrumento utilizado na pesquisa continha questões de cunho íntimo que não deveriam ser tratados em um local (sala de aula) que tem como objetivo maior o ensino e a aprendizagem.
- c) A criação de uma possível situação embaraçosa, caso o nome da instituição ficasse articulado ao número de alunos que ali estudam e que têm comportamento sexual considerado como “fora dos padrões” (gays, lésbicas, bissexuais, que fazem sexo com desconhecidos, sexo sem proteção, sexo sob efeito de drogas ou álcool, sexo compulsivo, etc).

Apesar de todas as dificuldades iniciais apresentadas, uma instituição previamente selecionada a partir dos critérios apresentados, mesmo não permitindo nosso acesso ao interior da instituição para aplicação da pesquisa, gentilmente concordou em colaborar com nosso trabalho fornecendo informações atuais² (1º semestre de 2009) sobre os totais de cursos e de alunos ligados aos cursos de computação e informática (8470 alunos), devidamente divididos por unidade para que

² As informações encontradas pelo pesquisador no site do INEP por meio do site do Sistema Integrado de Informações da Educação Superior – SIEdSup (<http://www.ensinosuperior.inep.gov.br>) referentes ao número de alunos e de cursos das instituições de ensino superior na Cidade de São Paulo são referentes ao Censo de 2006.

podéssemos, assim, proceder aos cálculos estatísticos que nos permitissem determinar um número de participantes que fosse representativo à nossa população.

Para seleção dos participantes a quem aplicamos o questionário utilizamos da técnica probabilística de amostragem estratificada para dividirmos os alunos por unidade (quatro no total) e por períodos (matutino e noturno). Pela impossibilidade de acesso ao interior da instituição, nosso trabalho de coleta de dados ocorreu de forma presencial, na área externa à entrada dos estudantes nas unidades da instituição, no horário que antecede a entrada e os intervalos dos alunos. Ao aluno abordado foi perguntado que curso que ele freqüentava. Os que se declararam alunos de cursos ligados à computação ou informática que concordaram em assinar o TCLE e participar da pesquisa, receberam os questionários de coleta de dados. Para garantir a oportunidade de participação de todos os alunos dos cursos ligados a computação e informática daquela unidade, utilizamos um elemento da técnica de amostragem sistemática, de cunho probabilístico que consistiu deixar passar 4 alunos que responderam ser dos cursos ligados a área de Computação e Informática. O quinto aluno que se encaixou em nosso perfil, foi convidado a participar da pesquisa, independente de sexo, idade, etc. Caso este quinto aluno não concordasse em participar, foi convidado o seguinte, sucessivamente.

5.2 O cálculo do tamanho da amostra

Richardson (1999, p. 168) aponta que “nas pesquisas sociais não se admite erros de estimação maiores de 6%” e que “usualmente se trabalha com um erro entre 4 e 5%”. Neste sentido, conforme parâmetros apresentados na tabela 1, sendo a nossa população 8470 (oito mil, quatrocentos e setenta) alunos, estimamos nossa amostra em 5% deste total ou seja, 424 (quatrocentos e vinte e quatro) alunos respondentes, o que nos permite afirmar que estaríamos com erro de estimação situando-se entre 4% e 5%, com coeficiente de confiança de 95,5%.

Sendo assim, com nossa amostra devidamente determinada, buscamos selecioná-los proporcionalmente pelas 4 unidades da Instituição selecionada (tabela 4)

e pelos períodos matutino e noturno, conforme descrição do trabalho de campo apresentado a seguir.

Tabela 3 - Amplitude da amostra com margem de erro

Amplitude da população (universo)	Amplitude da amostra com as margens de erro acima indicadas					
	± 1%	± 2%	± 3%	± 4%	± 5%	± 10%
.....	-	-	-	-	222	83
1000	-	-	-	385	286	91
1500	-	-	638	441	316	94
2000	-	-	714	476	333	95
2500	-	1250	769	500	345	96
3000	-	1364	811	517	353	97
3500	-	1458	843	530	359	97
4000	-	1538	870	541	364	98
4500	-	1607	891	549	367	98
5000	-	1667	909	556	370	98
6000	-	1765	938	566	375	98
7000	-	1842	949	574	378	99
8000	-	1905	976	480	381	99
9000	-	1957	989	584	383	99
10000	5000	2000	1000	488	383	99
15000	6000	2143	1034	600	390	99
20000	6667	2222	1053	606	392	100
25000	7143	2273	1064	610	394	100
50000	8333	2381	1087	617	397	100
100000	9091	2439	1099	621	398	100
∞	10000	2500	1111	625	400	100

Tabela 7: Tabela para determinar a amplitude de uma amostra tirada de uma população finita com margens de erro de 1%, 2%, 3%, 4%, 5% e 10% na hipótese de p= 0,5. Coeficiente de confiança de 95,5%.

Fonte: Arkin, H; Colton, R. apud (GIL, 2002, p.124).

**Tabela 4 - Total de alunos
(divididos por unidade – Cidade de São Paulo)**

Unidade	Total de alunos	Participantes 5%
01	3596	180
02	1243	62
03	1844	92
04	1787	90
Total Final	8470	424

6. O trabalho de campo

Para Godoy (apud Sanches, 2006, p. 134) o trabalho de campo é um aspecto da pesquisa “exploratório por natureza”, o que vem de encontro aos objetivos de nossa pesquisa e, portanto, é muito importante para garantir a qualidade dos dados obtidos com a aplicação do instrumento de levantamento de dados à nossa amostragem, idéia

esta que encontra respaldo na opinião de Sanches (2006, p. 34) no momento em que a autora afirma que “o trabalho de campo é uma fase importante da pesquisa, consiste na aquisição dos dados junto ao grupo de interesse do pesquisador, é o processo pelo qual o estudioso entra em contato com o grupo que deseja investigar”.

Malhotra (2004, p.365) aponta ainda que toda coleta de dados exige sempre o uso de alguma força de campo já que a qualidade do trabalho de campo está intimamente ligado à eficiência e ao grau de controle de todo o processo de coleta de dados e, por isso, traçamos o seguinte cronograma de aplicação para nosso trabalho de campo, devidamente organizado e dividido por Unidade da Instituição selecionada e horário de entrada dos alunos (matutino e noturno) .

Tabela 5 – Descrição do Trabalho de Campo

Unidade 1 da Instituição - Período Matutino	
Data	Horário³
04 a 08 de maio de 2009	08 h às 12 h
01 a 05 de junho de 2009	08 h às 12 h
03 a 07 de agosto de 2009	08 h às 12 h
Unidade 1 da Instituição - Período Noturno	
Data	Horário⁴
04 a 08 de maio de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min
01 a 05 de junho de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min
03 a 07 de agosto de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min
Unidade 2 da Instituição - Período Matutino	
Data	Horário
11 a 15 de maio de 2009	08 h às 12 h
08 a 12 de junho de 2009	08 h às 12 h

³ No período da manhã, os alunos são convidados a participar da pesquisa nos momentos da entrada, do intervalo e da saída.

⁴ No período da noite, os alunos são convidados a participar da pesquisa nos momentos da entrada e do intervalo. Não são abordados no horário da saída, por volta das 23 h, pois além de perigoso, muitos residem em locais distantes e estão cansados após um dia de trabalho e estudos.

10 a 14 de agosto de 2009	08 h às 12 h
---------------------------	--------------

Unidade 2 da Instituição - Período Noturno

Data	Horário
11 a 15 de maio de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min
08 a 12 de junho de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min
10 a 14 de agosto de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min

Unidade 3 da Instituição - Período Matutino

Data	Horário
18 a 23 de maio de 2009	08 h às 12 h
15 a 19 de junho de 2009	08 h às 12 h
17 a 21 de agosto de 2009	08 h às 12 h

Unidade 3 da Instituição - Período Noturno

Data	Horário
18 a 23 de maio de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min
15 a 19 de junho de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min
17 a 21 de agosto de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min

Unidade 4 da Instituição - Período Matutino

Data	Horário
25 a 29 de maio de 2009	08 h às 12 h
22 a 26 de junho de 2009	08 h às 12 h
24 a 28 de agosto de 2009	08 h às 12 h

Unidade 4 da Instituição - Período Noturno

Data	Horário
25 a 29 de maio de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min
22 a 26 de junho de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min
24 a 28 de agosto de 2009	18 h 30 min às 21 h 30 min

7. Os procedimentos necessários à coleta de dados

Os procedimentos que envolvem a participação na pesquisa devem contemplar a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, indispensável a

pesquisas que envolvem seres humanos mesmo que somente submetidos a questionários, conforme determina a **Resolução nº 1/88 do CNS** - Conselho Nacional de Saúde do Brasil. Sendo assim, antes de iniciar a pesquisa, o participante será informado sobre o termo e, se estiver de acordo, receberá o instrumento de coleta de dados. Caso o participante declare que não está de acordo, estará desobrigado a participar da pesquisa.

Os questionários não terão a identificação dos alunos e as respostas serão lançadas em um sistema, tornando impossível a identificação das escolhas do informante e garantindo seu anonimato. A qualquer momento o participante poderá desistir de participar da pesquisa e, nestes casos, os questionários não serão utilizados na pesquisa.

7.1 Descrição apropriada dos desconfortos e riscos possíveis causados aos sujeitos

O informante, antes de ter contato com o questionário, foi devidamente cientificado no TCLE (ANEXO I) de que não correria nenhum tipo de risco à sua integridade física, moral e mental decorrente de sua participação na pesquisa. Foi ainda esclarecido que os riscos decorrentes de sua participação eram inexistentes e foi, ainda, informado a respeito:

- 1- Dos objetivos do trabalho, os resultados que se pretende alcançar e a relevância social do trabalho;
- 2- Das datas de início e término do trabalho, bem como a forma como a pesquisa foi conduzida e as estratégias usadas e o tipo de contribuição que ele ofereceria.
- 3- Da inexistência de riscos e incômodos decorrentes de sua participação já que responderia de livre e espontânea vontade, como voluntário(a) e que o fato de que, por não precisar se identificar, seu anonimato estaria garantido;
- 4- Da inexistência de riscos à sua saúde física, moral e mental, o que justificava a ausência de qualquer tipo de apoio, acompanhamento ou assistência;
- 5- Dos benefícios esperados com sua participação, mesmo que não diretamente;

- 6- Da destinação dos resultados finais do trabalho que se tornariam públicos em anais de congressos e outras publicações de caráter científico ou de divulgação massiva;
- 7- Da liberdade de lhe serem fornecidos esclarecimentos sobre as etapas do trabalho;
- 8- Da impossibilidade de ser submetido a qualquer tipo de exames físicos, procedimentos clínicos ou ao uso de medicamentos de qualquer espécie;
- 9- Da liberdade de solicitar a retirada de sua contribuição, recusando-se a continuar participando da pesquisa e que também poderia retirar seu consentimento, sem que isso redunde em qualquer penalidade, dano ou prejuízo, bastando para isso, entrar em contato com o pesquisador cujo endereço, telefone e e-mail se encontravam ao final do TCLE;
- 10- De seu anonimato, já que as informações do TCLE receberam apenas um número o que impossibilitava a sua identificação;
- 11- Das garantias de ser indenizado por qualquer despesa e por todos os danos que viesse a sofrer decorrentes da participação nesse trabalho.

8. A elaboração do instrumento de campo

Para atender os objetivos do trabalho, estabeleceu-se a exigência de um questionário que, para Chagas (2000, on-line),

(...) é tão somente um conjunto de questões, feito para gerar os dados necessários para se atingir os objetivos do projeto. Embora (...) nem todos os projetos de pesquisa utilizem essa forma de instrumento de coleta de dados, o questionário é muito importante na pesquisa científica, especialmente nas ciências sociais. (...) construir questionários não é uma tarefa fácil e aplicar tempo e esforço adequados para a construção do questionário é uma necessidade, um fator de diferenciação favorável. Não existe uma metodologia padrão para o projeto de questionários, porém existem recomendações de diversos autores com relação a essa importante tarefa no processo de pesquisa científica.

Considerando-se a importância e as dificuldades envolvidas neste momento da pesquisa a metodologia adotada para a construção de nosso questionário teve influência dos estudos de Young (1997), Prado (1998) e Malhotra (2004), com

apresentação e agradecimentos, perguntas e opções de resposta, dividido em seis blocos:

Bloco A

Idade, sexo, escolarização, área do conhecimento, etc.

Esta parte do questionário tem as primeiras questões que são administrativas, e têm a finalidade de caracterizar o informante para que, na fase de tabulação dos dados, possa-se proceder ao cruzamento destas variáveis com as demais questões. Para Réa e Parker (2000, p. 47) “as primeiras perguntas devem estar relacionadas ao assunto declarado no preâmbulo, mas devem ser relativamente fáceis de responder.”

Bloco B

Uso da Internet

Esta parte do questionário investiga o uso da Internet pelos estudantes participantes da pesquisa, possibilitando a separação entre aqueles que utilizam a Internet com objetivos sexuais daqueles que não a utilizam para este fim.

Bloco C

Uso da Internet com objetivos sexuais

Esta parte do questionário investiga o uso da Internet com objetivos sexuais pelos estudantes participantes da pesquisa, possibilitando a identificação tanto de quais são estas ferramentas quanto da sua forma de utilização. Esta parte também permitirá a separação dos usuários entre aqueles que utilizam a Internet com intuito de conseguir parceiros reais e aqueles que buscam parceiros sexuais “virtuais”.

Bloco D

Comportamento sexual e de risco dos alunos que buscam parceiros sexuais reais na Internet

Esta parte do questionário investiga o comportamento sexual e de risco dos alunos que buscam parceiros sexuais reais na Internet. Entende-se, por comportamento de risco, a conduta sexual da pessoa que pode aumentar ou diminuir a chance de ela ficar doente e transmitir a doença para os outros. No que se refere ao comportamento sexual, os critérios adotados para a realização esta parte do questionário serão baseados nos critérios utilizados pelo IBOPE na última pesquisa sobre o comportamento da população brasileira sexualmente ativa.

Bloco E

Comportamento compulsivo

Esta parte do questionário investigará se o estudante universitário desenvolveu ou não um comportamento compulsivo com relação ao uso da Internet na busca de parceiros sexuais. As questões utilizadas nesta parte do questionário têm como

referência Goldberg (1995), que propõe um conjunto de critérios para o diagnóstico do que se pode chamar de Transtorno de Adicção a Internet, baseado nos mesmos critérios diagnósticos do abuso de substâncias, uma vez que o Uso Compulsivo da Internet ainda não aparece classificado na CID.10 ou no DSM.IV.

8. 1 PRÉ-TESTE DO INSTRUMENTO

A construção do questionário foi uma fase extremamente delicada deste trabalho, que exigiu empenho para fazer acertos diversos. Contudo, nosso esforço encontrou alento nas palavras de Rea e Parker (2000, p. 39) que advertem:

Esteja ciente de que nenhum questionário pode ser considerado ideal para obter todas as informações necessárias a um estudo. Quase todos têm vantagens e falhas. O pesquisador precisa usar de experiência e critério (...) na construção de uma série de perguntas que maximizem as vantagens e minimizem as desvantagens em potencial.

Atentos a tais observações, elaboramos o “embrião” do questionário definitivo como primeiro instrumento de coleta de dados, buscando seguir os conselhos de Chagas (2000, on-line) que, quando trata da construção de questionários, afirma que:

É importante a realização de um pré-teste porque é provável que não se consiga prever todos os problemas e/ou dúvidas que podem surgir durante a aplicação do questionário. Sem o pré-teste, pode haver grande perda de tempo, dinheiro e credibilidade caso se constate algum problema grave com o questionário já na fase de aplicação. Nesse caso o questionário terá que ser refeito e estarão perdidas todas as informações já colhidas.

Procedemos ao pré-teste com uma população composta por alunos de cursos de ensino superior e por usuários de ferramentas de busca de parceiros sexuais na Internet, em um total de 52 pessoas que, voluntariamente, responderam e avaliaram 3 versões diferentes do questionário (de um total de 9 versões elaboradas).

Após o pré-teste do Instrumento, vários participantes questionaram o pesquisador quanto à falta de abordagem com relação ao sexo tido como “Virtual”, ou seja, aquele em que as pessoas não tem contato físico, porém costumam se comunicar via Internet, inclusive por meio de Imagem (fotos e filmes) e som.

A fim de tratar deste item que foi sugerido no pré-teste, inclusive porque vários participantes afirmaram que tinham o hábito dessa prática, inclusive com maior frequência e em maior quantidade do que o “sexo real”, no instrumento de pesquisa foram inseridas questões que pudessem identificar a utilização da Internet para o sexo “virtual”, inclusive no tocante a utilização do envio de fotografias e do uso de *webcams* que permitem uma maior interação entre as pessoas, mas sem incorrer em contato físico real.

Com as informações e observações deste grupo, realizamos as devidas alterações nos questionários, até que chegamos a uma versão final (Anexo II).

CAPÍTULO II - TECNOLOGIA E HISTÓRIA: HOMEM, MÁQUINA E CULTURA

O homem vivenciou três grandes catástrofes ao longo de sua história: a *hominização*, trazida pelo uso das ferramentas de pedra; a *civilização*, criada pela vida em aldeias, com a conseqüente sedentarização; e a terceira catástrofe, *em curso e ainda sem nome*, é marcada pela volta ao nomadismo, pois as casas se tornaram inabitáveis.
(BAITELLO JR).

Para compreender os períodos históricos como sistemas temporais é necessário considerar as influências técnicas que vão forjando as feições de cada época.

Inicialmente, os grupos humanos dispunham de escassos recursos para suprir as necessidades mais imediatas, pois suas técnicas rudimentares forneciam os objetos toscos que ajudavam a assegurar suas condições de subsistência.

Com o passar do tempo, a humanidade foi organizando a produção e a vida social de acordo com as novas técnicas que ia desenvolvendo. Dessa forma, surgiam objetos cada vez mais sofisticados que, adicionados à vida diária, eram usados para diferentes finalidades e, em seu conjunto, passaram a configurar sistemas intrincados. Flusser considera que essa relação com a técnica é inerente à própria natureza simbólica do homem, pois considera que ao longo da história:

As coisas representavam algo, eram símbolos de algo, e era possível adorar esse algo atrás das coisas. Os instrumentos representam, no melhor dos casos, o trabalho manipulador da existência humana, e a única coisa que é possível adorar nos instrumentos é o trabalho humano atrás deles. (...) Dada essa nossa situação, compreendem-se as tentativas de uma reconquista do espanto, que são, no fundo, tentativas de dar significação à existência humana pela procura deliberada de uma segunda ingenuidade (FLUSSER, 2002a, p. 96).

Assim, essa natureza simbólica do homem imprime, a cada técnica, um novo sistema de objetos e acarreta modificações na vida das sociedades que, ao longo do tempo, passaram a se distinguir uma das outras pelo maior ou menor número de sistemas que possui e que assegura o poder e a hegemonia (SANTOS, 1996, p. 85).

Dessa forma, desde seus primórdios, a Humanidade atravessa um processo acelerado de profundas transformações: da sociedade agrícola para a sociedade industrial. E, daí para o desenvolvimento de novos equipamentos que configuram a era

da informação, o comportamento se transforma e adquire as novas dimensões que suas ferramentas tecnológicas impõem.

Essas mudanças comportamentais ocorrem na vida cotidiana, na maioria das vezes sem que os indivíduos se apercebam de suas reais implicações. Comumente, configuram-se em *flash backs* e somente alguns poucos percebem as transformações que o emprego de novas tecnologias acarreta. Cada geração lida com a técnica de um modo diferente, mas é essa relação do homem com as ferramentas que caracteriza a história da humanidade.

Contudo, é somente a partir da II Guerra Mundial que essas mudanças que envolvem homens e ferramentas se tornam radicais, pois as ferramentas evoluem para máquinas tecnicamente cada vez mais sofisticadas. A sociedade mercantil originou a industrial que evoluiu para a informacional e, para entender a era em que vivemos, é necessário levar em conta o papel da ciência, da tecnologia e da informação que moldam um cotidiano no qual o homem se move intermediado pelos objetos técnicos organizados em sistemas que afetam e influenciam o comportamento em todos os setores da vida.

Atualmente, é possível afirmar que os próximos anos prometem alterações ainda mais intensas. Os avanços, principalmente os relacionados à informática, às comunicações, aos materiais e à biotecnologia multiplicam-se em velocidade crescente.

A introdução dos meios tecnológicos – como suporte ou instrumento – provoca discussões que atingem os pressupostos usuais, historicamente consolidados e, particularmente, as categorias de espaço e tempo. A evolução das redes, a disseminação dos meios eletrônicos e o advento da sociedade comunicacional têm provocado profundas alterações nas relações interpessoais, nos sistemas de representação e no comportamento humano, exigindo a sua reorganização.

Enquanto se diluem as fronteiras nacionais, pela velocidade e simultaneidade de difusão de informações, as redes informacionais permitem que culturas específicas e mesmo isoladas ganhem o mundo, gerando assim uma polifonia cultural inédita que caracteriza a sociedade globalizada.

De acordo com De Fleur (1993, p. 78), nessas sociedades, informação e conhecimento substituem capitais físicos e financeiros, tornando-se vantagens

competitivas nos mercados de capitais, ao passo que a inteligência criadora constitui a riqueza dessa nova sociedade.

Contudo, a globalização, ao mesmo tempo em que proporciona a banalização da invenção, não patrocina a banalização do conhecimento, na medida em que os relacionamentos não acontecem somente na esfera do humano, mas também compreendem híbridos coletivos, tais como: homem-homem, homem-máquina e máquina-máquina.

De acordo com De Fleur (1993, p. 85), ao mesmo tempo em que avança essa realidade, os grupos sociais experimentam alterações de parâmetros, como a automação do trabalho, o aceleração generalizado da indústria de serviços, a força de trabalho com um crescimento acentuado na liderança das mulheres. Em suas considerações a respeito da influência que a tecnologia causa sobre o comportamento do homem o autor questiona:

Qual foi o impacto causado pelos veículos de comunicação sobre a sociedade? Que influência exerceram eles sobre os processos psicológicos, comportamentos manifestos ou culturas normativas dos indivíduos entre os quais se expandiram? (DEFLEUR, 1976, p. 78)

Para o autor, a todo esse questionamento somam-se ainda as transformações demográficas substanciais, devidas à queda nas taxas de nascimento, o aumento na expectativa de vida da população mundial e a substituição do eixo geográfico da economia, antes centrada em matérias-primas e bens de capital, hoje concentrada em informações e conhecimentos, particularmente em pesquisa e educação.

Os mercados que mais se expandem atualmente são os de serviços e, dentre estes, os de cultura e entretenimento. E as pesquisas apontam para uma demanda jamais vista, em qualquer área, voltada aos produtos da cultura: o mundo tem se preocupado mais com educação e bens culturais (MALAGODI e CESNIK, 1998, p. 43).

Ao mesmo tempo em que crescem os investimentos em educação, multiplica-se a demanda por produtos culturais, e por toda a gama de bens e serviços que satisfazem à crescente necessidade de lazer e conhecimento. Conforme De Fleur, os índices de

analfabetismo despencam em várias partes do mundo e cresce o número de profissionais com nível universitário.

Nesse contexto, as novas tecnologias permitem ao homem a liberdade para o relacionamento, e a aquisição de cultura e divertimento adquire novas proporções que podem acarretar uma configuração em que os processos de exclusão fiquem cada vez mais acirrados, já que se pode ter a falsa impressão de que qualquer ação necessita ser intermediada pelos meios tecnológicos para ser considerada avançada.

Conforme PROCHET (1999), nessa linha de raciocínio, o fenômeno da globalização altera a equação tempo *versus* espaço⁵ e o sonho de uma equiparação econômica e social entre países e localidades apresenta suas limitações, porque a globalização permite a uma minoria os confortos desta condição e impõe a maioria à exclusão.

Essa é, todavia, uma polêmica emergente distante de um desfecho. Contudo, o que se tem como certo é a constatação de que o processo de padronização cultural pelo qual passa o planeta não tem retorno: a relação homem no mundo é mediada pelas tecnologias e somente permite a progressão, pois é uma linha contínua na qual não existe a possibilidade de retroceder e as trocas, nesse âmbito, são de infinitas possibilidades e os desejos adquirem amplitudes inéditas.

É nesse cenário que o homem da atualidade se move. Por isso, para interagir com o mundo, com os outros homens e consigo mesmo, ele necessita da intermediação desses sistemas de objetos que moldam a vida. Dessa forma, o indivíduo tem todos os seus relacionamentos aprisionados nessa intermediação, indispensável à sua existência que fica impossibilitada de relações sem intermediação. Essa intermediação privilegia alguns aspectos em detrimento de outros e mutila a totalidade.

1. As raízes da relação homem-máquina

Pela natureza deste trabalho, percebeu-se a necessidade de proceder a um breve resgate bibliográfico a respeito da relação do homem com a máquina a fim de

⁵ O início simbólico da globalização é datado em 25/12/1991, quando, oficialmente, o capitalismo de Estado foi extinto, a partir da dissolução da URSS.

melhor contextualizar nosso foco de investigação e encontrarmos as bases que indicam os pontos de ruptura que apontam para novas atitudes nas sociedades mediadas pela tecnologia. Pierre Levy, que se dedica a esta temática, em suas reflexões ponderou que não se deve considerar uma separação entre o homem e a máquina, uma vez que ambos se confundem e que a máquina é uma criação do homem. Para ele:

Como a oposição entre o homem e a máquina poderia ser tão radical? O recorte pertinente não passa pela sociedade dos humanos de um lado, e a raça de máquinas de outro. Toda a eficácia de um e a própria natureza do outro se devem a esta interconexão, esta aliança de uma espécie animal com um número indefinido, sempre crescente, de artefatos, estes cruzamentos, estas construções de coletivos híbridos e de circuitos crescentes de complexidade, colocando sempre em jogo mais vastas, ou mais ínfimas, ou mais fulgurantes porções do universo (LEVY, 1993, p. 191).

Adjacente a essa reflexão é necessário o exame dos novos deslocamentos do conhecimento e as consequências produzidas pelo uso da Internet, por exemplo. Por consequência, esse retorno à natureza da relação homem-máquina remete a um processo desencadeador, no qual é possível incluir visão crítica sobre as tecnologias, gerando uma expressão social emergente e de atuação que pode auxiliar na percepção das mudanças comportamentais ocasionadas pelas novas tecnologias.

A sociedade que emerge no período pós-revolução industrial apresenta um nível de complexidade mais intenso do que o sistema tradicional e estável em vigor até o fim do século XIX, no qual os indivíduos sociais estão intimamente ligados uns aos outros. Vale recordar que, em meados do século XX, o mundo passa por célebres transformações. Nessa nova conformação, os indivíduos estão socialmente isolados, criando uma malha social intrínseca e heterogênea. Simultaneamente, na medida em que cresce a individualidade, aumenta, em contrapartida, a alienação desse indivíduo, transformando as relações sociais em segmentárias e contratuais, além da ocorrência de um grave isolamento psicológico e humano.

O advento da I Guerra Mundial (1914-1918) questiona intensamente o modelo de organização da sociedade industrial. A divisão do trabalho e a resultante heterogeneidade e individualidade que possibilitam a existência dessa nova sociedade constitui-se em problema, uma vez que a capacidade fabril de cada nação passa a ser a

medida da riqueza de cada lugar. Em decorrência desse novo balizador de riqueza, as populações civis se veem envolvidas nos “esforços de guerra”, isto é, até aquele momento as guerras acontecem com certo afastamento das populações civis, porém a “guerra total” envolve todo o corpo social das nações envolvidas na disputa. Os exércitos nos campos de batalha apóiam-se e são totalmente dependentes dos vastos complexos industriais dos respectivos países. Ao mesmo tempo, exige-se das populações civis a cooperação devotada e irrestrita (DE FLEUR, 1993, p.32).

Para Levy, de acordo com o comprometimento político, no qual cada nação se envolve ao longo do conflito, a necessidade de forjar vínculos que unissem a sociedade aos indivíduos cresce e se torna algo emergente. Torna-se imprescindível mobilizar sentimentos e lealdades, motivar o ódio e o medo contra o inimigo, manter o moral elevado diante das privações e captar energias em uma efetiva contribuição para a nação.

O autor considera ainda que a propaganda surge, nesse contexto, como a solução imediata. A nação mergulhada em noticiários, fotos, filmes, discos, discursos, livros, sermões, cartazes, mensagens telegráficas, boatos, avisos em murais e panfletos está movida por um único objetivo. Todos os veículos de comunicação estão centrados em alimentar o profundo repúdio do cidadão comum por seu inimigo e amor inabalável a sua pátria. Os veículos de comunicação disponíveis tornam-se, assim, os principais instrumentos para persuadir as populações. A comunicação em escala industrial usa dessa tecnologia como instrumento de mediação entre os agentes sociais.

A tecnologia de guerra impulsiona o aperfeiçoamento técnico desses veículos de comunicação – imprescindíveis para persuasão dos indivíduos, mas também para própria estratégia da guerra. Os lados opostos do duelo utilizam informação, obtida via “espionagem”, para tomarem vantagens no conflito. Nesse contexto, os esforços estão dirigidos ao desenvolvimento das redes de comunicação que, nesse momento, estão configurados em jornais, telégrafos, telefones e rádios.

A II Guerra Mundial (1939-1945), conforme Levy, de certa forma, dá continuidade às questões mal resolvidas da I Guerra e ao desenvolvimento da tecnologia em veículos de comunicação, intensificando os efeitos da comunicação de massa. A carga emocional que atinge o público ganha um novo veículo: o cinema. O

staff nazista usa as telas cinematográficas para realizar propaganda do III Reich, durante o conflito. Milhões de espectadores alemães aderem à causa do Nazismo, principalmente, parcelas da população extremamente jovens que vêm o espetáculo das cenas e sonham com a hegemonia ariana. O cinema, nesse caso, é largamente utilizado como meio educador das massas.

A II Guerra ainda impulsiona o desenvolvimento tecnológico, criando máquinas capazes de computar rapidamente algoritmos matemáticos. Os primeiros protótipos de computadores Univac⁶ e Eniac⁷ são desse período e abrem caminho para a evolução do *chip*, décadas mais tarde, que armazena e processa a informação: a comunicação que interliga tudo (PEDROSO, 2007, p. 31).

No pós-guerra, entre os anos de 1950 e 1970, tem-se uma rápida evolução dos meios de comunicação, passando pelo cinema, pelo rádio, pela propaganda, pela moda, pela televisão e pela música (configurada em *rock*). Esses veículos funcionam diretamente vinculados à cultura popularizada. Na Guerra Fria, o mundo está bipolarizado entre os blocos socialista e capitalista – liderados pela União Soviética e Estados Unidos respectivamente. Os esforços centram-se na disseminação desses dois ideários que utilizam a cultura como instrumento político-econômico e, por decorrência, investem em tecnologias avançadas para a hegemonia de suas ideologias. Nesse momento, as interações entre homens e máquinas já apresentam um panorama jamais visto anteriormente.

Segundo as considerações de Levy, nada superaria a mudança de paradigma representado pelo advento da comunicação homem-máquina-máquina-homem como o advento da Internet. A *web* surge como projeto militar desenvolvido pelos Estados Unidos, ainda na época da Guerra Fria. Nessa ocasião, a Internet (então chamada de

⁶ Em 1951 o censo americano recebeu o primeiro computador de uso civil, o UNIVAC I (UNIVERSAL Automatic Computer), desenvolvido pela Remington Rand. A máquina usava programa armazenado e um compilador. Ocupava 32,5 metros quadrados do escritório e pesava mais de 7,2 toneladas.

⁷ O **Eniac** (Electronic Numerical Integrator Analyzer and Computer), de 1945, tinha 17,468 válvulas e era extremamente grande. Apesar disso, seu processamento é ridículo para os padrões atuais, pois processava 5,000 adições, 357 multiplicações e 38 divisões por segundo, menos até que uma simples calculadora de bolso atual.

ARPANET⁸) é vista como um meio de comunicação seguro, em caso de ataque nuclear e, inicialmente, está restrita aos meios científicos e acadêmicos. Em 1995, seu uso se generaliza e é disponibilizado ao cidadão comum. A rede cria um novo espaço de relacionamento: o ciberespaço ou o espaço virtual. Esse espaço é inovador, possibilitando relações sociais e trocas comerciais – um contexto de virtualidade, para além da materialidade que é característica do mundo físico. Dois ou mais tempos coexistem (o presencial, o virtual e os seus desdobramentos) e o espaço também é subvertido à mesma lógica. Isso representa uma silenciosa alteração no modo de vida dos indivíduos.

Essa passagem tecnológica, do século XX para o XXI, recoloca a questão cultural sob o “ritmo da produção em larga escala” – note-se que não é o mais o alimento ou produtos em linha de produção. Agora, há uma cultura que é produzida em larga escala e que também deve ser consumida através das técnicas de difusão, comunicação e divulgação, ou seja, as mídias se incorporam aos ambientes culturais e proliferam as linguagens simbólicas.

Edgar Morin estende as questões que envolvem o avanço das tecnologias para a “cultura de massas” em seu conhecido estudo: *Cultura de massas no século XX – Espírito do tempo*. O sociólogo francês apresenta as múltiplas dimensões do homem que devem entrar na formulação de uma política de desenvolvimento a médio e longo prazos. O autor pontua que “cultura de massa é em sua natureza, a-nacional, a-estatal, antiacumuladora” (MORIN, 1981, p.166). Isso, em grande parte, acontece porque as tecnologias facilitam uma nova visão e conformação de mundo.

2. Homem/Máquina/Cultura

Para Morin, a cultura, associada ao desenvolvimento técnico ou industrial, cria novas condições de vida singulares, necessidades individuais e, especialmente, impele à incessante procura por bem-estar. Ele afirma que “a cultura de massa universaliza

⁸ “Em 1990, mesmo ano em que o Brasil passou a conectar-se com a rede mundial de computadores, ao lado de Argentina, Áustria, Bélgica, do Chile, da Grécia, da Índia, Irlanda, Coreia, Espanha e Suíça, A ARPANET foi formalmente encerrada. Nascia então a Internet, compreendendo 1.500 sub-redes e 250 mil hosts, pronta para entrar e fazer parte da vida das pessoas comuns” (PINHO, 2003, p. 31)

essas necessidades. Isto significa que a difusão da cultura de massas não resulta apenas da mundialização de uma civilização, ela desenvolve essa mundialização” (ano e página).

A cultura inserida nos desdobramentos da industrialização e das novas tecnologias tem efeitos surpreendentes. No começo do século passado, invenções técnicas associam-se à denominada cultura industrial. Essas técnicas são utilizadas com frequente surpresa de seus inventores. O cinematógrafo, por exemplo, aparelho destinado a registrar o movimento, é absorvido pelo espetáculo, o sonho e o lazer. A dinâmica da visão capitalista desencadeia o desenvolvimento radical da invenção, gerando a indústria do cinema. Contudo, uma vez dado esse impulso, o movimento ultrapassa as estratégias do capitalismo propriamente dito, de acordo com as reflexões de Morin..

Deve lembrar, ainda, que mensagens veiculadas por meios tecnológicos são altamente disseminadas. Surge uma “desterritorialização” e uma “atemporalização” das informações veiculadas por esses meios. Diversos interlocutores e emissores podem estar espalhados em termos geográficos e temporais. É o que acontece, por exemplo, com a TV (hoje, um dos meios de comunicação mais populares) e a Internet que veicula mensagens que podem sair de um ponto de origem indeterminado e serem acrescidas e interpretadas de diversificadas formas. Moles (1976. p. 31) enxerga esse fenômeno de fragmentação da seguinte forma:

(...) o fluxo das comunicações de massa que ocupa grande parte do âmbito de sua vida cotidiana: este constitui uma cultura de mosaico feita de peças e pedaços reunidos em uma simples justaposição temporal, ou leis de frequência. Essa cultura de mosaico se opõe à cultura coerente que propunha a educação clássica que não é senão um elemento estrutural, entre outros, da organização do campo de consciência.

Seria correto, então, dizer que existe uma única cultura global mediada pelas novas tecnologias? Renato Ortiz, em seu texto *Cultura e sociedade no Brasil*, afirma que “há alguns anos atrás, sobretudo na América Latina, dizia-se, por exemplo: isso é coisa de Primeiro Mundo ou que a globalização expressaria apenas face mais visível do neoliberalismo” (1998, p. 30).

Hoje, a problemática que concerne à globalização se impõe com toda sua força embora não exista um consenso em como analisá-la. Um dos pontos polêmicos seria como caracterizá-la.

O autor assinala, ainda (1988, p. 31) o fator mudança: “embora o processo de globalização encontre suas raízes no passado, particularmente no momento de emergência de uma sociedade industrial, não resta dúvida de que a moldura das sociedades contemporâneas mudou”. Para Ortiz, não se trata de uma “revolução”, mas a configuração das sociedades contemporâneas é distinta. Elementos novos redefinem o contexto das sociedades e das culturas contemporâneas. Flexibilidade da economia, transformações tecnológicas, abrangência planetária dos meios de comunicações, desterritorialização das identidades: esses elementos apontam para uma mudança profunda que não pode ser minimizada.

Como já mencionado, a globalização apesar de planetária está longe de ser uniforme e totalizante. Para o autor (1988, p. 32), a pobreza, o subdesenvolvimento, a divisão de países ricos e pobres, os interesses dominantes, são fatores que pesam contra sua expansão. Um segundo ponto diz respeito aos níveis de globalização. O processo se desenvolve em nível diferenciado. Os níveis econômicos, tecnológicos e culturais são atravessados fortemente pelo movimento de globalização. Dizer que existem limites ao processo de globalização não significa negá-lo. Essa idéia de massa individualizada, embora pareça contraditório, parece razoável para a compreensão da contemporaneidade, pois, para Moles:

As diferenças entre classes sociais tendem a ser apagadas pelo bem-estar e pelos modos de vida que se tornam cada vez mais comuns aos que se encontram colocados tanto no alto como embaixo da escala social: a própria noção de classe social tende, assim, a se apagar. Por outro lado, uma nova diferenciação repousa sobre a cultura e a forma que toma a cultura em uma sociedade alimentada pelos meios de comunicação de massa. Pode-se supor que na sociedade de 1990 os grupos humanos se diferenciarão segundo os gostos e as aptidões de cada um de seus membros. Tendemos, portanto, a viver com as mesmas idéias e as mesmas reações. Com efeito, a verdadeira diferença que se estabelece no domínio da cultura se baseia menos na quantidade de coisas que sabemos ou que não sabemos do que na nossa atitude em relação a elas (MOLES, 1973. p. 30).

Nesse ponto, é necessário estabelecer distinções. O processo de globalização econômica e tecnológica tem uma importância capital para a compreensão da cultura no mundo contemporâneo. Entretanto, a esfera cultural guarda um elemento de autonomia que permite pensá-la em sua especificidade. A esfera mundializada da cultura é, portanto, plural e diversificada. Nesse sentido a idéia genérica de “cultura global” ou de “identidade global” é ilusória, conforme afirma Ortiz (1988, p. 33).

O processo de mundialização redefine a noção de espaço. Ortiz (1998, p. 33) considera que “a idéia de mundo se dilata”, transformando a própria idéia de territorialidade. Desse modo, pode-se falar da existência de relações sociais e culturais (de mundo real e imaginário, incluindo linguagens culturais e artísticas) que se estendem, de forma diferenciada, é claro, por todo o planeta. O “local” e o “nacional” são dessa forma atingidos em seu âmago. Atravessados pela mundialização, eles já não podem mais ser compreendidos dentro dos cânones rígidos. A oposição “global” – “nacional” – “local” torna-se problemática. As correlações são ampliadas: “vive-se a mundialização sem sair do lugar” (ORTIZ, 1988, P. 33).

Na contemporaneidade, um dos produtos que mais vendem é o conhecimento (software), e o dono desta “inteligência” alcança uma das maiores fortunas do planeta: Bill Gates. Arelada ao desenvolvimento da informática estão automatizações industrial, bancária, doméstica e dos demais setores da vida contemporânea. Com a automação, o homem gasta cada vez menos tempo com trabalho, sobrando mais horas para educação, cultura e lazer.

Nesse sentido, a invenção da roda, por exemplo, afeta as idéias do homem de então sobre o mundo que o circunda. E o que dizer da influência do automóvel, com a sua difusão, sobre os valores do homem urbano contemporâneo? A relação homem-máquina vem através do tempo se transformando sucessivamente em progressão intangível a cada nova técnica os homens e corpo social se modificam. As transformações e criações tecnológicas, quando incorporadas à vida social, tendem a afetar o modo de pensar, os valores, as idéias dos homens a respeito de si mesmos, da sua sociedade, das suas relações sociais, entre outras mudanças. Ampliando as possibilidades de sobrevivência e alterando o estilo humano de vida. Para Flusser, essa

alteração pode ter como consequência um isolamento mascarado pela sensação de interação. Para ele:

A solidão na massa é consequência da dificuldade crescente para entrarmos em comunicação dialógica uns com os outros. Sob o bombardeio quotidiano pelos discursos extremamente bem distribuídos dispomos, todos, das mesmas informações, e todo intercâmbio dialógico de tais informações está se tornando redundante. A nossa sensação de solidão se deve a nossa incapacidade crescente de elaborar informações novas em diálogo com os outros. Sob o domínio dos discursos o tecido social do Ocidente vai se decompondo. Urge pois analisar tais discursos (1983, p. 59).

A Internet e o micro-computador consistem em dois outros instrumentos tecnológicos que alteram o cotidiano das populações. As interações entre as pessoas de diferentes culturas são viabilizadas e potencializadas por intermédio dessas novas tecnologias. O mundo que, antes já possui relações intrínsecas, hoje, passa a ter relações simultâneas tanto espacialmente como temporalmente. A rede de computadores (web) envolve a todos, até mesmo, aqueles que não estão conectados a um computador. Vive-se uma sociedade global informatizada: a expressão mais forte da relação homem-máquina. Neste sentido Santana (2006, p.02), ao abordar a questão de como a Internet pode vir a potencializar as interações sociais, afirma que:

É a partir do comunicar-se e relacionar-se com semelhantes que o homem constrói-se enquanto ser social, agrupando-se e constituindo comunidades, redes, sociedades... a humanidade tem sido conceituada, definida e percebida historicamente pela maneira como ela representa-se. Destarte, é importante pensar como estes sujeitos sociais se organizam e representam-se na contemporaneidade, frente ao fomento das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC, bem como do surgimento de uma cultura digital.

Entre outros estudiosos que buscam a mesma linha de pensamento encontramos Nova e Alves (2002, p.1) que, ao tratarem da relação entre educação e comunicação digital, escrevem que:

A presença dos elementos tecnológicos na sociedade vem transformando o modo dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem e construir conhecimentos. Somos hoje praticamente vividos pelas novas tecnologias!...tudo isso faz parte de um processo mais amplo que é conduzido, em boa medida, pelo desenvolvimento tecnológico em relação ao qual tem vivido a humanidade,

especialmente nos últimos cinquenta anos, nas instâncias da comunicação e da informação. Esse processo engloba uma série de transformações em setores variados do viver humano, do econômico ao político, do social ao simbólico, do cultural ao psíquico...

Contudo, mesmo a globalização, propiciada pela Internet, tem limites em sua atuação, porque por mais que as culturas sejam disseminadas e se transformem em culturas de massa ou universais, os particularismos ainda persistem.

É lógico, que a cultura não é algo estático e está em constante movimento, pois incorpora muitas informações oriundas de outras culturas, transmitidas através das novas tecnologias. E nesse processo, muitas características vindas de outras culturas distantes podem ser incorporadas a uma cultura regional, sem que com isso essa seja descaracterizada. É importante assinalar que não se trata de aculturação, fenômeno no qual uma das culturas é subjugada a outra. Trata-se de incorporação de novos valores agregados, por meio das novas tecnologias, e que auxiliam no processo de renovação cultural.

Em síntese, constata-se que as tecnologias auxiliam as sociedades a organizarem suas culturas. Hoje, a transformação proposta pelas novas tecnologias, principalmente a informática, interfere não somente na sistematização da sociedade, mas, em especial, no modo como essa sociedade irá portar-se frente à manutenção de sua sobrevivência, implicando diretamente no desenvolvimento de sua cultura.

CAPÍTULO III - MEDIAÇÕES ENTRE INTERNET E COTIDIANO: A GÊNESE DE NOVOS COSTUMES

A internet enquanto espaço simbólico apresenta algumas características que a torna única. (...) é um veículo comunicacional verdadeiramente único na história da humanidade, pois combina as dimensões escrita, oral e audiovisual da comunicação humana. (...) congrega um potencial transformador talvez só com paralelo no desenvolvimento do alfabeto.

(M. CASTELLS)

Durante a Guerra Fria, sob a ação da alta espionagem e no auge da ameaça nuclear, cientistas e militares norte-americanos empenham-se no desenvolvimento de um novo projeto destinado a comunicação segura: a Internet (PEDROSO, 2007, p. 31). Aliada às inovações tecnológicas configuradas pelo *Personal Computer* – sistema de multimídias conectadas – e ao *microship* – capaz de armazenar e processar uma infinidade de informações, além de modificar as formas costumeiras de memorização –, a Internet generaliza sua utilização a partir da década de 1990.⁹

De lá para cá, a revolução tecnológica e, sobretudo, a informática propiciam a disseminação, cada vez mais abrangente do uso da Internet, que pela primeira vez reúne em seu escopo comunicacional a oralidade, a escrita e aspectos audiovisuais num mesmo suporte (ALBUQUERQUE, 2007, p. 26). Nessa forma de comunicação integrada, a rede mundial de computadores exige de seus usuários uma básica compreensão do seu sistema simbólico e do uso de suas ferramentas computacionais – semelhante ao alfabeto ou qualquer outro modo de comunicação, o uso da *web* exige de seus usuários conhecimento e apreensão dos seus códigos.

Decorre daí, a necessidade de uma aprendizagem prévia para sua plena utilização. É preciso ter presente, também, que esse acesso não se apresenta igual para todos os cidadãos do mundo. As limitações políticas e econômicas de cada país influenciam diretamente nessa acessibilidade. Porém, mesmo com esses

⁹ O computador que é o bem mais desejado dos brasileiros. A maior presença do computador, em 24% dos domicílios, tem origem no aumento da renda, na desvalorização do dólar, e na adoção de políticas de isenção tributária.

condicionantes, a Internet configura-se em um veículo de comunicação global que disponibiliza informações em tempo real, alterando de forma substancial as concepções de tempo e espaço, diminuindo significativamente as diferenças temporais e geográficas (IANNI, 1999, p. 32).

A subversão da relação tempo e espaço dá margem à criação de um novo espaço: o ciberespaço ou o espaço virtual, que se transforma em um novo lugar para as relações sociais que, gradualmente, perdem seus valores modernos e inauguram um novo censo de contemporaneidade (ALBUQUERQUE, 2007, p. 26). Para Thompson (1998, p. 184-185), nesse contexto, a identidade individual é intensamente efêmera, pois é alimentada pelo ciberespaço que influencia o indivíduo, pois:

Os horizontes de compreensão dos indivíduos se alargam; eles não se estreitam mais nos padrões de interação face a face, mas são modelados pela expansão das redes de comunicação mediada. A mídia se torna ‘um multiplicador da mobilidade’, uma forma vicária de viajar que permite ao indivíduo se distanciar dos imediatos locais de sua vida diária.

Para isso, um dos principais atributos da Internet reside em uma interatividade composta por dinamismo, alcance global, imediatismo, livre acesso, ausência de hierarquia, construção e desconstrução permanentes e utilização simultânea de diversos usuários (MELLO, 2007, p. 42). Nesse lugar, as pessoas se conhecem e trocam experiências de toda a sorte: amorosas, comerciais, intelectuais, entre outras.

Com a popularização da Internet, o indivíduo mergulha na interação virtual, que agrega os indivíduos a uma única cultura. Levy (1996, p. 21) explica esse contexto ao afirmar que:

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário.

Apesar de as relações serem imateriais, ou seja, não se constituírem por uma presença física, são inteiramente reais. As pessoas não necessitam compactuar um

mesmo tempo e um mesmo espaço, porém estão conectadas por uma linguagem¹⁰ e um sistema simbólico que compreendem simultaneamente tecnologia e pensamento (MELLO, 2007, p. 42). A imaterialidade não se apresenta como empecilho para a existência da materialidade. Não se tratam mais de relações antagônicas: material X imaterial; local X global ou ainda singular X plural. Pelo contrário, esses elementos duais apresentam-se como complementares e estabelecem relações dialéticas. Nesse âmbito, os relacionamentos imateriais constituem-se em novos espaços da vida real.

Nas raízes históricas da Internet, concentram-se os reflexos de uma sociedade pós-industrial qualificada por relações entre homem-máquina (PEDROSO, 2007, p. 32). Com a irradiação de seu uso, essas relações são levadas às últimas conseqüências, emergindo novas formas de relacionamento, interação e criação humanas. Essas não são cortes radicais com as formas anteriores, mas são desconexas, por vezes apresentam reproduções e, de outras, mutações profundas. Em outras palavras: a Internet, como meio de comunicação, tem agido como alavanca para alterações profundas nas instituições tradicionais, tais como: Estado, família e sociedade.

O homem, enquanto ser social, inaugura novos modos de criar instituições consolidadas pela modernidade. A Internet, então, torna-se um instrumento tecnológico que modifica o cotidiano das populações porque motiva interações entre elas, através dessa nova tecnologia. O resultado dessas interações adquire múltiplas formas: sociais, artísticas, econômicas, políticas, entre outras. O mundo, que antes já possuía relações intrínsecas complexas, hoje, tem relações simultâneas tanto espacialmente como temporalmente.

A rede mundial de computadores envolve a todos, até mesmo, aqueles indivíduos que não estão conectados a um computador. As marcas da sociedade informacional inserem todos os indivíduos no ambiente mediado pela Internet. Isto significa a imersão do indivíduo em uma sociedade global informatizada, através de

¹⁰ Para Valverde (2008, p. 2) “No que diz respeito à linguagem, historicamente, ao serem criadas, novas mídias se apropriam de recursos de linguagens de outras mídias pré-existentes. Na medida em que as tecnologias da mídia se desenvolvem também linguagens são desenvolvidas de forma a adaptar-se simultaneamente aos meios e as mensagens; aos modos de produção; e às condições de interação com os usuários.

cadastros, arquivos, cartões magnéticos e todo um conjunto de organização digital que regem os modos de vida atuais.

Na contemporaneidade, o homem pode ter diversas nacionalidades; estar presente em diversos lugares concomitantemente e não estar em lugar algum; experimentar novas formas de desejo e de sexualidade, além de estender as formas de conhecimento e apreensão do mundo que o cerca. No entanto, mesmo a grande globalização, propiciada pela Internet, tem limites em sua atuação, porque por mais que novos aspectos sócio-culturais sejam disseminados e se transformem em produtos de massa ou universais, as especificidades ainda persistem. Para Ianni (1999, p. 43)

A cultura, por exemplo, no ambiente tecnológico, não é algo estático e está em constante movimento, pois incorpora muitas informações oriundas de outras culturas, transmitidas através das novas tecnologias. E nesse processo, muitas características vindas de outras culturas distantes podem ser incorporadas a uma cultura regional, sem que com isso essa seja descaracterizada.

Com a Internet, a virtualidade integra o real, porém, essa virtualidade não está, de forma alguma, desligada de aspectos locais. Nesse novo ambiente, as ações locais podem ser determinadas por agentes globais e o revés também se torna possível – as ações diárias podem apresentar conseqüências globais. À medida que as formas mais tradicionais se dissolvem – e com elas, as certezas comportamentais – a realidade se torna experimental (ALBUQUERQUE, 2007, p. 27). A construção diária da realidade cotidiana torna-se uma experiência de cada indivíduo, uma experiência aberta e não linear. Essa construção diária é passível de compartilhamento, contudo, o ato de compartilhar altera a experiência e constrói uma nova realidade. Se a Internet tem como pressuposto primeiro a interatividade, a cada novo compartilhamento novas realidades se sucedem numa cadeia infinita – tal como o reflexo de dois espelhos dispostos frente a frente.

Acrescente-se a esse aspecto, outro ponto relevante presente: a manutenção, a recombinação e a formulação de novas ferramentas técnicas imersas na rede mundial de computadores. Assinala-se que os usuários da rede não se limitam a utilizar ou interagir com a tecnologia. Eles próprios são transformadores dessa tecnologia. Esses usuários a reconfiguram constantemente, transformando o produto final em produto

intermediário (ALBUQUERQUE, 2007, p. 27). Essa possibilidade de interação tecnológica cria sucessivos *up grades*, ou seja, uma sucessão de aparatos e inovações. Os ciclos de alimentação das redes e suas reconfigurações aceleram-se, deixando que os usuários assumam o controle da tecnologia e a redefinam. Simbolicamente, esse processo proporciona, a cada usuário, a construção de sua realidade e a reconstrução dessa realidade individual: o tecido simbólico é permanentemente tecido (GOODMAN, 1995). Não há possibilidade de término ou ruptura. Todas as possibilidades presentes serão o germe para futuro, mas este sempre será projetado para mais adiante.

Para Flusser isso ocorre porque as técnicas têm valor mágico por permitirem que o indivíduo experimente sensações, sem a necessidade de se mover no espaço. O autor considera que:

As imagens técnicas, longe de serem janelas, são imagens, superfícies que transcodificam processos em cenas. Como toda imagem, é também mágica e seu observador tende a projetar essa magia sobre o mundo. O fascínio mágico que emana das imagens técnicas é palpável a todo instante em nosso entorno. Vivemos, cada vez mais obviamente, em função de tal magia imagética: vivenciamos, conhecemos, valorizamos e agimos cada vez mais em função de tais imagens. (...) A função das imagens técnicas é a de emancipar a sociedade de pensar conceitualmente (FLUSSER, 2002, p. 15-16).

Nesse cenário, o futuro não é mais um contínuo do passado e do presente. É algo isolado e essencialmente novo – perseguido e não alcançável. As possibilidades permanentes de criação, construção e reconstrução simbólica, tecnológica e social permitem inovadores produtos culturais. Esses produtos trazem características, tais como: efemeridade e anonimato. Essa idéia de anonimato surge em decorrência das constantes inovações realizadas sob os signos das plataformas digitais que desumanizam as realizações. Enquanto a efemeridade marca os atributos dessas realizações transitórias. O futuro descontínuo inaugura uma nova relação entre os processos de criação social e a manipulação de símbolos (CASTELLS, 2002, p.37).

Nessa relação, a máquina está cada vez mais presente no cotidiano das sociedades. O ser humano está conectado ao planeta e cada indivíduo está amarrado a outro em linha sucessiva. Porém, a sociedade contemporânea não está mais presa a um

ponto (temporal ou espacial) – tudo acontece ao “mesmo tempo e agora” e em todos os lugares. Nesse contexto, não existe situação de vida real e digital estancada – ela é uma, simultânea e integrada. A vida digital acontece independente de tempo, espaço ou dispositivos. As atuais comunicações homem-homem, máquina-homem e máquina-máquina tornam-se elementos de congregação e multiplicam as possibilidades de interfaces.

Nessas formas comunicacionais, há uma troca imanente de possibilidades e, sobretudo, a emergência de novos costumes. A vida contemporânea está repleta de situações digitais: desde o amanhecer ao anoitecer, as relações humanas estão mediadas pelas máquinas digitais – o cartão de crédito pode ser colocado como uma expressão cotidiana dessa mediação. Dispositivos e mecanismos completamente artificiais integram o cotidiano, ações simples, tais como, acordar, banhar-se e vestir-se implicam no uso da digitalidade, porque essas ações dependem de equipamentos ligados em redes eletrônicas e digitais (MELLO, 2007, p. 42).

O uso da Internet - em casos extremos, porém frequentes – pode provocar dependência do computador e criar novos paradigmas nos costumes diários¹¹. O conhecimento e experiência nesse novo ambiente revelam o mimetismo do homem às suas criações, ou seja, revelam as relações íntimas dos homens com as máquinas. Celulares, computadores, palmtops são interfaces de comunicação, isto é, são mídias capacitadas com estruturas formais e de interação.

Ainda para Mello (2007, p. 43) a linguagem desses meios é o que se apresenta como diferencial na cotidianidade, especialmente, porque é controlada e subordinada aos critérios e desejos dos usuários. Já para Flusser (2004, p. 184), essa problemática a respeito da linguagem se verifica porque esta:

11 Entre 6% e 14% dos internautas americanos reconhecem que passam muitas horas na web, segundo pesquisa da Universidade de Stanford, na Califórnia. O estudo indica que tais usuários gastam tempo checando e-mails, escrevendo em suas páginas e visitando sites - dedicando-se menos ao trabalho, à família e ao sono. Liderada pelo psiquiatra Elias Aboujaoude, a pesquisa tenta encontrar sintomas clássicos de dependência entre os usuários. O estudo indica que o "viciado típico" é um homem solteiro, branco, com título universitário, com cerca de 30 anos e que emprega mais de 30 horas por semana em tarefas pelo computador que não são essenciais. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u20821.shtml>> Acesso em 25 fev. 2008.

(...) consiste de diversas camadas de realização, ou de autenticidade. Surge do potencial inalcançável e condensa-se através das camadas do balbuciar, da salada de palavras e da conversa fiada até realizar-se, isto é, formar intelectos que aprendem, compreendem e articulam, na camada da conversação.

Disso, decorre uma inovação permeada por homens e máquinas que estende as ações humanas para muito além da corporeidade física, pois a ampliação das potencialidades da atuação humana, principalmente, por intermédio dos novos dispositivos e meios de comunicação, resulta em novas formas de conceber o pensamento. A linearidade do pensamento não é mais a única alternativa. As formas narrativas ganham novas dimensões que podem mesclar tempos, lugares e circunstâncias sócio-políticas – são as reconhecidas “narrativas enviesadas” que não apresentam começo, meio ou fim (CANTON, 2007, p. 132).

Para Mello (2007, p. 42) as mídias têm marcadamente, na história da humanidade, uma importância relevante na formação do pensamento e, no momento atual, permitem a simultaneidade, a transitoriedade e a acumulação irrestrita de informações. A necessidade da aproximação entre a máquina e o ser humano cria novos processos e modelos mentais que se apresentam contínuos e fragmentados, ao mesmo tempo. É comum aos mais jovens habituarem-se ao novo e a essa nova estrutura mental. Por isso, as novas tecnologias são adotadas por adolescentes como meios privilegiados de comunicação.

Bechara (2007, p. 07) afirma que as recentes pesquisas indicam que crianças e adolescentes são os principais agentes de transformação e de novas interações no ambiente tecnológico. Através da Internet, esses agentes criam comunidades virtuais e se interligam por afinidades sociais, culturais, políticas ou econômicas. Essas comunidades ultrapassam os limites territoriais e lingüísticos, porém, são mediadas pela linguagem simbólica e universal da Internet.

Os jovens, em sua maioria, utilizam-se com frequência de e-mails, da participação de comunidades de relacionamento, do uso de programas de mensagens instantâneas, da promoção de pesquisas e de outras ações perpassadas pelas tecnologias, de acordo com dados da SaferNet (2009, on-line). Além da possibilidade de acesso ao conhecimento e à informação, grupos sociais podem se manifestar e se

expressar contribuindo decisivamente na produção de conteúdos. Outro fato relevante: as formas orais, visuais e a escrita transformam-se no ambiente em rede – a simplificação e a rapidez da informação criam novos paradigmas para as possibilidades do sentir.

Para o autor, na Internet, o “estar” habituado às novas tecnologias integra a aceitação desse novo modo de vida, no qual o real e o virtual estão integrados. “Linkar-se” significa conectar-se com distanciamento real, mas com proximidade virtual aos novos rumos da vida material. E não se conectar tem o valor do “não aceitar” o que se apresenta como premente e inevitável – como se perdesse o “bonde da história”.

Com a disseminação da Internet, a partir da década de 1990, o homem se envolve cada vez mais com os recursos tecnológicos, fazendo deles uma extensão de seu pensamento, ou ainda, uma extensão de seu próprio corpo. Nesses parâmetros, não há mais espaço para recusas ou mesmo receios em um ambiente em que tudo gira em torno da velocidade comunicacional – é preciso aderir ao mundo que a Internet proporciona.

A tendência contemporânea concentra-se no privilégio dos espaços coletivizados e na despersonalização de aparatos burocrático que regem o mundo até esse momento: calls centers, certificados digitais, lan houses, cyber cafés e até mesmos os serviços bancários digitais mostram a concretização dessa vertente. Ao mesmo tempo, com a evolução do uso Internet, qualquer cidadão comum pode configurar seu blog (espécie de diário virtual) e ter uma média de 2 milhões de acessos (espectadores) espalhados ao redor do mundo. A exposição da vida pessoal é uma possibilidade do mundo virtual e com ele tem-se vulnerabilidade das ações externas de outros usuários.

Nos blogs e comunidades virtuais, os indivíduos se expõem e se encontram, formando novos conjuntos ligados por afinidades, oposições e dualidades. A contemporaneidade resgata o desejo latente da união global. Nesse ponto, remete-se ao pensamento de Octavio Ianni, no qual:

A descoberta de que a terra se tornou mundo, de que o globo não é mais apenas uma figura astronômica, e sim o território no qual todos se encontram relacionados e atrelados, diferenciados e antagônicos – essa descoberta surpreende, encanta e atemoriza.

Trata-se de uma ruptura drástica nos modos de ser, sentir, agir, pensar e fabular. Um evento heurístico de amplas proporções, abalando não só as convicções, mas também as visões do mundo (1999, p. 13).

Nessa nova visão de mundo, a disseminação do uso da ferramenta virtual desperta a reflexão sobre as formas de diálogo e interações. Um dos principais problemas na evolução dessas interações encontra-se, justamente, na exclusão digital, lembrando que o acesso às ferramentas digitais não se apresenta igualitário entre as nações. A inserção digital, ainda, depende da estrutura econômica dos países – apesar da tendência excludente estar em decréscimo. Gradualmente, os espaços públicos dedicados ao uso da Internet têm se multiplicado e auxiliado na popularização desse instrumento de interação. Nada mais usual do que a instalação de *lan houses* em espaço periféricos.

Para Mello (2007, p. 43 a 44) a disseminação do uso da Internet e seu reflexo direto sobre a vida contemporânea residem, sobretudo, na percepção do usuário. Uma percepção do sensível que se expande, evolutivamente, aos periféricos humanos-tecnológicos-digitais, dando ao indivíduo diversos recursos perceptivos, penetrando cada vez mais profundamente no mundo-mente. Essa simbiose entre as capacidades digitais-maquínicas e as humanas só é revelada no dia-a-dia, no qual é possível sentir a falta de memória quando a bateria dos equipamentos (computadores ou celulares) termina ou ainda quando se utiliza a câmera fotográfica ou o aparelho de telefone para uma rápida anotação ou ainda quando seus contatos pessoais estão armazenados no mailing do e-mail.

Em síntese, de projeto militar à sua ampla utilização pelos cidadãos do mundo, a Internet constitui uma “nova revolução”, especialmente no que concerne ao comportamento humano porque sua mediação potencializa os sentidos humanos e, por consequência, a percepção do universo, que agora está expandido. Essa “revolução” apresenta-se no cotidiano e nas ações comuns dos indivíduos. Os costumes se modificam gradualmente como algo que acontece claramente em evolução sutil e permanente. Paulatinamente, a Internet é um espaço único de comunicação que rompe

barreiras que até recentemente eram perenes e em seu lugar insere novos conceitos cercados de efemeridade e transitoriedade.

CAPÍTULO IV - FRONTEIRAS DISSOLUTAS: CORPO E SEXO NA WEB

O corpo do homem é sempre a metade possível de um Atlas universal.

(FOUCAULT)

Para Ortiz (1994, p. 32-38) a profusão do uso da Internet, como instrumento dos mais diversos relacionamentos sociais, tem provocado uma profunda transformação nos padrões comportamentais. A sensação de flexibilidade do binômio espaço/tempo que a Internet impele aos seus usuários vem acelerando os movimentos da vida e tanto as grandezas espaciais como temporais caíram frente a essa multiplicidade, sendo concebidos como contextos diluídos em sentidos e informações. Já para Vilaca (1992, p. 39) os possíveis “agora” se desdobraram em infinitas realidades randômicas e fraturadas. Nessas inúmeras e transitivas “realidades”, o desejo pode estar em todos os lugares e em todos os tempos.

O tempo e o espaço de um usuário da Internet pode não ser o mesmo do outro, mas a interface entre os comunicantes existe (Mello, 2007, p. 42-46). Vilaca (1992, p. 32) afirma ainda que essa confluência entre realidades e desejos, hoje, é conhecida como espaço virtual ou ciberespaço - um mundo simbólico, anônimo, onipotente e intensamente habitado/inabitado, no qual a última fronteira já está prestes ao rompimento: o corpo.

Segundo Pollak (1992, p. 203), considerando a referência estável da modernidade, o corpo era visto como o lugar do ser, da razão e da consciência. De acordo com o paradigma moderno, era no corpo que se encontravam as balizas para a formação da identidade e da subjetividade. Nessa abordagem, o sujeito era um ser racional dono de seu pensamento e de sua ação. Esse sujeito possuía uma identidade estável que compreendia um corpo material e uma mente responsável pela criação de sua subjetividade. Porém, nada foi comparável ao surgimento da realidade virtual, ou ainda, a imersão no ciberespaço. O espaço virtual subverte a noção moderna de sujeito, corpo e subjetividade porque nesse lugar já não se absolutizam questões referentes aos agrupamentos, tais como: gênero, classe social, etnia, nacionalidade ou sistema social.

Magalhães (2007, p. 97) trata do assunto afirmando que essa subjetividade transformou-se ao longo do tempo, acompanhando os avanços da vida contemporânea e que, durante o desenvolvimento da tecnologia, o natural e o artificial se mesclaram, criando corpos híbridos (entre o mecânico e o orgânico). Esse é o caso das próteses que cobrem qualquer deficiência física. Ou ainda, o caso da nanotecnologia, empregada em corpos humanos para o diagnóstico de doenças. Esses agrupamentos são dissolvidos pelo anonimato dos usuários e Leitão (2005, p. 445) corrobora tal opinião quando cita que as supostas hierarquias da vida real não existem. Nesse âmbito, era possível pertencer a todos os grupos e não integrar definitivamente nenhum.

De modo geral, a idéia que um indivíduo constrói de seu corpo se forja a partir de suas vivências pessoais e coletivas, somadas às influências ambientais e sociais (MAGALHÃES, 2007, p. 97). No espaço virtual, a idéia unificada e estável de subjetividade altera-se radicalmente. O sujeito apresenta maior mobilidade: pode mudar características genéticas, sociais e políticas inerentes à sua corporeidade. O sujeito não é apenas um, mas possui diversas gradações que se modificam de acordo com o tipo de relação que estabelece com seu novo entorno virtual. Por consequência, o sujeito antes unificado está se tornando cada vez mais fragmentado e temporário, já que as bases sobre as quais constrói sua identidade não são mais previsíveis, mas, ao contrário, variáveis (VILACA, 1999, p. 32-36).

O mundo virtual, como novo lugar para as relações sociais, trouxe consigo uma interatividade composta por dinamismo, alcance global, imediatismo, livre acesso, ausência de hierarquia, construção e desconstrução permanentes, somam-se, também, a possibilidade de compartilhamento simultâneo com diversos usuários (MELLO, 2007, p. 42). Os sujeitos no ambiente virtual podem ir além de seus universos corporais. Nesse lugar, por intermédio da web, as pessoas se conhecem e trocam experiências amorosas, comerciais e intelectuais que, habitualmente, não poderiam realizar tão facilmente.

No início a navegação na Internet apresentava como atrativo principal, as conversas à distância nas salas de bate-papo (chats). Eram contatos entre conhecidos fisicamente distantes; conversas pontuais com desconhecidos; estabelecimento de

amizades íntimas entre indivíduos que não se conheciam; relações amorosas; sexo virtual, entre outras formas de relacionamento. Para os usuários a Internet significava um modo de conectar-se a outras pessoas; sentir suas presenças. Essas novas experiências provocaram em muitos usuários uma sensação de liberdade e onipotência (LEITÃO, 2005, p. 45). No mundo virtual, tudo poderia acontecer livremente sem as amarras do mundo real. A vida *on-line*, para muitos, tornou-se a válvula de escape às pressões do dia-a-dia.

Diferente da literatura, do cinema e de outros tipos de formas de expressão, a Internet oferecia a interatividade em tempo real. Isto é: o mundo da fantasia poderia ser compartilhado com outras pessoas e, especialmente, com pessoas desconhecidas que não possuíam vínculos sociais entre si. As sensações que os enredos literários ou cinematográficos despertavam nos sujeitos poderiam ser amplamente exploradas pelos usuários da realidade virtual. Cabe enfatizar que na realidade virtual o usuário se transforma em narrador e personagem de sua própria história.

Nesse sentido, assinala-se que a sensação de imersão em ambientes artificiais criados por computadores desequilibra os limites entre o real e o virtual, entre a ausência e a presença (MAGALHÃES, 2005, p. 97).

Vale lembrar que o conceito de imersão é usado em psicologia e psiquiatria para descrever o estado de sonho e de algumas manifestações como o transe xamânico. Esses ambientes afloram as memórias sensoriais de seus usuários. Lembremos que um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento ocorrido no sonho ou no transe é sem limites e pode repetir-se incessantemente, através da memória. O corpo reage aos impulsos e sensações criados mentalmente e guardados na memória (BARTOLO, 2007, p. 69).

Em realidade virtual, os movimentos do corpo no espaço não se detêm na fronteira do corpo próprio, mas implicam-no por inteiro (forma corpórea e mente). Se por acaso, o espaço do corpo se dilatar, a dilatação atingirá o corpo e seu interior e o contrário, a compressão, também será recíproca. Dessa forma, então, o espaço no qual o usuário de Internet imerge não é o espaço gráfico desenhado por um *designer* de realidade virtual. O que ocorre é que usuário emerge em um mundo construído por sua

mente. A “física” de realidade virtual é psicologicamente edificada (BARTOLO, 2007, p. 72).

Convém observar que a imaterialidade dessas relações não é desvinculada da realidade. São reais os fatos desenvolvidos via web. Segundo Mello (2007, p. 42) de fato, o despojamento de aspectos físicos somente dispensa a necessidade de usuários partilharem tempo e espaço. A única exigência para os relacionamentos é a conexão por um sistema simbólico que envolve tecnologia e linguagem. Nesse ponto de vista, a Internet é ferramenta comunicacional entre indivíduos, ou seja, corresponde a certa materialidade. Nesses relacionamentos, a imaterialidade não é inexistência de materialidade. Ao contrário, esses elementos duais apresentam-se como complementares e estabelecem relações dialéticas. Nesse âmbito, os relacionamentos imateriais constituem-se em novos espaços da vida real¹².

Face às possibilidades para os relacionamentos sociais, o uso da Internet - em casos extremos e cada vez mais usuais – pode ocasionar diversas compulsões e/ou novos costumes comportamentais.

Segundo Wieland (apud VINÍCIUS, on-line, 2009), no mundo, há entre 50 a 100 milhões de viciados em Internet. Estima-se que de 5% a 10% deles têm compulsão pelo uso da web. Os excessos, nos quais se incluem números elevados de horas nas conexões e a auto-exposição a pessoas desconhecidas nas salas de bate-papo, comprovaram que os usuários da Internet não conhecem os limites e regras da vida digital (MELLO, 2007, p. 45).

Nessa perspectiva, a compulsão por sexo, mediada pelo uso da Internet é uma das matérias mais polêmicas na constituição dessa nova subjetividade permeada pela tecnologia. As relações íntimas que são expressas de usuário a usuário por intermédio da máquina estendem as ações humanas para muito além da corporeidade física. Isto equivale a dizer que o desejo reside em um corpo, mas já não são mais necessários

¹² Devido a esta concepção de “real” que envolve as atividades tidas como “virtuais” preferimos, neste estudo, utilizar o termo “real” ao invés de “presencial” quando tratamos dos encontros (sexuais ou não) que se deram fora do ambiente comunicacional da Internet. tal decisão se baseou, também, na dificuldade dos respondentes, durante o pré-teste do instrumento de pesquisa, em entender o conceito de “presencial” em detrimento ao conceito de “real”.

dois corpos para a realização do gozo, basta a interação virtual. Hoje, o corpo cede espaço à relativização da presença *cyber* corporal.

Através de *nicknames*, que dão a sensação de anonimato, os frequentadores da *web*, especialmente, os participantes de *chats*, entram em versões digitais de jogos voltados ao prazer e ao sexo, nos quais toda e qualquer atividade é orientada *on-line* e em tempo real. Nesses jogos sexuais, os comportamentos dirigem-se, exclusivamente, para a sedução e para a realização de fantasias eróticas.

Outras formas de estímulo à libido, tais como revistas ou filmes pornográficos, não dispõem de traços essenciais (facilidade de acesso, dinamismo, interatividade e anonimato) para o sentimento de encantamento atribuído a *web*. Esses elementos contribuem para que o sexo via *web* seja amplamente praticado entre os usuários da Internet, constituindo em forma fácil, prática e rápida de se obter prazer imediato. A totalidade desses fatores aliada aos atributos psicopatológicos pode ocasionar a compulsão por sexo via *web*.¹³

Os espaços virtuais voltados ao sexo, basicamente, dividem-se em salas de bate-papo, *e-mails*, comunicadores instantâneos (tal como o MSN) e sites pornográficos. As práticas sexuais vão desde o voyeurismo, passando pela masturbação e o exibicionismo. As motivações para a prática do sexo virtual são as mais diversas: realização de fantasias e fetiches; mais uma vez, anonimato; modo de conhecer pessoas para a prática do sexo; solidão; timidez; proteção contra doenças sexualmente transmissíveis (uma vez que não há contato físico); insegurança e, até mesmo problemas sexuais (REGIS, ANTUNES e PADILHA, 2009).

Para Leitão (2005, p. 445) os usuários da *web* descobriram que na interface ser humano/computador/ser humano há uma inovadora fonte de prazer – um novo espaço de vivência, onde podem relacionar-se com outras pessoas e experimentar prazeres

¹³ Ainda não há diagnóstico para a dependência de Internet, pois essa compulsão não consta no Diagnóstico e Manual Estatístico de Doenças Mentais. O jogo patológico serve como diagnóstico parâmetro para a dependência de Internet, já que a compulsão pelo jogo é a que mais se aproxima do comportamento do *netviciado*. A dependência da Internet é um transtorno do impulso e não envolve intoxicação de acordo com Young, 2003. Contudo, o *Jornal Internacional de Medicina Neuropsiquiátrica*, afirma que são necessárias mais pesquisas para caracterizar o uso excessivo da Internet como transtorno clínico ou como outra psicopatologia como a depressão ou a ansiedade. Disponível em <www.folha.uol.com.br>. Acesso em 05 de out. 2006.

distantes de suas vidas reais. A liberação sexual dos anos de 1960 conheceu novos caminhos através das novas mídias. Desse ponto de vista, a Internet não é tão somente uma ferramenta comunicacional. É um espaço para uma vida alternativa, perfeitamente controlável pelo usuário que passa a ser “onipotente”, “superpoderoso” e “um indivíduo multifacetado”. Os recursos da Internet causam a impressão de que seus usuários são capazes de todas as ações; têm acesso ilimitado e ignoram as barreiras, geralmente, existentes no mundo real.

Para Vilaca (1999, p. 41) essa transformação subjetiva ocorrida em ambiente virtual também influi diretamente no modo de percepção do corpo. A ausência do contato físico, nas experiências sexuais *online* possibilita novas percepções da imagem corporal.

Segundo o autor, para muitos usuários, o corpo se desfaz. O corpo físico não é mais obstáculo para a vida humana. Esses usuários criam um *cyber* corpo com características muito distintas daquelas percebidas no contato presencial. Isto é possível porque o anonimato e a comunicação predominantemente escrita permitem a invenção do corpo visual. Outros usuários experimentam a expansão e o aperfeiçoamento de seus corpos. Esses indivíduos ampliam sua capacidade perceptiva, unindo suas vidas *on-line* e *offline*.

Nas duas formas de percepção do corpo, os usuários da Internet e, especialmente, os compulsivos, deparam-se com os excessos e a dissolução dos parâmetros modernos. Os excessos são mensurados pelo: volume excessivo de informações que esses indivíduos são submetidos no ambiente virtual; elevado número de horas que permanecem conectados e, principalmente, pela excessiva exposição de sua vida íntima.

A rapidez, a interatividade e a falta de travas psicológicas e/ou éticas que permeiam o espaço virtual propiciam essa excessiva exposição – tudo parece estar resguardado pela falta de interação física. Os relacionamentos afetivos virtuais, muitas vezes, não são cercados de defesas pessoais, gerando um conhecimento acelerado de dados íntimos do parceiro que, frequentemente, são registrados e servem como

instrumento de controle. Os casos de perseguições virtuais são frequentes: parceiros virtuais espionam-se nas salas de bate-papo e essa ação pode emergir na realidade presencial (KARAN, 2008, p. 157-160).

A proliferação de parceiros também é permitida, uma vez que um mesmo usuário pode assumir diversas identidades. O ato de “relacionar-se”, simultaneamente, com diversas parceiras e, conseqüentemente, múltiplas fantasias e desejos estimula em demasia esse novo corpo virtual – que não reconhece limites anteriores. Dessa forma, parâmetros modernos, tais como fidelidade, reservas individuais ou qualquer outro sentimento que não leve ao prazer imediato são totalmente dispensáveis em ambiente virtual.

A compulsão por sexo virtual pode decorrer desse prazer imediato ou ainda da incessante busca por esse prazer.¹⁴ Para o compulsivo somente a vida alternativa, ou seja, a virtual faz sentido e nela que se realiza como indivíduo. A Internet funciona como uma extensão do seu mundo psíquico. No anonimato das conversas *on-line*, esse sujeito pode expressar seus desejos e fantasias com uma liberdade não permitida no mundo real. Ele pode projetar com mais intensidade no outros (que está do outro lado da tela) suas aspirações, ansiedades e receios. Caso o outro não corresponda aos seus desejos, o compulsivo pode se desconectar sem deixar traços de sua identidade ou ainda saltar para outro *chat* ou *site*, de acordo com Moraes, Pilatti e Scandelari (2009).

Outro elemento relevante que pode contribuir para a compulsão por sexo virtual é o nivelamento do *status* social. *On-line*, verdades e diferenças sociais pouco querem dizer – o que importa é a capacidade de comunicação. Os compulsivos buscam a Internet não muito como veículo comunicacional, mas como instrumento de ludicidade, tal como um brinquedo, onde podem exercer jogos de sedução, segundo os autores.

¹⁴ Os termos para definir o uso abusivo de computadores são: *Internet Addiction*, *Pathological Internet Use*, *Internet Addiction Disorder*, *Compulsive Internet Use*, *Computer Mediated Communications Adiccts*, *Computer Junkies* e *Internet Dependency*. Tais termos decorrem de diferentes estudos e áreas envolvidas com o tema. São pesquisas de diversos ramos do conhecimento que se dedicam a aspectos desse comportamento, conforme Abreu et al.

De acordo com Bellone (2009, on-line). Essa satisfação imediata pode dar ao usuário uma saída segura para sua satisfação psicológica. Porém, o efeito negativo pode estar concentrado na absorção mental desse *cyber* corpo e, desse modo, na anulação do corpo presencial e na negação dos relacionamentos interpessoais e familiares na vida real. Nessa direção, pesquisadores dos efeitos psicopatológicos do uso da Internet alertam:

A Internet apresenta-se como o ‘braço direito’ de muitas pessoas e pode tornar-se o seu ‘corpo inteiro’, é necessário que se tome consciência deste grande problema que se aproxima, isto é, pessoas individualistas que pensam e fazem tudo pela Internet e acabam por ter medo do contato físico, da aproximação com os outros, dos próprios sentimentos, emoções, valores, pois estes conceitos a Internet desconhece o significado (MORAES, PILATTI e SCANDELARI, 2009, on-line).

A compulsão por sexo virtual compromete o funcionamento da vida diária de modo geral. Os prejuízos físicos relatados se estendem a problemas de visão, privações de sono, fadiga, má alimentação e desconforto músculo-esquelético. A grande maioria dos indivíduos apresenta angústia pessoal seguida por prejuízos vocacionais – com fracasso na vida acadêmica/educacional, diminuição da produtividade no trabalho, danos legais e financeiros. Deste quadro, depreende-se que os sintomas de compulsão são de natureza física e psicossocial, conforme Abreu (et all, 2009, on-line). Efetivamente, o compulsivo altera a “geografia da vida”, aderindo a comportamentos muito específicos que somente são concebíveis no *cyber* espaço – o que para eles não difere de suas realidades internas, aliás, somente seu mundo interno pode propiciar prazer e satisfação. Outras formas de comunicação não são suficientes para esses indivíduos.

A medicina, a psicologia e outras áreas do conhecimento desdobram-se para compreender a influência das novas tecnologias sobre a mente humana. Psiquiatras, terapeutas e psicólogos travam um debate, que já se arrasta da década de 1990 até os dias atuais (lembrando aqui dos trabalhos Sherry Turkle e de Kimberly Young)¹⁵, sobre

¹⁵ Em 1995, Sherry Turkle publicava *Life on the Screen: Identity in the Age of Internet*, obra considerada o primeiro estudo em profundidade sobre os impactos subjetivos da Internet. A autora chamava a atenção para emergência do novo sujeito contemporâneo (fluído e múltiplo). Kimberly Young apresentava uma visão mais

a dependência da Internet. As explicações partem de razões sociais aos compostos químicos que são liberados nos cérebros dos compulsivos, tais como os altos níveis de dopamina ou a presença de endorfina.

Contudo, outra ala de estudiosos alerta para o fato de que a construção dessa nova subjetividade não pode ser vista sob a perspectiva moderna, uma vez que se trata da emergência de uma inovadora forma de conceber o corpo e o seu simulacro (as conexões midiáticas propiciadas pela Internet). Essa nova forma de conceber o corpo adquire novo patamar, especialmente, quando se pensa no sexo via Internet – algo que modernamente, necessitava diretamente e imprescindível do corpo.

Sob um novo olhar, percebe-se que na construção contemporânea da corporeidade, há, ainda, unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra. Contudo, esses valores estão em constante transformação pela emergência das novas tecnologias. O que não se tem é a linearidade nesses conceitos tal como ocorrida no paradigma moderno. Já, porém, no sentido ético e psicológico a dissolução dessas fronteiras já é detectada por diversos estudiosos especializados nos comportamentos sociais.

Em síntese, a experiência de realidade virtual requisita o corpo e o agencia, mas o corpo quer ser requisitado e agenciado, dá-se a essa requisição e agenciamento. O que se requisita e se agencia é, no limite, a própria realidade, o que é tornado imanente no hiper-real, que tem de ser requisitado e agenciado como condição da constituição hiper-real (SUTHERLAND, 1995, p. 506-508). Portanto, a Internet adquire o estatuto de meio facilitador para hábitos – que ocorrem no mundo real – tal como, jogar ou buscar por sexo nas páginas da web e como essa ferramenta será compulsivamente utilizada dependerá do seres humanos que interagem nesse mundo virtual.

negativa, no trabalho *Internet Addiction: The Emergence of New Disorder*. Nesse texto, a pesquisadora afirma que a Internet seduz os indivíduos, tal como, anteriormente, as drogas e os jogos haviam seduzido.

CAPÍTULO V - BRASIL: HÁBITOS E ASPECTOS SEXUAIS: CORPO, SEXO E COMPORTAMENTO

A lembrança escrita pelo corpo é uma lembrança inesquecível.

(PIERRE CLASTRES)

Desde os primórdios, experiências, hábitos e comportamentos sexuais são marcados pelo corpo. O corpo constitui-se, nas concepções modernas, em paradigma para os padrões sexuais, sociais e culturais. Os relacionamentos são firmados pelo prazer corpóreo, ou seja, dois corpos tocam-se e atestam reciprocamente suas presenças no mundo. A partir das concepções emergentes na contemporaneidade – nesse âmbito, incluem-se as doenças sexualmente transmissíveis (DST), o sexo sem a necessidade de procriação e as novas tecnologias de contato –, há outras maneiras de estar no mundo que independem do corpo.

Esses outros modos de habitar o mundo seriam muito mais complexos e conectados às inúmeras facetas do ser humano (CURY, 2008, p. 121). O afeto, a libido, o sexo, as sensibilidades em geral passariam por canais filtrados pela idade, gênero, grau de instrução, estado civil, classe social e, mais recentemente pelos modelos comunicacionais, propostos, particularmente, pela Internet. Na web, a realidade mundana nada mais seria do que *estar no mundo*, verdadeiramente nele, vivenciando-o, numa espécie de teia que a todos envolve.

Os fenômenos que envolvem os hábitos e atitudes sexuais (sejam eles biológicos, materiais ou puramente psicológicos) são de escala global e não se descolam do seu referente concreto. Na referência brasileira, as transformações e as permanências dos hábitos e das atitudes sexuais, nos últimos dez anos remetem às culpas, aos pecados, aos preconceitos, às informações, às políticas públicas e outros fatores diversos, ocultos nas dobras da memória e do cotidiano da população brasileira.

As práticas sexuais contemporâneas, permeadas pelas novas tecnologias da comunicação e pela presença das DSTs, evocam questões significativas à análise do comportamento do brasileiro, entre elas destacam-se, de modo abrangente, quais as principais mudanças e permanências nos hábitos sexuais do brasileiro? De modo

específico, a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST) é habitualmente levada em consideração nas relações sexuais? E, por fim, qual é o perfil das relações sexuais intermediadas pelo uso das ferramentas de comunicação existentes no ambiente comunicacional da Internet?

Essas indagações tornam-se eixos de reflexão sobre as alterações e continuidades no comportamento sexual e de risco dos brasileiros, especialmente, durante a década que se estende de 1998 a 2008. Neste sentido buscou-se estabelecer um estudo comparativo entre os resultados das pesquisas desenvolvidas por órgãos oficiais do governo brasileiro, como o Programa Nacional de DST e AIDS (PN-DST/AIDS) e o Ministério da Saúde, concernentes às práticas sexuais da população brasileira e verificar quais os fatores que influenciam o atual padrão de comportamento sexual nacional.

Nessa direção são utilizadas como principais fontes de dados as pesquisas:

- 1) *Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS*, conduzida pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, por solicitação da Coordenação Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde realizada em 1998 e;
- 2) *Conhecimentos, Atitudes e Práticas Relacionadas às DST e AIDS da População Brasileira de 15 a 64 Anos de Idade* - estudo desenvolvido pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde em 2008.

Como fontes subsidiárias, pontuam-se as reflexões presentes em *Pesquisa Acerca dos Hábitos e Atitudes Sexuais dos Brasileiros* – livro que reúne o resultado de 5000 entrevistas feitas pelo Instituto Paulista de Pesquisa de Mercado sobre a Sexualidade do Brasileiro, publicado em 1983. Note-se, também, que artigos científicos que tratam da relação, corpo, sexualidade e Internet acrescem o universo reflexivo do texto.

Como se trata de um estudo comparativo, o presente capítulo adota os gráficos e as tabelas das duas principais pesquisas, mencionadas anteriormente, e a partir de desses instrumentos metodológicos, traça suas considerações particulares sustentadas

por teóricos, tais como Levy, Foucault, Giddens e outros autores que discutem às transformações corpóreas e sexuais trazidas pelos elementos da contemporaneidade.

A principal intenção, então, é realizar uma leitura sobre o panorama das práticas sexuais no país, utilizando padrões que possam conciliar a realidade concreta dessas práticas em terreno nacional por meio das pesquisas oficiais com o contexto globalizado vigente retratado por estudos teóricos. Desse modo, o texto utiliza a investigação organizada na década de 1980, como parâmetro para a observação das mudanças e permanências no comportamento sexual do brasileiro, apontados em 1998 e, posteriormente, em 2008. Ao final chega-se a um percurso no qual é possível constatar os movimentos de causa-feito que alteram e, ao mesmo tempo, conservam modelos comportamentais e sexuais no Brasil.

1. 1980: Antecedentes

A Pesquisa Acerca dos Hábitos e Atitudes Sexuais dos Brasileiros é realizada pelo Instituto Paulista de Pesquisa de Mercado sobre a Sexualidade do Brasileiro (IPPM), com coleta de dados no período entre 25 de agosto e 21 de outubro de 1980 e relatório divulgado em maio de 1981. Nesse relatório, encontram-se os resultados do trabalho de campos vertidos em estatísticas, além de ponderações de profissionais ligados a diversas áreas, entre eles: psicólogos, sociólogos, médicos e outros.

O universo da pesquisa leva em consideração entrevistas às populações de médios e grandes centros urbanos que, de certa maneira, tentam espelhar a totalidade das regiões do Brasil. No campo de atuação da pesquisa, incluem-se cidades, tais como: São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), Curitiba (PR), Porto Alegre (RS), Salvador (BA), Recife (PE), Ribeirão Preto (SP), Botucatu (SP), Presidente Prudente (SP), Juiz de Fora (MG), Montes Claros (MG), Uberaba (MG), Londrina (PR), Ponta Grossa (PR), Pelotas (RS), Santa Maria (RS), Itabuna (BA) e Caruaru ((PE).

Evidencia-se que as regiões Norte e Centro-Oeste do país não estão representadas nessa pesquisa e que o Sudeste surge privilegiado na amostragem. O texto do relatório final demonstra essa parcialidade do estudo, quando menciona que

“estes mercados pesquisados representam uma população da ordem de 32 milhões de habitantes, portanto, situado na faixa de 25 a 30% da população brasileira”.

O público-alvo atinge os maiores de 18 anos sem limites para a idade máxima. A investigação considera, ainda, os níveis de alfabetização, as questões de gênero (equilibrando os números de respondentes em 50% para homens e mulheres), as diversas faixas etárias, os grupos socioeconômicos e a representatividade quanto aos diversos grupos sociais qualificados por raça, credo, estado civil, nível de instrução e profissão, entre outras distinções.

Como instrumental metodológico, a pesquisa adota a distribuição de questionários aos entrevistados acompanhados por carta, contendo esclarecimentos dirigidos ao preenchimento dos formulários. O grupo de pesquisa também abraça a instrução oral para completar as interpretações concernentes ao questionário. Os entrevistados por sua vez devolvem o questionário preenchido, relatando suas experiências de forma pessoal e anônima.

Na análise da composição da amostra (Tabela 6), os técnicos do IPPM indicam a defasagem na representação referente à faixa etária, apontando o alto índice de recusa de participação nos grupos de mais de 30 anos, especificamente o de “a partir dos 50 anos”. Contrariamente, o índice de devolução de questionários preenchidos torna-se muito alto no grupo de jovens (entre 18 e 23 anos). Detecta-se que esse tipo de recusa torna-se frequente em cidades de porte médio, como Pelotas e Santa Maria (RS).

Tabela 6 - Distribuição dos Questionários x Questionários Respondidos – pesquisa 1980

	Distribuição dos Questionários	Questionários Recebidos
30 a 44 anos	40%	27%
45 anos e mais	20%	9%
Não responderam	---	4%

Fonte: Instituto Paulista de Pesquisas de Mercado. *Pesquisa Acerca dos Hábitos e Atitudes Sexuais dos Brasileiros*. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 20.

A distribuição por gênero não apresenta o mesmo desequilíbrio do grupo etário, somente um pequeno decréscimo às respostas femininas. Somadas todas as cidades consultadas, totalizam-se 4.860 questionários distribuídos em partes rigorosamente iguais para homens e mulheres, sendo que destes 140 homens e 165 mulheres não respondem aos formulários.

Os questionários versam sobre temas e valores intrínsecos às práticas sexuais, considerando fatores sociais, psicológicos, sistemas anticoncepcionais, doenças venéreas, relacionamentos, preferências e tipos de atividades sexuais. Assinala-se que, à época, a cautela permeia os procedimentos dos coordenadores na ação do levantamento de dados, uma vez que mencionam a gama de problemas que encontram na execução dos questionários, envolvendo tabus, complexos psicológicos, pressões sociais de diversas origens (moral, religiosa e criminal).

A seguir se indica alguns índices levantados pela pesquisa que permitem mapear rapidamente o comportamento sexual do brasileiro durante o início da década de 1980.

Em alguns temas polêmicos, os respondentes se mostram radicalmente contra (tabela 7):

Tabela 7 - Entrevistados “radicalmente contra” - pesquisa 1980

	SÃO PAULO %	RIO DE JANEIRO %	OUTRAS %
O Homossexualismo	70	70	69
O fato de o homem casar-se virgem	56	64	56
O adultério feminino	54	52	57
O adultério masculino	54	46	47
A prostituição	51	55	56
O aborto	35	25	37
As relações sexuais antes do casamento	30	18	21
O fato de a mulher casar-se virgem	17	22	17
O divórcio	14	6	10
O controle da natalidade	10	9	7

Fonte: Instituto Paulista de Pesquisas de Mercado. *Pesquisa Acerca dos Hábitos e Atitudes Sexuais dos Brasileiros*. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 30.

Existem pessoas que aceitam ocasionalmente (Tabela 8).

Tabela 8 - Entrevistados que “aditem em certas circunstâncias - pesquisa 1980

	SÃO PAULO %	RIO DE JANEIRO %	OUTRAS %
O Homossexualismo	14	17	16
O fato de o homem se casar virgem	22	22	24
O adultério feminino	23	29	23
O adultério masculino	25	35	30
A prostituição	27	31	26
O aborto	37	44	39
As relações sexuais antes do casamento	26	25	27
O fato de a mulher se casar virgem	28	35	32
O divórcio	30	24	33
O controle da natalidade	18	18	20

Fonte: Instituto Paulista de Pesquisas de Mercado. *Pesquisa Acerca dos Hábitos e Atitudes Sexuais dos Brasileiros*. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 30.

Outras pessoas demonstraram-se “totalmente a favor” (Tabela 9).

Tabela 9 - Entrevistados que são favoráveis - pesquisa 1980

	SÃO PAULO %	RIO DE JANEIRO %	OUTRAS %
O Homossexualismo	4	4	5
O fato de o homem casar-se virgem	10	9	11
O adultério feminino	5	8	6
O adultério masculino	5	11	9
A prostituição	5	5	5
O aborto	17	25	14
As relações sexuais antes do casamento	31	53	43
O fato de a mulher casar-se virgem	48	39	41
O divórcio	41	65	48
O controle da natalidade	58	68	63

Fonte: Instituto Paulista de Pesquisas de Mercado. *Pesquisa Acerca dos Hábitos e Atitudes Sexuais dos Brasileiros*. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 31.

Com esses indicadores, a pesquisa considera que, no início dos anos de 1980, os paulistanos se apresentam mais conservadores do que os cidadãos de outras regiões abordadas. Registra, ainda, que temas como “casamento civil”, “casamento religioso”, “planejamento familiar” e “educação sexual nas escolas” são plenamente aceitos, com índices que oscilam entre 60 e 80% das respostas. O homossexualismo, a prostituição e as relações extraconjugais apresentam-se como temas extremamente polêmicos com altos níveis de rejeição.

Nesse ponto, é importante lembrar que o Brasil, nesse período, está nos momentos finais da ditadura militar (1964-1984). Vivencia a abertura progressiva dos canais de comunicação com a “abertura para a democracia” e está em vias de acabar com a censura à liberdade de expressão. Além disso, inicia-se um intenso debate sobre a lei do divórcio (que entra em vigor em 1976), sobre a legalização do aborto, sobre os métodos contraceptivos e sobre a violência contra a mulher. Ressalta-se que essas questões emergem no limiar dos anos de 1970, transcorrendo por toda a década de 1980. Os dados levantados pela pesquisa sobre os hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros dão conta dessa transição entre a manutenção de tabus sexuais e sua transgressão.

Com relação aos métodos contraceptivos, os resultados da pesquisa revelam que a pílula é o principal sistema anticoncepcional usado pela população. 47% dos cariocas a utilizam como método habitual. Já em São Paulo, a classe “A” utiliza com frequência a camisinha. Nessa época, muitos entrevistados alegam que a camisinha é incômoda e “tira parte da satisfação”.

Quanto ao início da vida sexual, os índices apontam entre 12/17 anos de idade para homens e 17/20 anos de idade para mulheres. Nessa categoria, os dados demonstram que, com exceção do Rio de Janeiro, nas demais cidades as pessoas das categorias socioeconômicas mais baixas alegam nunca terem concretizado uma relação sexual ou, ainda, que têm somente com um parceiro (cerca de 25%).

As DSTs surgem nessa pesquisa com as seguintes indicações: “é relativamente baixo o índice de pessoas que já tiveram doenças venéreas” (Tabela 10).

Tabela 10 - Doenças Venéreas - pesquisa 1980

	SÃO PAULO %	RIO DE JANEIRO %	OUTRAS %
Sim	12,0	17,6	21,8
Não	64,3	73,4	59,3
Não Responderam	23,8	8,9	18,9

Fonte: Instituto Paulista de Pesquisas de Mercado. *Pesquisa Acerca dos Hábitos e Atitudes Sexuais dos Brasileiros*. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 43.

Segundo a análise dos questionários, apenas 4% das mulheres respondem que já adquiriram doenças, tais como gonorréia e blenorragia. A discussão sobre as doenças venéreas, em 1980, está num estágio inicial, somente na década de 1990 é que questões relativas à sexualidade e, particularmente, aos problemas de saúde ligados ao sexo emergem com maior força no contexto social. Mesmo cerca de 20 anos após, a chamada “revolução sexual”, propagada pelo movimento *hippie*, o livre debate sobre as formas de contágio de doenças sexualmente transmissíveis, como a sífilis e herpes genital, é algo que não atinge a totalidade das camadas sociais, particularmente, as de poder aquisitivo menor.

2. 1998: Dados de uma nova realidade

Da *Pesquisa Acerca dos Hábitos e Atitudes Sexuais dos Brasileiros*, realizada em 1980, destacam-se os aspectos que, mesmo tendo uma rápida pontuação neste capítulo, são alicerces para o exercício de reflexão sobre a realidade posterior representada pelos anos de 1990. O intervalo de quase uma geração entre 1980 e 1998 – ocasião na qual se efetiva a pesquisa *Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS*, conduzida pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, por solicitação da Coordenação Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde – permite o mapeamento das principais transformações na vida sexual dos brasileiros, focando questões que envolvem idade, estado civil, nível de instrução, opção sexual, parceiro fixo, satisfação, média de relações sexuais, métodos contraceptivos, drogas e doenças sexualmente transmissíveis.

A pesquisa do CN-DST/AIDS (1998) propriamente dita realiza-se entre dezembro de 1997 e dezembro de 1998. Refere-se a universo integrado por ambos os sexos, de 16 a 65 anos, moradores de áreas urbanas de 169 micro-regiões do Brasil. A amostra final corresponde a 3.600 pessoas, das quais 1.200 vivem no Norte-Nordeste, 1.200 no Sul expandido (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro) e 1.200 no Centro-Oeste expandido (Minas Gerais, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul). Nesse ponto, assinala-se a maior abrangência e equilíbrio no perfil das regiões, em plano nacional, na pesquisa de 1998 em relação à realizada em 1980, onde se privilegia a região Sudeste (especificamente, São Paulo e Rio de Janeiro).

Focalizado em identificar representações, comportamentos, atitudes e práticas sexuais da população brasileira, o levantamento de dados é direcionado ao conhecimento da prevalência das práticas sexuais e situá-las no seu contexto social. Some-se a isso a intenção de identificar as orientações, atitudes e práticas sexuais dos grupos específicos e das regiões do território nacional e a interação entre o uso de drogas e suas implicações no comportamento sexual. Enfatizam-se, sobretudo, as percepções sobre as formas de contágio e prevenção das doenças sexualmente transmissíveis, em particular o vírus HIV e a AIDS. Note-se que em 1980, “as doenças venéreas” surgem com uma expressão muito inferior a presente pesquisa.

Outra distinção significativa entre as pesquisas está na faixa etária abordada em cada uma delas. Em 1980, a seleção dos entrevistados parte da idade mínima de 18 anos e não tem limite para idade máxima. Já em 1998, as atenções dirigem-se para as faixas etárias existente entre os 16 e 65 anos de idade (estimativa média da vida sexual do brasileiro). O fato de existir idades limítrofes, consideradas no universo da investigação, indica a acuidade do estudo e sua sustentação em critérios metodológicos e científicos que apontam um início sexual para os adolescentes (anterior à maioridade – 18 anos) e o prolongamento da atividade até, pelo menos, os 65 anos (uma vez que a previsão do tempo de vida dos brasileiros tem aumentado gradativamente durante as sucessivas décadas).

As estratégias metodológicas das pesquisas também são diferenciadas: em 1980 privilegia-se a emissão de questionários, na qual os indivíduos respondiam por escrito

e anonimamente às questões. Em 1998, as entrevistas se dão, na maior parte, oralmente e também contam com o elemento do anonimato. Na primeira pesquisa os responsáveis mencionam que a delicadeza das questões (que envolvem moral, religião e aspectos sociais) poderia causar constrangimento aos respondentes, porém, na segunda investigação, esse fator não se apresenta porque esta é fortemente marcada pela preocupação da saúde e prevenção das DST. Nessa pesquisa, as questões dividem-se em: identificação pessoal (informações para situar o respondente socialmente); opiniões sobre sexualidade e normas sexuais; iniciação sexual e experiências; comportamento sexual, conhecimento e prevenção do HIV/AIDS; reprodução e saúde e uso de drogas.

Tal como o levantamento efetivado em 1980, a ação desenvolvida em 1998 registra a relutância de alguns entrevistados e até mesmo, em alguns casos, a recusa em responder o questionário. Como se pode observar na tabela 11, os motivos para a perda da entrevista abrangem desde a recusa efetiva do entrevistado em responder o questionário, passando pelo domicílio fechado, vago, de uso ocasional e inexistente; domicílios onde todos os habitantes eram maiores de 65 anos, até entrevistas incompletas ou não realizadas devido à ausência de privacidade.

Tabela 11 - Condição das Entrevistas Segundo a Situação da Amostra - pesquisa 1998

	Amostra Original		Amostra Substituta		Total	
	Domicílios	%	Domicílios	%	Domicílios	Total
Realizada	2.416	67,1	908	78,1	3.324	69,8
Entrevista Incompleta	15	0,4	6	0,5	21	0,4
Impossibilidade de Privacidade	6	0,2	1	0,1	7	0,1
Recusa	350	9,7	88	7,6	438	9,2
Domicílio Fechado	126	3,5	13	1,1	139	2,9
Domicílio Vago	206	5,7	32	2,8	238	5
Domicílio Inexistente	12	0,3	2	0,2	14	0,3
Domicílio de Uso Ocasional	52	1,4	12	1	64	1,3
Maiores de 65 anos ¹⁶	172	4,6	46	4	218	4,6
Outros motivos	245	6,8	54	4,6	299	6,4

Total	3.600	100	1.162	100	4.762	100
-------	-------	-----	-------	-----	-------	-----

Fonte: CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO. COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS*, 1998. Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em 25 jan. de 2010.

O relatório da pesquisa *Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS* mostra a perda efetiva de informações em um total que corresponde a 32,9% dos entrevistados. Acusa-se, ainda, um desequilíbrio entre homens (41,3%) e mulheres (28,5%), assinalando que os homens na faixa etária entre 26 e 55 anos apresentam um índice de recusa superior. Vale ressaltar que nesta categoria estão os domicílios onde todos os moradores tinham mais de 65 anos de idade.

Em 1980, de acordo com dados do Instituto paulista de pesquisas de mercado (p. 20),. existe certo balanceamento entre homens e mulheres, sendo que o fator de desestabilização concentra-se na faixa etária mais avançada. Porém, não se permite observar sobre qual seria o maior índice etário da população. Em 1998, a amostra permite afirmar que 68,6% do seu universo compõem-se de pessoas entre 16 e 40 anos (sendo que na faixa entre 16 e 25 anos a percentagem é de 30,7% e de 26 a 40 anos é de 37,9%). Isto significa que a maioria dos indivíduos concentra-se nas faixas mais jovens da população conforme a CN- DST/AIDS no documento *Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS*.

Com relação ao estado conjugal da população (Tabela12), em 1998, as estatísticas arroladas no trabalho afirmam que a maior parte (57%) encontra-se em união, ou seja, casada legalmente (44,9%) ou vivendo em união consensual (12,1%). Os respondentes considerados “não unidos” estão divididos entre 34,5% solteiros, 4,7% divorciados/separados ou desquitados e 3,9% eram viúvos.

Tabela 12 - Distribuição do estado conjugal no total por sexo, região e faixa etária. Brasil. Pesquisa 1998.

Estado Conjugal	Total	Sexo		Regiões			Idade			
		Masc.	Fem.	Centro	Norte	Sul	16/25	26/40	41/55	56/65
Casado (a)	44,9	44,2	45,8	41,1	35,0	50,2	15,5	51,1	70,8	54,4
Solteiro (a)	34,5	38,4	30,9	40,8	36,0	32,2	75,3	24,4	7,1	5,3
Unido (a) Consensualmente	12,1	14,0	10,3	9,0	20,5	9,3	8,4	16,9	10,0	9,5
Viúvo (a)	3,9	0,4	7,0	3,1	3,5	4,2	-	1,2	5,3	25,3
Separado (a)	3,8	2,8	4,7	4,1	4,3	3,5	0,7	5,0	6,0	3,8
Divorciado (a)	0,9	0,2	1,5	2,1	0,7	0,7	0,1	1,3	0,8	1,7
	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)	(100)
Base	59873	28593	31280	8964	15321	35588	18407	22675	13623	5168

Fonte: CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO. COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS*, 1998. Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em 25 jan. de 2010.

Na observação da tabela 13, percebe-se que o panorama concernente à população brasileira mostra a situação de “solteiro” declinante a partir do aumento da faixa etária. Inversamente, os declarantes dos estados conjugais, tais como: viúvo, separado e divorciado sobe de acordo com o aumento da faixa etária, com acento maior para o sexo feminino. Nesse aspecto, comparativamente à década de 1980, para a compreensão desse último dado deve-se evocar a consolidação da lei do divórcio, a conquista do mercado de trabalho pelas mulheres (a emancipação feminina), a maior mortalidade dos homens e a menor chance de “recasamento” das mulheres viúvas e divorciadas.

No que concerne à iniciação sexual, em 1998, os dados indicam que dos jovens, entre 16 e 19 anos, 61% já haviam tido relações sexuais e, destes 40,2% tiveram por primeira vez antes dos 15 anos de idade. Neste ponto, constata-se a mudança no comportamento sexual entre as gerações (de 1980 e de 1990). Porém, se pondera sobre duas situações contrárias: de um lado, os indicadores demonstram que o início da vida sexual está sendo com menor idade. Do outro lado, a emergência da epidemia de HIV/AIDS pode retardar a idade para a primeira relação sexual. Pode-se aventar que

sem o perigo da contaminação viral, talvez, o início dos relacionamentos sexuais fosse antecipado ainda para mais tenra idade.

Tabela 13 - Distribuição percentual de jovens, por faixa etária segundo ocorrência de relações sexuais e ano calendário.

Ano Calendário	Ocorrências de Relações Sexuais	Faixa Etária (em anos)	
		16 a 19	20 a 24
1984	Nunca teve	40,1	15,4
	Já teve	59,9	84,6
	Total	100,0	100,0
1998	Nunca teve	39,0	7,7
	Já teve	61,0	92,3
	Total	100,0	100,0

Fonte: CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO. COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS*, 1998. Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em 25 jan. de 2010.

Após as análises dos resultados da pesquisa realizada em 1998 reforça-se a idéia de precocidade no início das relações sexuais entre os brasileiros, particularmente, entre os homens. Na década de 1980, o percentual de homens jovens (entre 16 e 19 anos) que afirmam ter sua primeira ocorrência sexual antes dos 15 anos gira em torno dos 35%. Já em 1998, esse percentual sobe para 46,7%. Entre as mulheres entre os anos de 1980 e 1998, essa média muda de 13,6% para 32,3%.

Não se pode negar que há dois temas emergentes na pesquisa de 1998 que a distingue profundamente das preocupações da de 1980: o contínuo uso de drogas, acrescido da prevenção e do contágio de doenças sexualmente transmissíveis. Em 1998, a disseminação do vírus HIV e a propagação de substâncias psicoativas, tais como a maconha, haxixe, cocaína, crack, morfina, LSD, ecstasy, solventes e medicamentos psicotrópicos, transformam-se em debate aberto à cena social e, acima de tudo, em assunto de saúde pública. Nesse ponto, torna-se importante lembrar que a década de 1990 vive a plenitude do estigma do HIV/AIDS e que os principais grupos de risco são distinguidos por comporem o grupo dos homossexuais e dos consumidores de drogas.

Tabela 14 - Distribuição dos indivíduos que utilizaram substâncias psicoativas nos últimos 12 meses, segundo faixa etária, sexo, cor, estado conjugal e religião. Brasil, Pesquisa 1998.

ATRIBUTO	USUÁRIOS	POPULAÇÃO
Faixa Etária	(100)	(100)
16 a 19 anos	20,5	15,4
20 a 24 anos	14,1	12,1
25 a 29 anos	13,2	12,0
30 a 34 anos	18,3	14,4
35 a 39 anos	8,0	11,3
40 a 55 anos	23,8	26,2
56 a 65 anos	2,2	8,6
Sexo	(100)	(100)
Masculino	74,1	47,8
Feminino	25,9	52,2
Cor	(100)	(100)
Branca	45,1	51,5
Negra	48,7	43,9
Indígena/Amarela	4,6	4,6
Estado Conjugal	(100)	(100)
Solteiro	53,3	34,5
Casado/Unido	40,7	57,0
Viúvo/Separado	6,0	8,5
Religião	(100)	(100)
Católica	47,7	67,5
Pentecostal/Protestante	7,9	17,1
Outras	5,0	5,6
Nenhuma	39,4	9,8
Base ¹⁷	(3289)	(59731)

Fonte: CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO. COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS*, 1998. Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em 25 jan. de 2010.

Observa-se que as faixas etárias que variam entre 16 e 30 anos apresentam os índices mais elevados no consumo de drogas no país em 1998 (Tabela 15). A análise por gênero aponta ainda que entre os homens a maconha e a cocaína surgem com maior frequência, ao passo que entre as mulheres constata-se a presença de medicamentos psicotrópicos. Segundo os resultados obtidos à época, é preciso mencionar que a religião, o gênero e o estado conjugal são fatores que influenciam no uso ou não de drogas. Os homens solteiros e sem religião tendem a utilizar drogas com mais constância.

Quanto aos métodos empregados para contracepção, verifica-se que essa preocupação altera-se de 1980 para 1998 – nesse período as atenções estão destinadas aos preservativos, ou seja, aos métodos que possam evitar a procriação, mas que possam, sobretudo, evitar o contágio de doenças sexualmente transmissíveis, em especial, a AIDS. Nessa perspectiva, a pesquisa realizada em 1998 procura conhecer a frequência ou não do uso de preservativo, os tipos de relacionamentos e os graus de risco de exposição às DSTs.

Tabela 15 - Afirmações sobre situações de risco

Situações de Risco	Bem Informado	Mal Informado	Não Classificado
Casal de um homem e uma mulher que faz apenas sexo entre si	Baixo risco Médio risco Alto risco	Nenhum risco Não sabe	Não respondeu
Casal de mulheres que faz sexo apenas sexo entre si	Baixo risco Médio risco Alto risco	Nenhum risco Não sabe	Não respondeu
Casal de home e mulher que ocasionalmente faz sexo com alguém que não o(a) seu(sua) parceiro(a) habitual	Alto risco	Nenhum risco Baixo risco Médio risco Não sabe	Não respondeu
Casal de homens que ocasionalmente faz sexo com alguém que não o(a) seu(sua) parceiro(a) habitual	Alto risco	Nenhum risco Baixo risco Médio risco Não sabe	Não respondeu
Casal de mulheres que ocasionalmente faz sexo com alguém que não o(a) seu(sua) parceiro(a) habitual	Alto risco	Nenhum risco Baixo risco Médio risco Não sabe	Não respondeu
Pessoas que têm muitos parceiros diferentes do mesmo sexo	Alto risco	Nenhum risco Baixo risco Médio risco Não sabe	Não respondeu
Pessoas que têm muitos parceiros diferentes do sexo oposto	Alto risco	Nenhum risco Baixo risco Médio risco Não sabe	Não respondeu

Fonte: CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO. COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS*, 1998. <http://www.aids.gov.br>. Acesso em 25 de janeiro de 2010.

¹⁷ Valores expandidos para a população (em mil pessoas).

Ao associar o uso de preservativo e tipo de relação, em 1998, nota-se que, entre as pessoas que declaram possuir apenas relações eventuais, cerca de 64% utilizam o preservativo, valor superior para as mulheres 69,2% no comparativo ao de homens 63,3%. A proporção do uso do preservativo não é diferente entre os que possuem mais de um parceiro sexual.

Nota-se, ainda, que cerca de 95% das pessoas mostram-se relativamente bem informadas ao classificar como situações de alto risco aquelas que envolvem pessoas com muitos parceiros. De forma semelhante, cerca de 85% dos indivíduos se mostram bem informados ao classificar casais, heterossexuais e homossexuais, com outros parceiros, em situação de risco. As situações envolvendo casais com somente um parceiro, mais de 25% dos indivíduos se mostram mal informados em relação aos riscos de casais homossexuais e 46% em relação aos homossexuais.

Em última instância nos durante os anos de 1990, os hábitos e comportamentos sexuais precisam se adequar às novas realidades deflagradas pela epidemia do HIV/AIDS e dos novos padrões de relacionamentos (homossexuais e heterossexuais). A pesquisa realizada em 1998 reflete essa situação, particularmente, na esfera governamental que entende sexo como elemento constituinte da saúde pública e alvo de campanhas educativas e sanitárias. Resta, agora, o exercício sobre como essa situação de mantém ou modifica-se dez anos depois.

3. 2008: A cena contemporânea

Em 2008, a *Pesquisa de Conhecimento, Atitudes e Práticas da População Brasileira de 15 a 64 anos de idade*, realizada pela Coordenação Nacional de DST/AIDS do Ministério da Saúde, obtida através de inquérito domiciliar da população brasileira, totaliza 8.000 indivíduos, no mês de novembro de 2008, estratificados por macrorregiões geográficas (Norte, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste) em ambiente urbano e rural. Ao comparar o universo de 3.600 indivíduos consultados em 1998, essa nova pesquisa alcança mais do que o dobro de opiniões em âmbito nacional. As regiões foram igualmente representadas, estabelecendo parâmetros semelhantes para cada questão.

O objetivo principal do levantamento de dados de 2008 concentra-se em desenvolver instrumental para o monitoramento dos indicadores de desempenho do Programa Nacional de DST e AIDS (PN-DST/AIDS), enfatizando as informações relacionadas à prevenção das situações de vulnerabilidade à infecção do HIV e outras doenças sexualmente transmissíveis. As faixas etárias abordadas pela pesquisa, de certo modo, são semelhantes às adotadas em 1998 (de 15 a 64 anos de idade). Assinala-se que o foco da pesquisa está estritamente direcionado ao conhecimento sobre as práticas sexuais que incorrem em risco de exposição, além da conscientização dos modos de contágios da epidemia viral.

As associações de fatores tais como, idade, gênero, classe social, grau de instrução, parceiros sexuais fixos ou eventuais, religião, cor e/ou raça, região do país e outros determinantes sociais, fornecem um quadro sobre os hábitos sexuais da população brasileira, contudo, esse panorama é permeado por preocupações relativas à saúde pública. De 1998 para 2008, percebe-se na maior parte dos quesitos abordados a manutenção do comportamento sexual brasileiro, porém, as atenções voltadas à DST e HIV/AIDS dobram e repercutem nas práticas habituais dessa população.

A seguir observa-se o contexto nacional encontrado pela pesquisa de 2008 que trata especialmente sobre os antecedentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e, por consequência o atendimento médico que deve ser ação obrigatória nesses casos.

Tabela 16 - Percentual (%) de indivíduos sexualmente ativos com idade entre 15 e 64 anos que tiveram algum antecedente relacionado a DST e que procuraram tratamento na última vez que tiveram algum problema, por sexo, segundo características sócio-demográficas. Brasil – Pesquisa 2008

Características		Homens		Mulheres	
		N	%	N	%
Brasil		601	82,0	2053	88,6
Faixa Etária	15-24 anos	89	67,2	482	78,8
	25-34 anos	130	82,8	569	93,7
	35-49 anos	230	84,6	687	89,8
	50-64 anos	152	86,1	316	91,9
Grau de escolaridade	Primário	140	79,2	302	85,2
	Incompleto				

	Fundamental Incompleto	256	78,0	785	88,0
	Fundamental Completo	205	89,0	966	90,3
Cor ou raça	Branca	186	87,1	823	88,9
	Preta	88	74,3	268	85,2
	Parda	312	81,0	888	89,1
	Amarela	8	100,0	42	90,2
	Indígena	6	76,1	7	91,7
Vive com companheiro	Não	185	77,5	719	85,5
	Sim	416	84,0	1334	90,3
Você se considera religioso?	Não	128	74,2	379	83,6
	Sim	472	84,1	1674	89,8
Trabalha atualmente	Não	131	75,5	1051	88,0
	Sim	471	83,8	998	89,3
Classe econômica	Classe A/B	110	89,8	376	92,6
	Classe C	272	82,1	1021	88,8
	Classe D/E	215	77,6	647	86,1
Região de residência	Norte	66	82,9	158	90,4
	Nordeste	181	81,6	489	87,5
	Sudeste	238	82,3	944	88,0
	Sul	82	78,5	307	91,8
	Centro-oeste	34	89,3	155	87,9
Localização	Rural	100	78,1	285	82,6
	Urbano	502	82,8	1768	89,6

Fonte: COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Pesquisa de Conhecimento, Atitudes e Práticas da População Brasileira de 15 a 64 anos de idade* <http://www.aids.gov.br>. Acesso em 31 de janeiro de 2010.

De acordo com a fonte dos dados, os jovens de 15 a 24 anos de idade demonstram mais atitude em relação às doenças sexualmente transmissíveis. Eles têm comportamento mais seguro quando comparados às outras faixas etárias – usam mais o preservativo. O retrato da vida sexual desse segmento é um dos destaques da pesquisa. Essa atitude dos jovens, em 2008, pode ser uma decorrência das intensas campanhas dirigidas ao público pelos meios de comunicação e do envolvimento das escolas nas atividades de prevenção às DST e AIDS. É importante lembrar que esses jovens nasceram sobre as consequências da epidemia do HIV.

Os dados nacionais mais representativos dizem respeito às distinções das regiões geográficas no Brasil, nas quais é possível verificar que os indivíduos da região Sul (82,8%) e do Centro-Oeste (81,1%) são mais sexualmente ativos do que os das

demais regiões: no Norte 79%, no Nordeste 74% e no Sudeste 76,5%. O maior índice de relacionamento com pessoa do mesmo sexo está na região Sudeste (8,4%), seguido respectivamente das regiões Nordeste (7,2%), Norte (7%), Sul (6,8%) e Centro-Oeste (5,6%).

As questões relativas ao comportamento sexual dos brasileiros e suas relações com as DST e AIDS são bastante significativas, contudo, um dos principais dados levantados pela pesquisa de 2008 está no índice que apresenta o fato de pessoas se conhecerem pela Internet e tornarem-se possíveis parceiros sexuais. No Sudeste, por exemplo, esse índice é de 7,2% e atinge as outras regiões proporcionalmente. A partir desse índice, a pesquisa qualifica o impacto da sexualidade virtual na estruturação dos hábitos e comportamentos dos brasileiros – esse, realmente, é um fator novo que surge no panorama sexual nacional.

Na atualidade, o enfraquecimento da forma tradicional de família, a contestação de valores vigentes até o momento, tais como, casamentos permanentes, heterossexualidade compulsória, fins reprodutivos e repressão sexual acentuada, possibilita a manifestação de novas formas de convivência e relacionamentos, que não necessariamente estão ligadas aos fins procriativos ou matrimoniais – como, por exemplo, o sexo virtual (FERNANDES, 2002, p. 03).

Esse tipo de relacionamento sexual se processa por intermédio de ferramentas de comunicação disponibilizadas em um ambiente de comunicação digital. Nesse contexto, é relevante mencionar que uma pesquisa da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana, efetivada em 2001, constata que 16% dos internautas do país, passam em média 14 horas/semana, navegando a procura de sexo. A simulação no ambiente virtual possibilita a sensação de realidade (LEVY, 1993, p. 21). Similarmente, os corpos das pessoas se virtualizam e, portanto, podem estar, concomitantemente, em lugares e tempos diversos. Conquistam novos espaços e adquirem novas velocidades, assim como, a possibilidade de satisfação sexual sem, necessariamente, se obter o contato corpóreo direto.

O anonimato, a sensação de segurança e as identidades transitórias - elementos proporcionados pelo *ciberespaço* seduzem cada vez mais um maior número de usuário e essa situação reflete-se na pesquisa realizada em 2008. No *ciberespaço* os

internautas assumem identidades na forma de avatares, interagindo um com outro (MORAES et al., 2005, p. 247). No teclado, inseridos em um ambiente de comunicação “virtual”, o medo de rejeição é dissipado face à possibilidade imediata de se desconectar sem deixar rastros. Esse fato dá margem à satisfação pessoal e imediata através das fantasias e da capacidade de comunicação do usuário. Dessa maneira, observa-se que a internet, como ambiente de comunicação, emerge nos início do novo século como um fator determinante na transformação dos relacionamentos interpessoais, incluindo-se a esfera sexual.

Considerando que a sexualidade é um ponto sensível que se insere entre o biológico e o cultural, entre o pessoal e o social (ARRILHA, 1998, p. 295-303), é difícil traçar uma linha linear e unívoca para tratar dos assuntos pertinentes ao sexo. Ao longo de quase três décadas, percebe-se que os hábitos e comportamentos sexuais dos brasileiros apresentam graduadas transformações. De 1980 passando por 1998 até 2008, pontuaram-se os principais aspectos abordados por pesquisas, de caráter nacional, e formuladas por órgãos públicos e oficiais do Brasil. Elas tratam de características sociais, morais psicológicas que influenciam o universo das relações sexuais da população brasileira, particularmente as pesquisas realizadas em 1998 e 2008 tomam como marca principal a prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e HIV/AIDS, tornando-se instrumentos para as mais diversas políticas públicas dirigidas à saúde.

Para além das pesquisas, assinala-se que o contexto social de cada período influencia de forma direta os comportamentos e hábitos sexuais. Vale lembrar que acontecimentos, tais como: “a revolução sexual e a emergência da pílula” (por volta dos anos de 1960); o fim da procriação compulsória; a emancipação da mulher, particularmente, na competição por seu lugar no mercado de trabalho (cerca dos anos de 1970 e 1980); o retorno da liberdade de expressão (com fim da ditadura, 1984); a emergência da epidemia viral, representada pelo HIV/AIDS (anos de 1980 e 1990) e, a proliferação do uso da Internet (fins da década de 1990 e início dos anos de 2000).

Alguns estudiosos, como Giddens (1993, p. 56 e seguintes), anunciam que esses fatos ocasionam uma mudança radical – que ainda está em processo –, no comportamento sexual identificada, em especial, pelo surgimento da sexualidade

desvinculada da reprodução. Isto posto, percebe-se que os comportamentos sexuais hoje são permeados pela “satisfação pessoal” em detrimento da atividade de procriação.

As pesquisas de 1998 e 2008 atestam que o brasileiro tem iniciado sua vida sexual precocemente. Os jovens têm se mostrado, em geral, conscientes dos riscos à exposição às doenças sexualmente transmissíveis. Porém, grande parte deles acredita que é “invulnerável” às doenças adquiridas a partir do ato sexual e, talvez, por essa razão se arriscam com a multiplicidade de parceiros e com pessoas que somente conheceram pela Internet. Note-se que as campanhas de saúde e educativas elegem esse público como sendo seu foco principal. As campanhas educativas seguem as pesquisas oficiais que, também, apontam sobre as diferenças de posturas sexuais entre homens e mulheres, entre as faixas etárias, entre as classes sociais e qualquer outra diferenciação social.

Nesse ponto evoca-se o pensamento de Foucault, no qual apregoa que a sexualidade é “ponto de passagem de relações de poder entre homens e mulheres; jovens e velhos; pais e filhos” (1997, p. 98). Considera-se, então, que a diferença entre os corpos é uma das referências recorrentes pelas quais o poder é exercido e legitimado. Porém, com a emergência do sexo virtual e da utilização de ferramentas de comunicação para a busca de parceiros sexuais qual será a nova conformação do corpo no ato sexual? O corpo sempre estará presente? As tendências que se mostram nas pesquisas nos permitir presumir que sim. As identidades transitórias reveladas nos *chats* virtualizam os corpos e esses passam a existir na dimensão virtual mas, também, se concretizam em relações sexuais reais. Os subgrupos sociais procuram a satisfação sexual na Internet com objetivos muitos claros, contudo, o contato corpóreo ainda existe.

Em resumo, as pesquisas de 1998 e 2008 revelam as novas realidades que alteram acentuadamente o comportamento e os hábitos sexuais dos brasileiros: as doenças sexualmente transmissíveis (a emergência do “sexo seguro” e suas decorrências), a proliferação do uso da Internet (o surgimento do sexo virtual e a busca de parceiros sexuais reais). Vistas como instrumentais para a implantação de políticas

públicas e campanhas de conscientização, essas pesquisas oficiais auxiliam na construção de um contexto que a cada nova década apresenta novas modificações.

CAPÍTULO VI - RESULTADOS: INTERPRETANDO OS DADOS

A morte da interpretação é o crer que há símbolos que existem primariamente, realmente como marcas coerentes, pertinentes e sistemáticas. A vida da interpretação, pelo contrário, é o crer que não há mais do que interpretações.
(FOUCAULT)

Aqui são apresentados os resultados obtidos com a aplicação do instrumento de pesquisa, devidamente organizados de acordo com os questionários 1 e 2 aplicados aos 428 (quatrocentos e vinte e oito) respondentes da pesquisa, estudantes de cursos de Computação e Informática, de ambos os sexos, no período de maio a agosto de 2009.

Esclarecemos que o Instrumento de Pesquisa 1 foi composto por 56 (cinquenta e seis) perguntas fechadas e abertas, sendo respondido por 180 (cento e oitenta) participantes que afirmaram utilizar a Internet para buscar parceiros sexuais.

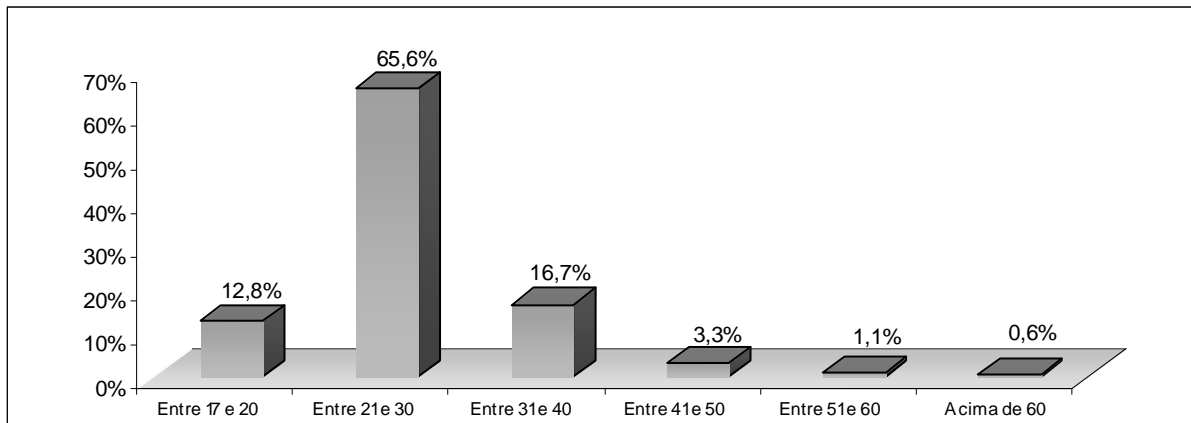
Já o Instrumento de pesquisa 2 foi composto por 23 (vinte e três) questões abertas e fechadas, sendo respondido por 248 (duzentos e quarenta e oito) participantes que afirmaram não utilizar a Internet para buscar parceiros sexuais.

1. Resultados do instrumento de pesquisa 1 – participantes que informaram buscar parceiros sexuais no ambiente comunicacional Internet

1.1 Núcleo A - Idade, sexo, escolarização e personalidade.

Esta parte da análise apresenta as primeiras 4 (quatro) questões do questionário que são administrativas e tiveram como finalidade caracterizar os 180 informantes que afirmaram buscar assuntos sexuais na Internet para que se possa proceder ao cruzamento destas variáveis com as respostas das demais questões. Para Réa e Parker (2000, p. 47) “as primeiras perguntas devem estar relacionadas ao assunto declarado no preâmbulo, mas devem ser relativamente fáceis de responder.”

Gráfico 1 – Faixa Etária

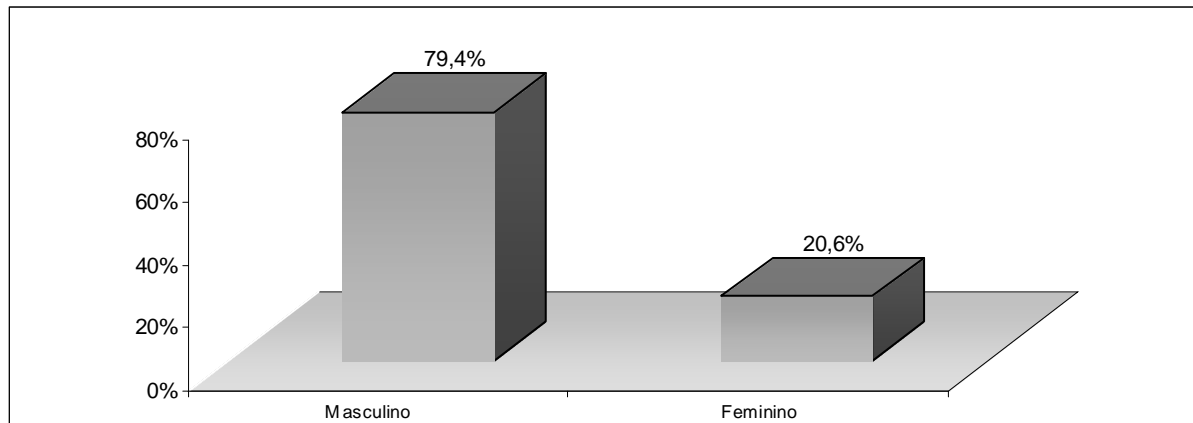


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O Gráfico 1 apresenta as informações referentes à a questão "Em que faixa de idade você se encaixa?". Nele podemos observar observar que a maior parte dos estudantes que participaram da pesquisa, confirmando utilizar a Internet afim de estabelecer comunicação com objetivos sexuais, se encontra na idade entre 21 e 30 anos. Somados os três maiores índices de respostas temos que 95,1% dos estudantes universitários dos cursos de Computação e Informática da instituição estudada têm entre 17 e 40 anos.

A maioria dos participantes da pesquisa, que assumiram usar esse ambiente comunicacional para buscar parceiros sexuais, é do sexo masculino, total que obteve 79,4% de ocorrências, seguida de 20,6% que responderam "Feminino". Estes resultados podem ser visualizados no Gráfico 2 e apenas confirmam o perfil dos estudantes dos cursos de Computação e Informática que, em sua grande maioria, são realmente do sexo masculino.

Gráfico 2 - Sexo



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Com relação ao estado civil dos respondentes, a resposta “Solteiro” foi a que obteve maior frequência, com 75% de ocorrências, seguida de 20,6% que responderam “Casado” e 4,4% que responderam ser "Desquitados". O Gráfico 3 expressa esses resultados.

Quando cruzamos estes dados com os dados de Sexo, temos que, dos 180 (cento e oitenta) alunos que optaram por responder a este questionário e que são do sexo masculino (a grande maioria, com 143 respondentes) apresentam o seguinte perfil:

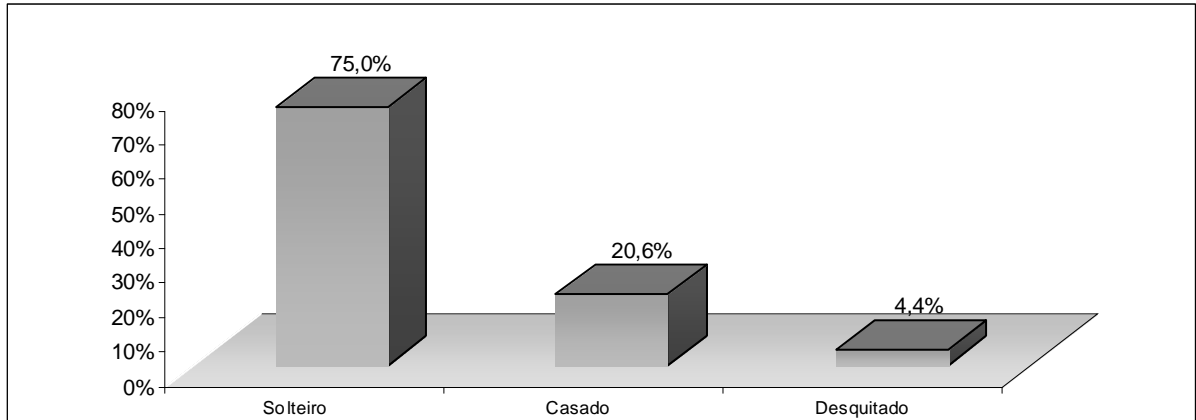
- 31 são casados, 01 é desquitado e 111 se declararam solteiros.

Já as 37 (trinta e sete) alunas participantes apresentaram o seguinte perfil:

- 06 são casadas, 07 são desquitadas e 24 se declararam solteiras.

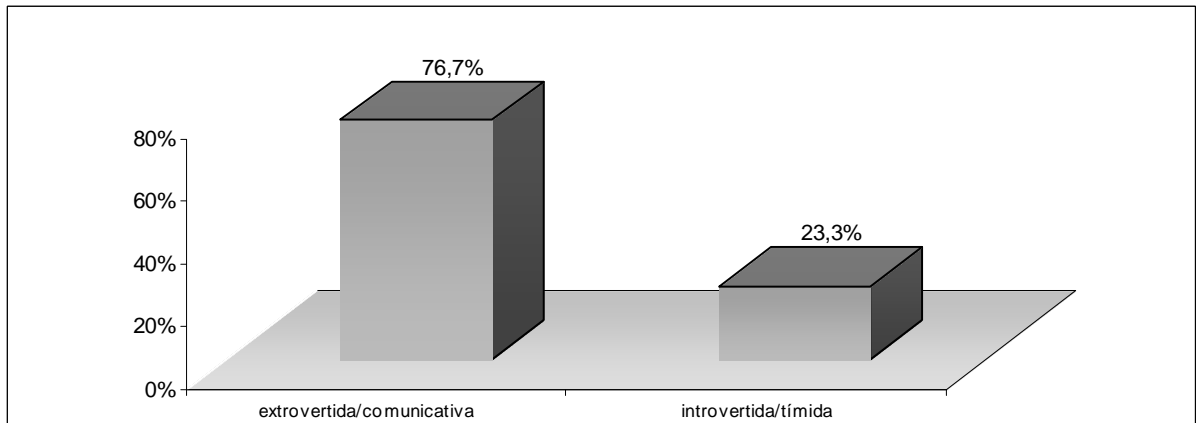
A partir dos dados analisados percebe-se que, dentre as mulheres respondentes da pesquisa que admitiram buscar parceiros sexuais usando a possibilidade de comunicação oferecida pela Internet há um maior índice de desquitadas do que entre os homens respondentes mas, por outro lado, dentre os homens, há mais casados que admitem buscar parceiros sexuais por meio da Internet do que as mulheres.

Gráfico 3 - Estado Civil



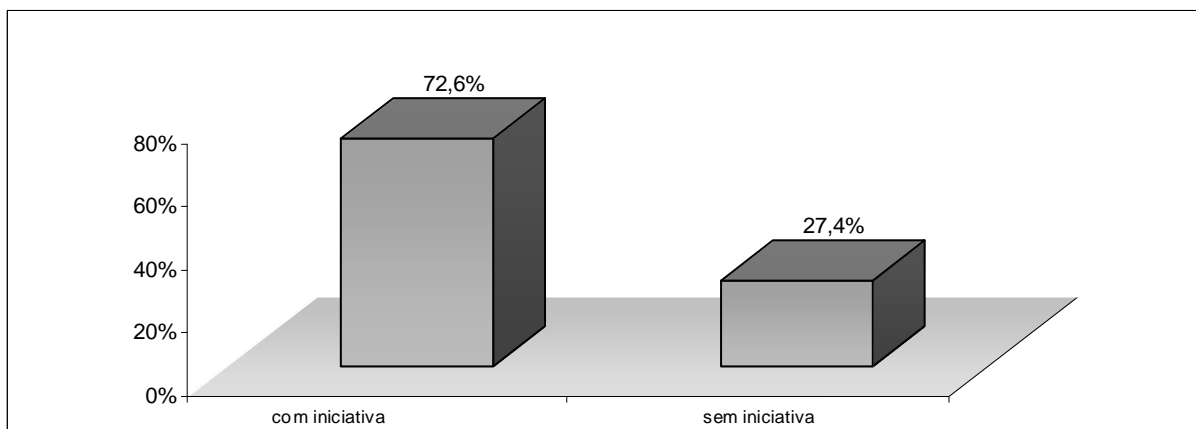
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 4 – Personalidade – Comunicação Interpessoal



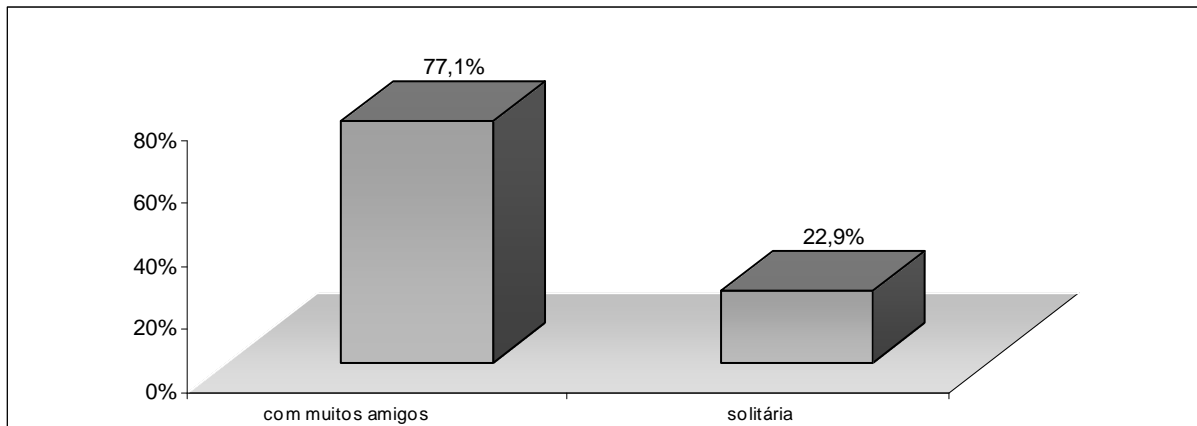
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 5 – Personalidade - Iniciativa



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 6 - Personalidade - Amizade



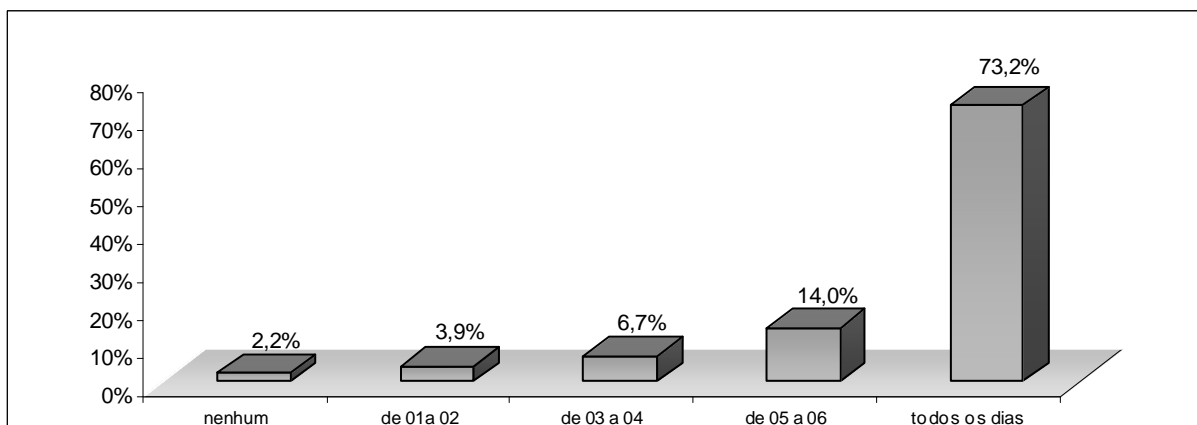
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Em se tratando de uma classificação por personalidade, buscou-se identificar três características pessoais importantes, sendo elas:

- Comunicação Interpessoal: a minoria dos participantes, 23,3%, se identificou como "introvertida/tímida" enquanto 76,7% responderam ser "extrovertida/comunicativa" (Gráfico 4);
- Iniciativa: 27,4% dos participantes se declararam sem iniciativa enquanto 72,6% responderam ser pessoa com iniciativa (Gráfico 5);
- Amizade: 22,9% responderam ser pessoas "solitárias" enquanto 77,1% de participantes se declararam "com muitos amigos" (Gráfico 6).

1.2 Núcleo B – utilização da Internet

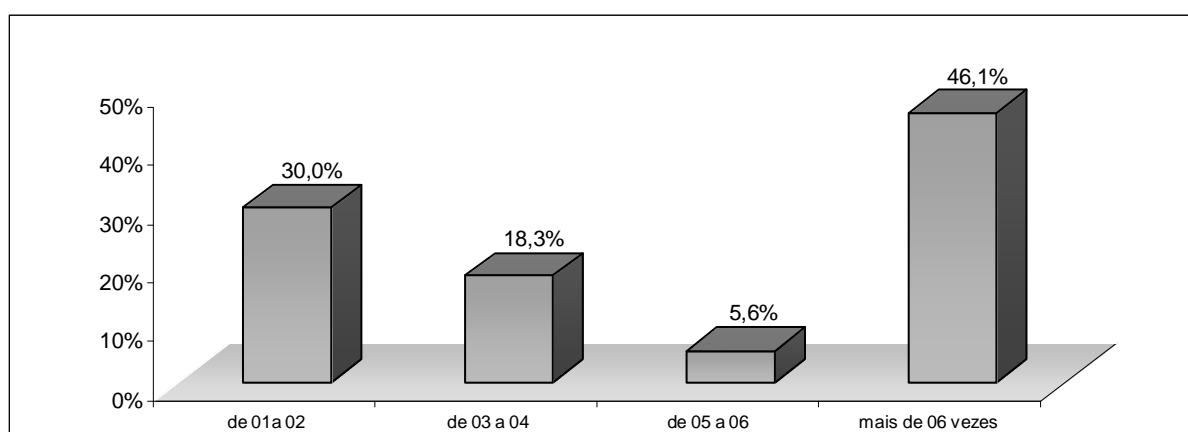
Gráfico 7 – Acesso semanal a Internet (em número de dias)



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Esta parte do questionário buscou levantar informações sobre como os respondentes utilizam a Internet no seu dia a dia sendo que o levantamento se iniciou com a questão "Quantos dias por semana você acessa a Internet?". A esta pergunta, com 73,2%, a resposta "todos os dias" foi a mais assinalada, seguida de 14% que responderam acessar a Internet de 05 a 06 dias por semana, 6,7% que responderam se conectar de 03 a 04 dias semanalmente, 3,9% que responderam de 01 a 02 dias e 2,2% responderam não acessar a Internet¹⁸ (Gráfico 7).

Gráfico 8 – Quantidade de acessos diários a Internet

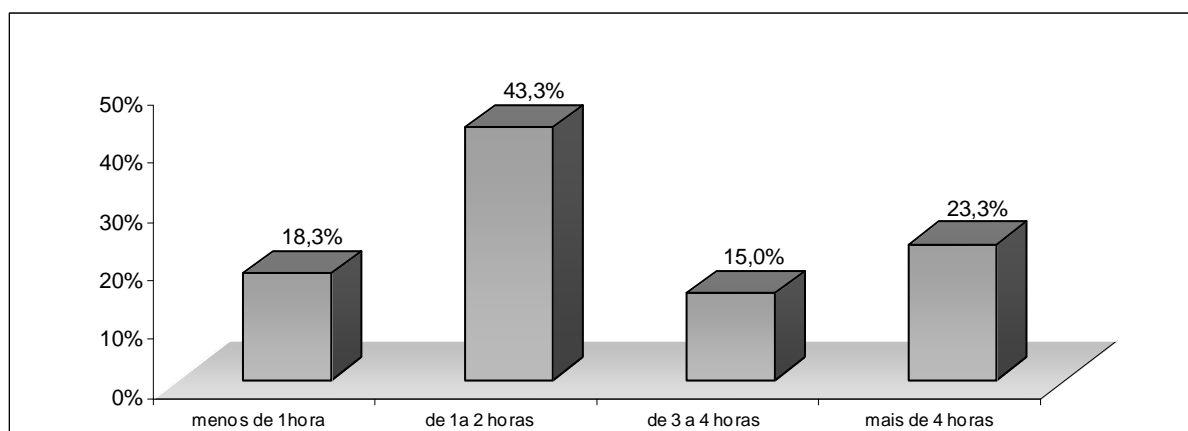


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Com relação ao número de acessos, no Gráfico 8, pode-se perceber que a maior frequência de respostas está em "mais de 06 vezes por dia", com 46,1% de ocorrências, seguida de 30% que responderam "de 01 a 02", 18,3% responderam "de 03 a 04", 5,6% responderam "de 05 a 06".

¹⁸ Em cruzamentos futuros contatou-se que as pessoas que haviam respondido não acessar a Internet forneceram informações precisas sobre seus hábitos e costumes de acesso e, por isto, decidiu-se não excluí-las da base de dados.

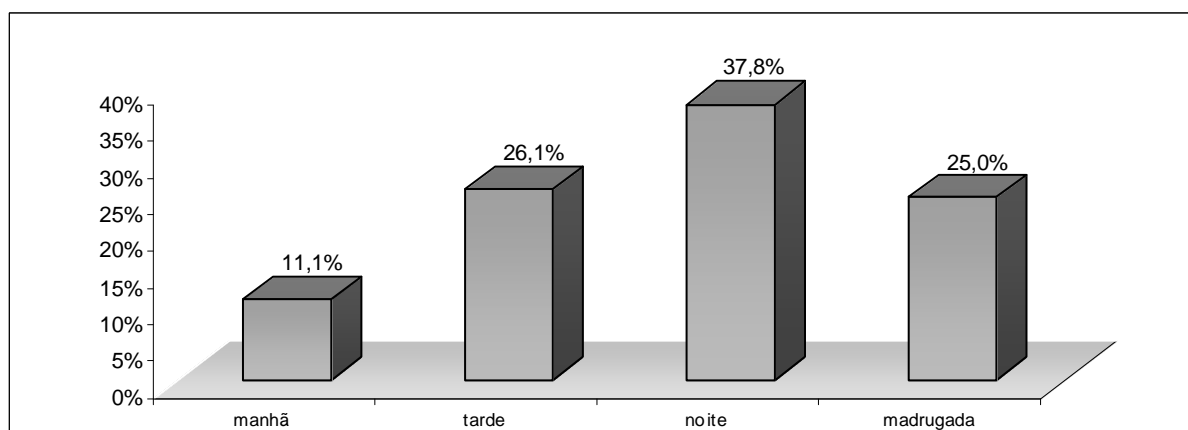
Gráfico 9 - Duração de cada acesso (em horas)



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Na questão "Quanto tempo costuma durar cada um destes acessos?" (Gráfico 9), a escolha mais frequente foi "de 1 a 2 horas", com 43,3% de ocorrências, seguida de 23,3% que responderam "mais de 4 horas", 18,3% que responderam "menos de 1 hora", 15% responderam "de 3 a 4 horas".

Gráfico 10 - Período do dia preferido para acesso

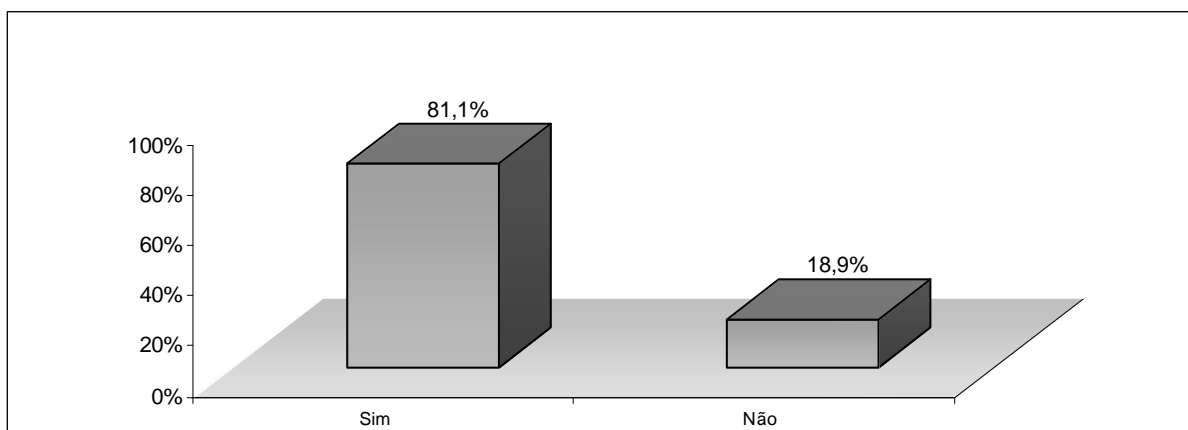


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Já o horário preferido de acesso a Internet, declarado pelos usuários para busca de parceiros sexuais (Gráfico 10) é a noite, com 37,8%, seguida da tarde, com 26,1% ,

madrugada com 25% e, com o menor número de ocorrências, a resposta "manhã" foi a escolhida por 11,1% dos participantes

Gráfico 11 - Utilização da Internet com outros objetivos sexuais que não relacionados a busca de parceiros sexuais reais ou virtuais



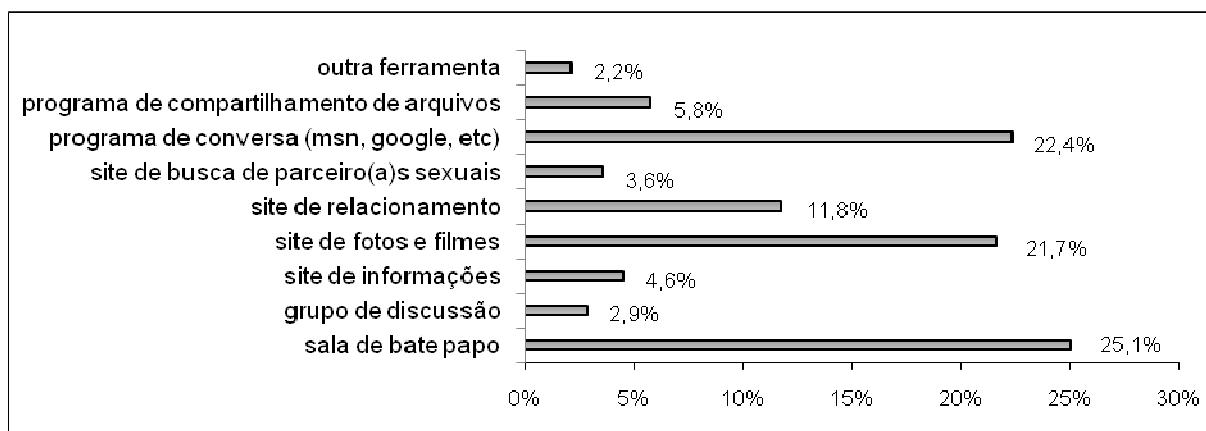
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Outro favor interessante a ser verificado com a pesquisa é ligado a outros hábitos e atitudes sexuais relacionados ao uso da comunicação na Internet e, por isto, neste Núcleo do Instrumento foi inserida a questão "Você costuma utilizar a Internet com outros objetivos sexuais que não fossem relacionados à busca de parceiros sexuais reais ou virtuais?" (Gráfico 11) em que a resposta menos frequente foi "Não", sendo escolhida por apenas 18,9% dos participantes e 81,1% (oitenta e um vírgula um por cento) responderam "Sim" o que, em geral, aponta uma tendência à busca de pornografia na web por aqueles que buscam parceiros sexuais reais ou virtuais.

1.3 Núcleo C – Utilização da comunicação na Internet com objetivos sexuais

Esta parte do questionário tratou da utilização da Internet com objetivos sexuais pelos estudantes participantes da pesquisa, possibilitando a identificação tanto de quais são estas ferramentas quanto da sua forma de utilização. Esta parte também permitiu a identificação dos usuários que utilizam a Internet com intuito de conseguir parceiros sexuais reais e aqueles que buscam parceiros sexuais "virtuais".

Gráfico 12 - Principais ferramentas de buscas de parceiros sexuais na Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O Gráfico 12 é referente à questão "Quando utiliza a Internet com objetivos sexuais, quais são as 02 (duas) ferramentas que você utiliza com mais frequência?". A esta pergunta foram obtidas as seguintes respostas:

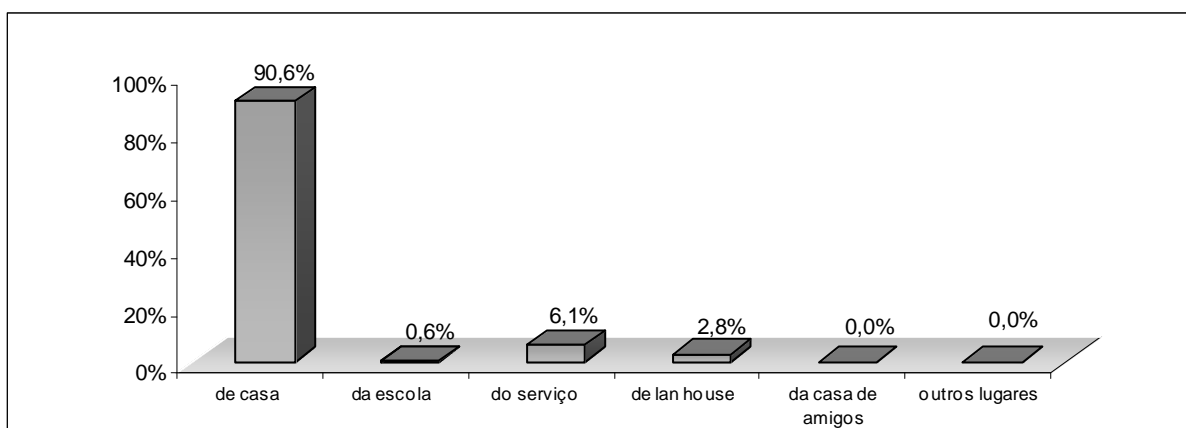
- a) 25,1% para sala de bate papo;
- b) 22,4% programa de conversa (MSN, Google, etc);
- c) 21,7% site de fotos e filmes;
- d) 11,8% site de relacionamento;
- e) 5,8% programa de compartilhamento de arquivos;
- f) 4,6% site de informações;
- g) 3,6% site de busca de parceiro(a)s sexuais;
- h) 2,9% grupo de discussão;
- i) 2,2% outra ferramenta.

Para identificação mais direta sobre quais as ferramentas mais utilizadas por estes participantes para se comunicarem, foram questionados quanto a quais, pontualmente, eram estas sendo que, após a devida tabulação, chegou-se as seguintes conclusões:

- a) Sala de bate papo: Site do UOL;
- b) Programas de Conversa: MSN;

- c) Grupos de Discussão: Site do Yano;
- d) Sites de Fotos e Filmes: Redtube e Pornotube;
- e) Sites de relacionamento: Orkut¹⁹;
- f) Site de informações: Google;
- g) Site de busca de parceiros sexuais: Cam4 e Disponível;

Gráfico 13 – Principal local de acesso a internet na busca de parceiros sexuais

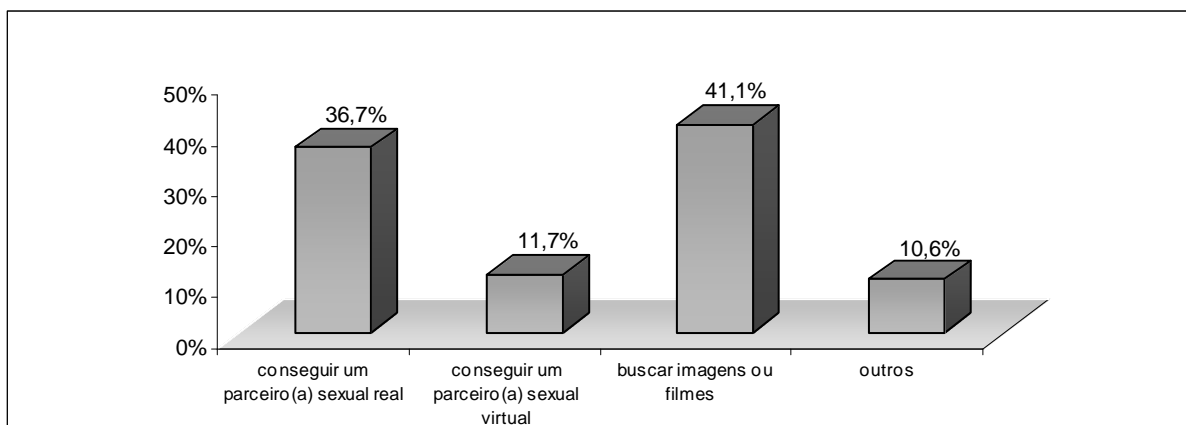


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O local preferido para acesso a Internet na busca de parceiros sexuais é da própria residência, conforme pode ser observado no Gráfico 13, com 90,6% de respostas selecionadas neste item.

¹⁹ Para Ercilia e Graeff (2008, p.63) “As redes sociais se tornaram extremamente populares e estão entre os sites mais acessados do mundo. Viraram a forma mais fácil de se comunicar e se relacionar online com outras pessoas.”

Gráfico 14 – Foco da utilização da Internet com objetivos sexuais



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

A busca de pornografia na Internet também foi abordada na pesquisa com a pergunta "Quando você utiliza a Internet com objetivos sexuais, o seu objetivo principal é:" (Gráfico 14). Neste item, em ordem crescente os participantes responderam que:

- a) buscar imagens ou filmes: 41,1%;
- b) conseguir um parceiro(a) sexual real: 36,7%;
- c) conseguir um parceiro(a) sexual virtual: 11,7%;
- d) outros: 10,6%.

Para a resposta "outros" os dados obtidos podem ser observados na Tabela 17 abaixo:

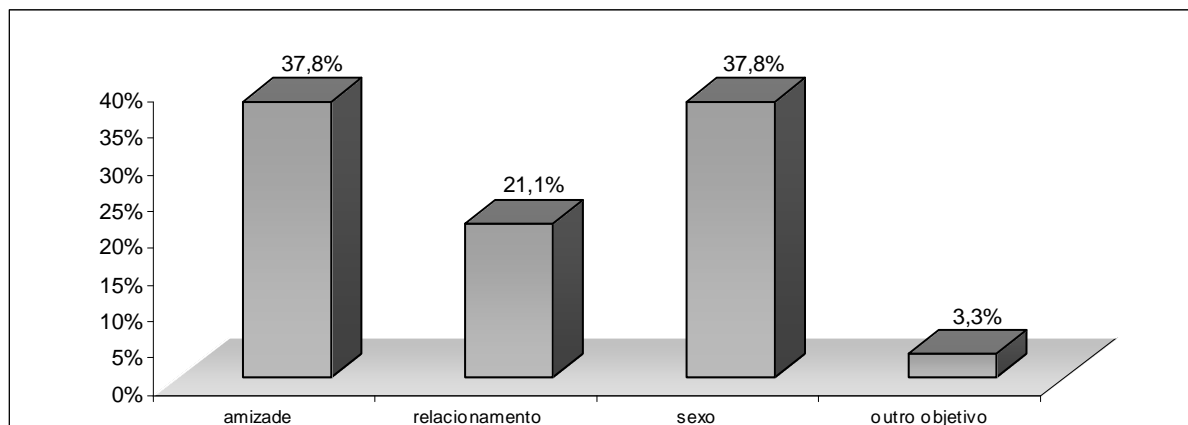
Tabela 17 – Quando você utiliza a internet com objetivos sexuais, o seu objetivo principal é? (Outros)

Resposta: Outros. Quais?	Total
Ambos	1
Amigos que podem virar algo sexual	1
Amizade	3
Amizade ou namoro	1
Amizade, para depois namoro	1
Conhecer pessoas	1
Contos	1
Curiosidades	1
Diversão	4
Diversão, foi tão bom que me casei com ele! Estamos juntos há 9 anos.	1

Ficar chorando de rir com as palhaçadas que leio	1
Namorada	1
Pesquisa acadêmica	1
Relacionamentos afetivos ou sexuais	1
Total geral	19

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 15 – Objetivo principal ao conhecer pessoas na internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

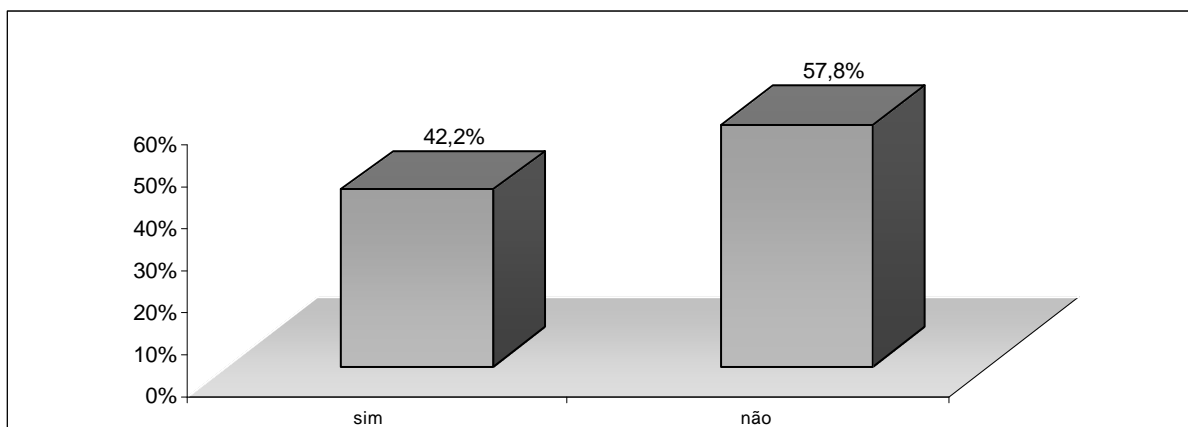
Tabela 18 - Quando você busca conhecer uma pessoa por meio da internet o seu objetivo principal é: (Outros)

Resposta: Outro objetivo. Qual?	Total
Conhecer alguém para viver a vida	1
Curiosidade	1
Diminuir a solidão	2
Nenhum	1
Todas as opções	1
Total geral	6

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Na questão "Quando você busca conhecer uma pessoa por meio da comunicação no ambiente da Internet o seu objetivo principal é: "a escolha mais frequente foi "amizade", com 37,8% de ocorrências, seguida de 37,8% que responderam "sexo", 21,1% responderam "relacionamento ", 3,3% responderam "outro objetivo" (Gráfico 15 e Tabela 18 para resposta Outros) .

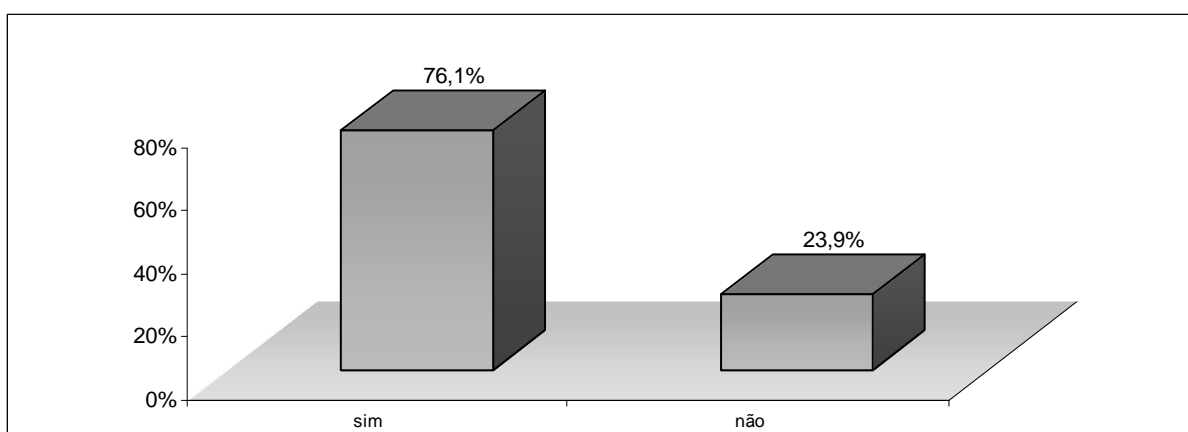
Gráfico 16 – Contato na Internet com menores de idade em busca de parceiros sexuais



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

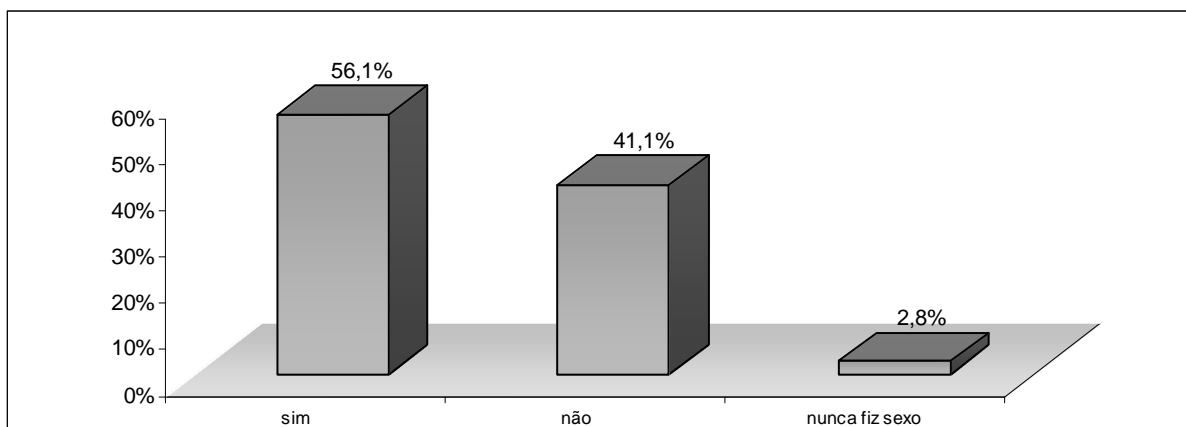
A questão da Pedofilia, bem como a que, atualmente, a Internet possibilita e facilita o acesso de menores de idade a sites de pornografia e de busca de parceiros sexuais, foi abordada no estudo ao se perguntar aos participantes se "Você já conversou na internet com algum menor de idade que buscasse um parceiro(a) sexual?". Neste quesito, quase a metade dos respondentes, (42,2%) afirmaram que, em algum momento, tiveram contato com menores de idade que, de uma forma ou de outra, buscavam parceiros sexuais por meio da Internet (Gráfico 16).

Gráfico 17 – Encontro real com pessoas que conheceram na Internet



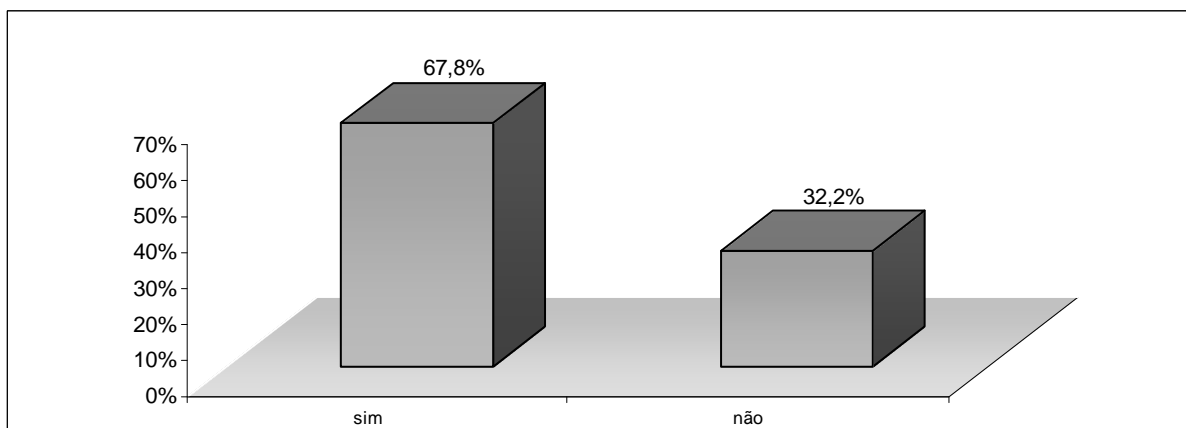
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 18 – Sexo real com pessoas que conheceram na Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 19 – Sexo virtual com pessoas que conheceram na Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Quanto à questão "Você já se encontrou pessoalmente com alguém que você conheceu enquanto se comunicava na Internet?" (Gráfico 17), a resposta menos frequente foi "não", sendo escolhida por 23,9% dos participantes. Na sequência, e em ordem crescente, 76,1% (setenta e seis vírgula um por cento) responderam "sim", o que demonstra que, mesmo sem objetivos sexuais, grande parte dos participantes já se encontrou no mundo "real" com pessoas que conhecerem em uma interação comunicativa no ambiente virtual.

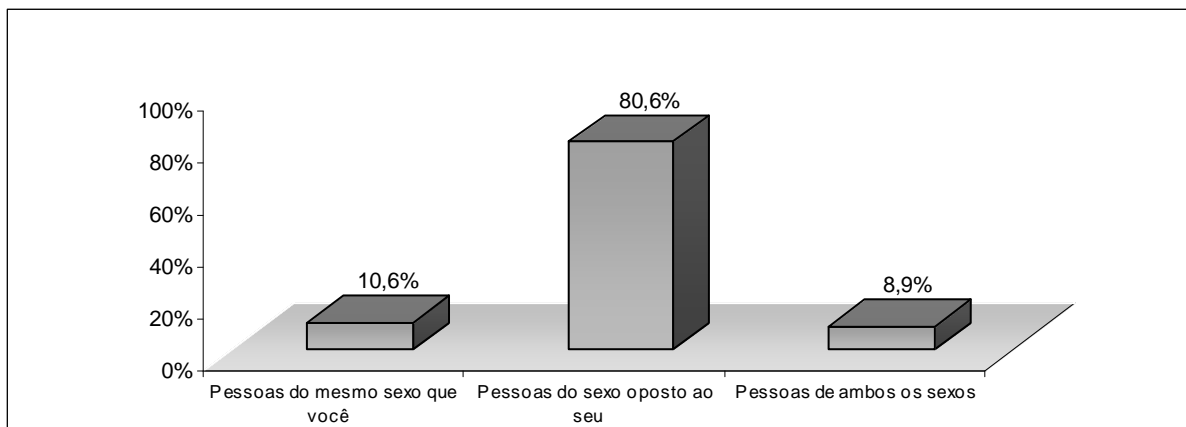
Quando questionados sobre se "Você já fez SEXO REAL com alguém que você conheceu enquanto interagiu na Internet?", mais da metade dos alunos selecionados para a pesquisa e respondentes do Instrumento (56,1%) afirmaram ter feito sexo com pessoas que conheceram na Internet (Gráfico 18), sendo que o sexo virtual foi

realizado por um número maior de respondentes (67,8%), conforme pode ser constatado no Gráfico 19.

1.4 Núcleo D - Comportamento sexual e de risco dos estudantes que buscam parceiros sexuais reais por meio da comunicação na Internet

Esta parte do questionário investiga o comportamento sexual e de risco dos alunos que buscam parceiros sexuais reais na Internet. Entende-se, por comportamento de risco, a conduta sexual da pessoa que pode aumentar ou diminuir a chance de ela ficar doente e transmitir a doença para os outros. No que se refere ao comportamento sexual, os critérios adotados para a realização desta parte do questionário são baseados nos critérios utilizados pelo IBOPE na última pesquisa sobre o comportamento da população brasileira sexualmente ativa²⁰.

Gráfico 20 – Opção Sexual



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

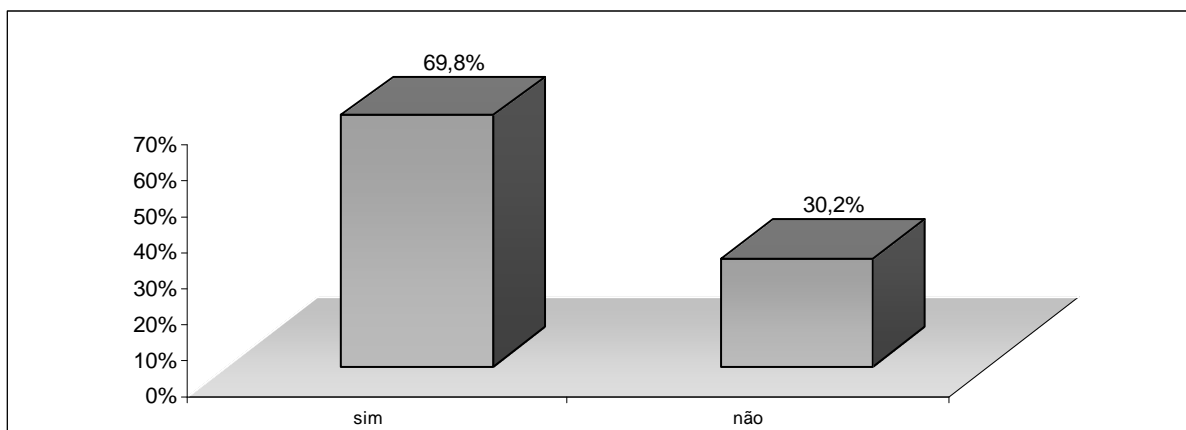
Esta parte da pesquisa inicia-se perguntado sobre a opção sexual dos respondentes. Por ser assunto delicado e para se evitar preconceitos desnecessários, optou-se pela seguinte pergunta "Você sente atração sexual por:" em que foram obtidas as seguintes respostas (Gráfico 20):

- a) Pessoas do sexo oposto ao seu: 80,6%;

²⁰ Fonte: <http://www.aids.gov.br>. Acesso em 25/02/2009

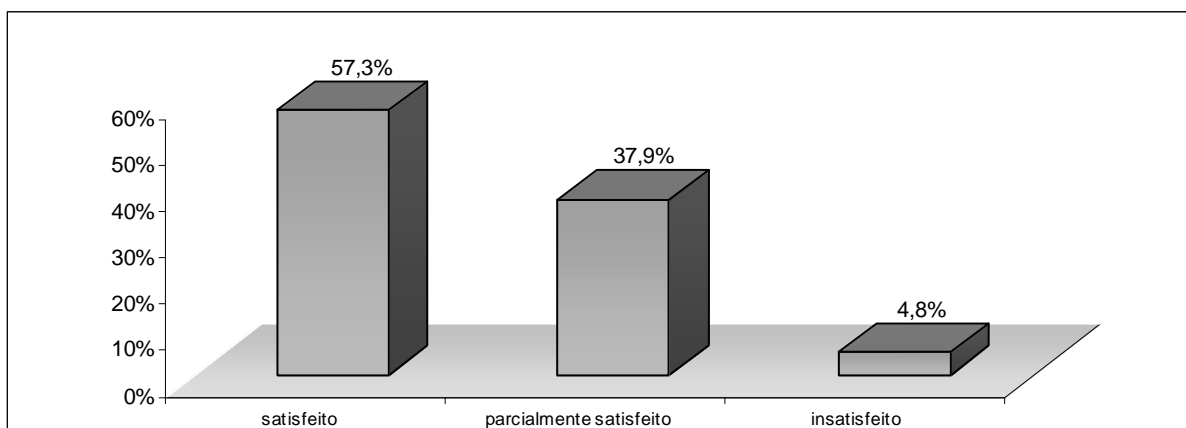
- b) Pessoas do mesmo sexo que você: 10,6%;
- c) Pessoas de ambos os sexos 8,9%;

Gráfico 21 – Parceiro sexual fixo



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 22 – Satisfação com parceiro sexual fixo



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

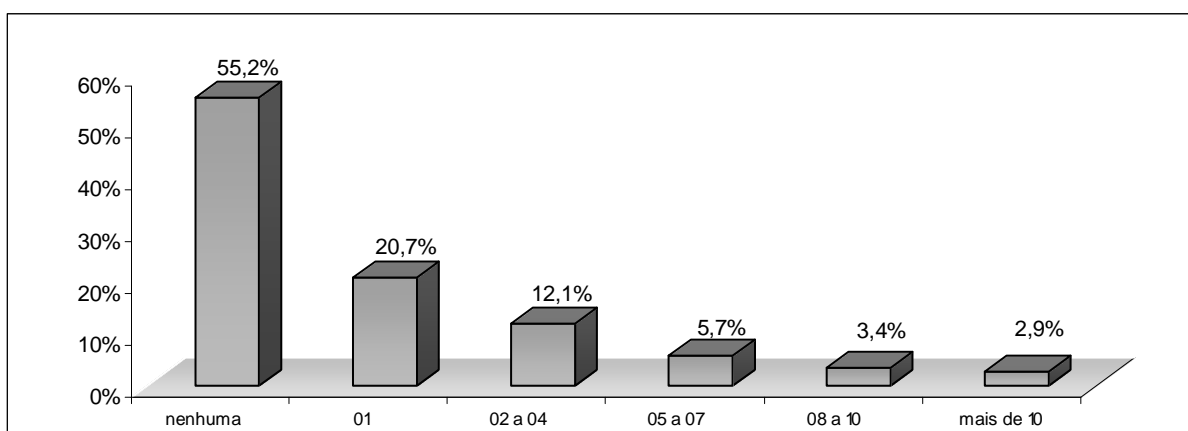
Mesmo com 75% dos respondentes se declarando solteiros, a pesquisa buscou levantar quantos dos 180 participantes possuíam parceiros sexuais fixos. Neste sentido, para a questão "Você tem parceiro(a) sexual fixo – namorado(a), marido, esposa, etc?", a escolha mais frequente foi "sim", com 69,8% de ocorrências, seguida de 30,2% que responderam "não" (Gráfico 21).

Quando estes dados são organizados por sexo, tem-se que 23 (62%) das 37 mulheres participantes declararam possuir parceiro sexual fixo, valor este que sobe para 102 nos homens, com 71,3% dos respondentes do sexo masculino se declarando

com parceiros sexuais fixos. Estes dados apontam que estes 125 indivíduos (69,4% do total de respondentes), mesmo tendo parceiro sexual fixo, buscaram parceiros sexuais no ambiente comunicacional da Internet.

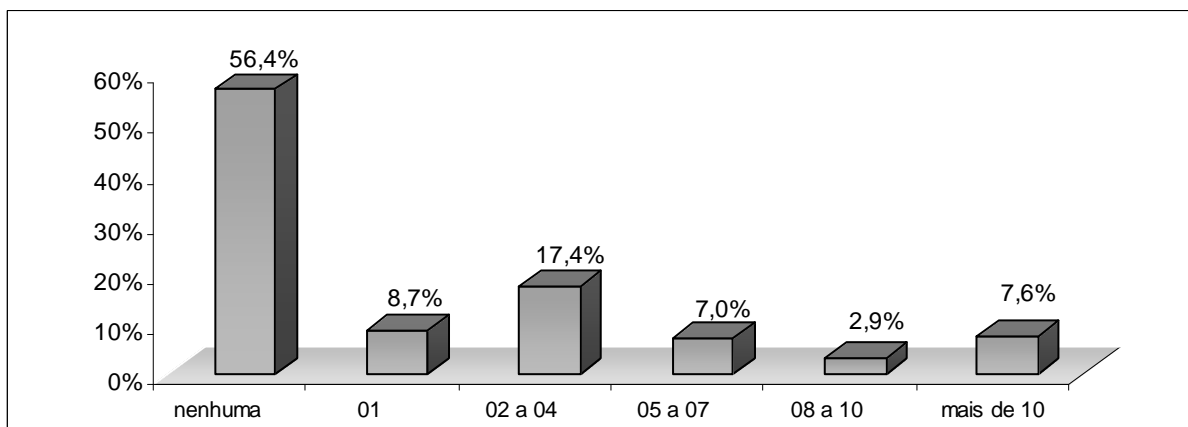
Os motivos para isso podem ser mais bem verificados no Gráfico 22, em que 42,7% dos respondentes que possuem parceiros fixos declaram estar parcialmente ou totalmente insatisfeitos com seus parceiros.

Gráfico 23 – Encontro com pessoas que conheceu na Internet com objetivo de fazer sexo real (últimos seis meses)



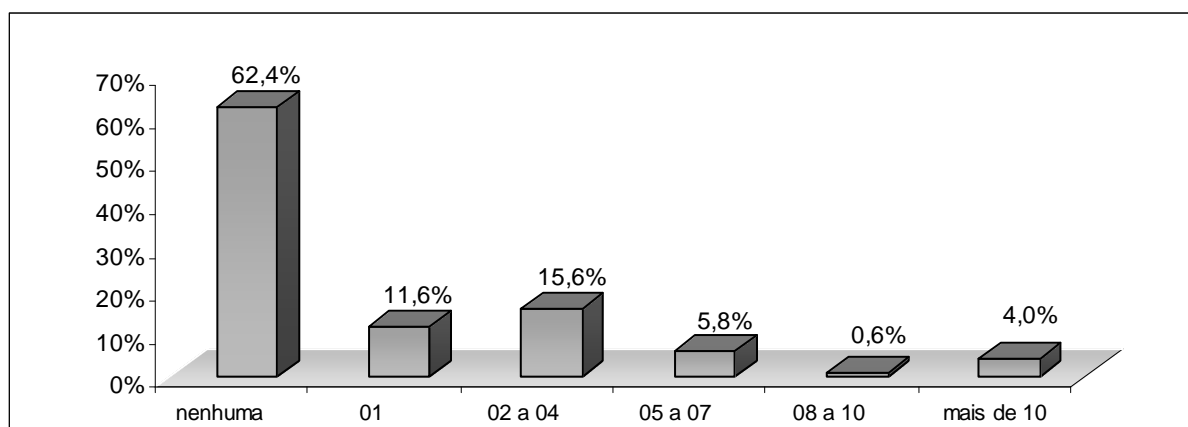
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 24 - Encontro com pessoas que conheceu na Internet para amizade (últimos seis meses)



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 25 - Encontro com pessoas que conheceu na Internet para “ficar” (últimos seis meses)



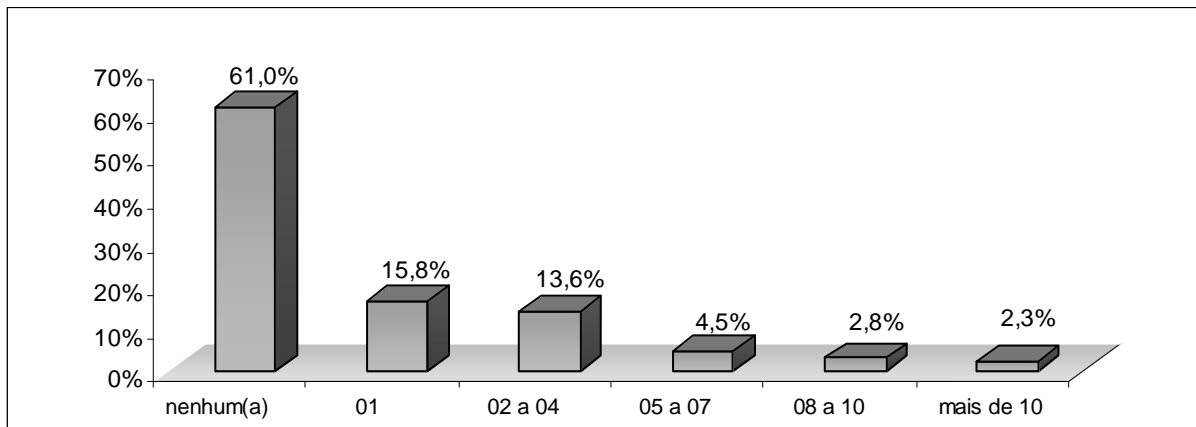
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Com relação a encontros reais com pessoas que os participantes conheceram enquanto interagiam pela Internet, estes podem ser classificados como sendo para realização de sexo, para se fazer amizade ou apenas, como é tratado pelos jovens atualmente, para ficar. Os dados apresentados nos Gráficos 23, 24 e 25 apresentam os resultados das respostas a estas questões, sendo que, no geral:

- a) 44,8% declararam se encontrar pessoalmente com pessoas que conheceram pela Internet para fazer sexo, (Gráfico 23), sendo que, dentre estes 2,9% disseram ter se encontrado com mais de 10 pessoas com este objetivo nos últimos seis meses, 3,4% responderam ter se encontrado com 08 a 10 pessoas no mesmo período, 5,7% declararam ter ido se encontrar com 05 a 07 pessoas, 12,1% responderam ter se encontrado com 02 a 04 pessoas e, com maior número de respondentes, 20,7% admitiram ter se encontrado com, pelo menos, 01 pessoa nos últimos seis meses com o objetivo de fazer sexo;
- b) 43,6% declararam ter se encontrado pessoalmente com pessoas que conheceram pela Internet apenas para Amizade (Gráfico 24), sendo que, dentre estes, 2,9% responderam ter ido conhecer de 08 a 10 pessoas, 7% de 05 a 07, 7,6% disseram ter se encontrado com mais de 10 pessoas, 8,7% com apenas 01 pessoa e 17,4% assumiram ter conhecido entre 02 a 04 pessoas com o objetivo de amizade;

c) 37,6% declararam ter se encontrado pessoalmente com pessoas que conheceram pela Internet para “ficar” (Gráfico 25), sendo que 15,6% responderam ter conhecido, para este fim de 02 a 04 pessoas nos últimos seis meses; 11,6% responderam ter conhecido apenas 01 pessoa, 5,8% de 05 a 07 pessoas, 4% responderam que conheceram mais de 10 pessoas para “ficar” e apenas 0,6% dos participantes disseram ter se encontrado com mais de 10 pessoas.

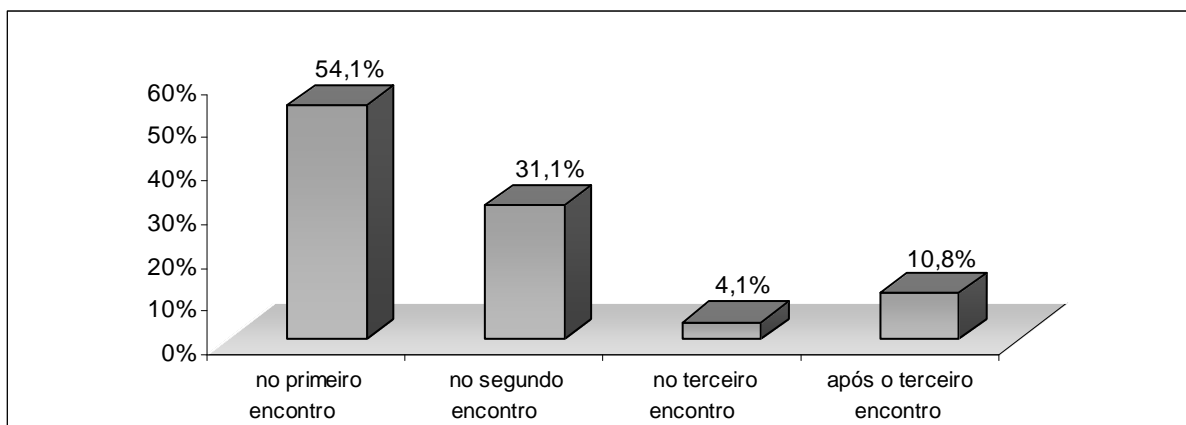
Gráfico 26 – Parceiros sexuais reais conseguidos pela Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O fato de ter se encontrado com uma pessoa conhecida via Internet, seja com o objetivo explícito de se fazer sexo, seja para amizade ou mesmo para “ficar” nem sempre resulta no ato sexual. Esta informação pode ser verificada no Gráfico 26 em que os participantes, ao responder a questão "Nos últimos 6 meses, quantos parceiro(a)s sexuais REAIS conseguidos por meio da Internet você teve?", indicaram com a maior frequência a resposta "nenhum(a)", com 61% de ocorrências, seguida de 15,8% que responderam "1", 13,6% responderam de "02 a 04", 4,5% responderam "05 a 07", 2,8% responderam "08 a 10" e 2,3% responderam que, nos últimos seis meses tiveram mais de 10 parceiros sexuais conseguidos pela Internet

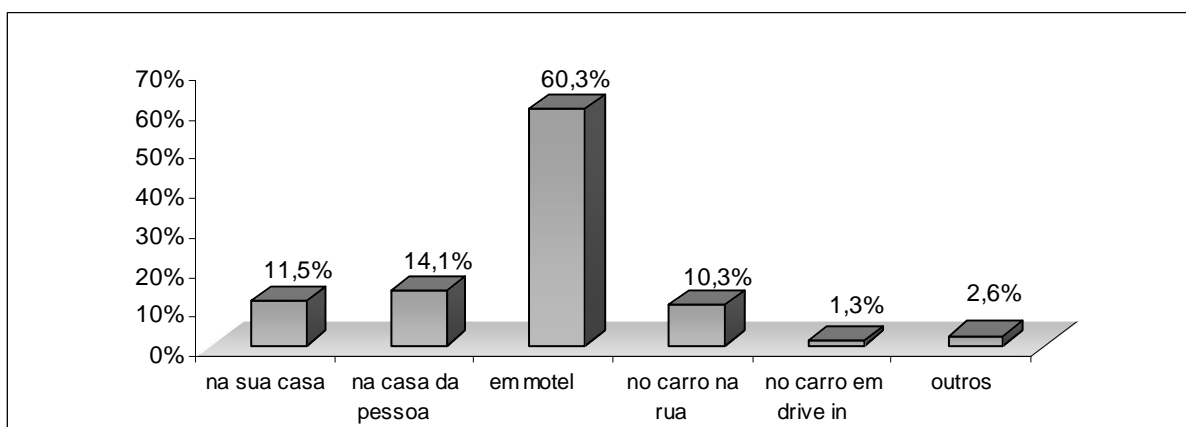
Gráfico 27 – Encontro em que ocorreu a relação sexual



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Quando questionados sobre se haviam conhecido melhor as pessoas que iriam fazer sexo por meio da questão "As relações sexuais REAIS com pessoas que você conheceu na Internet na maioria das vezes ocorreram:", a escolha mais frequente foi "no primeiro encontro", com 54,1% (cinquenta e quatro vírgula um por cento) de ocorrências, seguida de 31,1% (trinta e um vírgula um por cento) que responderam "no segundo encontro", 10,8% (dez vírgula oito por cento) responderam "após o terceiro encontro", 4,1% (quatro vírgula um por cento) responderam "no terceiro encontro" (Gráfico 27) o que comprova que, devido a "velocidade" e "facilidade" de busca de parceiros sexuais na Internet, bem como que, quando nesta busca as pessoas tendem a querer apenas consumir o ato sexual sem se envolver sentimentalmente, a maioria das relações sexuais dos respondentes ocorreram no primeiro encontro.

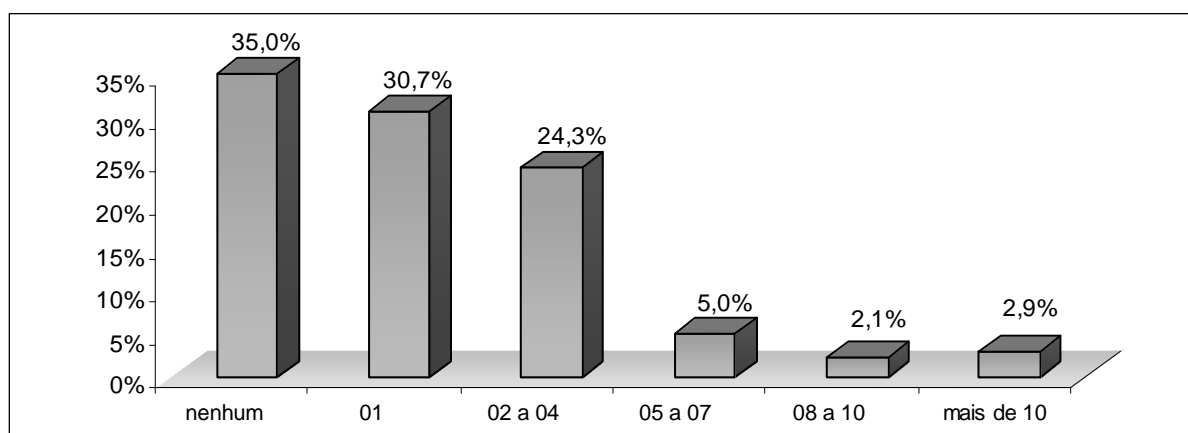
Gráfico 28 - Local do encontro sexual



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O local em que ocorreram as relações foi outro tema abordado pela pesquisa, sendo que, para este item, com o menor número de ocorrências, a resposta "no carro em drive in" foi escolhida por 1,3% dos participantes, na sequência e em ordem crescente, 2,6% responderam "outros", 10,3% responderam "no carro na rua", 11,5% responderam "na sua casa", 14,1% responderam "na casa da pessoa", 60,3% (sessenta vírgula três por cento) responderam "em motel" (Gráfico 28). Este dado aponta que, mesmo sem conhecer a pessoa com que se pretendia fazer sexo, 25,6% dos respondentes ou foram à casa de uma pessoa estranha, ou permitiram que estas pessoas freqüentassem suas residências, o que aponta uma falta de cuidado ou mesmo desinformação sobre os riscos que este tipo de encontro pode proporcionar. Outro fator que chama a atenção foi o fato de que 10,3% dos respondentes tiveram as suas relações sexuais com pessoas estranhas no carro e na rua.

Gráfico 29 – Parceiros sexuais não conseguidos pela Internet (últimos seis meses)

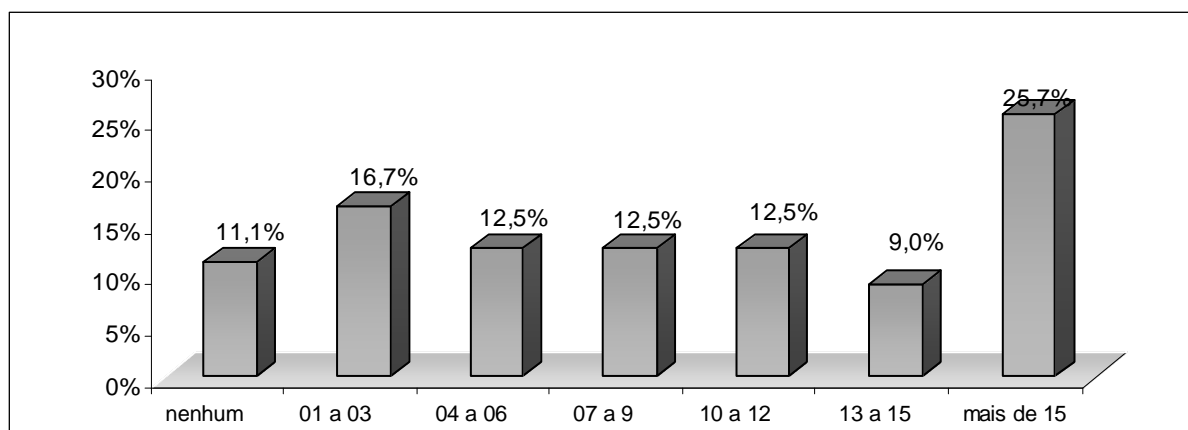


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Para que fosse possível uma comparação entre o número de parceiros sexuais conseguidos pela Internet e aqueles conseguidos por outros meios, os alunos foram questionados quanto à "Nos últimos 6 meses, quantos parceiro(a)s sexuais REAIS que não foram conseguidos por meio da Internet você teve?" (Gráfico 29), a resposta menos frequente foi "08 a 10 ", sendo escolhida por 2,1% dos participantes. Na sequência e em ordem crescente 2,9% responderam "mais de 10", 5% responderam "05 a 07 ", 24,3% responderam "02 a 04 ", 30,7% responderam "1", 35% (trinta e cinco por cento) responderam "nenhum ", esta última, por sua vez, teve o maior número de

ocorrências o que, se comparado aos dados do Gráfico 26, demonstra que, mesmo com o advento da Internet, as pessoas ainda a utilizam com certa “cautela”, conseguindo mais parceiros sexuais por outros meios do que com sua utilização.

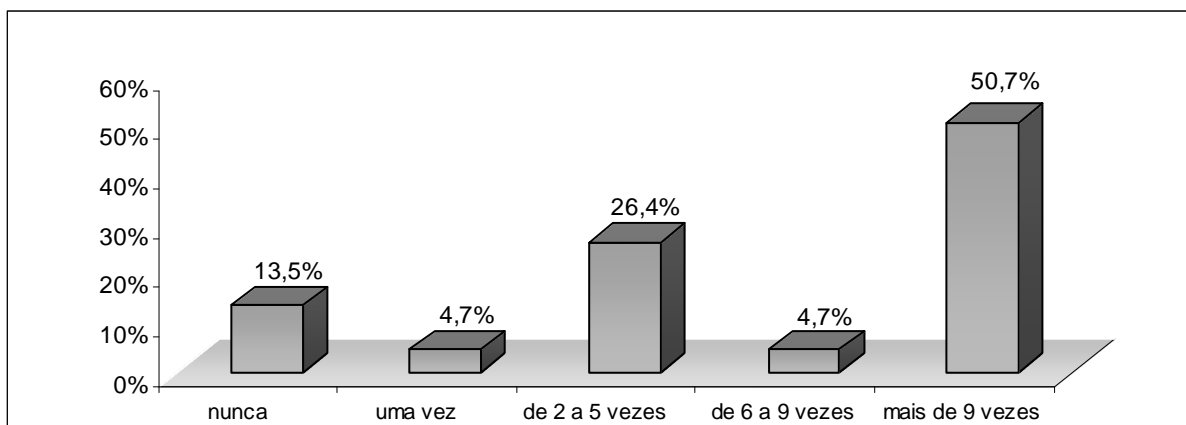
Gráfico 30 – Média mensal de relações sexuais (últimos seis meses)



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Como critério de mensuração e de futura comparação com os dados oficiais sobre o comportamento sexual e de risco dos brasileiros, os participantes foram questionados quanto ao número médio de relações sexuais mensais que tiveram nos últimos seis meses. O Gráfico 30 é referente a esta questão e aponta que 25,7% tiveram mais de 15, na sequência 16,7% responderam de "01 a 03", 12,5% responderam de "04 a 06", 12,5% responderam de "07 a 9", 12,5% responderam de "10 a 12", 11,1% responderam que não tiveram relações sexuais e 9% (nove por responderam ter realizado entre 13 a 15 relações sexuais mensais nos últimos seis meses).

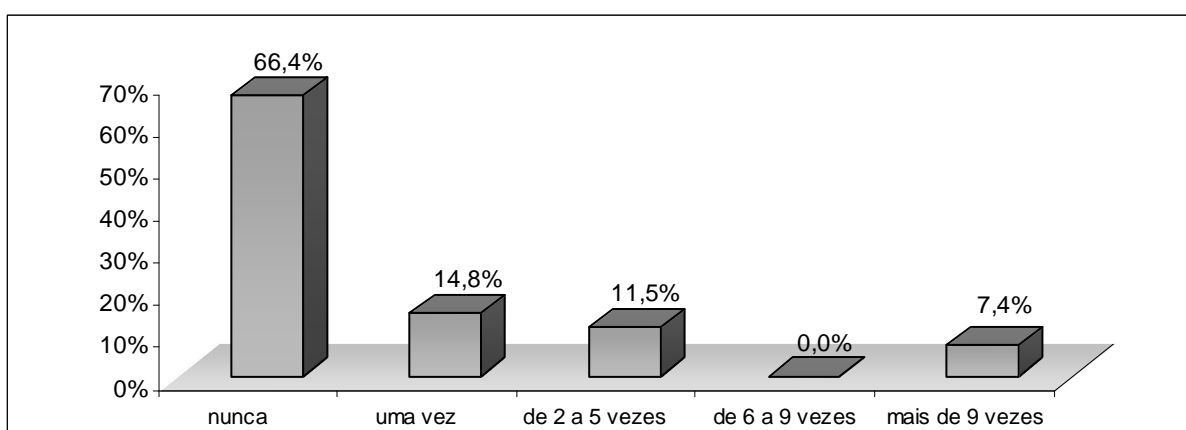
Gráfico 31 - Número de vezes que fez sexo sem camisinha (últimos seis meses)



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Em tempos de AIDS, a informação sobre o uso da camisinha como forma de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis é constante e, por isso, a pesquisa tratou do tema com a questão "Você já fez sexo sem camisinha?" em que, para esta pergunta, os dados apontam que apenas 13,5% dos respondentes disseram nunca ter feito sexo sem camisinha e esta informação, por si só, caracteriza um comportamento de risco e uma desinformação dos alunos já que, mesmo a maioria dos respondentes ter se caracterizado como pessoas com parceiro sexual fixo (125 alunos), estes deveriam saber que o a utilização da camisinha é indispensável para sua segurança e de seu parceiro.

Gráfico 32 – Sexo sem camisinha com pessoas que conheceram na Internet

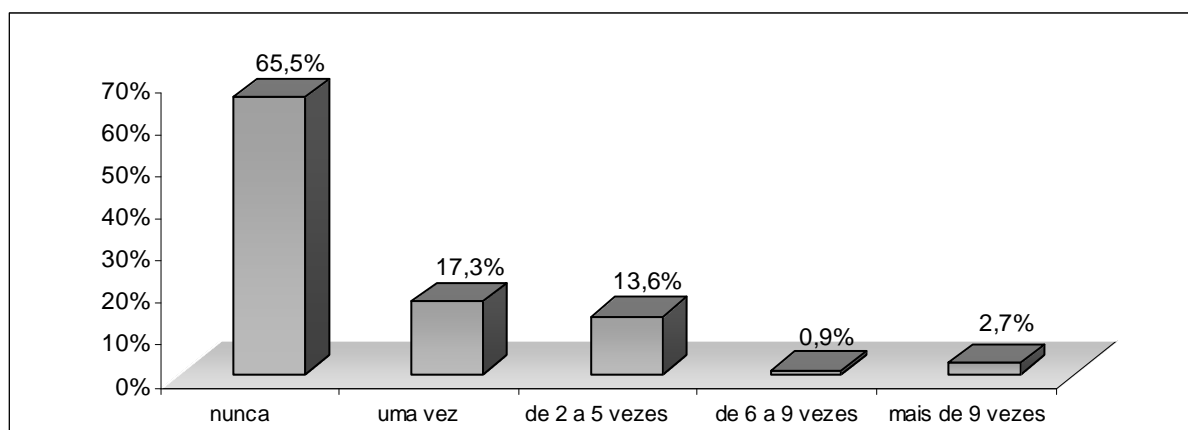


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Para aprofundar ainda mais o perfil do comportamento de risco destes alunos, foi questionado se eles já haviam feito sexo sem camisinha com alguém que

conheceram na Internet? e, mesmo sabendo dos riscos que esta atitude pode ocasionar, 33,4% dos respondentes admitiram ter realizado tal ato, sendo que 14,8% admitiram ter feito sexo sem camisinha com pessoas que conheceram na Internet apenas uma vez, 11,5% deste total fez sexo sem camisinha entre 2 a 5 vezes e 7,4% o fizeram mais de 9 vezes.

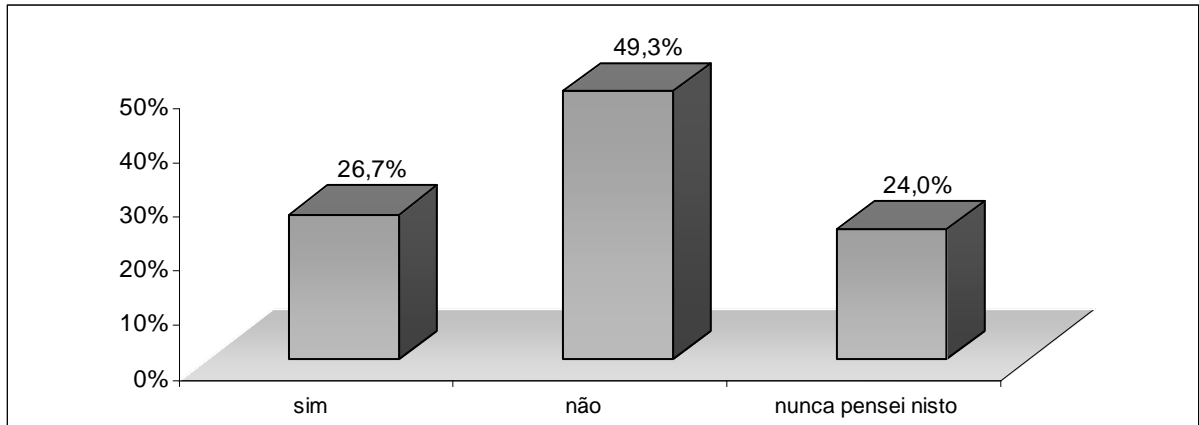
Gráfico 33 – Preocupação com acidente durante a relação sexual com pessoas que conheceu na Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

À questão "Alguma vez, durante o sexo com alguém que você conheceu na Internet, ocorreu algum tipo de acidente que lhe causou preocupação (camisinha estourar, contato com secreções, etc)?" teve como objetivo tratar da questão das preocupações e tensões decorrentes do ato de se fazer sexo com pessoas desconhecidas e, para esta resposta 35,5% dos alunos admitiram que ficaram preocupados devido a algum tipo de ocorrência e ou atitude perigosa a que foram expostos durante o ato sexual (Gráfico 33).

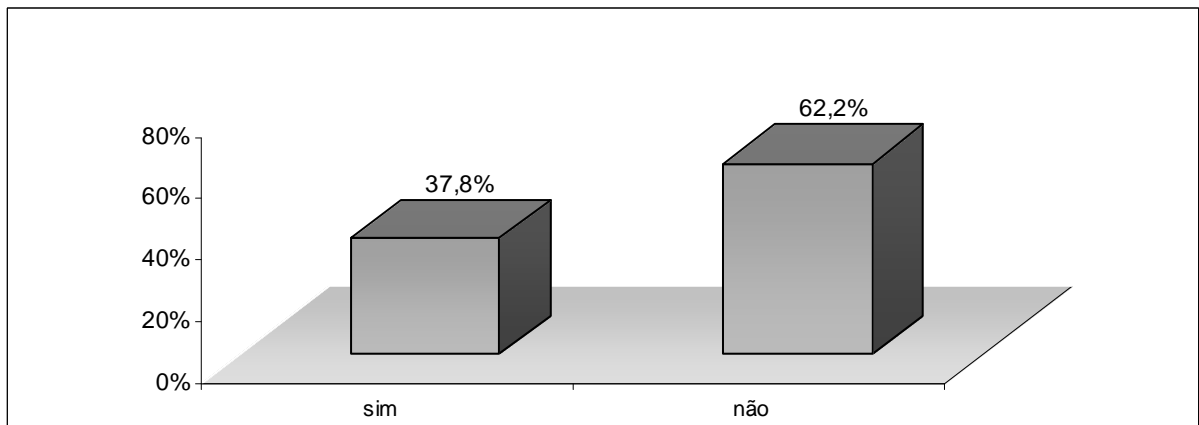
Gráfico 34 – Sentimento de medo/risco durante encontro com pessoas que conheceram na Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

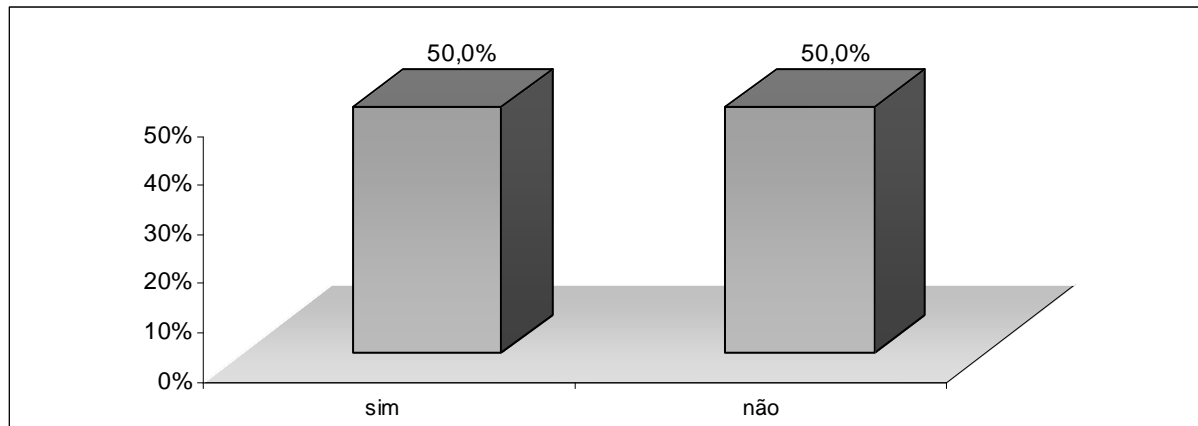
Ir ao encontro de pessoas desconhecidas é, de modo geral, uma atitude perigosa e as pessoas que decidem ter este tipo de encontro tem de saber que estão se expondo a uma situação de risco mas, aparentemente, os respondentes da pesquisa não têm esta preocupação já que para a pergunta "Em algum encontro REAL que marcou com pessoas que conheceu na Internet sentiu que corria algum tipo de risco/perigo?" 24% admitiram nunca ter pensado nisto, 49,3% disseram que não se sentiram expostas a nenhum risco e apenas 26,7% admitiram que sentiram algum tipo de medo durante os encontros marcados em comunicação via Internet (Gráfico 34).

Gráfico 35 – Pessoa que compareceu ao encontro não era a mesma da Internet



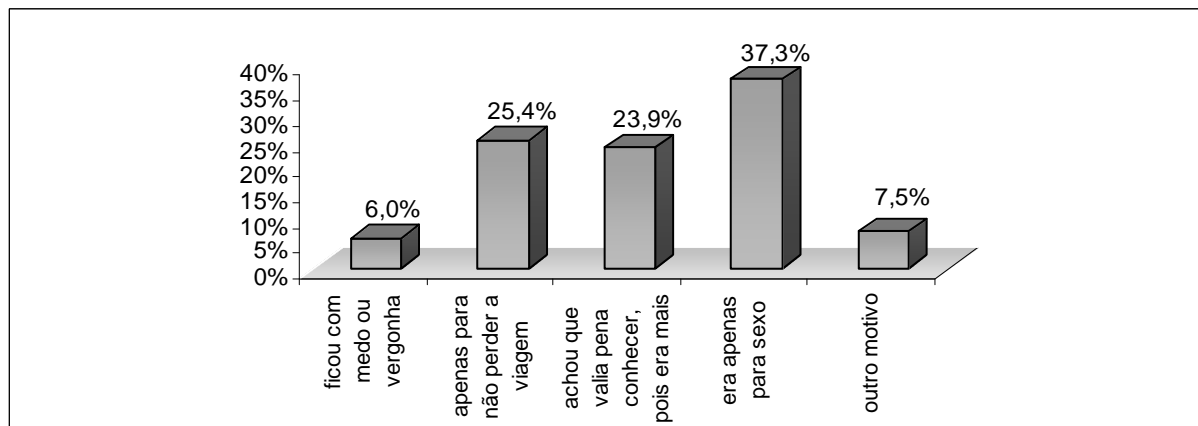
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 36 – Se continuou o contato mesmo não sendo a mesma pessoa



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 37 - Motivo de ter continuado o contato, mesmo não sendo a mesma pessoa



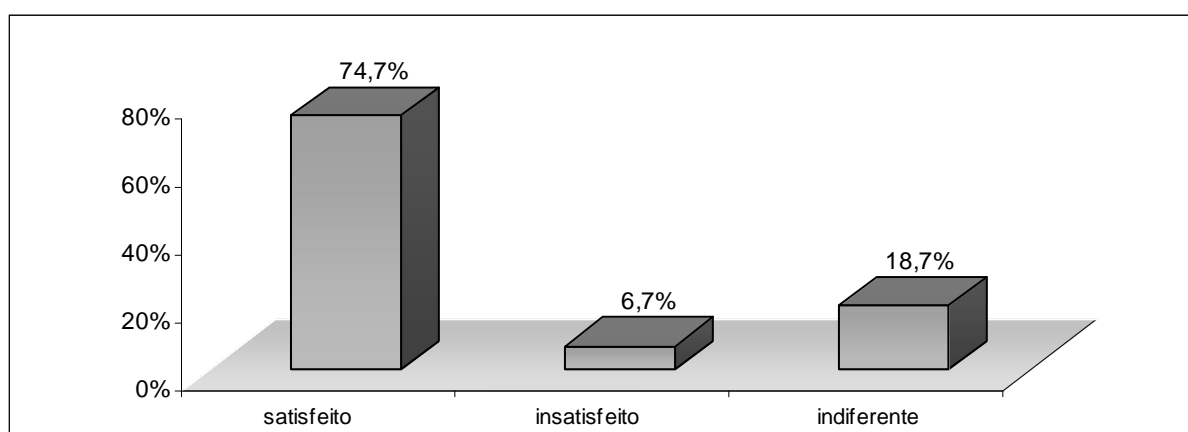
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Para que se possa ter um pouco mais de “segurança” nos encontros via Internet as pessoas costumam trocar fotos e/ou realizar descrições sobre seu peso, idade, tipo físico, etc. Mas, nem sempre, tais informações são verdadeiras quanto às descrições. Por este motivo, foi inserida no questionário a seguinte questão: "Em algum encontro REAL que marcou pela Internet percebeu que a pessoa que compareceu não era a mesma que você havia conhecido pela Internet?" sendo que 37,8% dos participantes admitiram que a pessoa que compareceu ao encontro marcado via Internet não era a mesma e/ou não batia com alguma descrição anteriormente fornecida (Gráfico 35) sendo que, destes 50% decidiram continuar o encontro mesmo que a pessoa não fosse o que esperava (Gráfico 36).

Os motivos para se continuar o encontro, mesmo depois da verificação da inverdade das informações são visualmente descritos no Gráfico 37, sendo eles, em ordem decrescente:

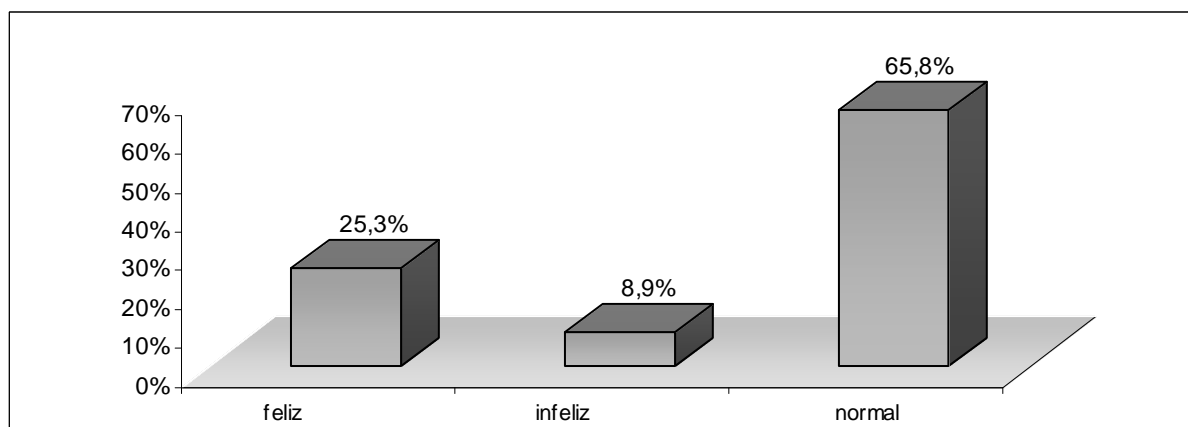
- a) Era apenas para sexo: 37,3%;
- b) Apenas para não perder a viagem: 25,4%”;
- c) Achou que valia pena conhecer, pois era mais interessante pessoalmente do que pela Internet: 23,9%;
- d) Outro motivo: 7,5%;
- e) Ficou com medo ou vergonha: 6%.

Gráfico 38 – Satisfação após fazer sexo real com pessoa que conheceu na Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 39 – Sentimento após fazer sexo real com pessoa que conheceu na Internet



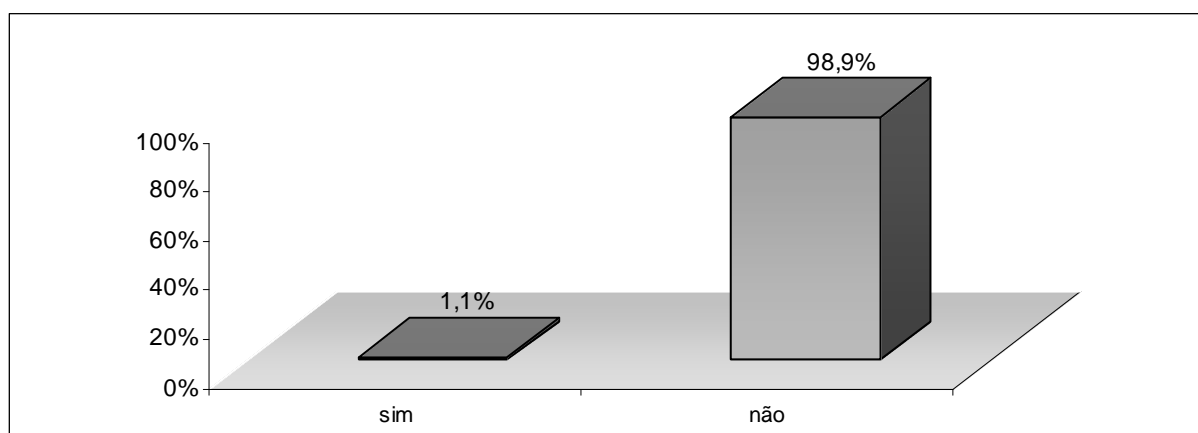
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Aqueles que responderam que tiveram relações sexuais com pessoas que conheceram enquanto se comunicavam no ambiente da rede também responderam a questão "Como você, comumente, se sente após uma relação sexual REAL com uma pessoa que você conheceu na Internet?" e indicaram, com a maior frequência:

- a) Ficarem "satisfeitos", com 74,7% de ocorrências (Gráficos 38);
- b) Sentirem-se normais, com 65,8% de respondentes (Gráfico 39).

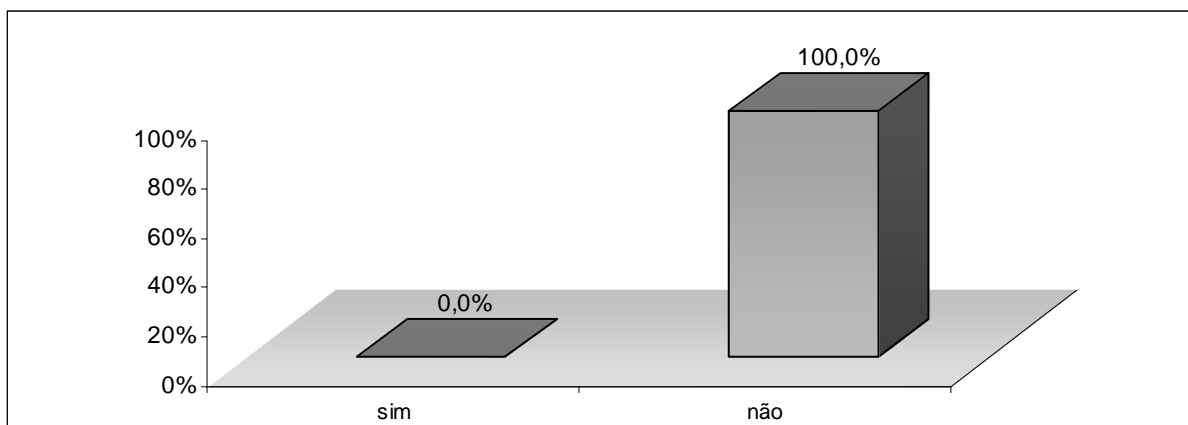
Este item do questionário aponta que as relações sexuais com pessoas conhecidas na Internet (que em sua maioria acontecem no primeiro encontro) não influenciam na qualidade de vida dos respondentes, já que apenas 6,7% disseram sair insatisfeitos do ato e apenas 8,9% disseram que, após o sexo, se sentiram infelizes (Gráficos 38 e 39).

Gráfico 40 – Utilização de drogas injetáveis



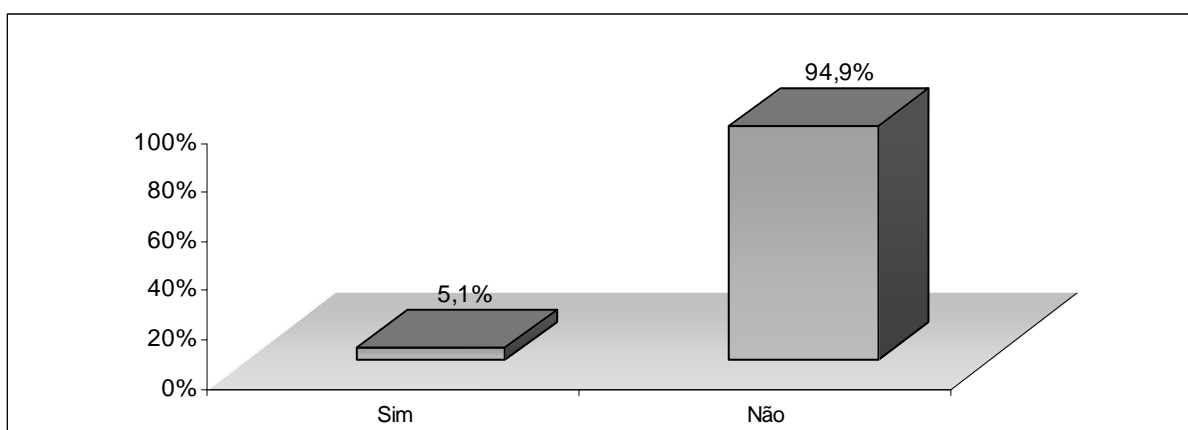
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 41 – Compartilhamento de agulhas na utilização de drogas injetáveis



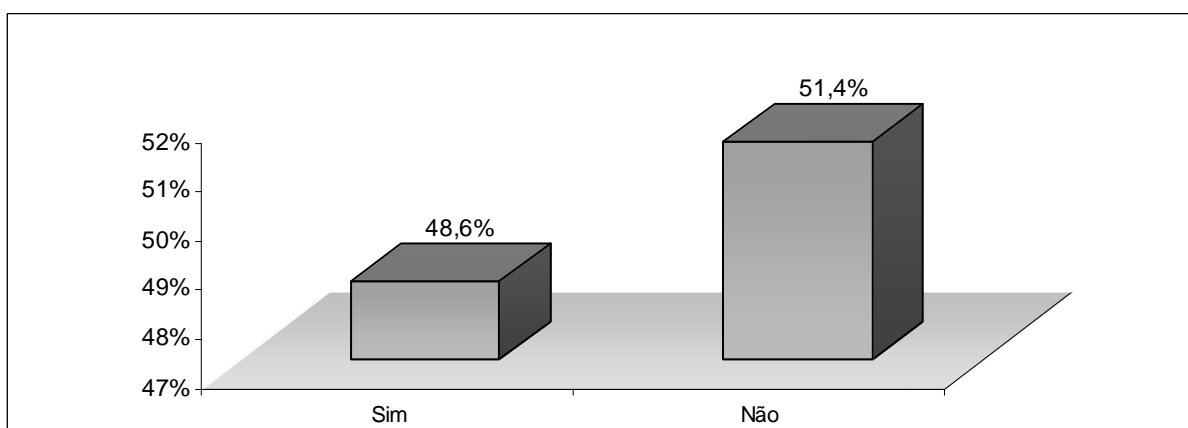
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 42 - Doenças sexualmente transmissíveis nos últimos seis meses



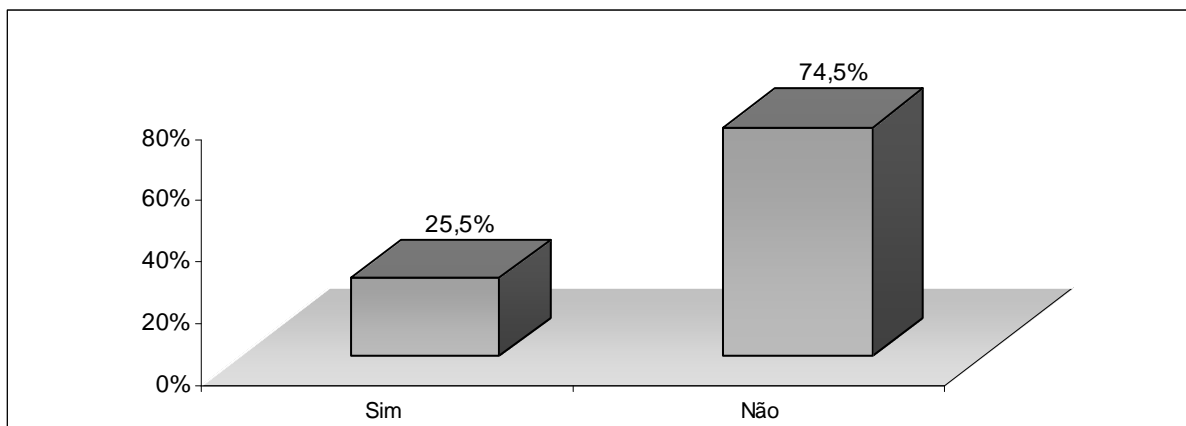
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 43 - Relação sexual sob o uso de álcool ou drogas (últimos seis meses)



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 44 - Relação sexual sob o uso de álcool ou drogas com pessoas que conheceram na Internet (últimos seis meses)

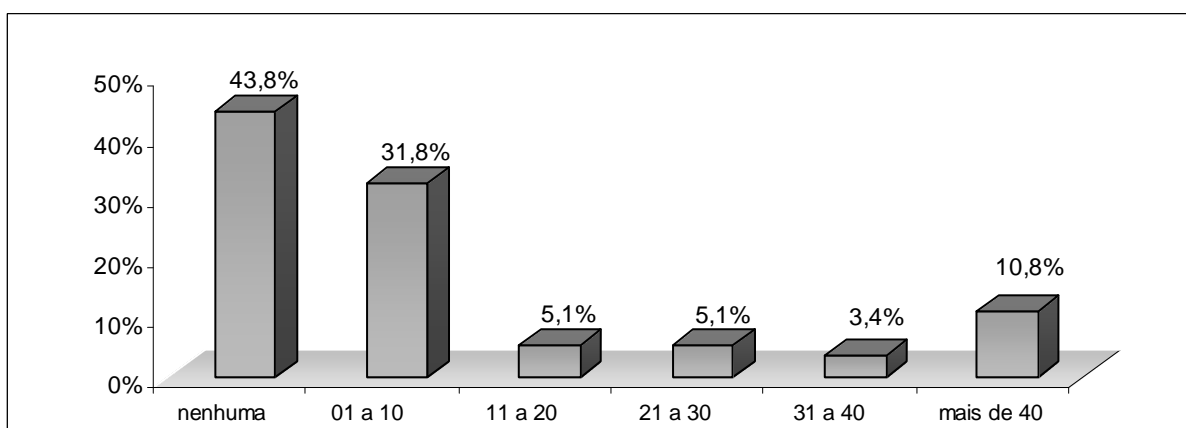


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O uso de drogas injetáveis, o fato de estar com alguma doença sexualmente transmissível e o fato de fazer sexo sob o uso de drogas ou álcool são fatores que contribuem para o risco de transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e, conforme pode ser visualizado nos Gráficos 40 a 44:

- 1,1% dos respondentes disseram ser usuários de drogas injetáveis sendo que estes nunca compartilharam agulhas (Gráficos 40 e 41);
- 5,1% responderam que tiveram, nos últimos seis meses, doenças sexualmente transmissíveis (Gráfico 42);
- 48,6% admitiram que fizeram sexo sob o uso de álcool ou drogas (Gráfico 43), com 25,5% destes afirmando que este ato se deu com pessoas que conheceram enquanto conversavam na Internet (Gráfico 44).

Gráfico 45 - Pessoas que conheceu na Internet com objetivo de fazer sexo virtual



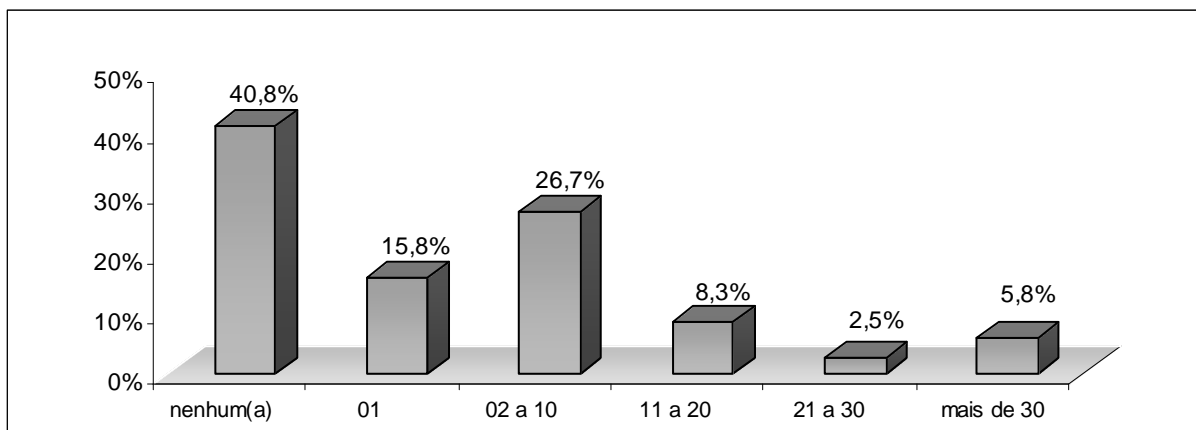
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Quanto à questão "Nos últimos 6 meses, quantas pessoas você conheceu "virtualmente" (conversou via Internet) com o objetivo de fazer sexo?" (Gráfico 45), obtiveram-se as seguintes respostas:

- a) Nenhuma: 43,8%;
- b) 01 a 10: de 31,8%;
- c) Mais de 40: 10,8%;
- d) 11 a 20: 5,1%;
- e) 21 a 30: 5,1%;
- f) 31 a 40: 3,4%;

Estes dados apontam que, mesmo com 43,8% de pessoas afirmando que não procuram pessoas na Internet para sexo "virtual", os demais 51,2% afirmaram que o fizeram, conhecendo um grande número de pessoas na busca de sexo.

Gráfico 46 – Número de parceiros sexuais "virtuais" nos últimos seis meses

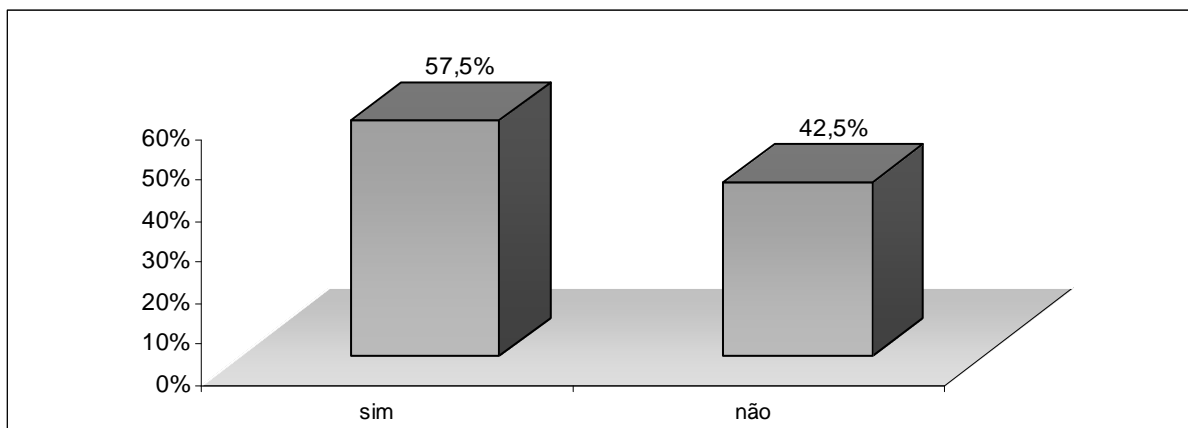


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Continuando com o estudo, a próxima questão do Instrumento a tratar do item "sexo virtual" foi: "Nos últimos 6 meses, quantos parceiro(a)s sexuais VIRTUAIS (conseguidos por meio da Internet e com quem você fez sexo utilizando as ferramentas da Web tais como webcam, msn, salas de bate papo, etc. você teve?" (Gráfico 46).

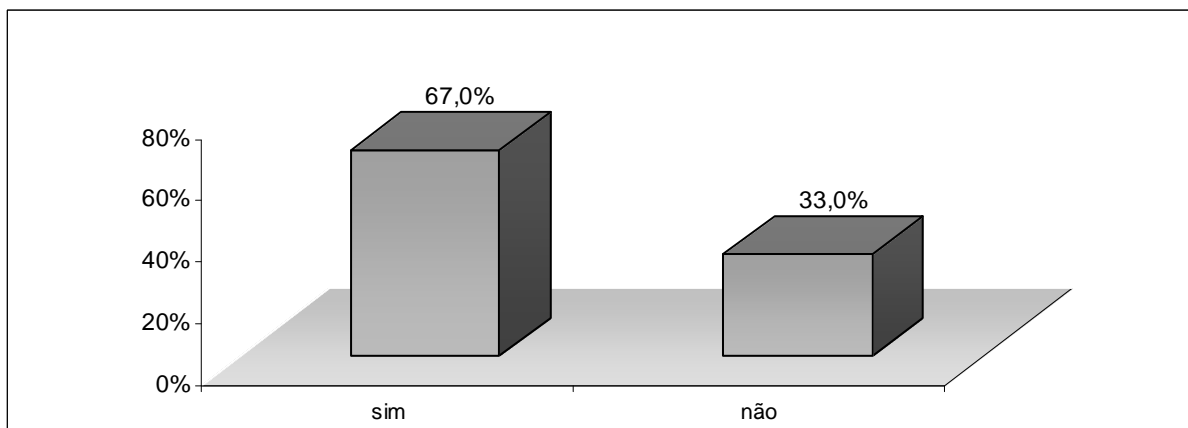
Para esta questão observa-se que 59,2% dos respondentes afirmaram ter utilizado a internet para a realização de sexo virtual.

Gráfico 47 - Utilização de webcam para conseguir parceiros sexuais na Internet



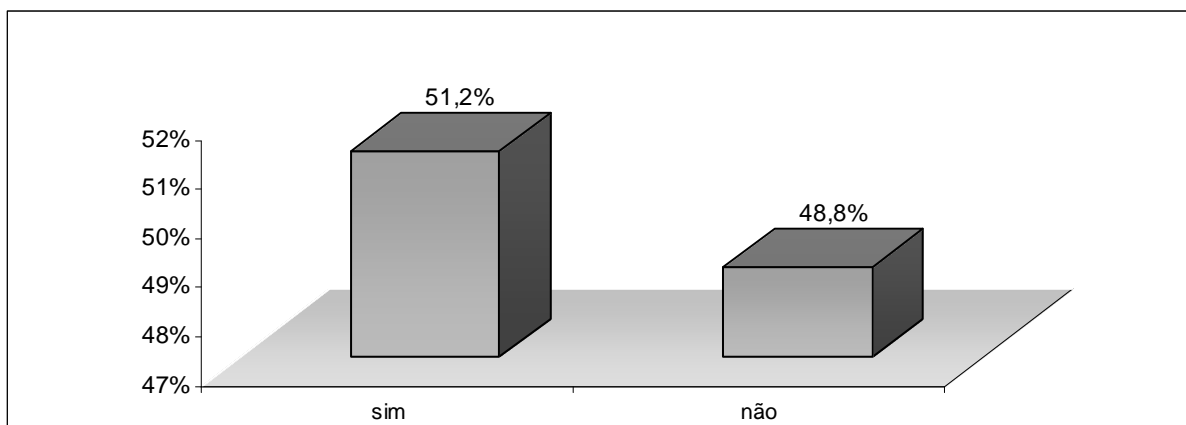
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 48 - Exposição sexual via webcam com objetivos de conseguir parceiros sexuais na Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 49 – Envio de fotos para pessoas que conheceram na Internet com objetivo de fazer sexo



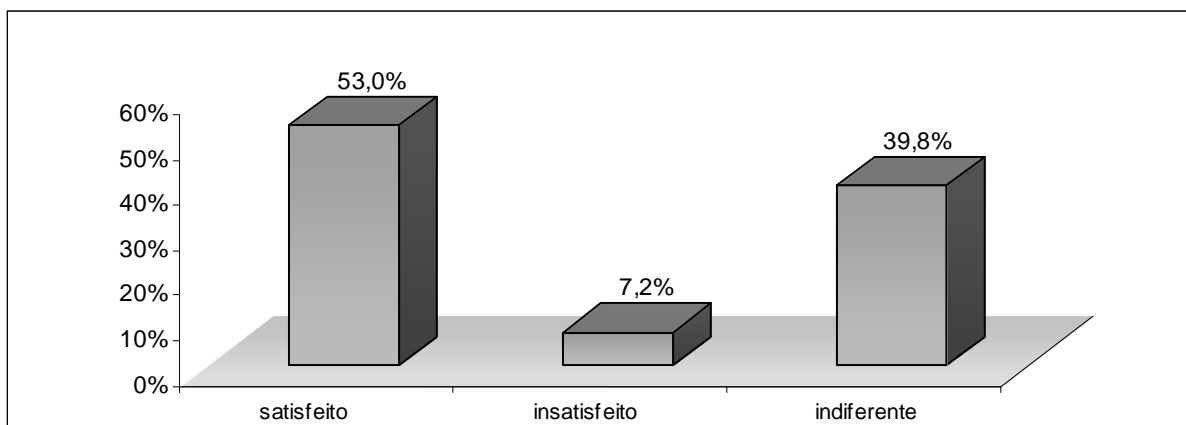
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Aqueles que afirmam ter realizado sexo “virtual” também responderam as seguintes questões:

- a) Para conseguir um parceiro(a) sexual e/ou fazer sexo virtual, você já utilizou uma webcam?": com 57,5% de respostas positivas (Gráfico 47);
- b) Se sim, já se mostrou sem roupas ou em cenas íntimas via webcam?". Com 67% de respostas positivas (Gráfico 48) ;
- c) Para conseguir um parceiro(a) sexual e/ou fazer sexo virtual, você já enviou fotos suas pela Internet?: 51,2% de respostas positivas. (Gráfico 49).

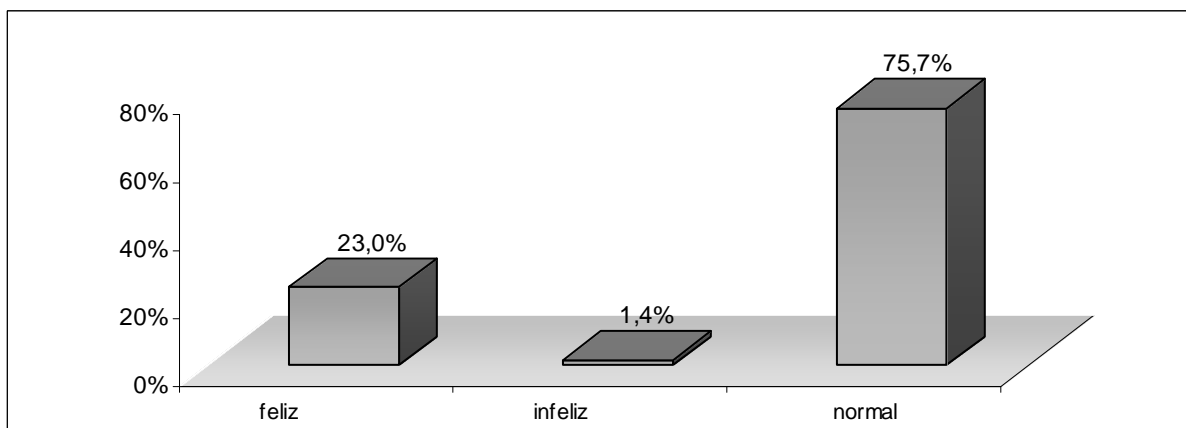
Estes dados apontam que, no geral, a maioria dos alunos de nível superior que buscam e realizam sexo virtual costumam se expor, exibindo-se ou enviando imagens comprometedoras via Internet, sem se importar com as consequências de tais atos.

Gráfico 50 - Satisfação após fazer sexo virtual com pessoa que conheceu na Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 51 - Sentimento após fazer sexo real com pessoa que conheceu na Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Aqueles que responderam que tiveram relações sexuais “virtuais” com pessoas que conheceram na Internet também responderam a questão "Como você, comumente, se sente após uma relação sexual REAL com uma pessoa que você conheceu na Internet?" e indicaram, com a maior frequência:

- a) Ficaram "satisfeitos", com 53% de ocorrências (Gráficos 50);
- b) Sentiram-se normais, com 75,7% de respondentes (Gráfico 51).

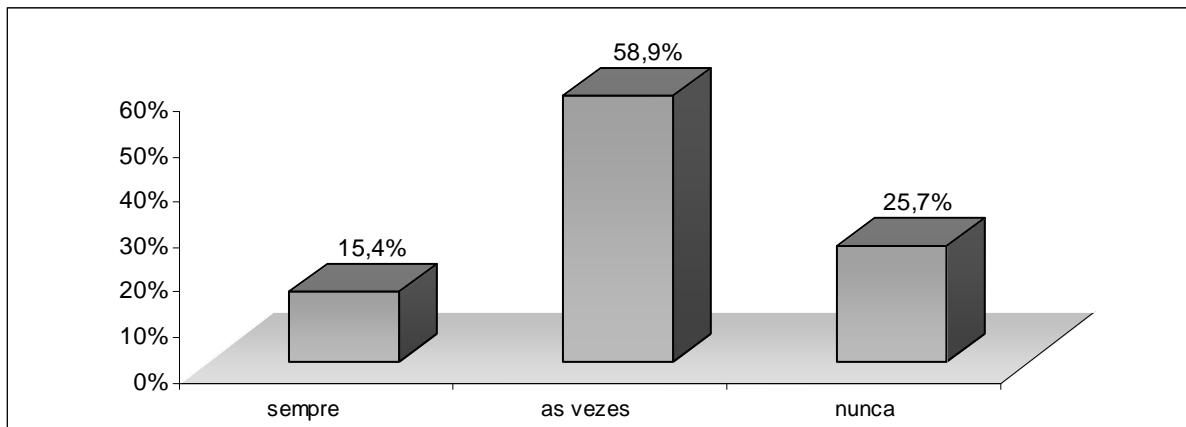
Este item do questionário aponta que as relações sexuais virtuais com pessoas conhecidas na Internet (não influenciam na qualidade de vida dos respondentes, já que

apenas 7,2% disseram sair insatisfeitos do ato e apenas 1,4% disseram que, após o sexo, se sentiram infelizes) (Gráficos 50 e 51).

1.5 Núcleo E – Comportamento compulsivo

Esta parte do questionário teve como objetivo levantar informações sobre se o estudante universitário desenvolveu ou não um comportamento compulsivo com relação ao uso da Internet para se comunicar na busca de parceiros sexuais. As questões utilizadas nesta parte do questionário têm como referência Goldberg (1995), que propõe um conjunto de critérios para o diagnóstico do que se pode chamar de Transtorno de Adicção a Internet, baseado nos mesmos critérios diagnósticos do abuso de substâncias, uma vez que o Uso Compulsivo da Internet ainda não aparece classificado na CID.10 ou no DSM.IV.

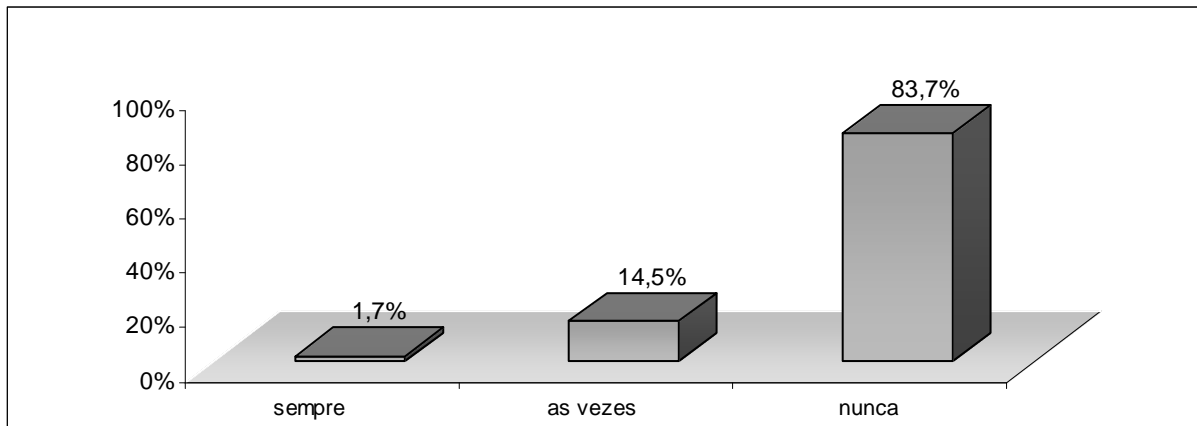
Gráfico 52 – Frequência de pensamentos sobre assuntos sexuais da internet quando desconectado



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

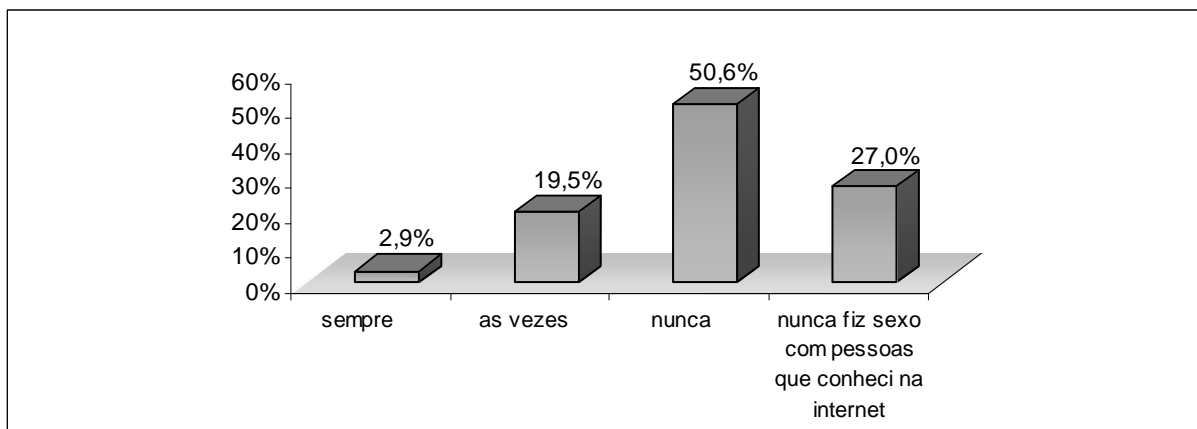
Para saber se houve ou não o desenvolvimento de comportamento compulsivo, a primeira questão que tratou do assunto foi “Você costuma pensar sobre assuntos sexuais disponíveis na Internet quando não está conectado?”, e buscou abordar como o respondente age quando não está conectado, sendo que 58,9% responderam “às vezes” e 15,4% "sempre" (Gráfico 52).

Gráfico 53 – Informa seus familiares sobre o acesso a Internet com objetivos sexuais



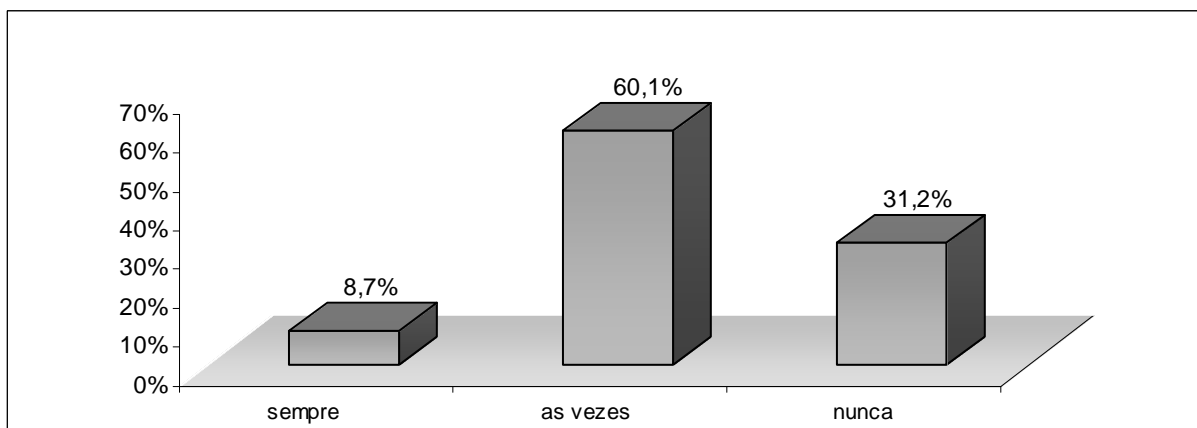
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 54 - Informa seus familiares sobre seus encontros sexuais com pessoas que conheceu na Internet



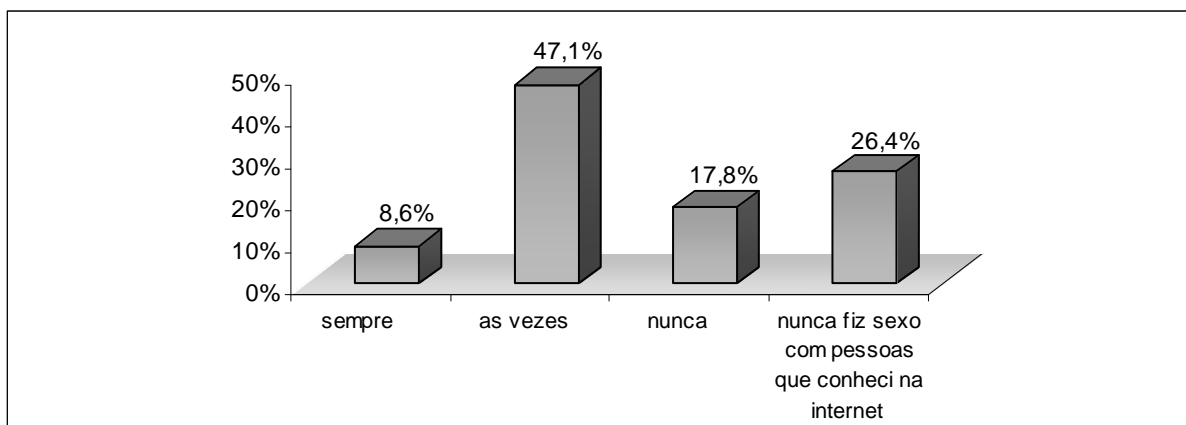
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 55 - Informa seus amigos sobre o acesso a Internet com objetivos sexuais



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 56 - Informa seus amigos sobre seus encontros sexuais com pessoas que conheceu na Internet



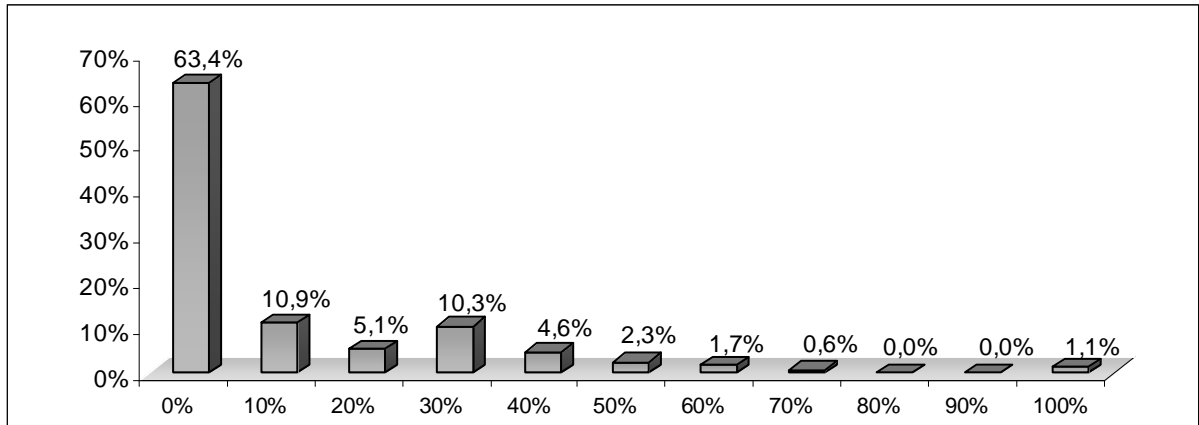
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Para as questões relacionadas às pessoas mais íntimas dos respondentes (familiares e amigos) saberem de seus hábitos comunicacionais com fins sexuais pela Internet foram obtidas as seguintes respostas:

- a) 83,7% nunca informam seus familiares sobre os seus acessos a Internet com objetivos sexuais (Gráfico 53);
- b) 50,6% nunca contam para seus familiares que fizeram sexo com pessoas que conheceram na Internet (Gráfico 54);
- c) 31,2% nunca contam para seus amigos sobre os seus acessos a Internet com objetivos sexuais (Gráfico 55);
- d) 17,8% nunca contam para seus amigos que fizeram sexo com pessoas que conheceu na Internet (Gráfico 56).

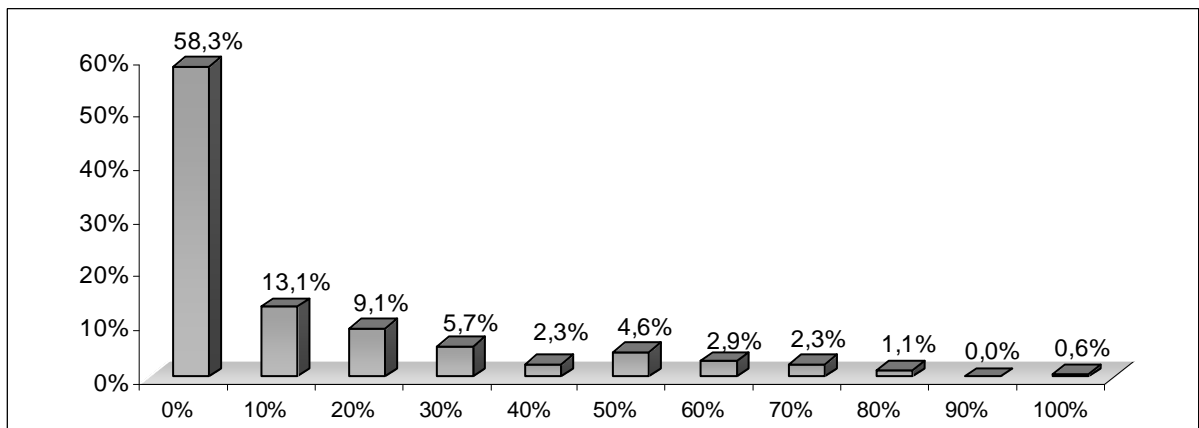
Os dados obtidos com estas questões apontam que, com relação a suas atitudes sexuais utilizando a Internet, os respondentes costumam confiar mais nos amigos do que em seus familiares.

Gráfico 57 – Frequência que deixou participar de atividades pessoais e/ou profissionais para buscar assuntos sexuais na Internet



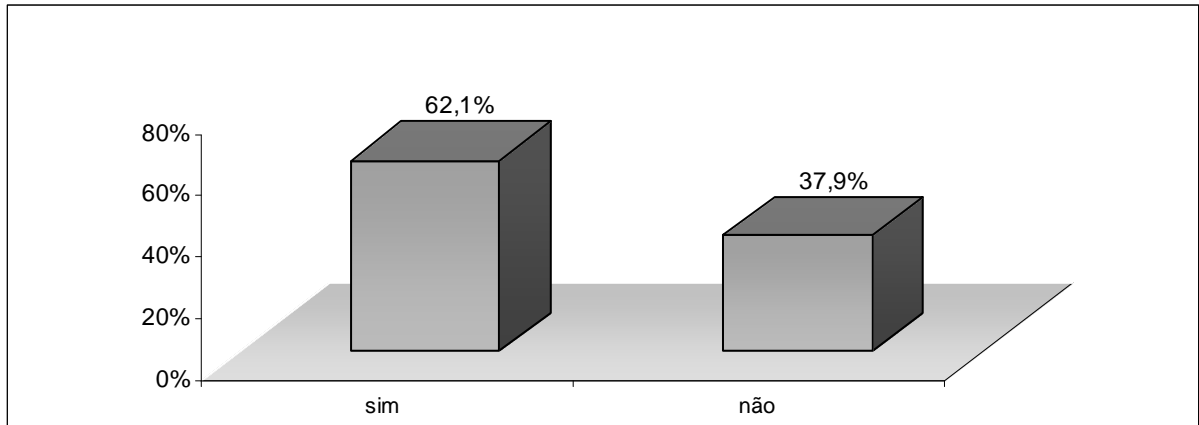
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 58 - Frequência que deixou participar de atividades do dia a dia para buscar assuntos sexuais na Internet



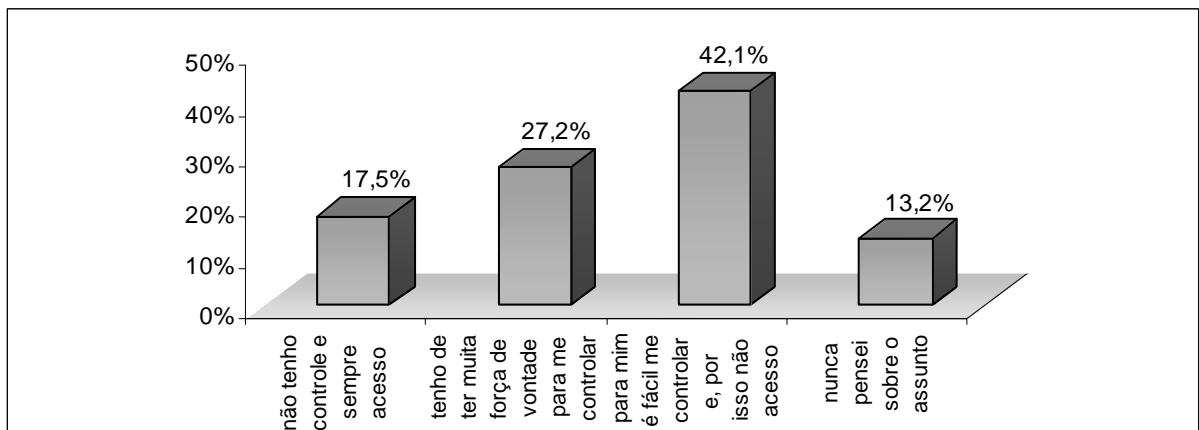
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 59 – Quando acessa a Internet para outras atividades, sente vontade de acessar sites relacionados a assuntos sexuais?



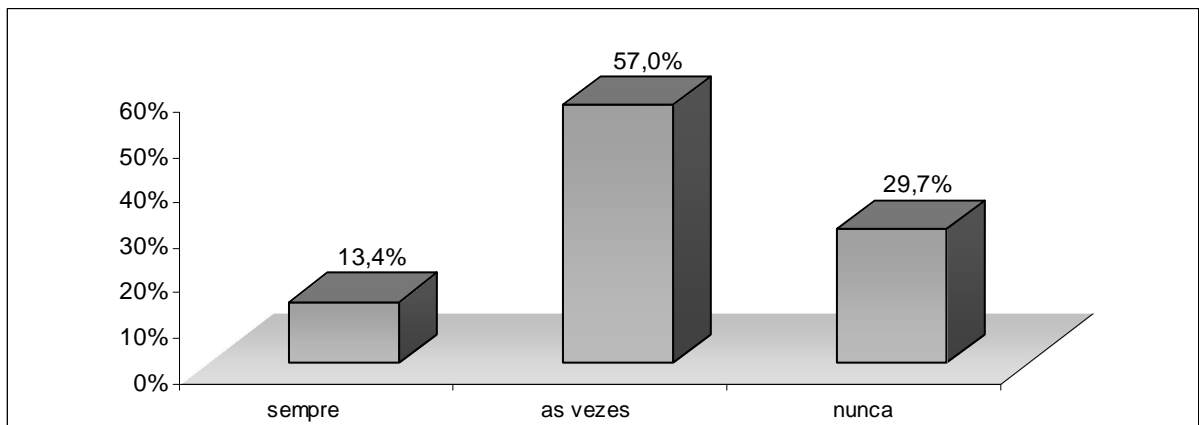
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 60 – Controle sobre vontade de acessar sites de conteúdo sexual



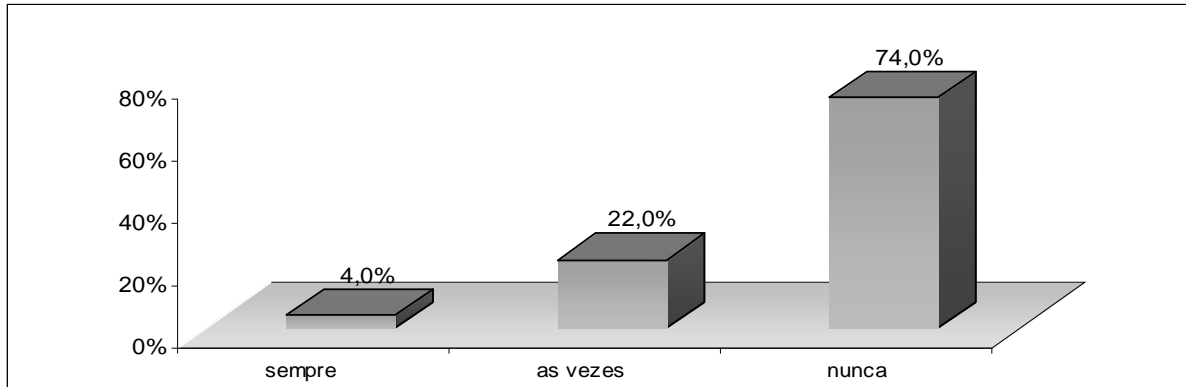
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 61 – Permanece mais tempo do que planejado na busca de parceiros sexuais



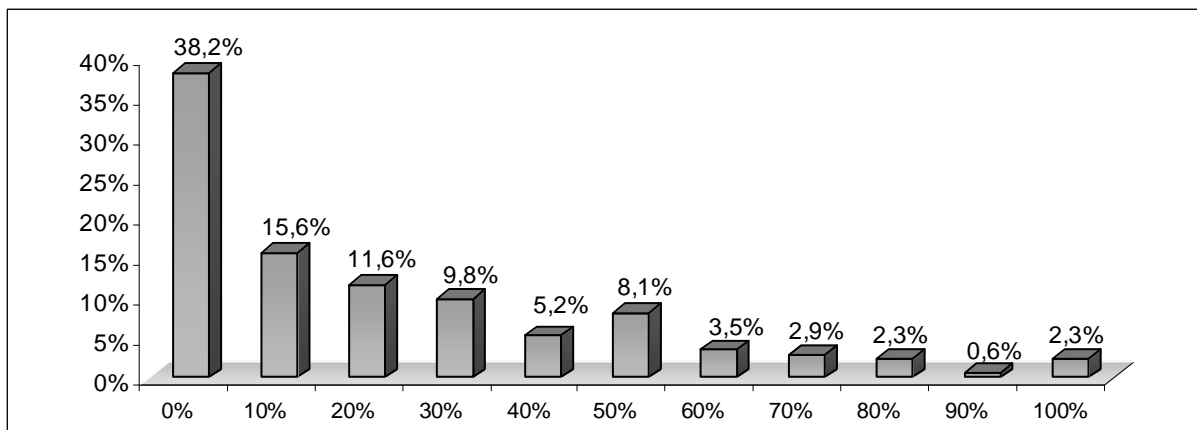
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 62 - Se impossibilitado de acessar a Internet com objetivos sexuais se sente mal humorado, irritado ou deprimido?



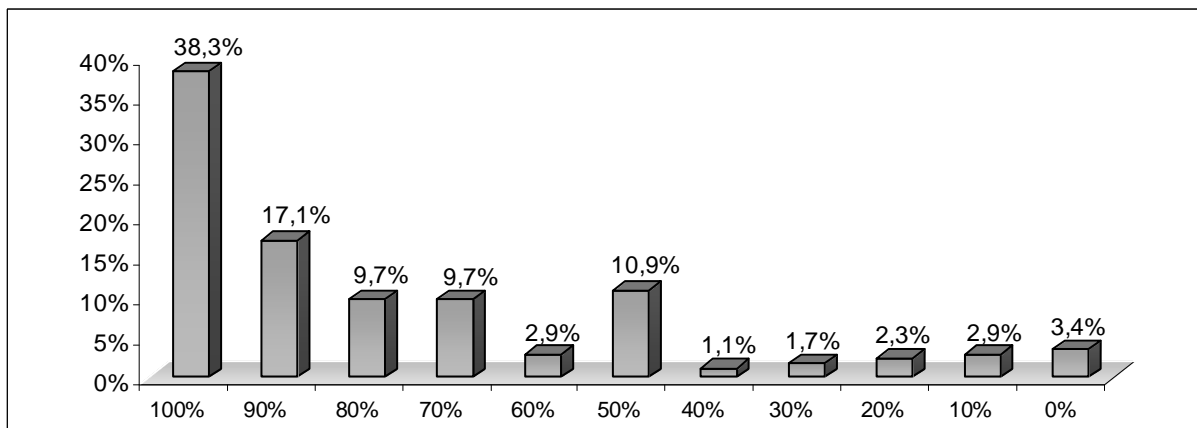
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 63 – Frequência de utilização da Internet com objetivos sexuais como forma de fugir de seus problemas pessoais



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 64 – Capacidade de controle da Internet com objetivos sexuais

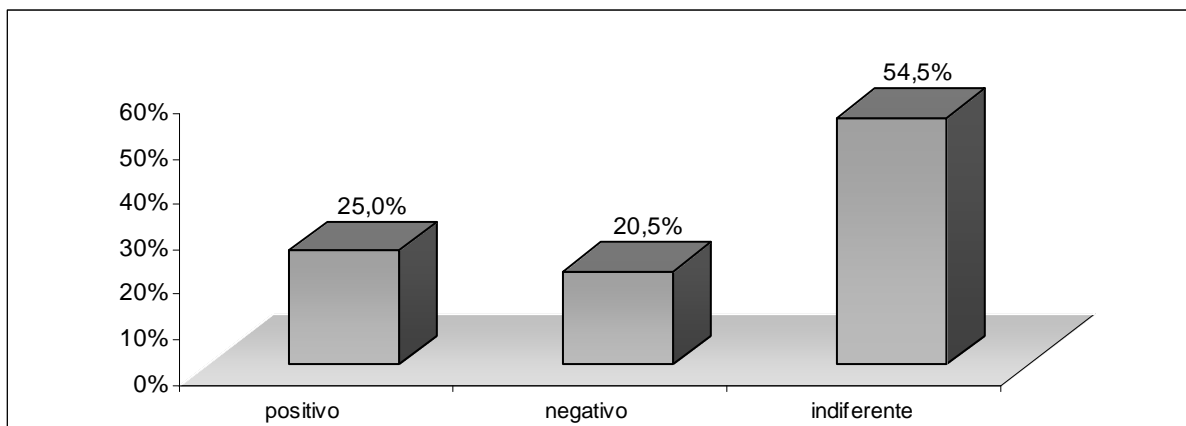


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Com o intuito de averiguar se a comunicação com fins sexuais na Internet, de alguma forma, está alterando a rotina de vida dos respondentes as seguintes respostas foram obtidas pela pesquisa:

- a) 36,6% em algum momento de suas vidas abdicaram de comparecer a uma relação pessoal importante, um compromisso trabalho ou oportunidade de estudos para ficar na Internet buscando assuntos sexuais (Gráfico 57);
- b) 41,2% em algum momento de suas vidas abdicaram de realizar atividades do seu dia a dia (como sair com amigos, ir ao cinema, ir a faculdade, sair para balada, etc) para ficar na Internet buscando assuntos sexuais (Gráfico 58);
- c) 62,1% dos respondentes, quando acessam a Internet para realizar atividades corriqueiras (ler email, estudar, etc) sentem vontade de acessar sites relacionados a assuntos sexuais (Gráfico 59) sendo que 17,5% afirmam não ter controle sobre esta vontade e 27,2% afirmam ter de ter muita força de vontade para se controlar e não acessar sites de conteúdo sexual (Gráfico 60);
- a) 57% dos respondentes afirmaram que “às vezes” e 13,4% “sempre” permanecem mais tempo conectados do que inicialmente pensavam buscando assuntos sexuais (Gráfico 61);
- b) 22% dos respondentes afirmaram que “às vezes” e 4% “sempre” se sentem mal humorados, irritados ou deprimidos quando passam algum tempo impossibilitados de conectar a Internet para buscar assuntos sexuais (Gráfico 62);
- c) 61,8% dos participantes declararam que, de alguma forma, já utilizaram a Internet com objetivos sexuais como uma forma de escapar de seus problemas (Gráfico 63);
- d) Apenas 38,3% dos alunos que buscam assuntos sexuais na Internet se avaliam com total controle sobre sua capacidade de uso da Internet com estes objetivos (Gráfico 64);

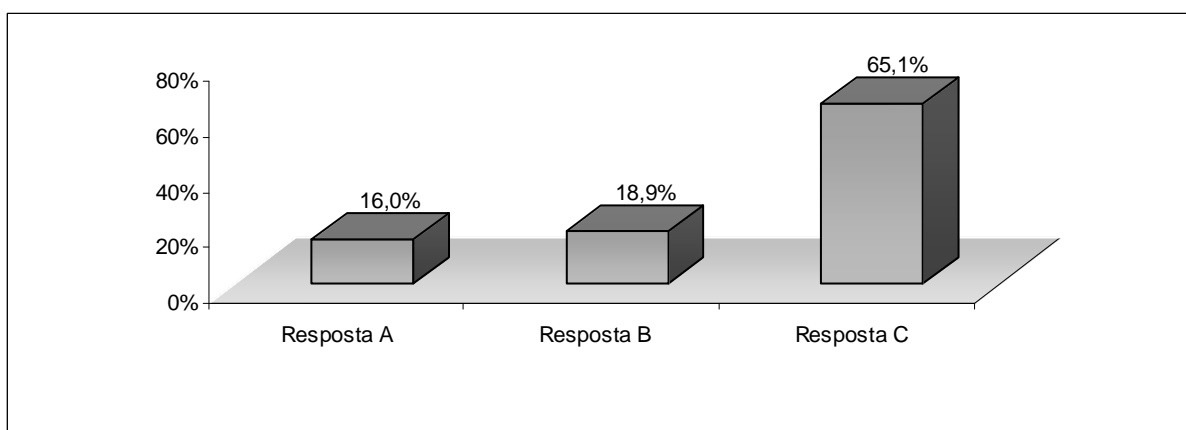
Gráfico 65 – Consideração sobre influência do hábito de busca de parceiros sexuais na Internet em sua vida pessoal



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

A forma como estes alunos veem a influência dos contatos que fazem pela Internet foi abordada pela pesquisa sendo que, com relação à consideração dos respondentes quanto ao uso da Internet com objetivos sexuais como um fator positivo ou negativo, a resposta menos frequente foi "negativo", sendo escolhida por 20,5% dos participantes. Na sequência e em ordem crescente 25% responderam "positivo" e 54,5% responderam considerar "indiferente" a influência da Internet em suas vidas (Gráfico 65).

Gráfico 66 – Consideração sobre a atitude de buscar assuntos e/ou parceiros sexuais na Internet

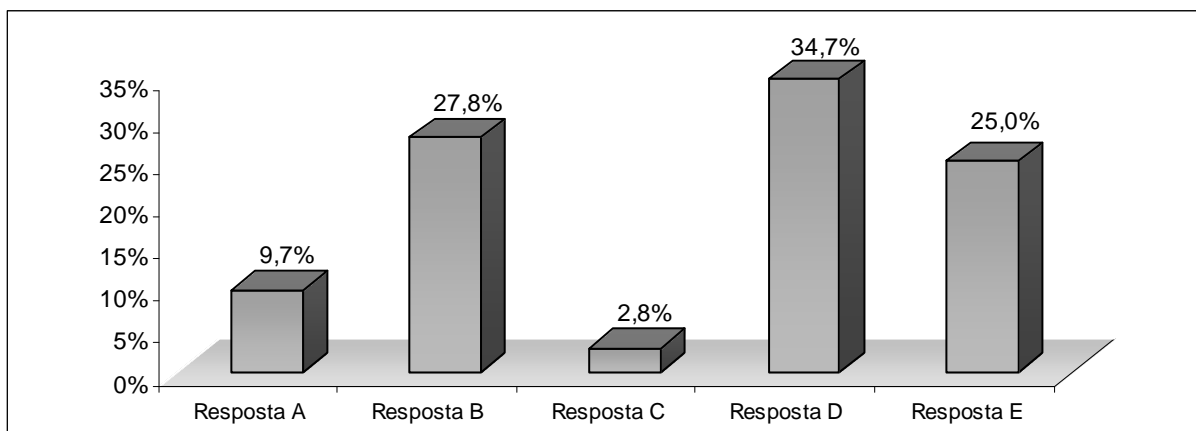


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Já com relação ao que pensam sobre a sua atitude de buscar assuntos e/ou parceiro(a)s sexuais na Internet foram obtidos os seguintes totais (Gráfico 66):

- a) 65,1% dos participantes afirmaram não ter opinião sobre o assunto, pois não sentem nenhuma diferença na sua qualidade de vida;
- b) 18,9% responderam que não pensam em parar, pois consideram que esta sua atitude está, de algum modo, melhorando sua qualidade de vida;
- c) 16% responderam que pensam em parar, pois consideram que esta sua atitude está, de algum modo, prejudicando sua qualidade de vida;

Gráfico 67 – Opinião sobre o sexo após iniciar a busca de parceiros sexuais na Internet

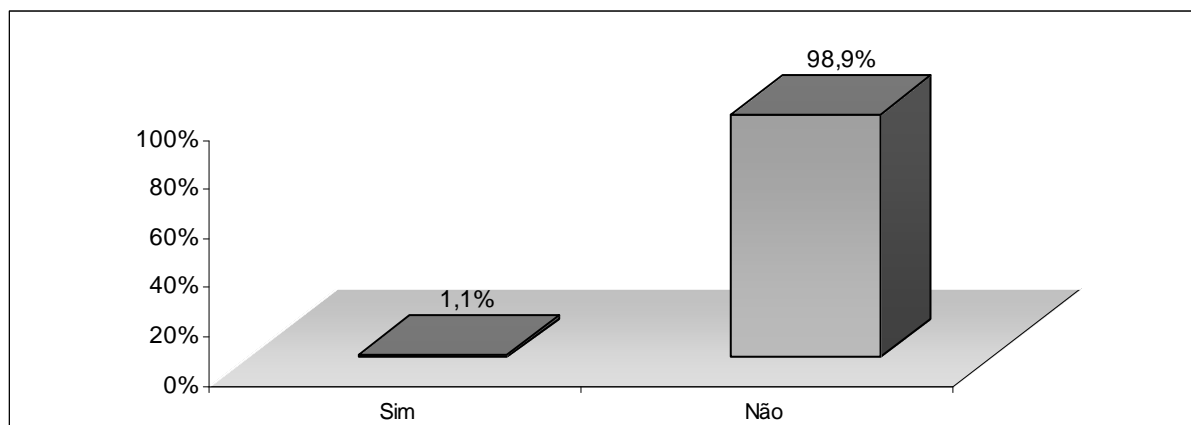


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Quando questionados sobre "Qual a sua opinião com relação ao sexo, depois que você começou a buscar parceiro(a)s na Internet?" os alunos traçaram o seguintes perfil de preferência (Gráfico 67):

- a) 34,7% não tem preferência;
- b) 27,8% preferem parceiro(a)s sexuais reais que não foram conseguidos pela Internet";
- c) 25% responderam que nunca fez sexo com parceiro(a)s conseguidos pela Internet;
- d) 9,7% que preferem parceiro(a)s sexuais reais conseguidos pela Internet;
- e) 2,8% preferem parceiro(a)s sexuais virtuais conseguidos pela Internet;

Gráfico 68 – Portador do vírus HIV



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

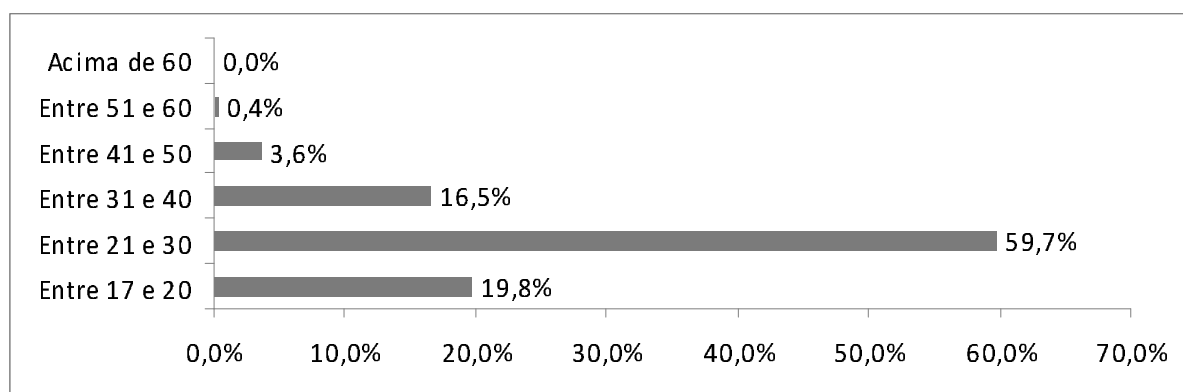
A última questão do questionário foi com relação à portabilidade do vírus HIV (esta questão foi deixada por último, por ser considerada, durante os pré-testes, como intimidatória pelos respondentes e, por isso, poderia fazer com que estes desistissem da pesquisa antes de seu término ou mesmo a respondessem de forma a esconder/falsear os dados) em que, dos 180 respondentes, apenas 1,1% admitiram ser portadores do vírus HIV (Gráfico 68).

2. Resultados do Instrumento de Pesquisa 2 – Participantes que informaram não buscar parceiros sexuais no ambiente comunicacional Internet

2.1 Núcleo A - Idade, sexo, escolarização e personalidade

Esta parte da análise apresenta as primeiras 4 (quatro) questões do questionário que são administrativas e tiveram como finalidade caracterizar os 248 informantes que afirmaram não buscar assuntos sexuais na Internet para que se possa proceder ao cruzamento destas variáveis com as respostas das demais questões. Para Réa e Parker (2000, p. 47) “as primeiras perguntas devem estar relacionadas ao assunto declarado no preâmbulo, mas devem ser relativamente fáceis de responder.”

Gráfico 69 – Faixa Etária



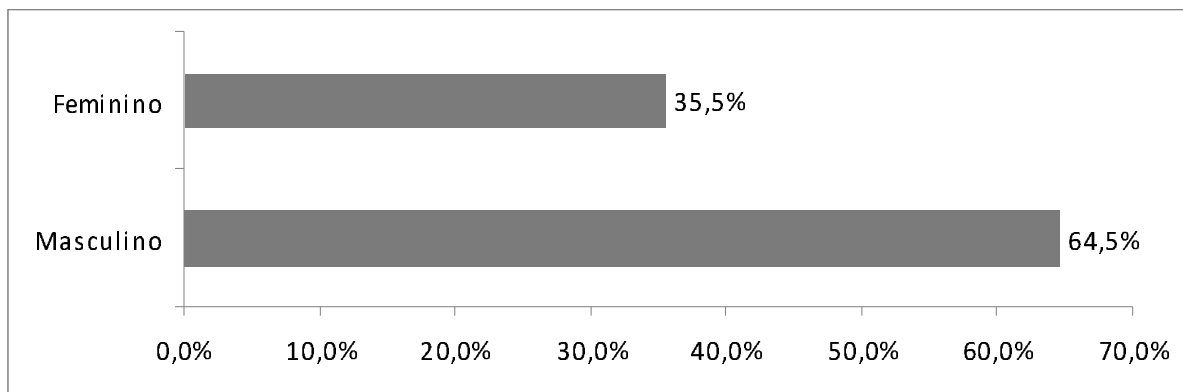
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O Gráfico 69 apresenta as informações referentes à a questão "Em que faixa de idade você se encaixa?". Nele podemos observar que:

- 59,7% dos respondentes estão entre 21 e 30 anos;
- 19,8% responderam estar na faixa etária entre 17 e 20 anos;
- 16,5% estão na idade entre 31 e 40 anos;
- 3,6% responderam que tem entre 41 e 50 anos;
- 0,4% responderam estar na faixa etária entre 51 e 60 anos e;
- 0% tem idade acima de 60 anos.

Com esta informação, pode-se observar que a maior parte dos estudantes que participaram da pesquisa, confirmando não utilizar a Internet com objetivos sexuais, se encontra na idade entre 21 e 30 anos. Somados os três maiores índices de respostas temos que 95,1% dos estudantes universitários dos cursos de Computação e Informática da instituição estudada têm entre 17 e 40 anos, dados estes exatamente iguais aos obtidos com os 180 alunos que responderam ao Instrumento de pesquisa 1, relacionado a aqueles que buscaram assuntos/parceiros sexuais na Internet.

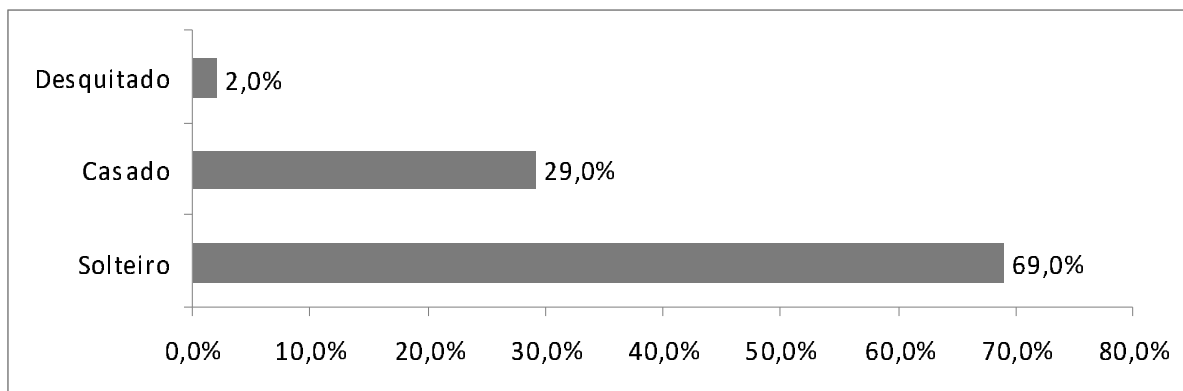
Gráfico 70 - Sexo



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

A maioria dos participantes da pesquisa que afirmaram não buscar parceiros sexuais na Internet é do sexo masculino, total que obteve 64,5% de ocorrências, seguida de 35,5% que responderam "Feminino". Estes resultados podem ser visualizados no Gráfico 70 e apenas confirmam o perfil dos estudantes dos cursos de Computação e Informática que, em sua grande maioria, são realmente do sexo masculino.

Gráfico 71 – Estado Civil



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Aqueles que responderam a questão "Seu estado civil é:", indicaram com a maior frequência a resposta "Solteiro" com 69% de ocorrências, seguida de 29% que responderam "Casado", 2% responderam "Desquitado" (Gráfico 71)

Quando cruzamos estes dados com os dados de Sexo, temos que, dos 248 (duzentos e quarenta e oito) alunos que optaram por responder a este questionário e que são do sexo masculino (a grande maioria, com 160 respondentes) apresentam o seguinte perfil:

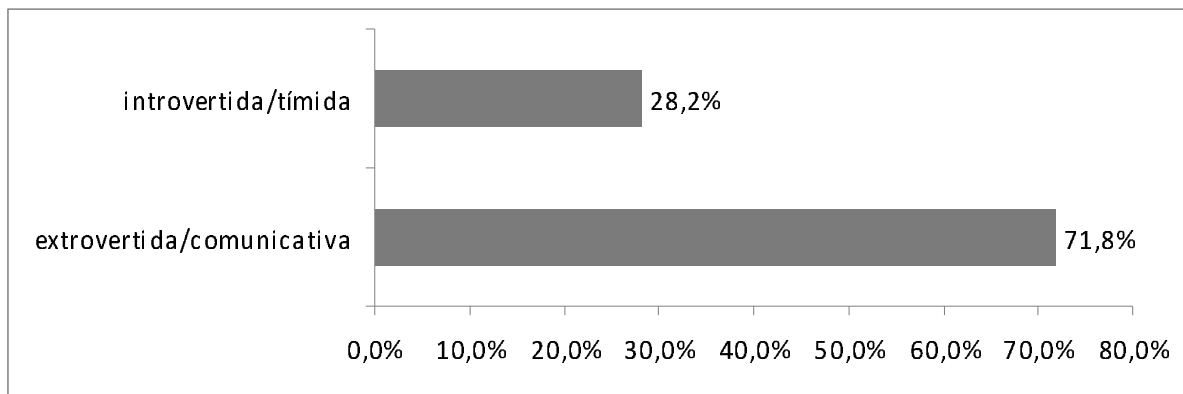
- 55 são casados, 01 é desquitado e 103 se declararam solteiros.

Já as 88 (oitenta e oito) alunas participantes apresentaram o seguinte perfil:

- 17 são casadas, 03 são desquitadas e 68 se declararam solteiras

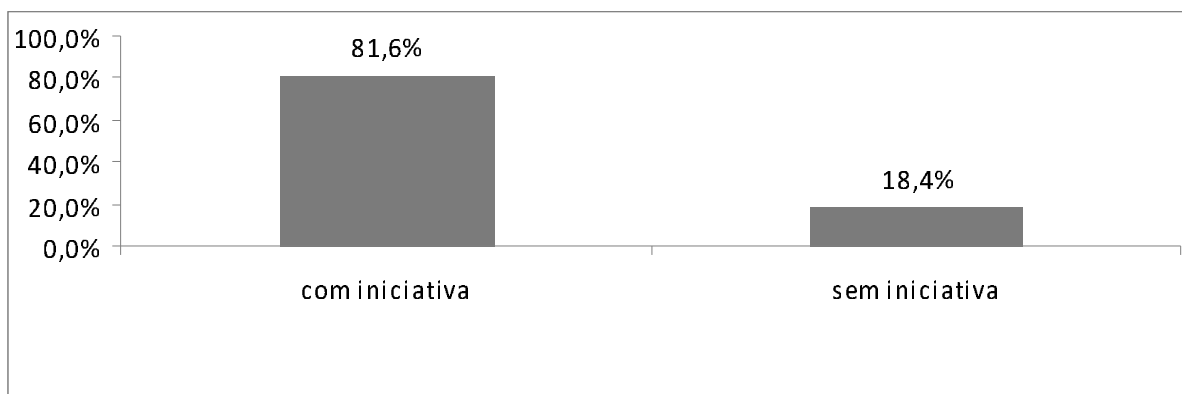
A partir dos dados analisados percebe-se que as mulheres respondentes da pesquisa que afirmaram não buscar parceiros sexuais na Internet (88 respondentes) são em maior número do que as que admitiram utilizar a Internet para buscar parceiros sexuais e que responderam ao Questionário 1 (37 respondentes).

Gráfico 72 - Personalidade – Comunicação Interpessoal



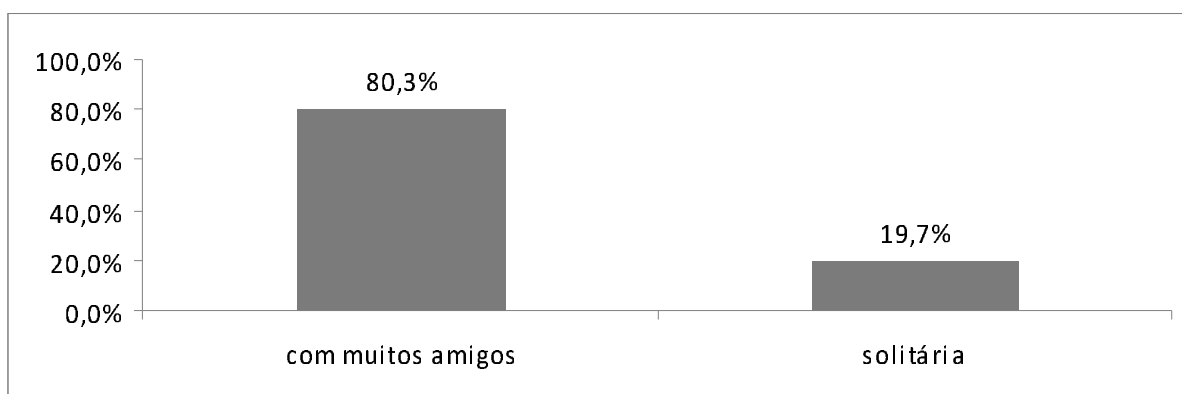
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 73 - Personalidade - Iniciativa



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 74 - Personalidade - Amizade



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

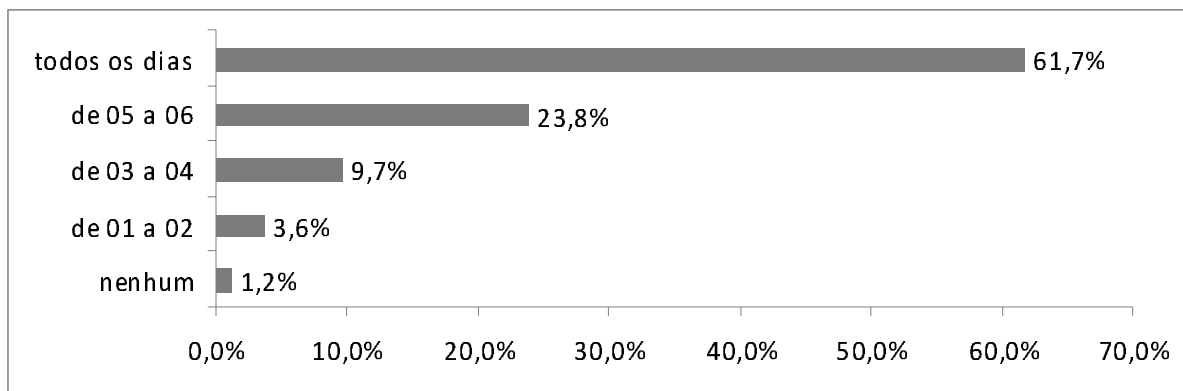
Em se tratando de uma classificação por personalidade, buscou-se identificar três características pessoais importantes, sendo elas:

- a) Comunicação Interpessoal: a minoria dos participantes, 28,2%, se identificou como "introvertida/tímida" enquanto 71,8% responderam ser "extrovertida/comunicativa" (Gráfico 72);
- b) Iniciativa: 18,4% dos participantes se declararam sem iniciativa enquanto 81,6% responderam ser pessoa com iniciativa (Gráfico 73);
- c) Amizade: 19,7% responderam ser pessoas "solitárias" enquanto 80,3% de participantes se declararam "com muitos amigos". (Gráfico 74).

2.2 Núcleo B – Utilização da Internet

Esta parte do questionário buscou levantar informações sobre como os respondentes que não buscam parceiros sexuais na Internet a utilizam no seu dia-a-dia.

Gráfico 75 - Acesso semanal a Internet (em número de dias)

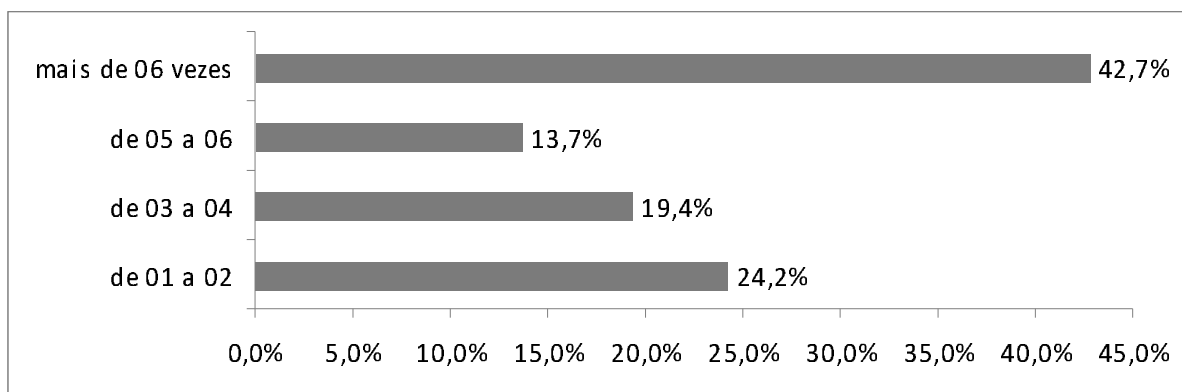


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O levantamento se iniciou com a questão "Quantos dias por semana você acessa a Internet?". A esta pergunta, com 61,7%, a resposta "todos os dias" foi a mais assinalada, seguida de 23,8% que responderam acessar a Internet de 05 a 06 dias por semana, 9,7% que responderam se conectar de 03 a 04 dias semanalmente, 3,6% que responderam de 01 a 02 dias e 1,2% responderam não acessar a internet²¹. (Gráfico 75).

²¹ Em cruzamentos futuros contatou-se que as pessoas que haviam respondido não acessar a Internet forneceram informações precisas sobre seus hábitos e costumes de acesso e, por isto, decidiu-se não excluí-las da base de dados.

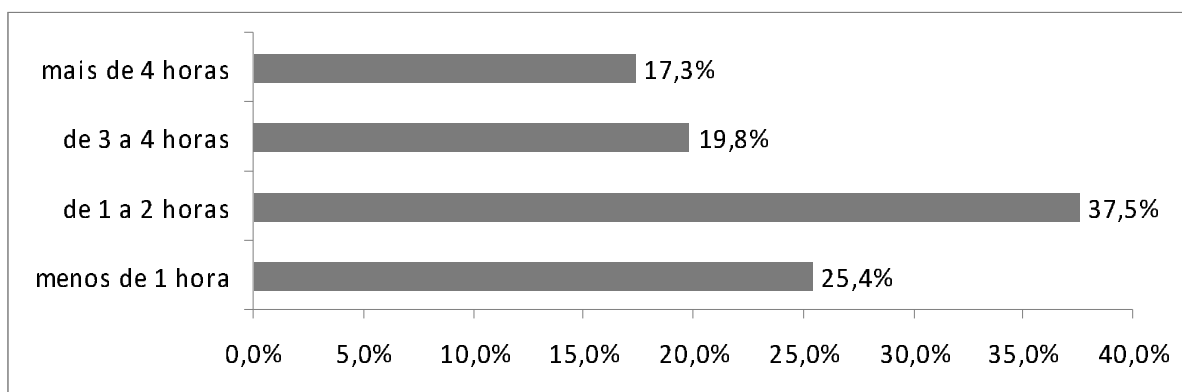
Gráfico 76 - Quantidade de acessos diários a Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Com relação ao número de acessos, no Gráfico 76, pode-se perceber que a maior frequência de respostas está em "mais de 06 vezes por dia", com 42,7% de ocorrências, seguida de 24,2% que responderam "de 01 a 02", 19,4% responderam "de 03 a 04" e 13,7% que responderam "de 05 a 06".

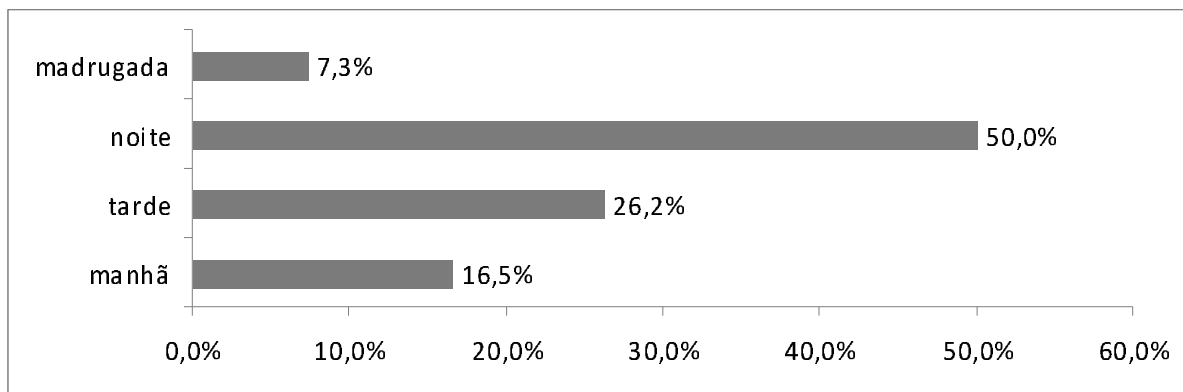
Gráfico 77 - Duração de cada acesso (em horas)



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Na questão "Quanto tempo costuma durar cada um destes acessos?" (Gráfico 77), a escolha mais frequente foi "de 1 a 2 horas", com 37,5% de ocorrências, seguida de 25,4% que responderam "menos de 1 hora", 19,4% que responderam "de 3 a 4 horas" e 17,3% que afirmaram ficar "mais de 4 horas" conectados diariamente.

Gráfico 78 - Período do dia preferido para acesso



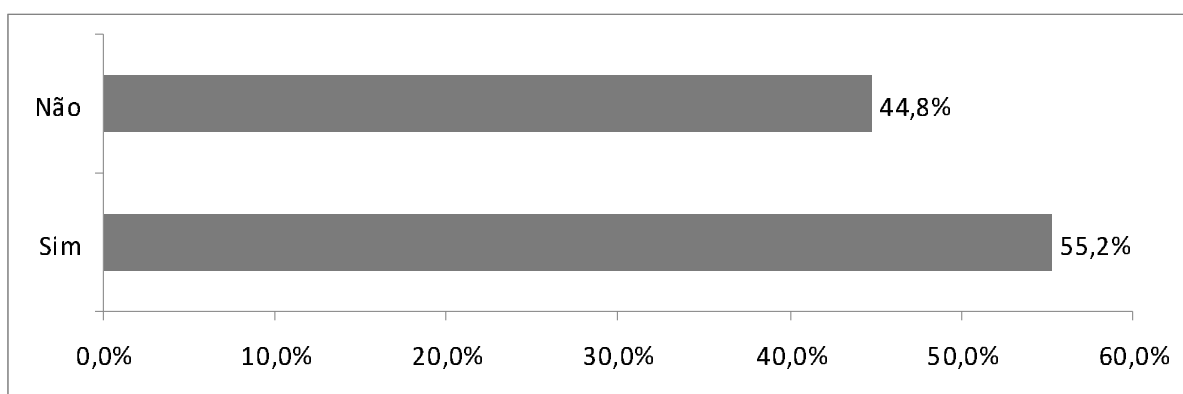
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Já o horário preferido de acesso a Internet, declarado pelos usuários para se comunicarem (Gráfico 78) é a noite, com 50% de respondentes, seguida da tarde, com 26,2% , manhã com 16,5% e, com o menor número de ocorrências, a resposta "madrugada" foi a escolhida por 7,3% dos participantes

2.3 Núcleo C – Utilização da comunicação na Internet com objetivos sexuais

Esta parte do questionário tratou da visão dos respondentes sobre a utilização da Internet com objetivos sexuais e, neste sentido, um fator interessante a ser verificado com a pesquisa foi o ligado a outros hábitos e atitudes sexuais relacionados ao uso da Internet que não fossem a busca de parceiros sexuais.

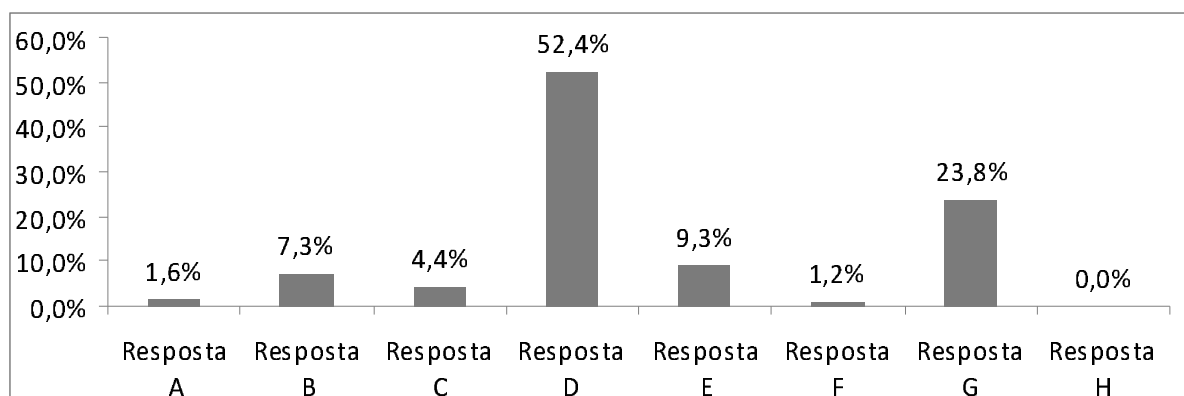
Gráfico 79 - Utilização da Internet com outros objetivos sexuais que não relacionados a busca de parceiros sexuais reais ou virtuais



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Neste Núcleo do Instrumento 2 foi inserida a questão "Você costuma utilizar a Internet com outros objetivos sexuais que não fossem relacionados a busca de parceiros sexuais reais ou virtuais?" (Gráfico 79) em que a resposta menos frequente foi "Não", sendo escolhida por apenas 44,8% sendo que os demais 55,2% responderam "Sim" o que, em geral, aponta uma tendência na busca de pornografia na web mesmo por aqueles que afirmam não a utilizar na busca de parceiros sexuais reais ou virtuais.

Gráfico 80 – Motivos para não buscar parceiros sexuais na Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

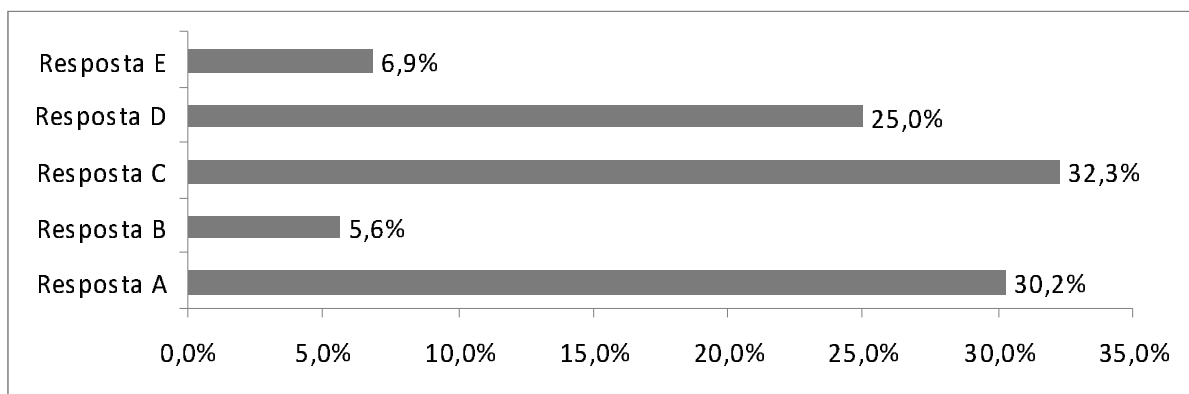
Para se verificar os motivos que não levaram estes 248 a buscar parceiros sexuais na Internet foi realizada a seguinte questão: "Por que você nunca utilizou a Internet para buscar parceiros sexuais?" (Gráfico 80) em que foram obtidas as seguintes respostas, em ordem decrescente:

- a) 52,4% - Resposta D - sabia que era possível, mas não tem vontade;
- b) 23,8% - Resposta G - nunca pensou no assunto;
- c) 9,3% - Resposta E - sabia que era possível, mas não sabe como utilizar a Internet para isso;
- d) 7,3% - Resposta B - sabia que era possível, mas acha errado;
- e) 4,4% - Resposta C - sabia que era possível, mas não tem coragem;
- f) 1,6% - Resposta A - sabia que era possível, mas nunca teve oportunidade;

g) 1,2% - Resposta F - não sabia que era possível.

Os dados obtidos com esta questão indicam que, dentre os 248 respondentes há uma tendência a possível utilização da Internet na busca de parceiros sexuais já que apenas 7,3% dos participantes, mesmo sabendo ser possível tal realização, o acham errado.

Gráfico 81 - Opinião sobre quem busca parceiros sexuais na Internet



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

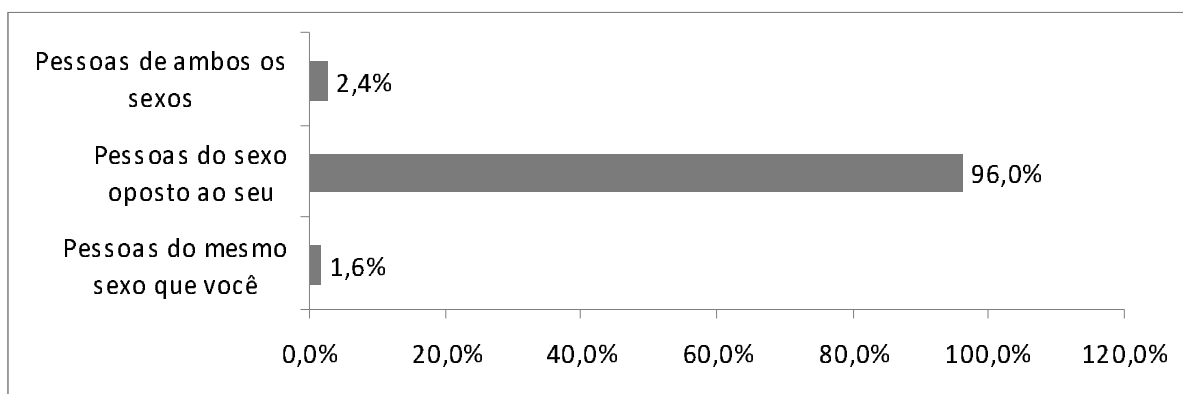
Quando questionados sobre "O que você pensa sobre a atitude de quem busca assuntos e/ou parceiro(a)s sexuais na Internet?" foram obtidas os seguintes totais, em ordem decrescente, devidamente demonstrado no Gráfico 81:

- a) 32,3% - Resposta C - considera que esta sua atitude não altera a qualidade de vida destas pessoas;
- b) 30,2% Resposta A - considera que esta sua atitude está, de algum modo, prejudicando a qualidade de vida destas pessoas;
- c) 25% "Resposta D - não tem opinião sobre o assunto;
- d) 6,9% "Resposta E - outra;
- e) 5,6% "Resposta B - considera que esta sua atitude está, de algum modo, melhorando a qualidade de vida destas pessoas".

2.4 Núcleo D - Comportamento sexual e de risco dos estudantes que não buscam parceiros sexuais reais se comunicando na Internet

Esta parte do questionário investiga o comportamento sexual e de risco dos alunos que não buscam parceiros sexuais reais na Internet. Entende-se, por comportamento de risco, a conduta sexual da pessoa que pode aumentar ou diminuir a chance de ela ficar doente e transmitir a doença para os outros. No que se refere ao comportamento sexual, os critérios adotados para a realização desta parte do questionário serão baseados nos critérios utilizados pelo IBOPE na última pesquisa sobre o comportamento da população brasileira sexualmente ativa.

Gráfico 82 – Opção Sexual

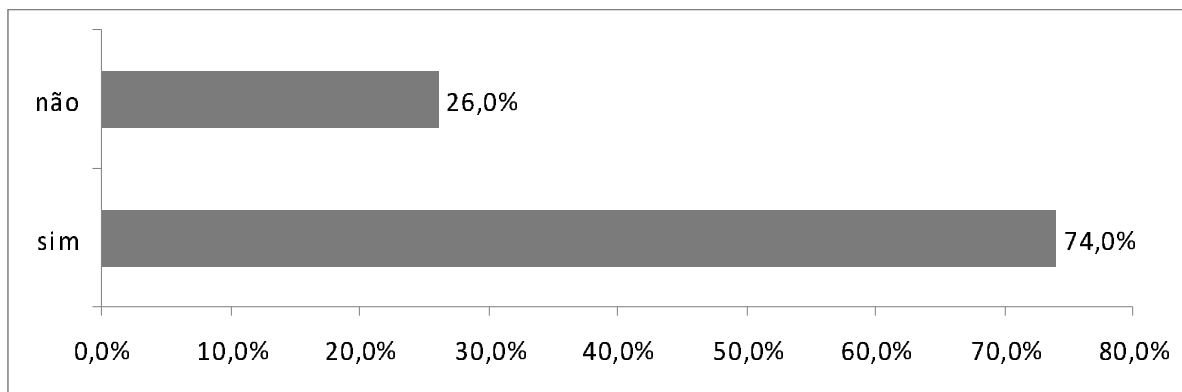


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Esta parte da pesquisa se inicia perguntado sobre a opção sexual dos respondentes. Por ser assunto delicado e para se evitar preconceitos desnecessários, optou-se pela seguinte pergunta "Você sente atração sexual por:" em que foram obtidas as seguintes respostas (Gráfico 82):

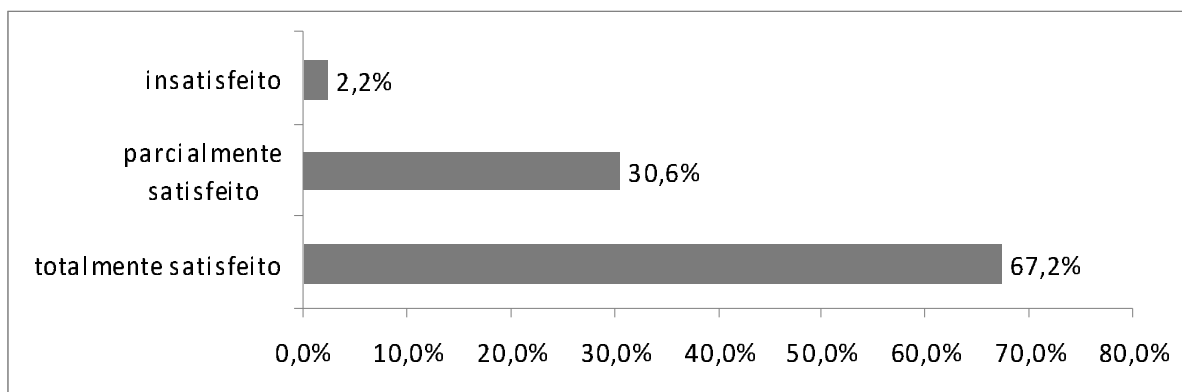
- a) Pessoas do sexo oposto ao seu: 96,0%;
- b) Pessoas do mesmo sexo que você: 1,6%;
- c) Pessoas de ambos os sexos: 2,4%;

Gráfico 83 - Parceiro sexual fixo



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 84 - Satisfação com parceiro sexual fixo



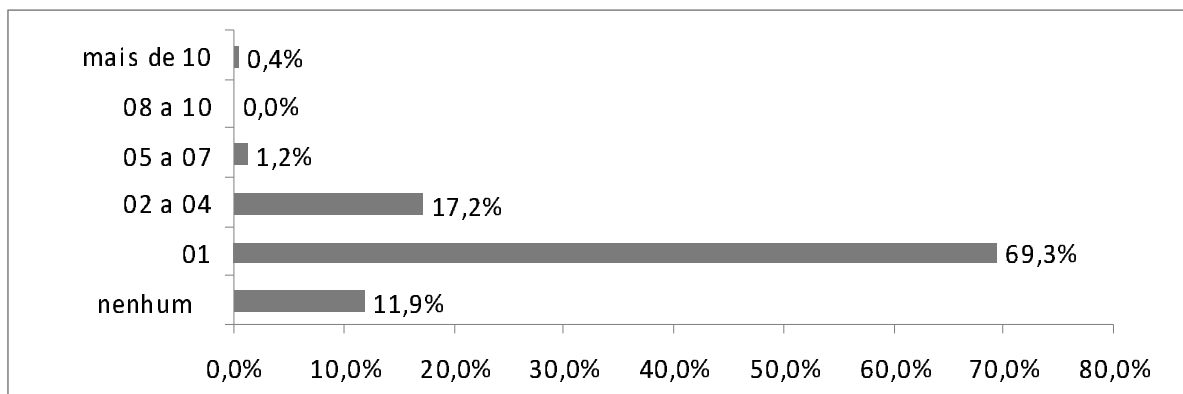
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Mesmo com 69% dos respondentes se declarando solteiros, a pesquisa buscou levantar quantos dos 248 participantes possuíam parceiros sexuais fixos. Neste sentido, para a questão "Você tem parceiro(a) sexual fixo – namorado(a), marido, esposa etc.?", a escolha mais frequente foi "sim", com 74% de ocorrências, seguida de 26% que responderam "não" (Gráfico 83).

Quando estes dados são organizados por sexo, tem-se que 58 (65,9%) das 88 mulheres participantes declararam possuir parceiro sexual fixo, valor este que sobe para 126 nos homens, com 78,8% dos respondentes do sexo masculino se declarando com parceiros sexuais fixos sendo que, do total de 184 alunos (homens e mulheres) que se encaixam neste perfil, 66,7% se declaram totalmente satisfeitos com seus

parceiros, 30,6% totalmente satisfeitos e apenas 2,2% se declararam insatisfeitos em seus relacionamentos (Gráfico 84)

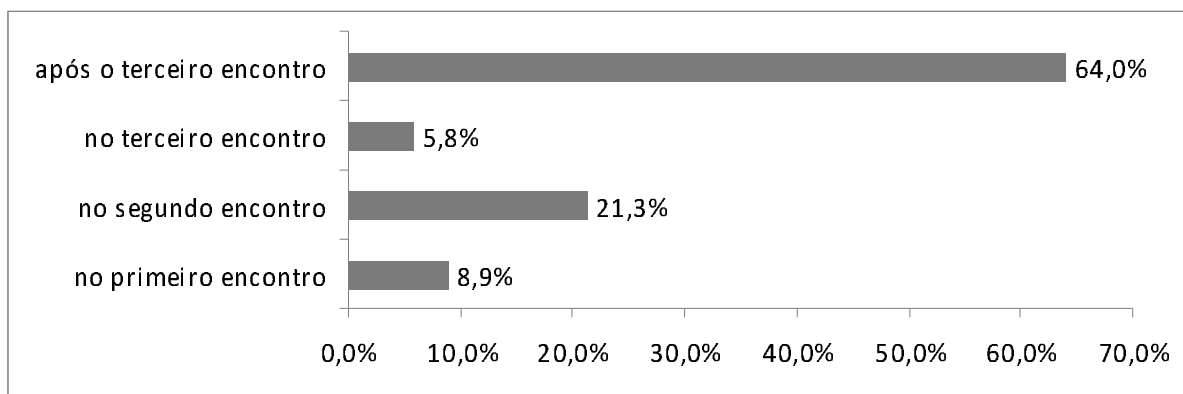
Gráfico 85 - Parceiros sexuais não conseguidos pela Internet (últimos seis meses)



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Para que fosse possível uma comparação entre o número de parceiros sexuais deste grupo com o grupo de respondentes que buscaram parceiros sexuais na Internet, os alunos foram questionados: "Nos últimos 6 meses, quantos parceiro(a)s sexuais REAIS que não foram conseguidos por meio da Internet você teve?" (Gráfico 85), a resposta menos frequente foi "08 a 10", sendo escolhida por 0% dos participantes. Na sequência e em ordem crescente 0,4% responderam "mais de 10", 1,2% responderam "05 a 07", 11,9% responderam "nenhum" 17,2% responderam "02 a 04" e 69,3% responderam que tiveram apenas "1" parceiro sexual nos últimos seis meses.

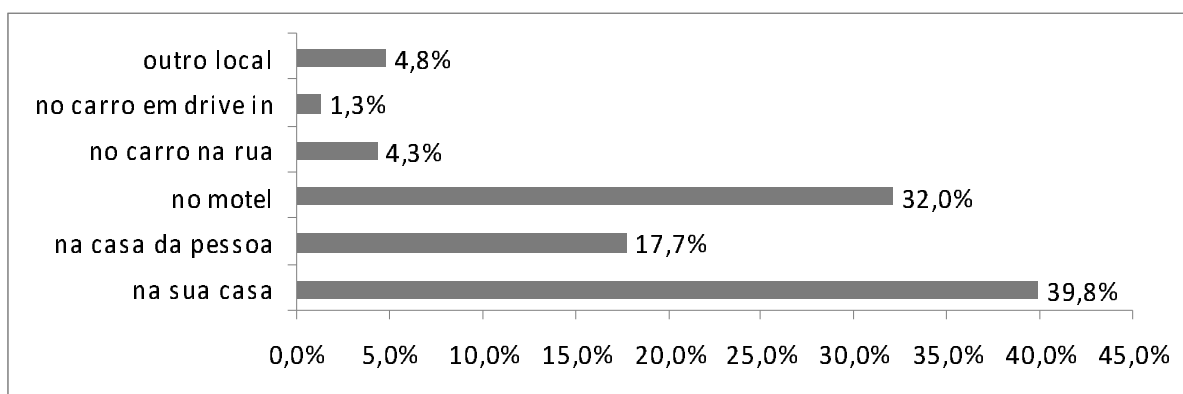
Gráfico 86 - Encontro em que ocorreu a relação sexual



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O Gráfico 86 é referente à questão "As relações sexuais na maioria das vezes ocorreram:" e investiga se os respondentes se preocuparam em conhecer melhor as pessoas com que fizeram sexo. Com 64% (sessenta e quatro por cento) de ocorrência a resposta mais frequente foi "após o terceiro encontro", na sequência 21,3% (vinte e um vírgula três por cento) responderam "no segundo encontro", 8,9% (oito vírgula nove por cento) responderam "no primeiro encontro", 5,8% (cinco vírgula oito por cento) responderam "no terceiro encontro".

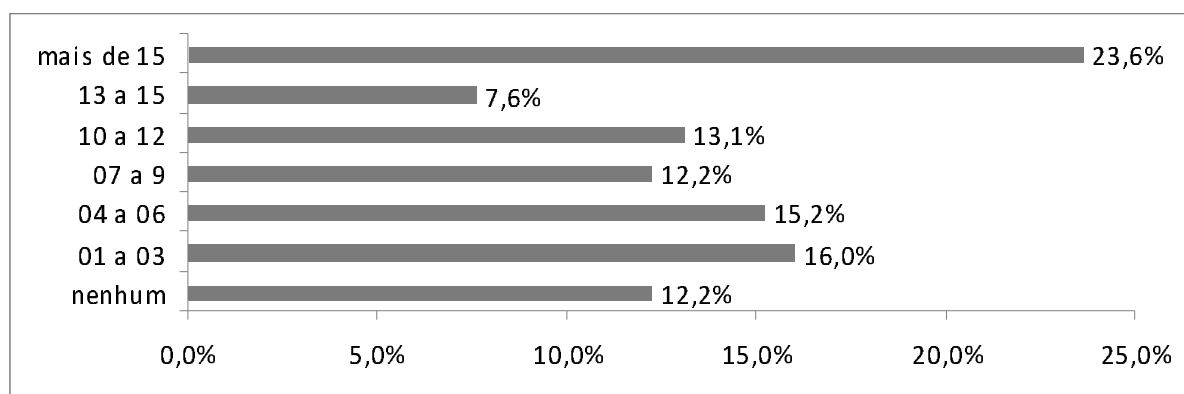
Gráfico 87 - Local do encontro sexual



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O local em que ocorreram as relações foi outro tema abordado pela pesquisa, sendo que, para a questão "As suas relações sexuais na maioria das vezes aconteceram:" (Gráfico 87), a resposta "na sua casa" foi a mais assinalada com 39,8% de ocorrências, seguida de 32% que responderam "no motel", 17,7% responderam "na casa da pessoa", 4,8% responderam "outro local", 4,3% responderam "no carro na rua", 1,3% responderam "no carro em *drive-in*". Estes resultados podem ser visualizados no Gráfico 87.

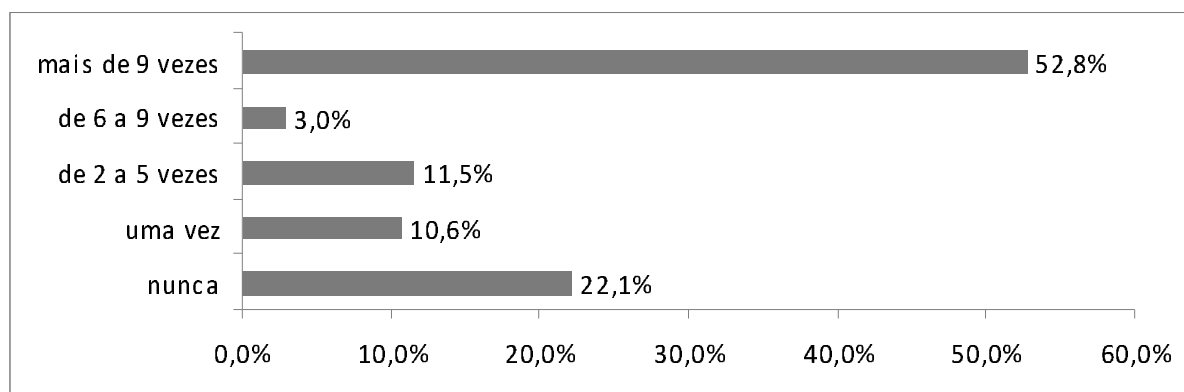
Gráfico 88 - Média mensal de relações sexuais (últimos seis meses)



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Como critério de mensuração e de futura comparação com os dados oficiais sobre o comportamento sexual e de risco dos brasileiros, bem como com os obtidos pelos 180 respondentes do Instrumento de Pesquisa 1, os participantes foram questionados quanto ao número médio de relações sexuais mensais que tiveram nos últimos seis meses. O Gráfico 88 é referente a esta questão e aponta que 23,6% tiveram mais de 15, na sequência 16% responderam de "01 a 03", 15,2% responderam de "04 a 06", 13,1% responderam "10 a 12", 12,2% responderam "nenhum", 12,2% responderam de "07 a 9", e 7,6% responderam ter realizado entre 13 a 15 relações sexuais mensais nos últimos seis meses .

Gráfico 89 - Número de vezes que fez sexo sem camisinha (últimos seis meses)



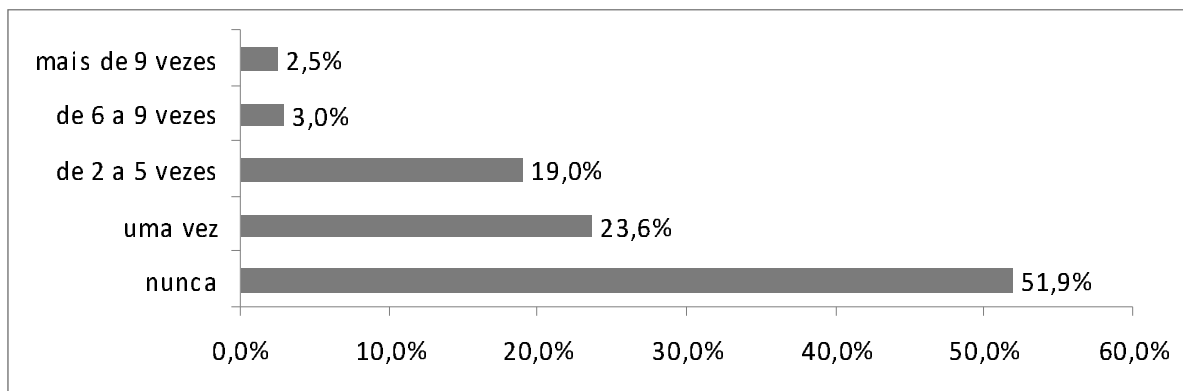
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Em tempos de AIDS, a informação sobre o uso da camisinha como forma de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis é constante e, por isso, a pesquisa tratou do tema com a questão "Você já fez sexo sem camisinha?" em que, para esta pergunta, foram obtidos os seguintes resultados, visualizado no Gráfico 89:

- a) "Mais de 9 vezes" foi a mais assinalada com 52,2% de ocorrências;
- b) 22,1% responderam "nunca";
- c) 11,5% que responderam "de 2 a 5 vezes";
- d) 10,6% responderam "uma vez";
- e) 3% responderam "de 6 a 9 vezes".

Os dados acima apontam que apenas 22,1% dos respondentes disseram nunca ter feito sexo sem camisinha e esta informação, por si só, caracteriza um comportamento de risco e uma desinformação dos alunos já que, mesmo a maioria dos respondentes ter se caracterizado como pessoas com parceiro sexual fixo (184 alunos), este deveriam saber que o a utilização da camisinha é indispensável para sua segurança e de seu parceiro.

Gráfico 90 - -- Preocupação com acidente durante a relação sexual

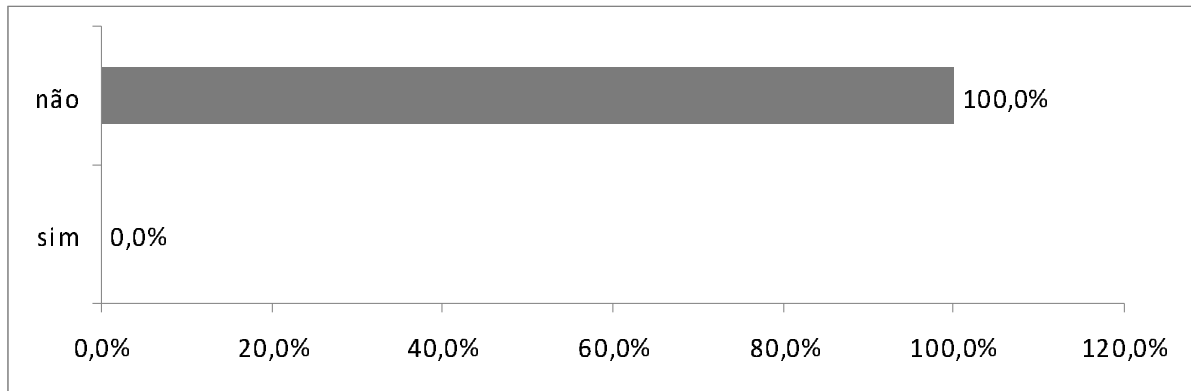


Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

À questão "Alguma vez, durante o sexo ocorreu algum tipo de acidente que lhe causou preocupação (camisinha estourar, contato com secreções, etc)?" teve como objetivo tratar da questão das preocupações e tensões decorrentes do ato de se fazer sexo e, para esta resposta 48,1% dos alunos admitiram que ficaram preocupados

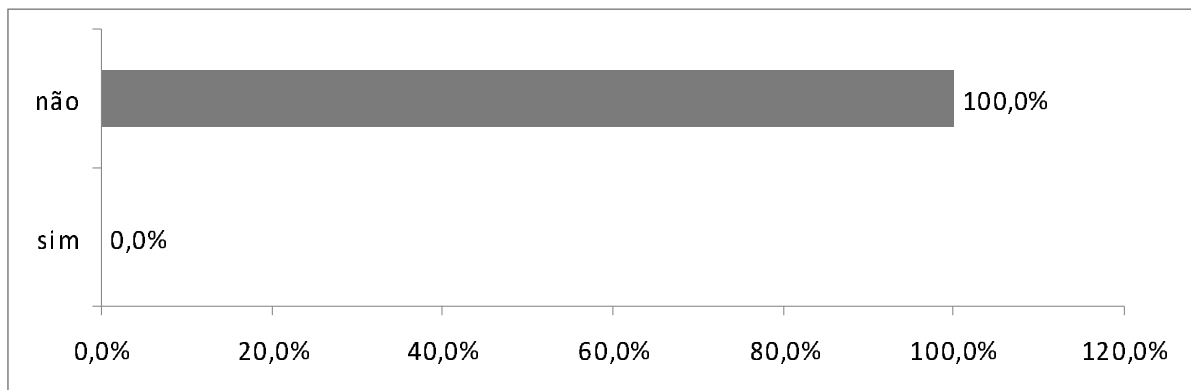
devido a algum tipo de ocorrência e ou atitude perigosa a que foram expostos durante o durante o ato sexual (Gráfico 90).

Gráfico 91 - Utilização de drogas injetáveis



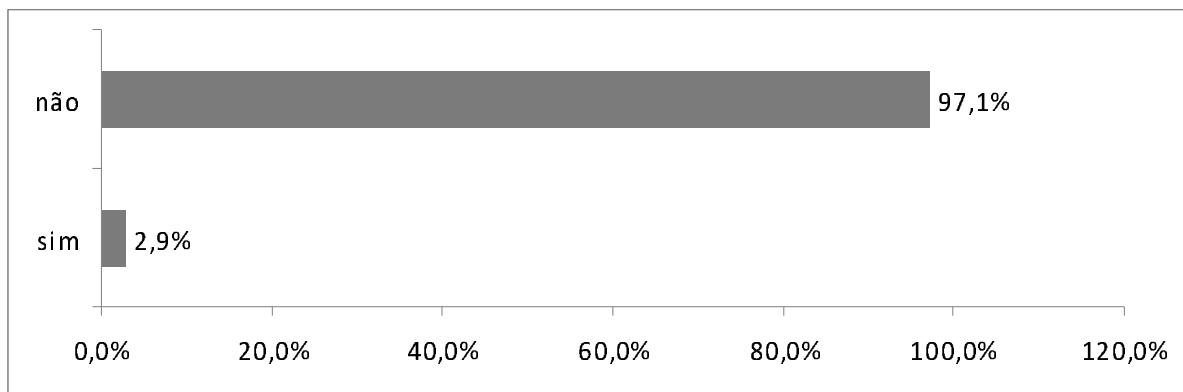
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 92 - Compartilhamento de agulhas na utilização de drogas injetáveis



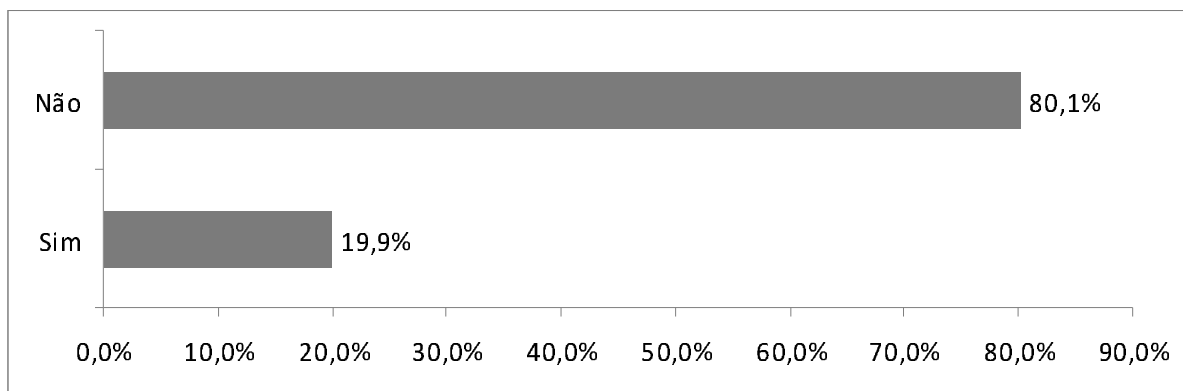
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 93 - Doenças sexualmente transmissíveis nos últimos seis meses



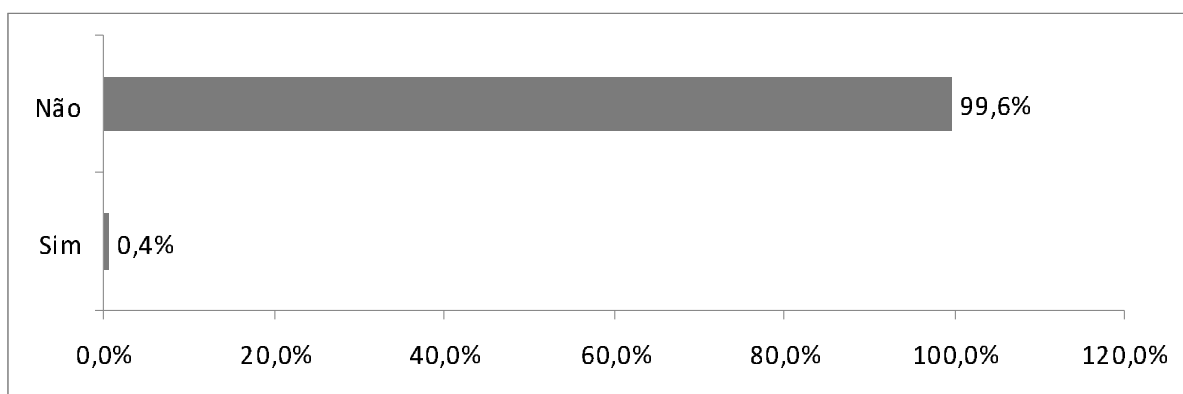
Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 94 - Relação sexual sob o uso de álcool ou drogas (últimos seis meses)



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Gráfico 95 - Portador do vírus HIV



Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Como já tratado anteriormente, a utilização de drogas injetáveis, estar com alguma doença sexualmente transmissível e fazer sexo sob o efeito de drogas ou álcool

são fatores que contribuem para o risco de transmissão de doenças sexualmente transmissíveis e, conforme pode ser visualizado nos Gráficos 91 a 95:

- a) Nenhum dos respondentes é usuário de drogas injetáveis e, portanto, não compartilhou agulha (Gráficos 91 e 95);
- b) 2,9% responderam que tiveram, nos últimos seis meses, doenças sexualmente transmissíveis (Gráfico 93);
- c) 19,9% admitiram que fizeram sexo sob o efeito de álcool ou drogas (Gráfico 97), com 25,5% destes afirmando que este ato se deu com pessoas que conheceram na Internet (Gráfico 94);
- d) 0,4% admitiram ser portadores do vírus HIV (Gráfico 95).

CAPÍTULO VII - ANÁLISE DOS DADOS: COMPARARANDO RESULTADOS

O presente estudo teve como foco dois tipos de usuários de internet (alunos de nível superior de cursos de computação e informática) distintos por uma característica fundamental: os que **buscam** sexo através da *web* (180 pessoas) e os que **não buscam** (248 pessoas). O **instrumento de pesquisa 1** referiu-se ao grupo de entrevistados que afirmou procurar parceiros sexuais na internet, ao passo que o **instrumento de pesquisa 2** referiu-se aos entrevistados que afirmaram não utilizar a internet para esse fim.

Examinam-se, por intermédio de tabelas, os dados mais significativos que circundam o universo desses entrevistados. O objetivo central da investigação é mapear atitudes sexuais atuais, particularmente, no que diz respeito ao uso das ferramentas de interação/comunicação disponibilizadas no ambiente comunicacional da internet passíveis de ser utilizadas na busca de parceiros sexuais presenciais, ou seja, aqueles que ultrapassam a esfera do virtual e atingem o contato corpóreo e real, bem como a verificação do desenvolvimento de comportamento compulsivo.

Tabela 19 – Comparação entre perfis dos respondentes - Instrumento de pesquisa 1 e Instrumento de pesquisa 2 (Núcleo A - Idade, sexo, escolarização e personalidade)

	Instrumento 1 (180 respondentes)	Instrumento 2 (248 respondentes)	Dados Oficiais - PCAP-2008²²
Faixa etária	95,1% entre 17 e 40 anos	95,1% entre 17 e 40 anos	15 a 64 anos de idade 53,3% tinham entre 25 e 49 anos
Sexo	79,4% homens e 20,6% mulheres	64,5% homens e 35,5% mulheres	49% homens e 51%

²²Fonte: *Atitudes e Práticas relacionada às DST e AIDS da População Brasileira de 15 a 64 anos de idade, 2008*. Pesquisa realizada pelo Departamento de DST e AIDS e pelo Laboratório de Informação em Saúde da Fiocruz (Dra. Célia Landmann Szwarcwald). Disponível em <http://www.aids.gov.br>. Acesso em 10 de fevereiro de 2010.

			mulheres
Estado Civil	75% solteiros, 20,6% casados e 4,4% desquitados	69% solteiros, 29% casados e 2% desquitados	57% viviam com companheiro
Estado Civil Masc.	111 solteiros, 31 casados e 01 desquitado	103 solteiros, 55 casados e 01 é desquitado	
Estado Civil Fem.	24 solteiras, 06 casadas e 07 desquitadas	68 solteiras, 17 casadas e 03 desquitadas	
Personalidade (Comunicação Interpessoal)	76,7% extrovertida/comunicativa 23,3%, introvertida/tímida	71,8% extrovertida/comunicativa 28,2%, "introvertida/tímida"	
Personalidade (Iniciativa)	72,6 com iniciativa 27,4% sem iniciativa	81,6% com iniciativa 18,4% sem iniciativa	
Personalidade (Amizade)	77,1% com muitos amigos 22,9% solitárias	80,3% com muitos amigos 19,7% solitárias	

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Nos dados pessoais e preliminares apontados na tabela 19, o perfil dos dois grupos mostra-se bastante semelhante com pequenas e tênues diferenças. Na faixa etária, por exemplo, observa-se que existe o equilíbrio entre os dois universos. Isto porque os respondentes, em sua maioria, se encontram entre os 17 anos e 40 anos de idade. De certa forma, as idades-limítrofes estão de acordo com a faixa etária abordada na *Pesquisa Atitudes e Práticas relacionada às DST e AIDS da População Brasileira de 15 a 64 anos de idade*, realizada pelo Departamento de DST e AIDS do Ministério da Saúde e pelo Laboratório de Informação em Saúde da Fiocruz, em 2008. Contudo, chamam a atenção idades limites, tais como: 17 anos (dois anos a mais do que a média nacional para a iniciação sexual) e 40 anos (24 anos a menos do que a média nacional). Deve-se, ressaltar, sobretudo, que a faixa etária entre 17 e 40 anos de idade representa um corte populacional relevante, porque abrange usuários de internet – reconhecidamente, um público jovem – com vida sexual ativa.

No tocante ao gênero, percebe-se que nos dois grupos predominam os homens (79,4%, dentro do universo que buscam sexo e 64,5%, dentro do conjunto dos entrevistados que não procuram sexo). A média nacional difere dessa predominância masculina, mostrando um ligeiro domínio das mulheres, como usuárias da internet,

com índice de 51%. Igualmente, credita-se que o mundo virtual é dominado pelos solteiros, expressando índices acima de 57%.

Quanto aos traços de personalidades abordados pelos instrumentais de pesquisa, classificados em extroversão/introversão, iniciativa/passividade e, amizade/solidão, detecta-se que os dois grupos abordados têm características praticamente similares. Os maiores índices, nos dois grupos, foram atribuídos aos aspectos mais sociáveis da personalidade humana. Em face dessa constatação “cai por terra” a idéia de que indivíduos que buscam sexo na internet apresentariam dificuldades de relacionamento no mundo real e por essa razão se refugiariam no virtual.

Em aspectos gerais, pode-se afirmar que, segundo as informações obtidas nos instrumentais de pesquisa 1 e 2, o indivíduo que busca sexo por intermédio da *web* é, em sua maioria, jovem, homem, solteiro e com traços de personalidade moldados a partir da boa comunicabilidade e sociabilidade.

Tabela 20 - Comparação entre perfis dos respondentes - Instrumento de pesquisa 1 e Instrumento de pesquisa 2 (Núcleo B - Utilização da Internet)

	Instrumento 1 (180 respondentes)	Instrumento 2 (248 respondentes)	Dados Oficiais²³
Acesso semanal	72,3% acessam todos os dias 14% de 05 a 06 dias	61,7 % acessam todos os dias 23,8 % de 05 a 06 dias	54% dos usuários acessam diariamente; 34% dos usuários acessam pelo menos uma vez por semana; 57% do sexo masculino e 51% do sexo feminino acessam a internet a diariamente; 32% do sexo masculino e 36% do sexo feminino acessam a internet diariamente 71% dos lares com computador no Brasil possuem acesso à Internet Acesso à Internet está presente em 25% dos domicílios da Região Sudeste. 38% dos entrevistados navegaram na rede mundial de computadores nos 12 meses que antecederam a pesquisa, enquanto 34% o fizeram nos três meses anteriores às

²³ Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2008. Disponível em <http://www.cetic.br>. Acesso em 25/09/2009.

			<p>entrevistas (caracterizando-se, assim, como usuários de Internet). Na área urbana, os percentuais são 41% para os entrevistados que acessaram a Internet nos últimos 12 meses e 38% para aqueles que navegaram nos três meses anteriores às entrevistas.</p> <p>A proporção de usuários de Internet chega a 83% no nível superior e somente a 7% entre os analfabetos e pessoas que têm somente educação infantil.</p> <p>Na faixa de dez a 15 anos, mais da metade dos entrevistados, 53%, declarou ter navegado na web nos últimos três meses. Na faixa entre 16 e 24 anos, a proporção de usuários da Internet é ainda maior: 61%. Porém, na faixa entre 45 e 59 anos, somente 13% dos respondentes utilizaram a Internet nos três meses anteriores à pesquisa, e, na faixa de 60 anos ou mais, o número de usuários foi de 2%</p> <p>Em 2008, o percentual de domicílios com acesso à Internet atingiu o patamar de 20% em áreas urbanas. No período de 2005 a 2008, verifica-se um crescimento médio anual de aproximadamente 15% na proporção de usuários de Internet.</p> <p>O grupo de atividades de comunicação também apresenta tendência de crescimento. A proporção de indivíduos que utilizaram a Internet para se comunicar passou de 82% em 2005 para 90% em 2008.</p>
Quantidade de Acessos Diários	46,1% mais de 6 vezes diariamente 30% de 01 a 02 vezes por dia	42,7 % mais de 6 vezes diariamente 24,2% de 01 a 02 vezes por dia	
Duração de cada acesso	43,3% de 01 a 02 horas 23,3% mais de 4 horas 18,3 menos de 01 hora 15% de 3 a 4 horas	37,5% de 01 a 02 horas 7,3% mais de 4 horas 25,4% menos de 01 hora 19,8% de 3 a 4 horas	Tempo gasto na internet por semana 6% menos de 01 hora 54% de 01 a 05 hora 15% de 06 a 10 horas 6% de 11ª 15 horas 4% de 16 a 20 horas 6% de 21 a 30 horas 8% + de 31 horas -----

			51% sexo masculino acesso semanal – de 01 a 5 horas e 15% de 06 a 10 horas 57% sexo masculino acesso semanal – de 01 a 5 horas e 15% de 06 a 10 horas ----- 41% de Nível superior – acesso de 01 a 05 horas e 18% de Nível superior – acesso de 06 a 10 horas
Período do dia preferido para acesso	37,8% noite 26,1% tarde 25% madrugada 11,1% manhã	50% noite 26,2% tarde 7,3% madrugada 16,5% manhã	

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O acesso a internet, o tempo de duração e o período predileto para o acesso à *web* também se configurou em objeto para análise do perfil dos usuários, sendo os resultados apresentados na tabela 20.

O conjunto dessas informações pode indicar a opção obsessiva por buscar parceiros reais através de canais virtuais ou até mesmo o desenvolvimento de transtorno compulsivo. Os dados oficiais indicam que, no geral, 54% dos brasileiros acessam a internet todos os dias – o que é algo bastante importante, quando considerada as grandes proporções do país e o alto índice de exclusão digital ainda se enfrenta no território nacional, especialmente, nas áreas rurais ou afastadas dos grandes centros.

Nos dois universos enfocados pela investigação a quantidade de acesso com mais de 6 vezes diariamente encontra-se em 46,1% para os que buscam sexo e 42,7% para os que alegaram utilizar a internet para outros objetivos. Já o tempo de duração do acesso está entre 01 e 02 horas para os dois grupos. Destaca-se que 19,8% dos entrevistados que utilizam a internet para outras ações afirmam que passam de 3 a 2 horas em frente ao computador. Assinala-se que o período do dia predileto para esse acesso é no período noturno (37,8% e 50% respectivamente). Ressalta-se o fato de que no grupo que busca sexo na internet 25% expressam como período preferido a madrugada. Em geral, percebe-se que o grupo que busca sexo intermediado pela

internet tem índices de acessos e de duração das conexões maiores se comparados aos que não utilizam para fins sexuais.

Tabela 21 - Comparação entre perfis dos respondentes - Instrumento de pesquisa 1 e Instrumento de pesquisa 2 (Núcleo C – Utilização da Internet com objetivos sexuais)

	Instrumento 1 (180 respondentes)	Instrumento 2 (248 respondentes)
Utilização da internet com outros objetivos sexuais que não relacionados à busca de parceiros sexuais reais ou virtuais	81,1% sim ----- 136 sim 37 mulheres – 28 sim 143 homens – 118 sim	55,2% sim ----- - 137 sim 88 mulheres - 37 sim 160 homens – 100 sim

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Diante da questão que relaciona, diretamente, internet e sexo (incluindo-se nesse âmbito qualquer ação referente à virtualidade e excluindo-se a concretude da relação, através da busca de parceiros reais e/ou virtuais), as informações disponibilizadas na tabela 21 levam à consideração de que nos dois grupos, mesmo no que afirma não utilizar a internet para a procura de sexo, há elevado grau de interação entre o ambiente comunicacional internet, comportamentos e hábitos sexuais. As imagens e informações proporcionadas pelo canal midiático são de acesso rápido e criam novos objetos de desejo, nesse sentido, “o desejo sexual” pode estar em toda a parte e não somente personificados em um “parceiro real ou virtual”.

Enfatiza-se o fato pelo qual o grupo que, assumidamente, usa a internet para satisfação sexual, 81,1% dos entrevistados responderam afirmativamente que se utilizam da internet com outros objetivos sexuais que não relacionados à busca de parceiros sexuais reais ou virtuais enquanto que, para os respondentes que não utilizam as ferramentas de comunicação da internet para buscar parceiros sexuais reais ou virtuais, este índice cai para 55,2% ou seja, esse alto índice é um indicativo relevante de que outras formas de estímulo sexual são suscetíveis na *web*. No primeiro grupo, constata-se que o gênero predominante é o masculino (de total de 143, 118 homens se

manifestaram positivamente), porém, mesmo sendo uma margem numérica pequena (somente 37), percentualmente, as mulheres que responderam “sim” é significativa.

Tabela 22 - Comparação entre perfis dos respondentes - Instrumento de pesquisa 1 e Instrumento de pesquisa 2 (Núcleo D - Comportamento sexual e de risco)

	Instrumento 1 (180 respondentes)	Instrumento 2 (248 respondentes)	Dados Oficiais PCAP-2008²⁴
Opção Sexual	80,6% heterossexuais 10,6% homossexuais 8,9% bissexuais	96% heterossexuais 1,6% homossexuais 2,4% bissexuais	
Parceiro sexual fixo	69,8% sim	74% sim	57% vivia com companheiro
Satisfação com parceiro sexual fixo	57,3% satisfeitos 37,9% parcialmente satisfeitos 4,8% insatisfeitos	67,2% satisfeitos 30,6% parcialmente satisfeitos 2,2% insatisfeitos	
Parceiros sexuais não conseguidos pela Internet (últimos seis meses)	35% nenhum 30,7% 01 24,3% 02 a 04 5% de 05 a 07 2,1% 08 a 10 2,9% mais de 10 -	11,9% - nenhum 69,3% - 01 17,2% - 02 a 04 1,2% de - 05 a 07 0% - 08 a 10 0,4% - mais de 10	9,3%: Mais de 5 parceiros casuais no último ano 86,5% pelo menos um parceiro sexual fixo nos últimos 12 meses 27,9% Pelo menos um parceiro casual nos últimos 12 meses Aumento na quantidade das relações casuais Em 2008, 21% dos homens que viviam com companheiros/as tiveram, no mesmo período, relações casuais Desses, 63% não adotaram o preservativo em todas as relações com esses parceiros casuais (57% entre homens e 75% entre

²⁴Fonte: *Atitudes e Práticas relacionada às DST e AIDS da População Brasileira de 15 a 64 anos de idade, 2008*. Pesquisa realizada pelo Departamento de DST e AIDS e pelo Laboratório de Informação em Saúde da Fiocruz (Dra. Celia Landsman Szwarcwald). Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em 10 fev. de 2010.

			mulheres)
Média mensal de relações sexuais (últimos seis meses)	11,1% - nenhum 16,7% - 01 a 03 12,5% - 4 a 6 12,5% - 7 a 9 12,5% - 10 a 12 9% - 13 a 15 25,7% - mais de 15	12,2% - nenhum 16% - 01 a 03 15,2% - 4 a 6 12,2% - 7 a 9 13,1% - 10 a 12 7,6% - 13 a 15 23,6% - mais de 15	Média anual: 79 Média mensal: 6,5
Número de vezes que fez sexo sem camisinha (últimos seis meses)	50,7% - mais de 9 4,7% - 06 a 09 26,4% - 02 a 05 4,7 - 01 13,5% - nunca	52,8% - mais de 9 3% - 06 a 09 11,5% - 02 a 05 10,6 - 01 22,1% - nunca	74,5% não utilizou camisinha em todas as relações sexuais, nos últimos 12 meses, com qualquer parceiro: 80,6% não utilizou camisinha em todas as relações sexuais, nos últimos 12 meses, com parceiros fixos: 63% não utilizou camisinha em todas as relações sexuais, nos últimos 12 meses, com parceiros casuais (homens 49% e mulheres 68%).
Preocupação com acidente durante a relação sexual (últimos seis meses)	34,5% sim	48,1% sim	
Encontro em que ocorreu a relação sexual	54,1% - 1° 31,1% - 2° 4,1% - 3° 10,8% após 3°	8,9% - 1° 21,3% - 2° 5,8% - 3° 64% após 3°	
Local em que ocorreu a relação sexual	60,3% motel 14,1% na casa da pessoa 11,5% na sua casa 10,3% no carro na rua 1,3% no carro em drive in 2,6% outros	32% motel 17,7 % na casa da pessoa 39,8% na sua casa 4,3% no carro na rua 1,3% no carro em drive in 4,8% outros	
Utilização de drogas injetáveis	1,1% sim 0% compartilhamento de agulhas	0% sim	
Doenças sexualmente transmissíveis nos últimos seis meses	5,1% sim	2,9% sim	

Relação sexual sob o uso de álcool ou drogas (últimos seis meses)	48,6% sim	19,9% sim	
Portador do Vírus HIV	1,1% sim	0% sim	

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Nos universos abordados, na interação busca de **parceiros/comportamento de risco**, constata-se que a maioria dos entrevistados declara sua opção sexual como sendo heterossexual, porém, entre o respondentes do **instrumental de pesquisa 1**, a soma das percentagens dos declarantes homossexuais e bissexuais é superior aos mesmos subgrupos que compõem o **instrumental 2 9** (tabela 22). No que tange aos parceiros sexuais fixos, nos dois universos há elevado índice suplantando a média nacional. Porém, o nível de insatisfação ou de satisfação parcial com o parceiro fixo é maior entre os entrevistados que buscam sexo na internet. Inversamente, ocorre o decréscimo para os índices de parceiros sexuais que foram obtidos externamente ao mundo virtual. A marca de 69,3% que indica um parceiro conseguido sem o auxílio da internet nos últimos seis meses pertence aos usuários da internet que não a utilizam para esse fim.

Os hábitos e comportamento sexual dos dois grupos também se tornaram alvos da pesquisa. Nesse quesito, particularmente, sobre a média mensal de relações sexuais os dois grupos apresentam números próximos, sendo que a maioria, afirma ter de 10 a mais de 15 relações sexuais mensais – destaque-se que esses números são superiores a média nacional estimada em 6,5. Quanto ao uso de camisinha, nos dois grupos a prática não é adotada por cerca de 50% dos entrevistados com uma ligeira inclinação negativa para os membros pertencentes ao **instrumental de pesquisa 2**. Note, nesse ponto, os dados oficiais dizem que 74,5% dos brasileiros não se utilizaram da camisinha em seus últimos contatos sexuais – ambos os índices são alarmantes, apontando alta vulnerabilidade às DST e AIDS, independente do método usado para a busca de parceiro.

A preocupação com algum acidente durante o ato sexual surge com maior força no grupo que não se relaciona sexual por intermédio da internet. Os dados também

retratam que para os usuários que utilizam as ferramentas de busca de parceiros sexuais disponíveis no ambiente de comunicação da internet o primeiro encontro é suficiente para que a relação aconteça. Um procedimento contrário pode ser identificado na maior parte dos usuários que não utilizam a internet para a busca de parceiros sexuais – nesses o sexo somente acontece a partir do terceiro encontro. O local para essas relações sexuais também diverge para os dois grupos: para os que buscam sexo na web, lugares impessoais como motel, carro, drive in e rua são mais comuns. Para o segundo grupo, o motel e as casas dos parceiros ou as suas próprias apresentam-se como lugares mais recorrentes.

Para o uso de drogas, ocorrência de DST e vírus HIV, nos dois grupos, os índices surgem baixíssimos, próximos ao zero. A equivalência não ocorre para a relação sexual sob o efeito de álcool ou drogas. No grupo dos entrevistados que afirmam buscar parceiros via internet, a percentagem é de 48,6% enquanto que para os que afirmam não usar a internet para essa finalidade a percentagem é 19,9%. Esse dado indica que o risco do primeiro grupo mostra-se com gravidade, agravado pelo uso de drogas e bebidas.

Tabela 23 - Perfil Respondentes Instrumento 1 - Quanto à Busca de assuntos/parceiros sexuais na Internet

Utilização da internet com outros objetivos sexuais que não relacionados à busca de parceiros sexuais reais ou virtuais	81,1% sim
Foco da utilização da internet com objetivos sexuais	41,1%: buscar imagens ou filmes 36,7% conseguir um parceiro (a) sexual real 11,7% conseguir um parceiro (a) sexual virtual 10,6% outros
Principais tipos de ferramentas de buscas de parceiros sexuais na Internet	25,1% sala de bate papo 22,4% programa de conversa (MSN, Google, entre outros) 21,7% site de fotos e filmes 11,8% site de relacionamento 5,8% programa de compartilhamento de arquivos 4,6% site de informações 3,6% site de busca de parceiro (a)s sexuais 2,9% grupo de discussão 2,2% outra ferramenta

<p>Principais ferramentas de buscas de parceiros sexuais na Internet</p>	<p>Sala de bate papo: Site do UOL Programas de Conversa: MSN Grupos de Discussão: Site do Yahoo Sites de Fotos e Filmes: redtube e pornotube programa de compartilhamento de arquivos: limewire Sites de relacionamento: Orkut Site de informações: Google Site de busca de parceiros sexuais: Cam4 e Disponível</p>
<p>Principal local de acesso a internet na busca de parceiros sexuais</p>	<p>90,6% - na própria residência</p> <hr/> <p>Dados Oficiais²⁵ A pesquisa identifica os “<i>centros públicos de acesso pago</i>” como o principal local de uso da Internet no Brasil. Com 48% das menções, esses locais ficam à frente dos domicílios, que foram citados por 42% dos respondentes. Em seguida, temos os locais “<i>na casa de outra pessoa</i>” e “<i>no trabalho</i>”, ambos com aproximadamente 22%, “<i>na escola</i>”, com 14%, e nos “<i>centros públicos de acesso gratuito</i>” também chamados de “<i>telecentros</i>”, com 4% das menções no total Brasil..</p>

²⁵ Fonte: Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil 2008. Disponível em <http://www.cetic.br>. Acesso em 25/09/2009.

Objetivo principal ao conhecer pessoas na internet	37,8% sexo 37,8% amizade 21,1% relacionamento 3,3% outro
Contato na Internet com menor de idade em busca de parceiros sexuais	42,2% sim ----- Dados Oficiais ²⁶ - 74% dos pais temem que os filhos sejam vítimas de adultos mal intencionados e 84% temem que os filhos encontrem conteúdos agressivos e/ou impróprios ----- Hábitos de navegação dos jovens participantes da pesquisa 80% têm os Sites de Relacionamento como um dos preferidos 72% têm os Comunicadores Instantâneos como preferidos 47% ficam em média mais de 4 horas conectados por dia (Pais 33%) 49% aprenderam sozinhos a usar a internet 32% aprenderam entre 5 e 9 anos de idade 55% aprenderam a usar entre 10 e 15 anos 79% têm amigos virtuais sendo que 37% têm mais de 20 Limites de navegação dos jovens 65% usam computador no próprio quarto 55% acham que usa tempo demais 87% dizem que os pais não colocam limites para a navegação 22% afirmaram que “Eu ficaria perdido sem a internet e imagino a vida sem ela” 26% afirmaram que “A Internet é meu principal meio de diversão e comunicação”. 48% se aborrecem quando os pais monitoram a navegação
Quantidade de pessoas que conheceu "virtualmente" (conversou via internet) com o objetivo de fazer sexo	31,8% - 01 a 10 10,8% - + de 40 5,1% - 11 a 20 5,1% - 21 a 30 3,4% - 31 a 40

²⁶ Fonte: Pesquisas on-line sobre hábitos de segurança na Internet de crianças, adolescentes, pais, educadores e monitores de Lan Houses/Infocentros, (2008). Disponível em <<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/pesquisas>>. Acesso em 12/12/2009.

Conheceu pessoas na Internet com objetivo de fazer sexo virtual (últimos seis meses)	56,2% sim
Utilização de webcam para conseguir parceiros sexuais na Internet	57,5% sim Dados Oficiais ²⁷ 64% dos jovens que afirmaram já ter discutido sobre Privacidade e compartilhamento de informações pessoais online, com 73% enviando fotos
Mostrou-se sem roupas ou em cenas íntimas via webcam para conseguir parceiros sexuais	67% sim
Enviou fotos pela internet para conseguir parceiros sexuais	51,2% sim ----- Dados Oficiais ²⁸ 73% dos jovens afirmaram ter enviado fotos para pessoas que conhecerem na internet

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

A busca de prazer sexual via internet é intermediada por práticas, instrumentais e ferramentas variadas que são decorrentes dos avanços da tecnologia da informação e da comunicação. Na tabela 23, tem-se como preocupação o levantamento das opções disponíveis aos usuários que afirmaram buscar sexo na *web*. No primeiro quesito, tem-se 81,1% dos entrevistados, integrantes do **instrumental de pesquisa 1**, já recorreram a internet com objetivos sexuais que não dizem respeito somente à procura de parceiros virtuais ou não. A possível explicação para esse fato reside no cerne da segunda categoria da tabela que mostra que 41,1% dos consultados procuram imagens e filmes com conteúdo pornográfico e/ou erótico. Em segundo plano, o foco destina-se a busca de parceiros reais e logo em seguida virtuais. No que concerne a essa busca, as ferramentas mais utilizadas são as salas de bate-papo e os programas específicos de conversas e de relacionamentos interpessoais.

A total maioria dos usuários que buscam sexo na web prefere o ambiente residencial para realizar os acessos – o que difere da pesquisa oficial, utilizada como

²⁷ Fonte: Pesquisas on-line sobre hábitos de segurança na Internet de crianças, adolescentes, pais, educadores e monitores de Lan Houses / Infocentros (2008). Disponível em <<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/pesquisas>>. Acesso em 12/12/2009.

²⁸ Fonte: Pesquisas on-line sobre hábitos de segurança na Internet de crianças, adolescentes, pais, educadores e monitores de Lan Houses / Infocentros (2008). Disponível em <<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/pesquisas>>. Acesso em 12/12/2009.

referencial nesse estudo, que indica “centros públicos pagos” como local privilegiado para o acesso a internet no país. A quantidade de pessoas que a maioria dos entrevistados alega ter contato durante suas incursões é moderada (em média de 01 a 10), principalmente, se ocorrer uma reflexão rápida sobre a quantidade de pessoas que navegam na rede mundial de computadores diariamente. Contudo, mais da metade desses contatos tiveram o objetivo específico voltado ao relacionamento sexual (56,2%).

A utilização de *webcam* e de imagem postadas via internet é um fator que merece destaque. Ela mostra a cultura visual que está inserida nos novos meios de comunicação, assim como na vida sexual cotidiana. Os índices do uso desses recursos ultrapassam as fronteiras dos 50%, despertando o debate sobre concepções de privacidade e compartilhamento de dados pessoais.

Tabela 24 - Perfil respondente Instrumento 1 Quanto a encontro com possíveis e parceiros sexuais reais conhecidos na internet

Objetivo principal ao conhecer pessoas na internet	37,8% sexo 37,8% amizade 21,1% relacionamento 3,3% outro
Quantidade de pessoas que conheceu "virtualmente" (conversou via internet) com o objetivo de fazer sexo	31,8% 01 a 10 10,8% + de 40 5,1% 11 a 20 5,1% 21 a 30 3,4% 31 a 40
Encontro com pessoas que conheceu na internet com objetivo de fazer sexo real (últimos seis meses)	76,1% sim Dados Oficiais ²⁹ Perfil dos jovens participantes da pesquisa ■38% dizem ter medo de encontrar um adulto mal intencionado quando navegam na Internet ■28% já se encontraram pessoalmente com pessoas que conheceram pela Internet ■56% dos amigos (“reais”) já se encontraram com amigos virtuais. 65% destes foram sozinhos ao encontro ■80% se cadastram sozinhos em Sites de Relacionamento
Encontro com pessoas que conheceu na	43% sim

²⁹ Fonte: Pesquisas on-line sobre hábitos de segurança na Internet de crianças, adolescentes, pais, educadores e monitores de Lan Houses / Infocentros (2008). Disponível em <<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/pesquisas>>. Acesso em 12 dez. /2009.

internet para amizade (últimos seis meses)	
Encontro com pessoas que conheceu na internet para “ficar” (últimos seis meses)	37,6% sim
Sexo real com pessoas que conheceram na Internet	56,1% sim ----- 37 mulheres – 16 sim 143 homens - 53 sim
Sentimento de medo/risco durante encontro com pessoas que conheceram na Internet	26,7% sim 24% não pensaram no assunto
Pessoa que compareceu ao encontro não era a mesma da Internet	37,8%
Continuou o contato mesmo não sendo a mesma pessoa	62,2%
Motivo de ter continuado o contato, mesmo não sendo a mesma pessoa	42,1% era apenas para sexo 26,3% apenas para não perder a viagem 23,7% acharam que valia pena conhecer, pois era mais interessante pessoalmente do que pela internet 5,3% outro motivo 2,6% ficaram com medo ou vergonha:

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

A abordagem das expectativas que cercam o encontro com possíveis e parceiros no ambiente virtual auxilia na compreensão das nuances que envolvem o comportamento sexual contemporâneo que incorpora o ambiente comunicacional internet e suas ferramentas de comunicação como instrumentais de busca de parceiros reais. É inegável que dentre muitos, um dos principais focos na utilização da internet é o estabelecimento de relações interpessoais, porém sexo e amizades surgem emparelhados na preferência dos usuários. As possibilidades de fixar contatos na *web* são infinitas, porém, a maioria dos entrevistados alega que a média de conhecimento de pessoas gira em torno de 01 a 10 indivíduos. Contudo, quando se questiona quantas pessoas conheceram na internet com o objetivo de fazer sexo real, o índice sobe sensivelmente para 76,1 % - um patamar muito superior ao cenário nacional. Essa perspectiva aumenta sua força quando se compara aos números que envolvem relacionamentos, como amizade e pequenos namoros (que não necessariamente levam ao ato sexual) – as citações a esses relacionamentos são menores do que a de sexo real (56,1%).

Na presente pesquisa, os riscos referentes ao remoto conhecimento do parceiro sexual em ambiente virtual são minimizados pelos respondentes. Somente, 26,7% afirmam ter receio desse tipo de relacionamento. Mesmo sendo interpelados pelas possíveis fraudes passíveis de ocorrência, como por exemplo, falsidade ideológica e outras ações, 62,2% dos depoentes prosseguiram com o contato com a alegação de que os encontros “eram somente para sexo” e/outras justificativas mais arriscadas (Tabela 24).

Tabela 25 - Perfil dos respondentes. Instrumento 1 – quanto ao hábito sexual

Quantas pessoas conheceu “virtualmente” (conversou via internet) com o objetivo de fazer sexo	Parceiros sexuais conseguidos pela Internet (últimos seis meses)	Parceiros sexuais não conseguidos pela Internet (últimos seis meses)	Encontro em que ocorreu a relação sexual com pessoa da Internet	Local em que ocorreu a relação sexual
31,8% 01 a 10 10,8% + de 40 5,1% 11 a 20 5,1% 21 a 30 3,4% 31 a 40	61% - nenhum 15,8% - 01 23,6% - 02 a 04 4,5% de - 05 a 07 2,8% - 08 a 10 2,3% - mais de 10 ----- Dados Oficiais³⁰ Pelo menos um parceiro que conheceu pela internet nos últimos 12 meses (PCAP – 2008) 7,3% sim ----- 10,3% homens	35% - nenhum 30,7% - 01 24,3% - 02 a 04 5% de - 05 a 07 2,1% - 08 a 10 2,9% - mais de 10	54,1% - 1º 31,1% - 2º 4,1% - 3º 10,8% após 3º	60,3% motel 14,1% na casa da pessoa 11,5% na sua casa 10,3% no carro na rua 1,3% no carro em drive in 2,6% outros

³⁰ Fonte: Atitudes e Práticas relacionada às DST e AIDS da População Brasileira de 15 a 64 anos de idade, 2008. Pesquisa realizada pelo Departamento de DST e AIDS e pelo Laboratório de Informação em Saúde da Fiocruz. Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em 09 dez. 2009.

	4,1% mulheres			
--	---------------	--	--	--

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

A última pesquisa PCAP, realizada em 2008, apontou a internet como um novo fator transformador do comportamento e dos hábitos sexuais dos brasileiros. A inserção das práticas virtuais na busca de parceiros e de satisfação sexual desperta debates acirrados entre pesquisadores de diversas áreas (entre eles: sociólogos, comunicólogos, antropólogos e psicólogos). No **instrumental de pesquisa 1**, observa-se que os relacionamentos interpessoais e a até mesmo o ato sexual têm sofrido alterações com o contínuo e propagado uso da internet. Os números levantados pelo estudo (Tabela 25) mostram a evolução desses relacionamentos permeados pelas novas mídias. Percebe-se que a busca por parceiros sexuais via *web* tem, gradativamente, aumentado seus percentuais, porém, ainda não passa do limite 23,6 % das pessoas que afirmaram terem obtido de 02 a 04 parceiros utilizando essa mídia. Mencione-se, contudo, que quando ocorre o encontro dos parceiros, a relação sexual tem alto índice de procedência no primeiro encontro (54,1%).

Tabela 26 - Perfil dos respondentes. Instrumento 1 – Quanto ao comportamento sexual de risco

Sexo sem camisinha (últimos seis meses)	Sexo sem camisinha com pessoas que conheceram na Internet (últimos seis meses)	Preocupação com acidente durante a relação sexual com pessoas que conheceu na Internet (últimos seis meses)
86,5% sim	33,6% sim	34,5% sim

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Na tabela 26 verifica-se que entre os entrevistados que buscam parceiros reais na internet, enfatiza-se, novamente o alto índice de relações sexuais, nos últimos seis meses, sem prevenção (86,5%) sendo que 33,6% destes afirmam ter realizado tal ato com pessoas que conheceram na Internet ou seja, com pessoas que, de certa forma, lhe são estranhas. Ao mesmo passo (e afirmando a tendência ao comportamento sexual de

risco) a “preocupação com acidentes durante a relação sexual com pessoas que conheceu na internet” tem baixo índice (34,5%).

Tabela 27 - Perfil dos respondentes. Instrumento 1 – Quanto a sentimentos após fazer sexo com pessoas conhecidas na Internet (real x virtual)

	Sexo com pessoas que conheceram na Internet	Satisfação após fazer sexo com pessoa que conheceu na Internet	Sentimento após fazer sexo com pessoa que conheceu na Internet
Sexo Real	56,1% sim	74% satisfeitos 18,7% indiferente 6,7% insatisfeitos	65,8% Normal 25,3% Feliz 8,9% Infeliz
Sexo Virtual	59,2% sim	53% satisfeitos 39,8% indiferente 7,2% insatisfeitos	75,7% Normal 1,4% Feliz 23% Infeliz

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Tabela 28 - Sexo real x sexo virtual

Sexo real com pessoas que conheceram na Internet	Sexo virtual com pessoas que conheceram na Internet
56,1% sim	59,2% sim

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

A análise das **Tabelas 27 e 28** permite traçar, em primeiro plano, a divisão entre as possíveis modalidades de sexo proporcionadas pela internet (real e virtual). Note-se que o sexo virtual, ou seja, se o encontro presencial entre os parceiros apresenta um índice ligeiramente superior (59,2% *versus* 56,1%). Quanto ao grau de satisfação e de felicidade evocado por relações sexuais com parceiros advindos da internet, observa-se percentagem elevada de indivíduos que se julgam “satisfeitos” e “felizes”, demonstrando que, para estes usuários, aparentemente, o fato de se utilizarem da internet para estes fins um ato positivo.

Tabela 29 - Perfil dos respondentes. Instrumento 1 – Desenvolvimento de Comportamento Compulsivo

Pensam sobre assuntos sexuais disponíveis na internet quando não está conectado	74,3 sim ----- 15,4% sempre 58,9% às vezes
Esconde totalmente dos familiares sobre o acesso a Internet com objetivos sexuais. (total de 180 respondentes)	83,7%

Esconde dos familiares sobre seus encontros sexuais com pessoas que conheceu na Internet (total de 127 respondentes)	69,3%
Esconde totalmente dos amigos sobre o acesso a Internet com objetivos sexuais (total de 180 respondentes)	31,2%
Esconde dos familiares sobre seus encontros sexuais com pessoas que conheceu na Internet (total de 127 respondentes)	24,4%
Em algum momento de suas vidas abdicaram de comparecer a uma relação pessoal importante, um compromisso trabalho ou oportunidade de estudos para ficar na internet buscando assuntos sexuais	36,6%
Em algum momento de suas vidas abdicaram de realizar atividades do seu dia a dia (como sair com amigos, ir ao cinema, ir à faculdade, sair para balada, etc.) para ficar na internet buscando assuntos sexuais	41,2%
Quando acessam a internet para realizar atividades corriqueiras (ler email, estudar, etc.) sentem vontade de acessar sites relacionados a assuntos sexuais	62,1%
Controle sobre vontade de acessar sites de conteúdo sexual	17,2% não têm controle 27,2% fazem esforço para resistir e não acessar
Permanece mais tempo do que planejado na busca de parceiros sexuais	70,4%
Se sentem mal humorados, irritados ou deprimidos quando passam algum tempo impossibilitados de conectar a internet para buscar assuntos sexuais	26%
De alguma forma, já utilizaram a internet com objetivos sexuais como uma forma de escapar de seus problemas	61,8%
Sentem que não tem total controle sobre sua capacidade de uso da internet na busca de parceiros sexuais	61,7%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

O crescimento da compulsão pela incessante busca por parceiros sexuais via web é algo detectado pelas pesquisas oficiais e por uma série de estudiosos de variadas áreas.³¹ Na visão desses especialistas, o compulsivo atribui à internet o papel de ser

³¹ Os termos para definir o uso abusivo de computadores são muitos: *Internet Addiction*, *Pathological Internet Use*, *Internet Addiction Disorder*, *Compulsive Internet Use*, *Computer Mediated Communications Adiccts*, *Computer Junkies* e *Internet Dependency*. Essas definições são decorrentes dos diferentes estudos e

uma extensão do seu mundo psíquico. No ambiente virtual esse sujeito pode expressar seus desejos e fantasias com maior liberdade e, depois executar suas ambições de modo mais direto no mundo real.³² A Tabela 29 demonstra o desenvolvimento do comportamento compulsivo no universo dos entrevistados, segundo as referências de Goldberg (1995)³³, que propõe um conjunto de critérios para o diagnóstico do **Transtorno de Adicção a Internet**. É importante lembrar que tais critérios foram baseados na experiência em diagnosticar o abuso de substâncias, uma vez que o Uso Compulsivo da Internet ainda não foi classificado na CID.10 ou no DSM. IV.

As questões pertencentes à Tabela 29 dissertaram no geral sobre o desejo de estar permanentemente conectado à internet, acessando conteúdos essencialmente sexuais; a incapacidade de aceitar a condição de ser compulsivo e camuflar essa condição socialmente (ou seja, esconder dos amigos, dos familiares ou de qualquer outro grupo que o usuário tenha relações sociais) e, pela dificuldade de autocontrole. Percebe-se pelas altas percentagens nessas três categorias que os indivíduos que alegaram **buscar sexo via web** apresentam um quadro de compulsividade, variando de indivíduo a indivíduo, contudo, permeando esse conjunto de pessoas. Com a propagação do uso da internet, tem-se como tendência mais abrangente o agravamento desse tipo de compulsão – a perspectiva pontua que o Transtorno de Adicção a Internet pode transforma-se, ao longo dos anos, em pauta para a saúde e políticas públicas. Salienta-se que a proliferação dos acessos e dos lugares na *web* reservados para a atividade sexual (seja ela virtual ou real) tem aumentado e se direcionado para o terreno da larga escala.

áreas envolvidas com o tema. São pesquisas clínicas, midiáticas, juristas, entre outros ramos do conhecimento que se dedicam aos variados aspectos desse comportamento. ABREU, Cristiano Nabuco de; KARAM, Rafael Gomes; GÓES, Dora Sampaio e SPRITZER, Daniel Tornaim. “Dependência de Internet e de Jogos Eletrônicos: uma Revisão”. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, vol. 2, n. 30, 2008, p.157.

³² MORAES, Gláucia Therezinha Bardi; PILATTI, Luiz Alberto e SCANDELARI, Luciano. “Dependência de Internet – Pesquisas Mostram que a Internet Pode Causar Dependência”. www.cefetpr.br. Acesso em 23 de janeiro de 2009.

³³ GOLDBERG I - Internet addiction disorder – Diagnostic criteria. Internet Addiction Support Group (1995), disponível em: <www.cog.brown.edu/brochure/people/duchon/humor/Internet.addiction.html>. Acesso em 25 jan. 2009.

Tabela 30 - Opinião sobre a influência do uso da internet com objetivos sexuais na vida pessoal (Instrumento 1)

Consideração sobre influência do hábito de busca de parceiros sexuais na Internet em sua vida pessoal	Pensa em parar de buscar assuntos e/ou parceiro (a)s sexuais na internet, pois considera que esta sua atitude está, de algum modo, prejudicando sua qualidade de vida	Não pensa em parar de buscar assuntos e/ou parceiro (a)s sexuais na internet, pois considera que esta sua atitude está, de algum modo, melhorando sua qualidade de vida	Não tem opinião sobre o assunto, pois não sentem nenhuma diferença na sua qualidade de vida enquanto buscam assuntos e/ou parceiro (a)s sexuais na internet	Preferem parceiros sexuais reais conseguidos pela Internet (total de 127 respondentes)	Preferem parceiros sexuais virtuais conseguidos pela Internet (total de 127 respondentes)
54,5% indiferente 25% positivo 20,5% negativo	16%	18,9%	65,1%	13,4%	4%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Contraditoriamente, os respondentes que alegam buscar sexo na internet e que, anteriormente, na análise da Tabela 30, demonstraram certo comportamento compulsivo, afirmam que “não tem opinião sobre o assunto, pois não sentem nenhuma diferença na sua qualidade de vida enquanto buscam assuntos e/ou parceiros (as) sexuais na internet”. Do total foram 65,1% dos indivíduos. Observe-se, ainda, que 54,5% dos entrevistados são indiferentes à “consideração sobre a influência do hábito de busca de parceiros na Internet e sua vida pessoal”. Essa situação paradoxal leva à constatação de que é necessária e emergencial o amplo debate social sobre os assuntos que circundam a sexualidade atual imersa nas novas mídias eletrônicas.

Tabela 31 - Comparação entre opiniões do Instrumento 1 e do Instrumento 2 sobre a influência da busca de parceiros sexuais na internet na vida pessoal

Consideração sobre influência do hábito de busca de parceiros sexuais na Internet em sua vida pessoal (Instrumento 1)	Consideração sobre influência do hábito de busca de parceiros sexuais na Internet em sua vida pessoal (Instrumento 2)
54,5% indiferente 25% positivo 20,5% negativo	32,3% indiferente 5,6% % positivo 30,2% negativo ----- 25% não tem opinião

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

Especificamente, sobre a idéia da influência ou não do hábito de buscar parceiros sexuais na Internet na vida pessoal, a comparação entre os dois grupos distintos presentes nessa pesquisa mostra que entre os entrevistados que alegam não utilizar a web para fins sexuais os “indiferentes” estão em embate técnico com os que acreditam que a busca de parceiros na internet é algo “negativo” (tabela 31). Nesse ponto, o grupo do instrumental de pesquisa 2 apresenta resistência em aceitar essa prática como algo plenamente natural. Essa resistência é confirmada, de certa maneira, nos dados representados pela Tabela 32 que apresenta os motivos elencados para não buscar parceiros sexuais na internet. O mais citado deles foi “a falta de vontade”, com 52,4%, seguido pela justificativa do respondente que “nunca teria pensado sobre o assunto – o que reforça a noção da discussão ampla sobre as questões que envolvem os meios de comunicação e sexo, principalmente quanto ao ambiente comunicacional da internet, já que apenas 7,3%, destes respondentes mesmo sabendo ser possível, consideram tal ato incorreto.

Tabela 32 - Motivos por não buscar parceiros sexuais na Internet

Sabe que é possível, mas não tem vontade	Nunca pensou no assunto	Sabe que é possível, mas não conhece as formas de utilizar a internet para isso	Sabe que é possível, mas ache errado	Sabe que é possível, mas não tem coragem	Sabe que é possível, mas não tem oportunidade	Não sabia que é possível
52,4%	23,8%	9,3%	7,3%	4,4%	1,6%	1,2%

Fonte: Pesquisa realizada pelo autor (Período de 05 a 09/2009)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a investigação *Do Virtual ao Real: Comunicação, sexo e Internet* foi possível a verificação da influência que a utilização das ferramentas de comunicação disponíveis na Internet tem sobre seus usuários, bem como as diferenças entre aqueles que a utilizam com objetivos sexuais, aqueles que não a utilizam com este fim e os padrões obtidos com as pesquisas oficiais sobre comportamento sexual e utilização da internet.

Como principais pontos tem-se que os dois grupos de entrevistados, divididos entre os usuários que buscam parceiros reais via internet e os que não buscam parceiros, mostram-se aparentemente similares. As idades limítrofes, entre 17 e 40 anos, selecionadas para os dois grupos pesquisados, constituem um recorte populacional, na qual a vida sexual está plenamente ativa. Nos dois grupos predomina a presença masculina, (79,4%, dentro do universo que buscam sexo e 64,5%, dentro do conjunto dos entrevistados que não procuram sexo). Com relação ao estado civil dos respondentes, nos dois grupos, os solteiros lideraram as estatísticas. Enfatiza-se, ainda, que no tocante aos traços de personalidade, nos dois grupos, a maioria das pessoas se julgou de caráter extrovertido, com iniciativa e com muitos amigos – o que demonstra que os usuários de internet (os que buscam sexo e os que não buscam) não se escondem por trás da “tela do computador”, ou seja, são indivíduos capazes de se relacionar socialmente.

No cruzamento de dados referente à díade pornografia/busca de parceiros sexuais, 81,2% dos respondentes que admitiram utilizar a internet para fins sexuais também informaram que a utilizam na busca de pornografia via sites que disponibilizam filmes, fotos, etc. O que aponta uma intrínseca relação entre a pornografia e a busca de parceiros sexuais na internet. Quando filtramos ainda mais os dados, temos que, dos 81,2% que utilizam a internet com os dois objetivos (sexo real ou virtual e visualização de pornografia), 62% tiveram encontros reais com pessoas que conheceram na internet, com 45% destes concluindo o ato sexual.

No que diz respeito ao acesso à internet, percebe-se que 72,3% dos participantes que acessam a internet com o objetivo de buscar sexo entram na internet

diariamente, contra 61,7% dos participantes que não buscam parceiros sexuais sendo que a média nacional de acesso aponta que esta frequência é de 54%. Estes dados apontam uma tendência de acesso maior do que a média nacional para os dois grupos, com uma tendência ainda maior para o grupo que busca parceiros sexuais sendo que, ambos, acessam a Internet mais de 6 vezes diariamente, com tempo de duração médio entre 01 e 02 horas, com uma tendência de permanência na internet maior para aqueles que buscam parceiros sexuais. (23,3% dos participantes que buscam parceiros sexuais na internet passam mais de 4 horas conectados diariamente).

Percebe-se, também, que o acesso noturno, em especial, a madrugada é o mais frequente para aqueles que buscam sexo no ambiente comunicacional Internet. Para esses usuários, a residência é o melhor local para esse acesso. Assinala-se que mesmo os usuários que afirmam não buscar parceiros sexuais reais na internet já sentiram o apelo da ligação sexo-internet, principalmente por meio de troca de mensagens, busca de informações em sites ou ainda imagens e filmes com conotação sexual.

No que tange às práticas sexuais e à exposição às DST e vírus HIV se distinguem os dois grupos de modo irrefutável. Os entrevistados que alegaram buscar parceiros sexuais reais na internet são diretos nos seus objetivos. Na internet, esses usuários utilizam programas e softwares que propiciam essa procura, sendo os principais: Sala de bate papo (Site do UOL), Programas de Conversa (MSN), Grupos de Discussão (Site do Yahoo), Sites de Fotos e Filmes: (redtube e pornotube), programa de compartilhamento de arquivos (Limewire), Sites de relacionamento (Orkut), Site de informações (Google), Site de busca de parceiros sexuais (Cam4 e Disponível).

A procura por parceiros sexuais reais é clara e definida por padrões, como o envio de fotos e características pessoais, com 57% dos respondentes que utilizam a internet com estes fins admitindo utilizar a webcam neste processo sendo que, destes, 67% já se mostraram sem roupas ou em cenas íntimas para estranhos e 52,2% já enviaram fotos sem considerar o risco que envolve tal atitude, já que há, disponíveis, programas que gravam o que é exibido por uma webcam e estes “filmes” podem ser colocados na rede os expondo a situações constrangedoras e humilhantes.

Outro item que chamou a atenção na pesquisa é que, os usuários que buscam parceiros sexuais no ambiente comunicacional da Internet, quando o encontram,

concretizam quase de imediato o ato sexual, em ambientes impessoais, como por exemplo, o motel, e muitas vezes, de modo arriscado. O alto índice de sexo no primeiro encontro e de não uso de preservativos é bastante expressivo, com 54,1% dos usuários da internet assumindo que o ato sexual se deu no primeiro encontro sendo que, destes, 33,6% não utilizaram camisinha durante o sexo com pessoas que conheceram via Internet e 48,6% realizaram o ato sexual sob o uso de álcool ou drogas. A segurança no contato com outro também é preocupante, uma vez que 24% dos participantes afirmaram que “não pensaram no assunto” quando indagados sobre o sentimento de medo/risco durante encontro com pessoas que conheceram via internet e 26,7% admitiram que sentiram algum tipo de medo durante estes encontros, ou ainda, quando 37,8% das pessoas abordadas relatam que a “pessoa que compareceu ao encontro não era a mesma da internet”, porém, cerca de 62% dos respondentes resolveram dar continuidade ao encontro mesmo assim, com 42,1% destes admitindo que continuaram o encontro já que “era apenas para sexo”.

A questão da pedofilia, do acesso de menores a conteúdos impróprios e da questão de menores de idade buscando livremente parceiros sexuais também ficou clara durante a pesquisa já que 42,2% dos 180 respondentes afirmaram que, durante a busca de parceiros sexuais na internet, tiveram contato com menores de idade que compartilhavam do mesmo objetivo o que reafirma a falta de ferramentas de controle de acesso destes menores de idade a estes ambientes e corrobora as informações oficiais que apontam que 80% dos jovens têm os Sites de Relacionamento e 72% têm os Comunicadores Instantâneos como preferidos, sendo que 47% destes jovens ficam em média mais de 4 horas conectados por dia.

Já a tendência ao desenvolvimento do Transtorno de Adicção a Internet a cada dia mais pontua o universo dos usuários que buscam sexo via web: 74,3% afirmam “pensar em assuntos sexuais disponíveis na internet quando não estão conectados” e 61,7% “sentem que não tem total controle sobre sua capacidade de uso da internet na busca de parceiros sexuais”, com 70,4% destes admitindo que passam mais tempo do que o programado buscando parceiros sexuais na internet e 61,8% afirmando que, de alguma forma, já utilizaram a internet com objetivos sexuais como uma forma de escapar de seus problemas. Outro fator que aponta esta tendência é o fato de que

83,7% dos usuários com este perfil escondem totalmente dos familiares sobre o acesso a Internet com objetivos sexuais e 62,1% quando acessam a internet para realizar atividades corriqueiras (ler email, estudar, etc.) sentem vontade de acessar sites relacionados a assuntos sexuais, com 17,2% não tendo controle sobre esta vontade e 27,2% tendo que fazer esforço para resistir e não acessar.

Estes dados apontam que, de um modo geral, os usuários que se utilizam das ferramentas de comunicação disponíveis na Internet para busca de parceiros sexuais estão, com a repetição de tais procedimentos, de alguma forma, alterando seu comportamento e, mesmo que inconscientemente, perdendo o controle sobre seu poder de decisão na utilização destes instrumentos e ambientes, ou seja, estão, sim, propensos ao desenvolvimento de comportamentos compulsivos já que, mesmo com o apontamento e reconhecimento de diversas características tidas como “negativas”, o grau de satisfação em relações sexuais com parceiros advindos do contato via internet é relativamente alto (74% para sexo real e 53% para sexo virtual), o que leva a acreditar que a Internet é uma ferramenta eficiente quando utilizada na busca de prazer sexual – o que está provocando uma mudança nos hábitos e comportamento sexuais dos brasileiros (fato que já está sendo confirmado pela última pesquisa nacional sobre comportamento sexual realizada por órgãos oficiais).

Por outro lado, destaca-se que a compulsão não é devidamente reconhecida pelo grupo e que a procura de parceiros sexuais por intermédio das mídias digitais, para esse grupo, não está relacionada a índices negativos de qualidade de vida já que apenas 16% dos 180 respondentes que admitiram utilizar este ambiente comunicacional na busca de parceiros sexuais pensam em parar com esta atividade, pois consideram que ela está de algum modo, prejudicando sua qualidade de vida e 65,1% declaram não ter opinião sobre o assunto, pois não sentem nenhuma diferença na sua qualidade de vida enquanto buscam assuntos e/ou parceiro (a)s sexuais na internet – o que suscita e estimula estudos e discussões mais aprofundadas sobre as questões que envolvem a interação “comunicação, sexo e internet”.

A pesquisa aponta ainda que, dos usuários da internet que não a utilizam para a busca de parceiros sexuais, apenas 7,3% que assumiram saber como fazê-lo consideram que tal atitude é incorreta, 4,4% sabem como, mas não tem coragem de

realizar tal ato, 9,3% sabem que é possível a busca de parceiros sexuais por meio da Internet, mas desconhecem a forma de utilizar as suas ferramentas de interação/comunicação para isto e 23,8% nunca haviam pensado sobre o assunto antes de participar da pesquisa, ou seja, há um grande número de pessoas que, com o passar do tempo e adquirindo coragem, conhecimento e/ou experiência no uso da internet, poderão vir a utilizá-la para fins sexuais, passando a fazer parte do grupo que, de alguma forma, terá sua rotina e qualidade de vida influenciada pela utilização deste ambiente comunicacional.

Em resumo, a pesquisa Virtual ao Real: Comunicação, sexo e Internet desvenda as atuais perspectivas que integram as ferramentas de comunicação oferecidas pelas novas mídias com o comportamento sexual. O estudo revela as novas e perigosas rotinas e comportamentos advindos da proliferação do uso da Internet como o surgimento e a proliferação do sexo virtual e real, o risco à exposição de DST's, a ausência de segurança no contato com o "outro", a grande possibilidade do aumento de usuários deste ambiente comunicacional na busca de parceiros sexuais e, especialmente, o desconhecimento dos atuais usuários da rede sobre o grau de desenvolvimento e acometimento ao Transtorno de Adicção a Internet. É possível verificar que esta compulsão, ainda, não é devidamente reconhecida, simplesmente porque os usuários deste ambiente comunicacional não possuem subsídios que os levem a uma devida reflexão sobre o quanto a prática da busca de parceiros reais e virtuais via internet pode influenciar de forma negativa e perigosa em sua qualidade de vida.

Sabemos que este estudo, por ser de cunho exploratório, por si só, não dá conta de responder a todas as questões referentes à problemática que envolve a comunicação com finalidades sexuais no ambiente da Internet, já que, durante o desenvolvimento deste trabalho, foram identificadas outras facetas dessa tríade (comunicação, sexo e Internet) que não puderam ser devidamente aprofundadas, mas que, se devidamente estudadas, podem alimentar e/ou guiar investigações futuras e, por isso, disponibilizamos em CD (anexo IV), as bases de dados obtidas com a pesquisa, bem como um instrumento que permite aos interessados o cruzamento das respostas das 56

questões do instrumento I (respondentes que utilizaram a internet na busca de parceiros sexuais reais ou virtuais) e das 24 questões do instrumento 2 (respondentes que não utilizaram a internet na busca de parceiros sexuais reais ou virtuais).

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco de; KARAM, Rafael Gomes; GÓES, Dora Sampaio e SPRITZER, Daniel Tornaim. Dependência de Internet e de jogos eletrônicos: uma Revisão. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, vol. 2, n. 30, 2008.

AEKER D. A. **Administração estratégica de mercado**. New York: John Wiley & Sons, Inc. 2001.

ALBUQUERQUE, Inês Mécia e TORRES, Ricardo. **A arte contemporânea e a universidade sênior da ajuda: uma abordagem pelos alunos à arte de Internet enquanto usuários/observadores**. In: CEPIA/COLABOR (coord.). Caminhos da Arte para Século XXI. São Paulo: MAC USP/Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, 2007.

ARRILHA, Margareth. Ciência, multidisciplinaridade e sexualidade: recorte disciplinar – uma herança do século XIX. In: LOYOLA, Maria Andréa. **A sexualidade nas ciências sociais**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1998.

BARTOLO, José Manuel. “Corpo e Virtualidade”. In: CEPIA/COLABOR (coord.). **Caminhos da arte para século XXI**. São Paulo: MAC USP/Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, 2007.

BECHARA, Marcelo. Os Espaços Públicos de Acesso à Internet. In: CGI.br (Comitê Gestor da Internet no Brasil). Pesquisa sobre o uso das TICs no Brasil, São Paulo, 2007.

BELLONE, G. J. **Informática e psiquiatria: compulsão à Internet: mito ou realidade**. Disponível em: <http://gballone.sites.uol.com.br/voce/internet.html>. Acesso em 20 set. 2008.

BONZON, M. e LERIDON, H. **As construções sociais da sexualidade**. Trad. Greice Menezes. Salvador: MUSA/UFBA, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Consulta de Ies/Curso**. Disponível em <<http://www.educacaosuperior.inep.gov.br>>. Acesso em 30 out. 2008.

_____. Ministério da Saúde. CN-DST/AIDS (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento). **Comportamento Sexual da População Brasileira e Percepções do HIV/AIDS, 1998**. Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em 25 jan 2010.

_____.¹ Ministério da Saúde. CN-DST/AIDS. **Pesquisa de Conhecimento, Atitudes e Práticas da População Brasileira de 15 a 64 anos de idade.** Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em 31 jan. 2010.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. **Cadernos, juventude saúde e desenvolvimento**, v.1. Brasília, DF, agosto, 1999.

_____. Ministério da Saúde. Programa Nacional de DST/AIDS. **Boletins Epidemiológicos. 1996/2004.** Disponível em <<http://www.aids.gov.br/final/dados>>. Acesso em 20 mar. 2005.

_____. Ministério da Saúde. **Definição nacional de caso de AIDS em indivíduos com 13 anos de idade ou mais (adultos).** Disponível em <<http://www.aids.gov.br/documentos.htm>>. Acesso em 22 ago. 2006.

CANTON, Katia. A pulsação do nosso tempo – a arte contemporânea supera as divisões do modernismo e reflete o espírito de nossa época, ocupada em lidar com a identidade: corpo, afeto e memória. In: AJZENBERG, Elza. **América, Américas – arte e memória.** São Paulo: MAC USP/PGEHA, 2007.

CASTELLS, M. **Sociedade em rede.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

CENTRO BRASILEIRO DE ANÁLISE E PLANEJAMENTO. COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Comportamento sexual da população brasileira e percepções do hiv/aids**, 1998. Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em 25 jan. 2010.

CEPIA/COLABOR (coord.). **Caminhos da arte para o século XXI.** São Paulo: MAC USP/Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, 2007.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston Chagas. **O questionário na pesquisa científica.** Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br>>. Acesso em 03 jan. 2008.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil – 2008.** São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2009.

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado: pesquisa de antropologia política.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

COORDENAÇÃO NACIONAL DE DST/AIDS DO MINISTÉRIO DA SAÚDE.
Pesquisa de conhecimento, atitudes e práticas da população brasileira de 15 a 64 anos de idade. Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em 31 jan. 2010.

COSTA, Mario. **O sublime tecnológico.** São Paulo: Experimento, 1995.

CURY, Lucilene. “No rumo das novas sensibilidades”. In: AQUINO, Victor.
Metáforas da Arte. São Paulo: PGEHA/MAC USP, 2008.

DE FLEUR, Melvin. **Teorias de comunicação de massa.** 2ª Edição. Rio de Janeiro:
Zahar Editores, 1993.

DIZARD, Wilson. **A nova Mídia: A comunicação de massa na era da informação.** Rio
de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ERCILIA, Maria. GRAEF, Antonio. **A internet.** 2ª Ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

FERNANDES, Magda Fernanda Medeiros. **Alguém afim de TC comigo. Refletindo a família e as relações de gênero no ambiente virtual.** Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, de 4 a 8 de novembro de 2002. Disponível em <http://www.nomads.usp.br/disciplinas/SAP5846/Abep00_GT_Gen_ST30_Fernandes_texto.pdf>. Acesso em 20 dez. 2009.

FLUSSER, Vilém. **Língua e realidade.** São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Filosofia da caixa preta. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2002.

_____. **Pós-história. Vinte instantâneos e um modo de usar.** São Paulo:
Livraria Duas Cidades, 1983.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade.** Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão.** Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade.** São Paulo: Editora da
Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIL, A . C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Como classificar pesquisas.** Disponível em
<http://www.professordilson.pro.br/omono/Classifica%C3%A7%C3%A3o_de_Pesquisas.doc>. Acesso em 12 dez. 2008.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, no. 2, 1985.

GOLDBERG, Ivan. - **Internet addiction disorder – Diagnostic criteria.** Internet Addiction Support Group (1995). Disponível em:
<www.cog.brown.edu/brochure/people/duchon/humor/internet.addiction.html>. Acesso em 25 jun. 2005.

GOODMAN, N. **Modos de fazer mundos.** Lisboa: ASA, 1995.

HAMBRUGER, Esther. TVs não acompanham Internet no Brasil. **JBCC - Jornal brasileiro de ciências da comunicação.** Ano 7, número 263 - São Bernardo do Campo - SP. 10/2004. Disponível em
<http://www2.metodista.br/unesco/JBCC/jbcc_mensal/jbcc263/jbcc_263.htm>. Acesso em 18 out. 2006.

HOBSBAWN, Eric. **Em torno a los origenes de la revolución industrial.** Madrid. Siglo Veintiuno, 1971.

IANNI, Octávio. **Globalização e cultura.** São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. **Teorias da globalização.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

IBOPE. **Pesquisa sobre o comportamento da população brasileira sexualmente ativa.** Disponível em
<http://www.aids.gov.br/final/biblioteca/ibope_2003/briefing2.doc>. Acesso em 10 jul. 2008.

IDG NOW **Grupos se mobilizam no EUA para moldar plano nacional de banda larga** Disponível em <<http://idgnow.uol.com.br/AdPortalv5/Default.aspx>>. Acesso em 16 out. 2005.

_____. **Classe C: o poder que a maior classe social do Brasil terá na Internet.** Disponível em: <<http://idgnow.uol.com.br/internet/2008/04/24>>. Acesso em 05 mai. 2008.

INSTITUTO PAULISTA DE PESQUISAS DE MERCADO. **Pesquisa acerca dos hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros.** São Paulo: Cultrix, 1983.

KARAM, Rafael Gomes; GÓES, Dora Sampaio e SPRITZER, Daniel Tornaim. **Dependência de Internet e de Jogos Eletrônicos: uma Revisão.** *Revista Brasileira de Psiquiatria*, vol. 2, n. 30, 2008

KURZ, Robert. **A comercialização da alma.** Jornal Folha de São Paulo. caderno Mais!, 11/02/2001, p. 14-15.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.: **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo. Ed. Atlas, 1985.

LEITÃO, Carla Faria e NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. “Impactos da Internet sobre Pacientes: A Visão de Psicoterapeutas”. **Revista Psicologia em Estudo**. Maringá, vol. 10, n. 3, set/dez. 2005.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **O que é virtual?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**. São Paulo: EDUC/PUC-SP, 1998.

MAGALHÃES, Ana Cândida. “O Corpo na Mídia: Leitura de Imagens”. In: CEPIA/COLABOR (coord.). **Caminhos da arte para século XXI**. São Paulo: MAC USP/Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, 2007.

MALAGODI, Maria Eugênia e CESNIK, Fábio de Sá. **Projetos culturais: Elaboração, administração, aspectos legais e busca de patrocínio**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento, execução e análise**, 2a. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MELLO, Paulo Cezar Barbosa. “Cotidiano Digital”. In: CEPIA/COLABOR (coord.). **Caminhos da arte para século XXI** São Paulo: MAC USP/Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, 2007.

MELVIN, L. DeFleur. **Teoria da comunicação de massa**. São Paulo: Jorge Zahar, 1993.

MINAYO M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOLES, Abraham. **Teoria da informação e percepção estética**. Brasília: UNB, 1978.

MORAES, Gláucia T. Bardi; PILATTI, Luiz Alberto e SCANDELARI, Luciano. **Dependência de Internet – pesquisas mostram que a Internet pode causar dependência**. Disponível em <<http://www.cefetpr.br>>. Acesso em 23 jan. 2009.

MORAES, Glaucia T. Bardi; PILATTI, Luiz Alberto e SCANDELARI, Luciano. **Comportamento Patológico provocado pelo uso indevido de Internet: Uma Leitura do Ambiente Produtivo e Social.** Anais do XXV Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Porto Alegre, 2005

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX – espírito do tempo.** Rio de Janeiro: Forense, 1969.

NEVES, José Luis. **Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades.** Caderno de pesquisa em administração. FEA-USP. São Paulo, v. 1. n. 3. 2º sem, 1996.

NOVA, Cristiane. ALVES, Lynn. **A comunicação digital e as novas perspectivas para a educação.** Disponível em: <http://lynn.pro.br/pdf/art_redecom.pdf> Acesso em: 02 fev 2009.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR - NIC.BR. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil – 2008** Disponível em <<http://www.nic.br/sobre-nic/index.htm>>. Acesso em 11 jun. 2009

NUNES, César A. **Desvendando a sexualidade.** Campinas: Papirus, 1997.

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa. TGI, TCC, monografias, dissertações e teses.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. **Cultura e sociedade no Brasil.** In: FRANSCHESCHI, Antonio. **Marketing cultural: um investimento com qualidade.** São Paulo: Informações Culturais, 1998.

PEDROSO, Maria Goretti. “A Inteligência Artificial na Relação Homem-Máquina”. In: CEPIA/COLABOR (coord.). **Caminhos da arte para século XXI** São Paulo: MAC USP/Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte, 2007.

PINHO, J. B. **Jornalismo na Internet. planejamento e produção da informação on-line.** São Paulo: Summus, 2003.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social - estudos históricos.** Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

PORTO, Sérgio (org.). **Sexo, afeto e era tecnológica.** Brasília: UNB, 1999.

PRADO, O. Z. (1998) **Pesquisa Internet e comportamento: um estudo exploratório sobre as características de uso da Internet, uso patológico e a pesquisa on line.**

Dissertação de mestrado em Psicologia- PUC-SP. [on line] Disponível em <<http://www.netpesquisa.com>> Acesso em 30 set. 2005.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **A emergência das comunidades virtuais**. In: Intercom 1997 - XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Anais... Santos, 1997. Disponível em: <http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf>. Acesso em 25 fev. 2007.

PROCHET, Neyza. **Corpo, identidade e globalização**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

REA L. M, PARKER R. A. **Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução**. São Paulo: Pioneira; 2000.

REGIS, Marcia Roberto; ANTUNES, Maria Cristina; PADILHA, Maria da Graça. **Sexo virtual e infidelidade – concepções de usuários de salas de bate-papo**. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná. Disponível em <www.tuiuti.com.br>. Acesso em 25 jan. 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

RIOS, L. Quando o assunto é cultura sexual: um “olhar sobre a mídia”. In: **Olhar sobre a mídia** (Comissão de Cidadania e Reprodução, org.), Belo Horizonte: Ed. Mazza, 2002.

SAFERNET. **Pesquisas on-line sobre hábitos de segurança na Internet de crianças, adolescentes, pais, educadores e monitores de Lan Houses/Infocentros**. Disponível em <<http://www.safernet.org.br/site/prevencao/pesquisas>>. Acesso em 12 dez 2009.

SALES, Zenilda Nogueira. **Corpos "doces" que sentem dor, emoção e são in(comunicado(s) em defesa de uma prática de enfermagem fundamentada no diálogo para o auto cuidado de clientes portadores de diabetes**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) UNI-RIO, Rio de Janeiro: RJ, 1998.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodología de la investigación**. México: McGraw-Hill, 1991.

SANCHES, Conceição Aparecida. **AIDS na rede: uma abordagem comunicacional**. Tese de Doutorado. UESP: SBC, 2006. Disponível em <http://www.projektoradix.com.br/arq_artigo/teses/teseconceicao.pdf> Acesso em 01 fev. 2009.

SANDOVAL, J. M. H. & OROZCO GÓMEZ, G. **Televisión y comunicación para la salud**. Revista Latinoamericana de Comunicación Chasqui. n° 66, 1999.

SANDOVAL, José Maximiliano Henríquez. **A epidemia da dengue: o discurso do Jornal "El Diario de Hoy"**. Disponível em: <<http://www.projedoradix.com.br>>. Acesso em: 26 ago. 2005.

SANTANA, Camila Lima S. **Redes Sociais na internet: potencializando interações sociais**. Hipertextus Revista Digital, v. I, 2007. Disponível em <<http://www.hipertextus.net/volume1/ensaio-05-camila.pdf>>. Acesso em 01 mai. 2008.

SANTOS, Aparecida Ribeiro, ALMEIDA PRADO, Babette de Mendoza. **Saúde na Internet - a síndrome de Angelman**. Disponível em <<http://www.projedoradix.com.br/artigos>>. Acesso em 12 abr. 2006.

SENRA, N. C. **O cotidiano da pesquisa**. São Paulo: Ed. Ática, 1989.

SEMESP. **Desvendando a formação acadêmica**. São Paulo: Editora SEMESP, 2004. Disponível em <<http://www.semesp.org.br/portal/docs/pesquisas>>. Acesso em 01 jan. 2009.

SQUIRRA, José Sebastião. **Comunicação e tecnologias**. Disponível em <http://www.comtec.pro.br/prod/artigos/squirra_com.pdf>. Acesso em 20 de fev 2010.

SUTHERLAND, I. "The Ultimate Display". In: **Information proceedings**, Proceeding of the IFIP Congress, n. 65, v. 2, Washington (DC): Spartan Books: 1995.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

TRIOLA, Mário. **Introdução à estatística**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1999.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico-qualitativa. construção teórico-epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas de saúde e humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

UNIÃO INTERNACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES - UIT. Disponível em <<http://an.uol.com.br/2000/set/30/0joe.htm>> Acesso em 25 dez. 2007.

VALVERDE, Joaquim Manuel. **A comunicação com mídias digitais: uma proposta de modelo Transdisciplinar**. São Paulo: UMESP, 2008. Tese de Doutorado. Programa de Pós graduação em Comunicação Social. Disponível em <www.scribd.com/.../A-comunicacao-com-midias-digitais-uma-proposta-de-modelo-transdisciplinar>. Acesso em 25 de mai. 2009.

VELHO, Octavio Alves . O Aparecimento da Teoria da Sociedade de Massa. In: DEFLEUR, Melvin L. **Teorias da comunicação de massa**. Trad.: Octavio Alves Velho, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas Editora, 1998.

VILACA, Nízia. **Em pauta: corpo, globalização e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Mauad/CNPq, 1999.

YOUNG, Kimberly S. (1997) **Internet addiction: what makes computer-mediated communication habit forming?** Paper Presented at The 105th Annual Convention of the American Psychological Association, Chicago, USA. Disponível em <<http://www.netaddiction.com>>. Acesso em 20 set. 2005

_____. **Dependência de Internet: uma Doença Emergente**. Disponível em <www.einstein.br/alcooledrogras>. Acesso em 08 mar. 2003.

WIELAND, Diane, Perspectives in psychiatric care IN: VINÍCIUS, Sérgio. **Clínicas tratam viciados da web, que podem chegar a 100 milhões**. Folha On-line. Disponível em <www.folha.uol.com.br> Acesso em 23 mar. 2009.

ANEXOS

ANEXO I - TCLE utilizados na pesquisa

Prezado Colaborador

Estamos realizando uma pesquisa de Doutorado pela Universidade Metodista de São Paulo - UMESP Intitulada “**Do virtual ao real: comunicação, sexo e internet**” que tem como objetivo principal avaliar se a Internet pode influenciar no comportamento sexual de seus usuários e como estes utilizam a Internet para buscar parceiros sexuais em sites de sexo, salas de bate papo, grupos de discussão, MSN etc.

Para isto gostaríamos de contar com a sua colaboração respondendo a um questionário, o que não levará mais do que 20 minutos e, como a pesquisa tem objetivos puramente acadêmicos, não é necessário sua identificação.

As informações obtidas são confidenciais e asseguramos que, após o final da pesquisa, não será possível vincular suas respostas a você, bem como todas as informações obtidas não serão utilizadas para outros fins que não relacionados a esta pesquisa. (esta atitude é muito importante para que você possa ser totalmente sincero em suas respostas).

**Antes de iniciar a pesquisa, pedimos-lhe a gentileza de ler e aceitar o
Termo de Consentimento abaixo.**

Nº deste documento: 01

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
RESOLUÇÃO CNS Nº 196/96**

TÍTULO DO ESTUDO: "Do real ao virtual: comunicação, sexo e Internet".

RESPONSÁVEL PELA PESQUISA: Adilson Rogério de Almeida –
Universidade Metodista de São Paulo - UMESP

PÚBLICO ALVO: Exclusivamente estudantes de nível superior de Cursos relacionados às áreas de Computação e Informática.

DESCRIÇÃO: Você está convidado a participar de uma pesquisa sobre Internet e comportamento sexual. Caso você concorde, você deverá responder, **sem se identificar**, ao questionário disponível logo após este termo. (a única forma de identificação de suas respostas é pelo número do instrumento disponibilizado no canto superior direito deste documento)

RISCOS E BENEFÍCIOS: Não existem riscos associados a este estudo. Não existem benefícios pessoais a partir deste estudo, exceto que esta pode vir a ser uma experiência agradável e que você pode colaborar para com o avanço da ciência em uma área ainda não totalmente explorada. Todas as informações obtidas serão sigilosas.

TEMPO DE PARTICIPAÇÃO: O questionário leva de 8 a 10 minutos para ser completamente respondido e este, portanto, será o tempo que você necessitará para participar desta pesquisa.

DIREITOS DO SUJEITO/PARTICIPANTE: Se você leu este formulário e decidiu participar desta pesquisa, por favor, compreenda que a sua participação é voluntária e você tem o direito de retirar o seu consentimento ou de desistir de participar a qualquer momento sem penalidades. Você tem o direito de se recusar a responder às perguntas. Sua identificação não será obrigatória em nenhum momento da pesquisa mas, se quiser poderá, ao final, deixar um email para receber os resultados totais obtidos. (este email não será vinculado as suas respostas, ficando armazenado em um banco de dados diferente)

INFORMAÇÕES PARA CONTATO: Se você tiver qualquer dúvida sobre este estudo, os seus procedimentos, riscos e benefícios ou sobre as formas de tratamento de dados você poderá entrar em contato com o responsável pelo email adilson@projedoradix.com.br. Se você não estiver de acordo com a maneira de realização deste estudo, se tiver dúvidas, reclamações ou questões gerais sobre a

investigação ou ainda sobre seus direitos como um sujeito da pesquisa, entre em contato conosco.

Caso você concorde com o teor deste documento, por favor inicie sua participação respondendo a pergunta que se encontra na próxima página. Caso decida não participar basta devolver este documento ao pesquisador sem iniciar a pesquisa. Após o início da pesquisa, se decidir não continuar, basta entregar este documento ao pesquisador, informando-o sobre sua desistência. Após participar da pesquisa, caso deseje que suas respostas sejam excluídas, basta informar, via email, o número de identificação deste questionário disponibilizado no canto superior direito da página, que realizaremos a retirada.

Este documento não deve ser devolvido ao pesquisador! Você deve ficar com ele para, se achar necessário, saber seu número de participação e as formas de contato com os responsáveis da pesquisa!

Atenciosamente

Adilson Rogério de Almeida - Universidade Metodista de São Paulo – UMESP

ANEXO I I- Questionários utilizados na pesquisa

Do virtual ao real: comunicação, sexo e internet

Prezado Colaborador:

Se você aceitou o Termo Livre de Consentimento, foi informado de que em nenhum momento será necessária sua identificação e, por isso, pedimos a gentileza que responda as perguntas com total sinceridade.

**POR FAVOR, INICIE A PESQUISA RESPONDENDO A QUESTÃO
ABAIXO:**

**Você já utilizou a internet para procurar parceiro(a)s sexuais reais ou
virtuais?**

(em salas de bate papo, por meio do msn ou do orkut, consulta a sites que disponibilizam informações sobre outras pessoas que também procuram sexo, cadastro ou busca em grupos de encontros, em site de namoro e sites de procura de namorados, em sites de pornografia etc...

SIM, JÁ UTILIZEI (responde ao instrumento 1 que é para os participantes que utilizam a internet para buscar assuntos sexuais e é composto por 56 perguntas - fechadas e abertas)

NÃO, NUNCA UTILIZEI (responde ao instrumento 2 que é para os participantes que não utilizam a internet com objetivos sexuais e é composto por 24 questões - abertas e fechadas)

INSTRUMENTO 1

Do virtual ao real: comunicação, sexo e Internet

Em momento algum será necessária sua identificação e, por isso, pedimos a gentileza que responda o questionário com total sinceridade.

----- BLOCO A -----

1 - Em que faixa de idade você se encaixa?

- Entre 17 e 20 Entre 21 e 30 Entre 31 e 40 Entre 41 e 50
 Entre 51 e 60 Acima de 60

2- Você é do sexo:

- Masculino Feminino

3- Seu estado civil é:

- Solteiro Casado Desquitado

4- Você estuda em um curso da área de:

- Computação - bacharelado Informática – tecnologia

5- Você se considera uma pessoa: (escolha uma opção de cada linha)

- extrovertida/comunicativa introvertida/tímida
 com iniciativa sem iniciativa
 com muitos amigos solitária

----- BLOCO B -----

6- Quantos dias por semana você acessa a internet?

- nenhum de 01 a 02 de 03 a 04 de 05 a 06 todos os dias

7- Quantas vezes por dia você costuma acessar a internet?

- de 01 a 02 de 03 a 04 de 05 a 06 mais de 06 vezes

8- Quanto tempo costuma durar cada um destes acessos?

- menos de 1 hora de 1 a 2 horas de 3 a 4 horas mais de 4 horas

9- Qual horário você prefere acessar a internet?

- manhã tarde noite madrugada

10- Você costuma utilizar a internet com outros objetivos sexuais que não fossem relacionados a busca de parceiros sexuais reais ou virtuais?

(sala de bate papo, grupos de encontros, busca de filmes e imagens, sexo virtual, busca de informações sobre sexo, etc...)

Sim Não

----- BLOCO C -----

11- Quando utiliza a internet com objetivos sexuais, quais são as 02 (duas) ferramentas que você utiliza com mais frequência?

- sala de bate papo Qual?
- grupo de discussão Qual?
- site de informações Qual?
- site de fotos e filmes Qual?
- site de relacionamento Qual?
- site de busca de parceiro(a)s sexuais Qual?
- programa de conversa (msn, google, etc) Qual?
- programa de compartilhamento de arquivos Qual?
- Outra ferramenta Qual?

12- Quando você utiliza a internet com objetivos sexuais você prefere acessar a internet de qual local?

- de casa da escola do serviço de lan house da casa de amigos
- Outros lugares Quais?

13- Quando você utiliza a internet com objetivos sexuais, o seu objetivo principal é:

- conseguir um parceiro(a) sexual real
- conseguir um parceiro(a) sexual virtual
- buscar imagens ou filmes
- outros Quais?

14- Quando você busca conhecer uma pessoa por meio da internet o seu objetivo principal é: amizade relacionamento sexo Outro objetivo
Qual?

15- Você já conversou na internet com algum menor de idade que buscasse um parceiro(a) sexual? sim não

16- Você já se encontrou pessoalmente com alguém que você conheceu na da internet?
 sim não

17- Você já fez SEXO REAL com alguém que você conheceu na internet?
 sim não nunca fiz sexo

18- Você já fez sexo VIRTUAL com alguém que você conheceu na internet?
 sim não

----- BLOCO D-----

19- Você sente atração sexual por:
 Pessoas do mesmo sexo que você Pessoas do sexo oposto ao seu
 Pessoas de ambos os sexos

20- Você tem parceiro(a) sexual fixo – namorado(a), marido, esposa, etc?
 sim não

Se sua resposta foi "SIM", como se sente com relação a este parceiro(a)?

satisfeito parcialmente satisfeito insatisfeito

21- Nos últimos 6 meses, após o contato via internet, com quantas pessoas que você se encontrou:

Com o objetivo de fazer sexo?

nenhuma 01 02 a 04 05 a 07 08 a 10 mais de 10

Com o objetivo de amizade?

nenhuma 01 02 a 04 05 a 07 08 a 10 mais de 10

Com o objetivo de ficar?

nenhuma 01 02 a 04 05 a 07 08 a 10 mais de 10

22- Nos últimos 6 meses, quantos parceiro(a)s sexuais REAIS conseguidos por meio da internet você teve?

nenhum(a) 01 02 a 04 05 a 07 08 a 10 mais de 10
(se você respondeu "nenhuma" a questão 22, por favor ignore as questões 23, 24, 28, 29 e 32)

23- As relações sexuais REAIS com pessoas que você conheceu na internet na maioria das vezes ocorreram:

- no primeiro encontro no segundo encontro no terceiro encontro
 após o terceiro encontro

24- As relações sexuais REAIS com pessoas que você conheceu na internet na maioria das vezes aconteceram

- na sua casa na casa da pessoa em motel no carro na rua
 no carro em drive in outros Onde?

25- Nos últimos 6 meses, quantos parceiro(a)s sexuais REAIS que não foram conseguidos por meio da internet você teve?

- nenhum 01 02 a 04 05 a 07 08 a 10 mais de 10

26- Nos últimos seis meses, qual foi o seu número médio mensal de relações sexuais REAIS?

- nenhum 01 a 03 04 a 06 07 a 9 10 a 12 13 a 15
 mais de 15

27- Você, nos últimos seis meses, fez sexo sem camisinha?

- nunca uma vez de 2 a 5 vezes de 6 a 9 vezes mais de 9 vezes

28- Você, nos últimos seis meses, fez sexo sem camisinha com alguém que você conheceu na internet?

- nunca uma vez de 2 a 5 vezes de 6 a 9 vezes mais de 9 vezes

29- Alguma vez, nos últimos seis meses, durante o sexo com alguém que você conheceu na internet, ocorreu algum tipo de acidente que lhe causou preocupação (camisinha estourar, contato com secreções, etc)?

- nunca uma vez de 2 a 5 vezes de 6 a 9 vezes mais de 9 vezes

30- Em algum encontro REAL que marcou com pessoas que conheceu na internet sentiu que corria algum tipo de risco/perigo?

- sim não nunca pensei nisto

31- Em algum encontro REAL que marcou pela internet percebeu que a pessoa que compareceu não era a mesma que você havia conhecido pela internet?

- sim não

Se você respondeu "SIM", mesmo não sendo a pessoa que conheceu na internet,

decidiu continuar o contato?

sim não

Você continuou o contato por qual motivo?

ficou com medo ou vergonha

apenas para não perder a viagem

achou que valia pena conhecer, pois era mais interessante pessoalmente do que pela internet

era apenas para sexo

outro motivo Qual?

32- Como você, comumente, se sente após uma relação sexual REAL com uma pessoa que você conheceu na internet?

(por favor escolha uma opção de cada linha)

satisfeito insatisfeito indiferente

feliz infeliz normal

33- Você já usou drogas injetáveis? sim não

Se respondeu sim, alguma vez já compartilhou agulhas? sim não

34- Nos últimos 6 meses você teve alguma doença sexualmente transmissível?

Sim

Não

35- Nos últimos 6 meses, você teve relações sexuais em que você ou seu parceiro(a) estivessem sob o uso de álcool ou drogas?

Sim Não

Se você respondeu SIM, alguma vez foi com alguém que conheceu na internet?

Sim Não

36- Nos últimos 6 meses, quantas pessoas você conheceu "virtualmente" (conversou via internet) com o objetivo de fazer sexo?

nenhuma 01 a 10 11 a 20 21 a 30 31 a 40 mais de 40

(se você respondeu "nenhuma" a questão 36, por favor ignore as questões 37 a 40)

37- Nos últimos 6 meses, quantos parceiro(a)s sexuais VIRTUAIS (conseguidos por meio da internet e com quem você fez sexo utilizando as ferramentas da Web tais

como web cam, msn, salas de bate papo, etc...) você teve?

nenhum(a) 01 02 a 10 11 a 20 21 a 30 mais de 30

38- Para conseguir um parceiro(a) sexual e/ou fazer sexo virtual, você já utilizou uma web cam? sim não

Se sim, já se mostrou sem roupas ou em cenas íntimas via web cam? sim não

39- Para conseguir um parceiro(a) sexual e/ou fazer sexo virtual, você já enviou fotos suas pela internet? sim não

40- Como você, comumente, se sente após uma relação sexual VIRTUAL? (por favor escolha uma resposta para cada linha, caso nunca tenha feito sexo virtual, por favor ignore a questão)

satisfeito insatisfeito indiferente
 feliz infeliz normal

----- BLOCO E-----

41- Você costuma pensar sobre assuntos sexuais disponíveis na internet quando não está conectado?

sempre as vezes nunca

42- Você costuma contar para seus familiares sobre os seus acessos a internet com objetivos sexuais?

sempre as vezes nunca

43- Você costuma contar para seus familiares que fez sexo com pessoas que conheceu na internet?

sempre as vezes nunca nunca fiz sexo com pessoas que conheci na internet

44- Você costuma contar para seus amigos sobre os seus acessos a internet com objetivos sexuais?

sempre as vezes nunca

45- Você costuma contar para seus amigos que fez sexo com pessoas que conheceu na internet?

sempre as vezes nunca nunca fiz sexo com pessoas que conheci na internet

46 - Em uma escala de 0 a 100%, qual a porcentagem de vezes que você deixou de comparecer a uma relação pessoal importante, um compromisso trabalho ou oportunidade de estudos para ficar na internet buscando assuntos sexuais?

- 0% 10% 20% 30% 40% 50% 60% 70%
 80% 90% 100%

47 - Em uma escala de 0 a 100%, qual a porcentagem de vezes que você deixou de realizar atividades do seu dia a dia (como sair com amigos, ir ao cinema, ir a faculdade, sair para balada, etc) para ficar na internet buscando assuntos sexuais?

- 0% 10% 20% 30% 40% 50% 60% 70%
 80% 90% 100%

48- Quando acessa a internet para realizar atividades corriqueiras (ler email, estudar, etc), você sente vontade de acessar sites relacionados a assuntos sexuais?

- sim não

Se sua resposta à questão 48 foi "SIM", como reage?

- não tenho controle e sempre acesso
 tenho de ter muita força de vontade para me controlar e não acessar
 para mim é fácil me controlar e, por isso não acesso
 nunca pensei sobre o assunto

49- Você permanece mais tempo conectado do que inicialmente pensava buscando assuntos sexuais?

- sempre as vezes nunca

50- Quando você passa algum tempo impossibilitado de conectar-se a internet para buscar assuntos sexuais, se sente mal humorado, irritado ou deprimido?

- sempre as vezes nunca

51-Em uma escala de 0 a 100%, qual a porcentagem de vezes que você utilizou a internet com objetivos sexuais como uma forma de escapar de seus problemas?

- 0% 10% 20% 30% 40% 50% 60% 70%
 80% 90% 100%

52- Em uma escala decrescente de 100% a 0% (em que 100% representa o máximo de capacidade de controle e 0% representa nenhuma capacidade de controle), como você avaliaria sua capacidade de controlar o uso da internet com objetivos sexuais?

- 100% 90% 80% 70% 60% 50% 40% 30%
 20% 10% 0%

53- Em sua vida você considera o uso da internet com objetivos sexuais um fator:

- positivo negativo indiferente

54- O que você pensa sobre a sua atitude de buscar assuntos e/ou parceiro(a)s sexuais na internet?

- pensa em parar, pois considera que esta sua atitude está, de algum modo, prejudicando sua qualidade de vida
 não pensa em parar, pois considera que esta sua atitude está, de algum modo, melhorando sua qualidade de vida
 não tem opinião sobre o assunto, pois não sente nenhuma diferença na sua qualidade de vida

55- Qual a sua opinião com relação ao sexo, depois que você começou a buscar parceiro(a)s na internet?

- prefere parceiro(a)s sexuais reais conseguidos pela internet
 prefere parceiro(a)s sexuais reais que não foram conseguidos pela internet
 prefere parceiro(a)s sexuais virtuais conseguidos pela internet
 não tem preferência
 nunca fez sexo com parceiro(a)s conseguidos pela internet

56- Você é portador(a) do Vírus HIV?

- Sim
 Não

Caro Colaborador(a):

Agradecemos imensamente sua ajuda!

Sua participação e sinceridade serão de imensa importância para o sucesso desta pesquisa.

Caso queira receber informações sobre os resultados obtidos ou participar mais fornecendo

informações e/ou participando de entrevistas, deixe abaixo seu e-mail

O email deixado para contato, não terá nenhuma ligação com as respostas acima, pois será armazenado de forma a não identificar o respondente.

Email para receber informações sobre a pesquisa: _____

POR FAVOR, DEVOLVA APENAS OS QUESTIONÁRIOS AO PESQUISADOR E LEVE COM VOCÊ O DOCUMENTO QUE INDICA SEU NÚMERO DE PARTICIPAÇÃO E AS FORMAS DE CONTATO.

INSTRUMENTO 2

Do virtual ao real: comunicação, sexo e internet

Em momento algum será necessária sua identificação e, por isso, pedimos a gentileza que responda o questionário com total sinceridade.

1- Em que faixa de idade você se encaixa?

- Entre 17 e 20 Entre 21 e 30 Entre 31 e 40 Entre 41 e 50
 Entre 51 e 60 Acima de 60

2- Você é do sexo: Masculino Feminino

3- Seu estado civil é: Solteiro Casado Desquitado

4- Você estuda em um curso da área de:

- Computação - bacharelado Informática – tecnologia

5- Você se considera uma pessoa (escolha uma opção de cada linha)

- extrovertida/comunicativa introvertida/tímida
 com iniciativa sem iniciativa
 com muitos amigos solitária

6- Quantos dias por semana você acessa a internet?

- nenhum de 01 a 02 de 03 a 04 de 05 a 06 todos os dias

7- Quantas vezes por dia você costuma acessar a internet?

- de 01 a 02 de 03 a 04 de 05 a 06 mais de 06 vezes

8- Quanto tempo costuma durar cada um destes acessos?

- menos de 1 hora de 1 a 2 horas de 3 a 4 horas mais de 4 horas

9- Qual horário você prefere acessar a internet?

- manhã tarde noite madrugada

10- Você alguma vez utilizou a internet com outros objetivos sexuais que não fossem buscar parceiros reais ou virtuais?

(sala de bate papo, grupos de encontros, busca de filmes e imagens, sexo virtual, busca de informações sobre sexo, etc...)

- Sim Não

11- Por que você nunca utilizou a internet para buscar parceiros sexuais?

- sabia que era possível, mas nunca teve oportunidade
- sabia que era possível, mas acha errado
- sabia que era possível, mas não tem coragem
- sabia que era possível, mas não tem vontade
- sabia que era possível, mas não sabe como utilizar a internet para isso
- não sabia que era possível
- nunca pensou no assunto
- outra Qual?

12- O que você pensa sobre a atitude de quem busca assuntos e/ou parceiro(a)s sexuais na internet?

- considera que esta sua atitude está, de algum modo, prejudicando a qualidade de vida destas pessoas
- considera que esta sua atitude está, de algum modo, melhorando a qualidade de vida destas pessoas
- considera que esta sua atitude não altera a qualidade de vida destas pessoas
- não tem opinião sobre o assunto
- outra Qual?

13- Você sente atração sexual por:

- Pessoas do mesmo sexo que você Pessoas do sexo oposto ao seu
- Pessoas de ambos os sexos

14- Você tem parceiro(a) sexual fixo – namorado(a), marido, esposa, etc? sim

- não Se sua resposta foi sim, como se sente com relação a este parceiro(a)?
- totalmente satisfeito parcialmente satisfeito insatisfeito

15- Nos últimos 6 meses, quantos parceiro(a)s sexuais você teve?

- nenhum 01 02 a 04 05 a 07 08 a 10 mais de 10

16- As relações sexuais na maioria das vezes ocorreram:

- no primeiro encontro no segundo encontro no terceiro encontro
- após o terceiro encontro

17- As suas relações sexuais na maioria das vezes aconteceram:

- na sua casa na casa da pessoa no motel no carro na rua no

carro em drive in outro local Onde?

18- Nos últimos seis meses, qual foi o seu número médio mensal de relações sexuais?

- nenhum 01 a 03 04 a 06 07 a 9 10 a 12 13 a 15
 mais de 15

19- Você, nos últimos seis meses, fez sexo sem camisinha?

- nunca uma vez de 2 a 5 vezes de 6 a 9 vezes mais de 9 vezes

20- Alguma vez, nos últimos seis meses, durante o sexo, ocorreu algum tipo de acidente que lhe causasse preocupação (camisinha estourar, contato com secreções, etc)?

- nunca uma vez de 2 a 5 vezes de 6 a 9 vezes mais de 9 vezes

21- Você já usou drogas injetáveis?

- sim não

Se respondeu sim, alguma vez já compartilhou agulhas?

- sim não

22- Nos últimos 6 meses você teve alguma doença sexualmente transmissível?

- sim não

23 - Nos últimos 6 meses, você teve relações sexuais em que você ou seu parceiro(a) estivessem sob o uso de álcool ou drogas?

- Sim Não

24- Você é portador do Vírus HIV?

- Sim
 Não

Caro Colaborador(a):

Agradecemos imensamente sua ajuda!

Sua participação e sinceridade serão de imensa importância para o sucesso desta pesquisa.

Caso queira receber informações sobre os resultados obtidos ou participar mais fornecendo

informações e/ou participando de entrevistas, deixe abaixo seu e-mail

O email deixado para contato, não terá nenhuma ligação com as respostas acima, pois será armazenado de forma a não identificar o respondente.

Email para receber informações sobre a
pesquisa: _____

**POR FAVOR, DEVOLVA APENAS OS QUESTIONÁRIOS AO
PESQUISADOR E LEVE COM VOCÊ O DOCUMENTO QUE INDICA SEU
NÚMERO DE PARTICIPAÇÃO E AS FORMAS DE CONTATO.**

ANEXO IV – CD com as bases de dados da pesquisa (para consulta e cruzamentos)